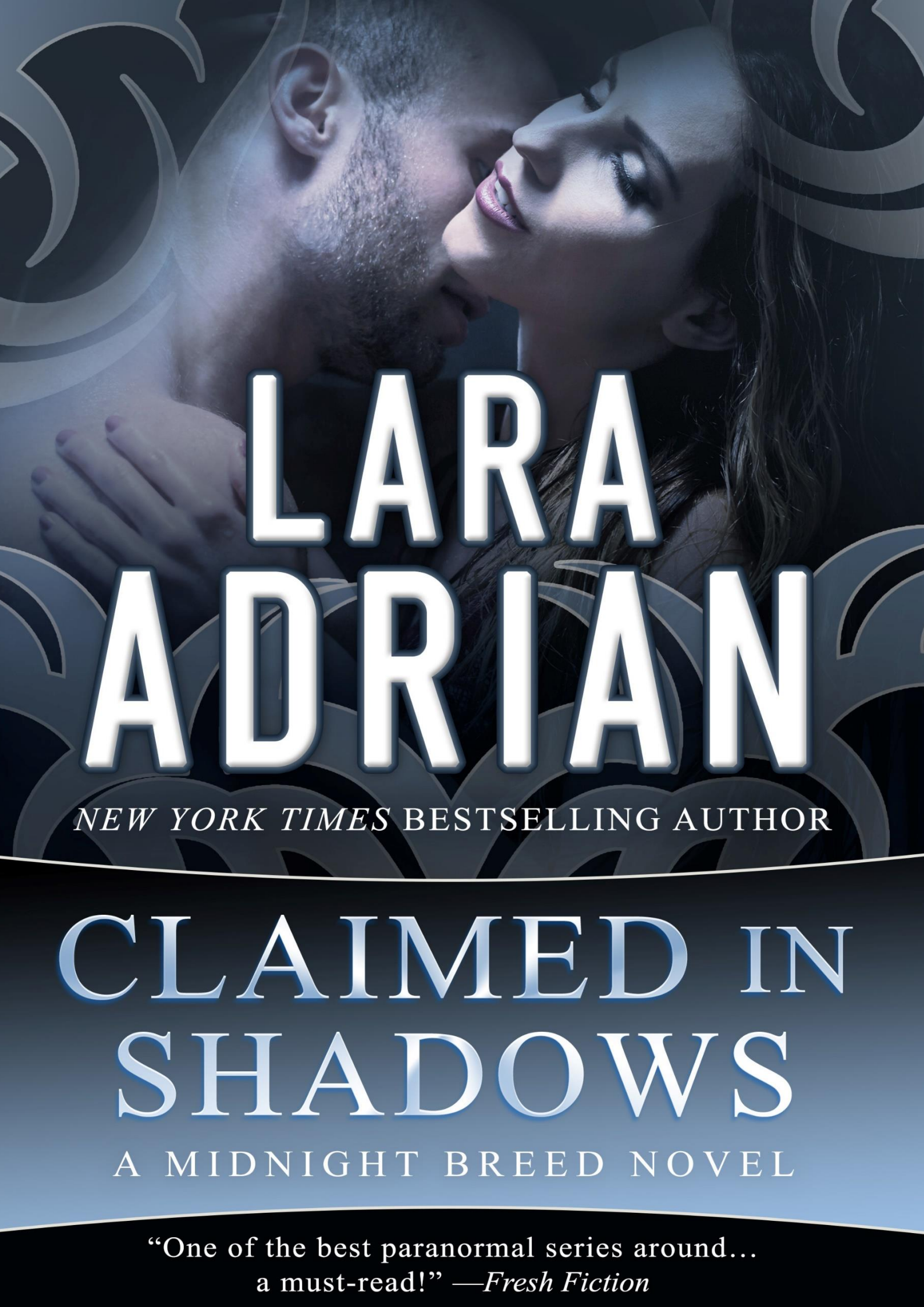




LARA ADRIAN

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

CLAIMED IN SHADOWS

A MIDNIGHT BREED NOVEL

“One of the best paranormal series around...
a must-read!” —*Fresh Fiction*



Reivindicado nas sombras

Um romance Midnight Breed

Neste novo romance vampiro Midnight Breed da autora #1 do New York Times Best-seller internacional, Lara Adrian, a paixão explode entre um caminhante do dia, membro da Ordem, e uma ardente fêmea guerreira, cujo passado sombrio testará os laços do dever e do desejo.

Como filho de um guerreiro Raça formidável, Aric Chase se dedicou à Ordem por toda sua vida. Com sua formação completa, tudo que precisa é de uma missão bem-sucedida antes que possa participar da luta para destruir o chefe nêmesis da Ordem, a Opus Nostrum. Sua rara capacidade de Caminhante do Dia leva Aric a uma missão em Montreal, onde descobre que fará parceria com outra nova recruta, uma bela, mas muito resistente Companheira chamada, Kaya Laurent.

Independente e motivada, Kaya não quer nada mais que se tornar um membro de pleno direito da Ordem. Tendo crescido na miséria e negligência nas ruas de Montreal, anseia pela família unida que encontrou durante sua formação para ser uma guerreira. Ansiosa para provar a si mesma, está emocionada pela chance de uma operação-chave, mesmo que deva compartilhar a missão com um arrogante, mas muito sedutor macho Raça, que é praticamente realeza na Ordem.

Sua parceria indesejada logo irrompe num desejo que nenhum deles pode resistir. Mas quando o passado de Kaya se estende das sombras para chamá-la de volta, ela deve decidir entre proteger uma aliança escura que poderia romper seus sonhos de se juntar à equipe, e uma verdade que poderia não só fazer Aric perder sua fé nela, mas trazer o inimigo direto à porta da Ordem.

“Uma série bem escrita, cheia de ação que está ficando melhor com a idade.!”

— ***Vixen Ficção***



CAPÍTULO 1

Impaciência pinicava as veias de Aric Chase enquanto o SUV preto à prova de balas acelerava através do tráfego de Londres no início da noite. Mathias Rowan estava atrás do volante, o comandante da equipe da Ordem para esta cidade parecia sombrio e tão no limite como Aric nunca viu o guerreiro Raça.

A unidade de comunicação de Rowan zumbiu com a terceira chamada desde que deixaram o centro de comando em direção ao aeroporto Heathrow. — Dê-me o status, — ele exigiu no receptor sem fio.

— Dois humanos mortos, outro próximo disso, — disse um dos guerreiros Raça de seu esquadrão de patrulha, sua voz profunda no alto-falante. — É um maldito banho de sangue aqui, comandante. Nós temos o Renegado que fez isso, mas sabe tão bem quanto eu que os bastardos tendem a correr em bandos.

— Sim, eu sei, — Rowan murmurou. — Mantenha-me informado, Thane. Diga ao Deacon e ao resto da equipe para fazerem o que for preciso para conter esta situação. Se precisarmos impor toque de recolher sobre a população civil humana para mantê-los seguros e fora do nosso caminho, não pense que Lucan Thorne não convocaria isso.

O experiente líder da equipe tinha o direito de se preocupar. Nos Estados Unidos e no exterior, a Ordem esteve lutando com um desastre após o outro durante os últimos vinte anos, desde que a humanidade descobriu sobre a

existência da Raça, mas nada como os golpes implacáveis das últimas semanas – o pior deles cortesia de um sombrio grupo terrorista chamado Opus Nostrum.

Seus membros se esconderam atrás de camadas de anonimato, mas o trabalho deles foi manchete em todo o mundo, começando com uma tentativa há duas semanas para detonar uma explosão ultravioleta numa Cúpula de Paz entre Raças e dignitários humanos das Nações Globais do Conselho. Esse enredo foi frustrado pela Ordem, mas o fracasso da Opus para tirar os membros Raça do GNC, incluindo Lucan Thorne, o presidente e fundador da Ordem, tornou o grupo ainda mais ousado, seus ataques mais descarados.

Apenas algumas noites atrás, eles deram impressionante um golpe nesta mesma cidade. Por causa da Opus Nostrum, o edifício da JUSTIS de Londres, sede do poderoso ramo da aplicação da lei, composto tanto de Raças como funcionários humanos, era agora uma pilha de escombros fumegantes. Mais recentemente, em Washington, D.C., seguidores da Opus incorporados como segurança dentro do escritório da GNC abriram fogo durante uma reunião diurna, matando cada membro humano do Conselho antes de virar suas armas para si.

Agora, a Opus aparentemente adicionou Renegados à mistura. A Ordem tinha um bom motivo para suspeitar que o recente aumento da sede de sangue entre os civis Raça foi induzido por narcóticos. Não foi a primeira vez que alguém decidiu fazer monstros viciados em sangue da espécie de Aric, mas por Deus, seria a última.

A Opus Nostrum precisava ser detida. Não havia nada que Aric quisesse mais que ser parte da equipe que faria isso acontecer. Ele só precisava ganhar a chance.

E isso significava voltar à sede em D.C., onde estava a verdadeira ação.

Como se pudesse adivinhar a direção dos pensamentos de Aric, Mathias Rowan olhou para ele. — Tem certeza que essa é a vida que quer?

— Está brincando? É a vida para a qual nasci. — Ele sorriu. — Estou surpreso por você perguntar, considerando quanto tempo conhece meu pai.

Rowan grunhiu. — Verdade. Não leve a mal, mas há momentos que me preocupo que você tenha muito do meu velho amigo, Sterling Chase, em você. Nunca vi um novo guerreiro tão ansioso para começar a sujar suas mãos no campo.

Aric encolheu os ombros. — Tomarei isso como um elogio, senhor.

Um riso masculino irônico soou no banco de trás. — Você toma tudo como elogio, Caminhante do Dia.

Sorrindo, Aric virou para oferecer uma saudação de um dedo para seu melhor amigo e companheiro guerreiro, Rafe Malebranche. — Crédito onde o crédito é devido, cara, isso é tudo.

Normalmente, poderia instigar Rafe com lembretes de suas várias façanhas e conquistas, o usual bate-e-volta que seus pais, Chase e Dante, também tinham na sua amizade antiga. Mas esta noite Aric conteve o impulso.

Ele e Rafe não estavam sozinhos no veículo com Mathias Rowan. Os dois camaradas tinham uma Companheira não planejada a caminho com eles para D.C., uma fêmea dócil que estava amontoada perto de Rafe desde que partiram para Heathrow.

— Como está se aguentando? — Aric perguntou a ela.

Ela deu-lhe um aceno fraco, mas olhou para Rafe enquanto falava. — Estou bem. Contanto que não pense muito no que aconteceu, suponho que estou bem.

O nome dela era Siobhan O'Shea, e era a razão pela qual estavam lá em primeiro lugar – ou, melhor, sua Companheira de apartamento assassinada, Iona Lynch, era a razão.

A mulher morta era uma potencial testemunha-chave para a Ordem em sua busca aos membros da Opus Nostrum. Infelizmente para ela, antes de Aric e Rafe poderem interceptar Iona Lynch e trazê-la para interrogatório, alguém se assegurou que ela nunca pudesse contar seus segredos. Agora essa liderança promissora na Opus estava cortada e a Ordem tinha uma custodiada indesejada para cuidar.

Não que Rafe parecesse desagradado com a ideia.

Siobhan se inclinou contra ele quando o veículo contornou uma esquina, contato que ele não parecia se importar. A delicada e bonita Companheira Raça foi brutalmente agredida junto com sua amiga, mas graças à habilidade de Rafe para curar com as mãos, ela não apresentava sequer um arranhão. Desde que ficou sob a guarda da Ordem, Rafe, de alguma forma, deslizou para o papel de seu protetor pessoal.

— Está segura agora, — garantiu a ela. — Eu te dei minha palavra, lembra?

Seu sorriso em resposta era suave, mas incerto. — Não posso agradecer o suficiente por tudo que fez por mim. Só queria que pudesse ter salvado Iona também.

Assim como todos os outros na Ordem, considerando todas as informações que poderiam ser capazes de espremer dela. Mas a mulher estava muito longe, mesmo para o incrível dom de Rafe.

O peso desse fato parecia assentar pesadamente em Siobhan agora. Enquanto lutava para segurar as lágrimas, Rafe acariciou seu cabelo claro e murmurou palavras tranquilas de conforto.

Aric perguntou que outros confortos seu amigo estava tentado a fornecer.

Não é meu problema, ele pensou enquanto se virava em seu assento. *Melhor ele do que eu.*

Tanto quanto Aric apreciava a companhia feminina, não tinha tempo para envolvimento romântico, nem interesse. Estava de olho em outro prêmio – uma equipe guerreira própria para comandar um dia – e nada ficaria em seu caminho para ganhá-la.

Nem mesmo a irmandade letal da Opus Nostrum.

Muito menos eles.

A unidade de comunicação do comandante Rowan zumbiu com mais uma chamada quando chegaram ao aeroporto e caminharam para um hangar privado, onde um dos jatos da frota da Ordem esperava, abastecido e preparado para o voo de oito horas e meia para a Sede.

— Lucan Thorne ligando, — disse Mathias ao estacionar o SUV. Em vez de falar no alto-falante, desengatou e trouxe sua unidade de comunicação ao ouvido. — Rowan aqui.

Olhou para Aric enquanto o líder da Ordem falava do outro lado da linha. — Estamos no hangar agora. Estavam prestes a embarcar para D.C. — Mathias ouviu por mais um momento antes de estender o telefone para Aric. — Ele quer falar com você.

Aric pegou o dispositivo com uma mistura de mal-estar e curiosidade. — Sim, senhor?

— Mudança de planos, — disse Lucan. — Preciso que faça uma parada em Montreal antes de continuar para a Sede. Já informei o piloto.

— Montreal, — Aric considerou em voz alta. — É território de Nikolai e Renata.

O guerreiro nascido russo era um dos membros mais velhos da Ordem. Niko e sua Companhia se encontraram naquela cidade anos atrás e depois se

estabeleceram lá para chefiar o centro de comando em Montreal. O formidável casal esperava o nascimento de seu primeiro filho a qualquer momento, embora, com base no tom profissional de Lucan, Aric duvidava que este redirecionamento abrupto tivesse algo a ver com uma chamada social.

— Niko sabe que está indo, — disse Lucan. — Você será informado sobre os detalhes de sua missão uma vez que chegue. Não diga nada a ninguém até então.

Sua missão.

Putá merda. Há quanto tempo esperava por este momento?

Finalmente a chance de provar a si mesmo, o guerreiro que sabia até sua medula que já era.

Será que Lucan ia testá-lo com um membro da Ordem experiente como Niko? Ou será que primeiro o enviariam em patrulha com uma das equipes de guerreiros de Montreal, fazendo-o trabalhar seu caminho para cima a partir de baixo?

Mal podia esperar para descobrir.

— Sim, senhor. — Um sorriso puxou os cantos da boca de Aric quando respondeu ao comando de Lucan. — Claro que sim, senhor.



CAPÍTULO 2

O vampiro espreitava atrás dela na escuridão, escondido pelo denso parque florestal. Com a lua obscurecida por nuvens carregadas, a única luz era o brilho distante de Montreal, que se estendia no vale muito abaixo do Monte Woods.

Kaya Laurent não podia ver a ameaça que a perseguia enquanto caminhava através das árvores, mas sentia com cada batida urgente de seu pulso. O macho Raça a tinha à vista, apenas esperando a oportunidade de atacar.

E não estava sozinho.

Dois outros estavam com ele em algum lugar na floresta, se aproximando dela como um bando de lobos.

Kaya correu ao longo do caminho de espinheiros, a adrenalina abastecendo cada passo. Não tinha esperança de despistar seus perseguidores, mas precisava tentar. Atrás dela nas sombras, um galho estalou com um pé pesado. Ela correu mais rápido, seu coração subindo até a garganta.

Droga.

Seu objetivo estava bem na frente dela, menos de um quarto de milha à frente. Se pudesse alcançar o grande carvalho no perímetro da floresta, estaria em casa, livre.

Caso se forçasse, podia realmente fazer isso antes...

— Merda!

Quase 140 quilos de macho Raça em movimento a atingiu por trás, como um trem de carga. Mesmo que mentalmente apoiada para o ataque, a súbita colisão arrancou um grito dela e a mandou para o chão como castigo.

Kaya grunhiu, forçando seu corpo a entrar em ação, mesmo com a cabeça explodindo de estrelas. Afastando-se um mero instante antes de seu agressor a prender debaixo dele, ela se levantou. Nesse mesmo momento, o segundo vampiro se materializou do lado de fora da floresta noturna. Em seguida, o terceiro, movendo-se para bloquear seu caminho do outro lado.

Não que realmente pretendesse correr.

Tudo que podia fazer agora era lutar – e orar malditamente para que sobrevivesse aos próximos minutos.

Sua pistola já estava em sua mão. Sem aviso abriu fogo, três tiros rápidos que atingiriam o alvo se seus agressores fossem qualquer coisa, exceto Raça. Dois dos machos se esquivaram, mas o terceiro deixou sair um rugido quando a bala o atingiu no centro do peito.

Com uma explosão vermelha florescendo sobre seu esterno, ele caiu no chão.

— Sim!

Um já foi, faltam dois.

O maior do trio sorriu para ela através da escuridão. Era um monstro de homem, ombros maciços e feições sombrias e ameaçadoras, que pareciam muito animadas enquanto se aproximava.

Kaya começou a apertar o gatilho novamente, mas num piscar de olhos, muito rápido para ela seguir, o grande macho arrancou a arma de seus dedos. A jogou para as árvores. — Agora, o que fará?

Seus dedos foram para uma das facas embainhadas em seu cinto. Ele pulou. Ela jogou a lâmina, mas não teve chance de ver se acertou. Enquanto sua atenção estava totalmente focada no grande macho na frente dela, perdeu a noção do terceiro.

— Que pena para você. — Mãos grandes apertaram seu pescoço por trás. — Está morta, querida.

— Porra! — Kaya rosnou em frustração, seu corpo ficando mole enquanto o aperto de morte relaxava em sua garganta e seu assassino ria. Ela afastou alguns fios de seus longos cabelos castanhos do rosto, sua respiração acelerada. — Vamos fazer outra rodada. Posso fazer melhor.

O guerreiro Raça em quem ela atirou com uma bala de tinta se levantou do chão, tirando sua camisa salpicada de vermelho com uma maldição. Ele balançou a cabeça. — Não conte comigo. Ficaria aqui toda a noite se deixarmos.

Kaya arqueou uma sobrancelha. — Qual o problema, Webb? Medo que vou venha pegá-lo novamente?

Ele riu, dando-lhe um de seus sorrisos que fazia o macho alto ir de básico bonito para puro Adonis. — Tiro de sorte esta noite, só isso. Mas é melhor ter cuidado. Vou te pegar quando menos esperar.

— Ela está ficando melhor o tempo todo, — acrescentou seu companheiro. Uma das grandes mãos que estava pronta para torcer sua cabeça um momento atrás agora apertava seu ombro em louvor. — Bom trabalho, Kaya.

— Obrigada, Torin. — Ela sorriu para o guerreiro de aparência exótica, com a juba de cabelo loiro polido indo até o ombro. Embora ele fosse tão mortal como qualquer um na Ordem, o guerreiro descontraído não foi nada menos que acolhedor nas últimas duas semanas que ela treinou com a equipe dele.

O maior membro do esquadrão, o gigante de pele oliva, com cabelos escuros chamado Balthazar, caminhou e devolveu as armas perdidas de Kaya. — Da próxima vez, mantenha os olhos abertos para todo o seu ambiente.

— Tudo bem, Bal. — Com um aceno de cabeça, pegou a arma de tinta e a lâmina, colocando ambas em seu cinto.

Aplausos soaram da margem quando a amiga de Kaya, Mira – a única fêmea da equipe da Ordem a qual Kaya queria desesperadamente fazer parte – caminhou para alcançar o grupo. Acompanhada por seu companheiro, Kellan Archer, Mira estava vestida toda de preto como o resto dos guerreiros, suas botas de combate passando suavemente na grama conforme se aproximava de seu posto de observação.

— Droga, eu estraguei tudo, — admitiu Kaya. — Continuarei praticando. Eu posso fazer isso.

— Não tenho nenhuma dúvida, ou não teria chegado tão longe. — Mira sorriu. — Você é uma excelente lutadora de combate, Kaya. Ninguém espera que seja capaz de derrubar três dos melhores guerreiros Raça no campo para provar a si mesma para a Ordem.

Kellan deu a Mira um olhar orgulhoso. — Além disso, há outras habilidades que são tão valiosas para uma equipe.

O casal falava por experiência. Tão capaz quanto Mira era com seus punhais e agilidade física, não era Raça. Não tinha a força bruta pura e poder de sua espécie. O que não impediu a ambiciosa mulher de ser promovida através das fileiras da Ordem, no entanto. Mira fez todo o caminho para Capitã, uma façanha que Kaya não podia deixar de admirar, até mesmo invejar.

Toda sua vida, Kaya sonhou em ter um lugar para pertencer. Uma criança de rua desde que era garotinha desejando encontrar um lugar onde se sentisse necessária e respeitada. Um lugar onde importasse. Onde poderia se sentir segura.

Durante o mais de um ano desde que conheceu Mira, ela viu um vislumbre do que a vida poderia ser. Após o treinamento com sua amiga nas duas últimas semanas, Kaya não conseguia pensar em nada que quisesse mais que ser um membro de pleno direito da Ordem.

Mira apontou para sua equipe. — Vamos encerrar e voltar para a base.

Eles a estavam treinando desde o anoitecer, por isso, apesar da ânsia de Kaya para provar a si mesma e aprimorar suas habilidades, o pensamento de um chuveiro quente e roupas que não estavam endurecidas de lama e detritos da floresta soaram como o céu.

Como um grupo, marcharam até a inclinação arborizada. O centro de comando de Montreal assentava-se no topo da colina homônima da cidade, terra dada à Ordem em troca de sua proteção nos anos seguintes à primeira Aurora e da violência que se tornou epidemia posteriormente. Kaya nunca viu nada tão impressionante como a enorme mansão e o centro nervoso labiríntico abaixo dela. Ela passou metade de um mês lá e duvidava que tivesse coberto sequer uma fração do maciço composto.

Principalmente pelo *design*.

Até que fosse membro pleno da equipe, seu afastamento a restringia à residência e áreas do pelotão de patrulha, a menos que fosse acompanhada por Mira ou outro guerreiro. Kaya não se importava com a falta de confiança. Fazia sentido. Tinham o direito de ser cautelosos quando se tratava dos negócios da Ordem. Afinal, os guerreiros estavam cercados de um inimigo ou outro há décadas. Muito mais que isso, se contasse todos os séculos que a Raça estava tentando manter a paz entre seu tipo e os humanos antes que o segredo de sua existência fosse revelado há vinte anos.

— Patrulhas se desenrolam dentro de uma hora, — Mira informou aos homens quando sua equipe chegou ao centro de comando. Quando Torin, Bal e Webb se afastaram, ela voltou o olhar considerando Kaya. — Parecia bem lá fora esta noite. Não acho que Niko não tenha notado o quão duro está trabalhando também.

— Nikolai? — Kaya ficou um pouco mais ereta com a menção do formidável comandante que também era o pai adotivo de Mira. Apesar de Mira decidir quando o período de treinamento de Kaya acabaria, somente o comandante de Montreal a atribuiria à equipe. — Ele disse que me notou, Mira? Juro, ele mal disse duas palavras para mim desde que cheguei.

Kellan riu. — Niko não tem tempo para dizer duas palavras a ninguém agora que Renata está tão perto de ter esse bebê.

— É verdade, — Mira concordou, sorrindo carinhosamente. — Ele é absolutamente um caso perdido – embora nunca vá admitir isso.

— Nunca, — Kellan disse, em seguida estendeu a mão e acariciou a bochecha de sua Companheira como se não pudesse controlar o impulso. — Eu provavelmente também serei. Quando chegar a hora.

O casal trocou um olhar que Kaya fingiu não ver. Parecia muito íntimo, uma conversa sem palavras que fez o ar parecer repentinamente espesso e carregado de significado.

Kaya limpou a garganta. — Eu vou... Ah... Vou largar meu equipamento, depois vou para meus aposentos e tomar uma boa ducha. Provavelmente encontrarei folhas e agulhas de pinheiro no meu cabelo por dias.

Mira riu na curva do braço de Kellan. — Descanse um pouco. Você mereceu.

Kaya deixou-os em sua conversa sussurrada e olhares privados, feliz por escapar da emoção calorosa que sempre parecia crepitar entre o par recentemente acasalado. A ligação deles era antiga – um milagre que conseguiu desafiar tanto o destino quanto a morte. Kaya podia não invejar a felicidade deles, mas fazia o vazio em sua vida parecer mais profundo.

Ela entrou na sala de armas e desamarrou a pistola de tinta e as lâminas. Em outros lugares ao longo do corredor, ouviu as vozes dos guerreiros em baixos estrondos, com conversa e riso. Os sons do centro de comando se tornaram uma parte familiar de sua rotina diária no curto espaço de tempo que estava lá. O

barítono profundo de Bal. O sussurro aveludado de Torin. O ronronar baixo de Webb.

Kaya deixou sua mente vaguear enquanto desmontava a arma e limpava todas as peças. Mil pensamentos e lembranças lotaram sua mente enquanto trabalhava, algumas delas agradáveis, outras... Não.

Não sabia quão longe foi à deriva em sua própria cabeça até que sentiu uma vaga mudança no ar ao seu redor. O cabelo em sua nuca arrepiou ao mesmo tempo em que o aviso de Webb piscou em seu subconsciente.

Cuidado com as costas. Vou te pegar quando menos esperar.

Os lábios de Kaya curvaram-se no início de um sorriso. *Isso é o que veremos.*

Seu aperto aumentou ao redor do punho de uma de suas lâminas. Atrás dela, sentiu sua abordagem, embora ele se movesse em absoluto silêncio.

Kaya saltou em movimento. Numa fração de segundo, girou, trazendo a borda de seu punhal logo abaixo do maxilar quadrado do macho Raça, pronta para matar.

Só que não era o rosto de Webb que encarava agora.

Não era nenhum dos guerreiros da Ordem do centro de comando de Montreal.

Os olhos da cor de uma folha da primavera prenderam seu olhar abaixo das grossas sobrancelhas dourado-marrons e dos cílios escuros, os quais qualquer fêmea invejaria. Não havia medo naqueles olhos sem piscar, apenas surpresa e um traço de diversão irônica. — Agora, isso é um inferno de recepção.

Kaya encarou o alto e musculoso macho Raça vestido com roupas civis. Ela não mexeu a lâmina. — Quem diabos é você?

Ele sorriu; muito arrogante e altivo. — Estava prestes a te perguntar a mesma coisa.

— Esta área é restrita. Quem deixou você entrar?

Um ombro musculoso levantou num encolher de ombros. — Nikolai e Renata me disseram que encontraria Mira aqui. Conhecendo minha amiga, esperava encontrá-la trabalhando com suas lâminas.

— Sua amiga?

Oh, merda.

Kaya afastou-se, puxando seu punhal assim que Mira entrou correndo na sala com um grito encantado e abraçou o macho bonito. — Aric!

Seu olhar iluminou-se quando ele pegou Mira num abraço, levantando-a e girando-a nos braços. — Está ótima, Ratinha, — disse ele, colocando-a no chão novamente. — Onde está o bastardo sortudo que você tomou como companheiro?

— Bem aqui. — Kellan entrou na sala de armas e apertou a mão de Aric em saudação. — É bom te ver, cara. Não sabíamos que viria.

Ele deu um sorriso enigmático. — Bem, aqui estou eu.

— Rafe também está aqui? — Mira perguntou. — Não o vejo desde... Bem, desde que tudo aconteceu há duas semanas. — Ela olhou para Kellan, emoção forte em seus olhos cor de lavanda. — Onde está ele, Aric? Estou tão animada para vê-lo.

— Rafe está ansioso para ver todos também. Tenho certeza que logo descerá para encontrá-los.

Kellan inclinou a cabeça. — Da última vez que ouvimos, vocês estavam saindo de Londres com a Companheira que resgataram na Irlanda há algumas noites. Chiffon – alguma coisa.

— Siobhan O'Shea, — Mira corrigiu impacientemente. — Isso significa que a trouxe com vocês?

— Ela está com Rafe. Ele e Renata estão com ela na residência.

O olhar de Aric continuou se desviando para Kaya enquanto falava. Ela não perdeu a centelha de interesse em seus luminosos olhos verdes, nem o traço de humor que puxava o canto de sua boca exuberante.

— Sinto muito, — Mira deixou escapar. — Aric, conhece minha amiga, Kaya Laurent?

— Estávamos começando a nos conhecer, — ele disse; o sorriso arrogante aprofundando quando estendeu a mão para ela. — Sou Aric Chase.

Seus dedos enrolaram em torno dos dela, quentes e firmes. Não quis reconhecer a corrente de consciência que acelerou suas veias enquanto suas palmas se comprimiam juntas. Normalmente, Kaya evitava tocar nas pessoas que não conhecia, um cuidado que desenvolveu no início da vida para se proteger do poder do seu talento extra-sensorial. Mas sua habilidade de ler a mente de alguém com um toque não funcionava na Raça.

Então, o choque de eletricidade que sentiu enquanto a mão forte de Aric engolia a dela não tinha nada a ver com isso. O olhar que ele deu a ela disse que sentiu isso também.

Kaya se afastou do alcance dele e dobrou os braços sobre o peito. — Chase? — Ela repetiu, uma vez que o nome que ele deu a ela finalmente penetrou a deriva inquietante de seus pensamentos.

— O pai de Aric comanda a equipe da Ordem em Boston, — Mira ofereceu.

Kaya trabalhou para abafar seu gemido. Ruim o suficiente ela acabar de colocar uma faca no queixo de um guerreiro visitante; ela quase agrediu o filho de Sterling Chase. A mãe de Aric era uma lenda também. A primeira Raça fêmea já conhecida por existir, Tavia Chase era uma Caminhante do Dia – um dom que passou para sua prole, Aric, e sua irmã gêmea, Carys.

Na medida em que a hierarquia era dentro da ordem, Aric Chase era praticamente realza.

— Prazer em conhecê-lo, — Kaya murmurou desajeitada.

— Igualmente. — Seus olhos viajaram para cima e para baixo numa avaliação lenta. Seu sorriso de covinhas se espalhou num sorriso divertido, e então ele riu.

— Algo errado? — Visitante real ou não, ela se irritou com a ideia de que ele zombaria dela na frente de sua líder de equipe e amigos.

Ela hesitou quando ele se aproximou dela sem aviso prévio. Sua mão passou por sua bochecha direita, até o lado de sua cabeça. Sorrindo, puxou um galho torcido do emaranhado de seu cabelo.

Kaya se afastou dele, seus lábios pressionados para impedir a maldição que saltou para sua língua.

— Obrigada, — disse calmamente, assim que uma forte batida soou na porta.

Nikolai encheu o espaço da porta aberta, os olhos azuis glaciais do comandante intensos quando encontrou os olhares de todos na sala, finalmente parando em Aric e Kaya. — Bom. Estão todos aqui.

Mira inclinou a cabeça para o pai. — O que está havendo?

— Lucan convocou uma reunião. Estará conectado à sala de guerra de D.C. em dois minutos.

Ela acenou com a cabeça. — Vou contar para a equipe.

— Na verdade, não é a equipe que ele quer encontrar esta noite. — O olhar sombrio de Niko deixou Mira. — Aric, Kaya. Preciso que vocês venham comigo.



CAPÍTULO 3

Aric deixou seus amigos perplexos na sala de armas e saiu atrás de Nikolai e da beleza ágil e morena que parecia ter acabado de voltar de dias de treinamento selvagem e intenso. Ou isso, ou um rolar vigoroso no feno – supondo que o feno estava cheio de agulhas de pinheiro, musgo e folhas caídas de amora de várias estações.

Ambas as possibilidades o intrigavam.

Especialmente a última.

Não podia deixar de admirar a vista enquanto seguia rápido Kaya Laurent, de longas pernas até o corredor. Ela usava farda preta que abraçava cada curva, seu cinto de armas esvaziado apertado em torno de uma cintura delgada. Cabelos como lustrosos tentáculos de seda castanho-café escaparam do rabo de cavalo que batia em suas costas, saltando a cada passo cortado que dava ao lado de Niko.

Entraram numa sala de reuniões aberta e o comandante fechou a porta atrás deles. — Sentem-se.

Aric caminhou até a mesa redonda e sentou-se numa das cadeiras vazias que a cercavam. Esperava que Kaya tomasse o lugar ao lado dele, mas ao invés disso ela circulou para o lado oposto e sentou-se o mais longe dele que podia.

Ele sorriu, vendo-a fazer tudo que podia para ignorá-lo. Evidentemente, não ganhou nenhum ponto com a beleza letal.

— Então, acho que podemos pular as apresentações, — Niko disse ao caminhar mais e sentar-se entre eles. — Parece que vocês já tiveram a chance de se conhecer.

— Sim, senhor. — Kaya não deu a Aric sequer um olhar enquanto falava. — Fomos apresentados.

— Kaya foi gentil o suficiente para explicar algumas das políticas do centro de comando para mim quando esbarrei com ela na sala de armas.

Agora seu olhar se voltou para ele, uma cintilação de choque em seus olhos castanhos profundos. Ela ficou indignada, mas manteve sua reação em rédea curta. Apesar de seu silêncio, um rubor furioso espirrou em suas bochechas salientes.

Deus, ela era linda. Ele notou no instante que colocou os olhos nela. Mesmo que não fosse dotado de uma memória impecável, seria impossível não notar todas as características e nuances da fêmea que atraiu totalmente sua atenção ao pressionar a borda da navalha de seu punhal sob seu queixo.

A cabeça de Nikolai girou de Kaya para ele em questionamento. — Importa-se de explicar?

Aric limpou a garganta. — Nós nos conhecemos, senhor.

— Bom. Então vamos começar.

Ele não disse mais nada até que a grande tela plana no painel se iluminou com uma chamada de vídeo de entrada. A imagem sombria de cabelos escuros de Lucan Thorne encheu o display. O fundador da Ordem não estava ligando do seu escritório privado no quartel general de D.C., mas do centro tecnológico. Bancos de telas de toque e finos displays iluminavam Lucan de todos os lados.

Enquanto os dois comandantes trocavam saudações superficiais, Kaya estava totalmente silenciosa, seu olhar preso na tela enquanto furtivamente escovava as manchas de sujeira e pequenos detritos que se agarravam em sua roupa, por tudo que fez nos momentos anteriores a esta reunião.

Aric queria dizer para ela não se preocupar. Mesmo despenteada ela era uma visão. Não só porque era linda, mas pela forma como se portava. Confiante. Competente. Determinação brilhando em seus olhos escuros.

Nikolai apontou para ela agora. — Lucan, esta é Kaya Laurent, a estagiária de que lhe falei.

Estagiária?

A maneira como ela lidava com uma arma, Aric assumiu que a amiga de Mira já era um membro de sua equipe ou estava a caminho de se tornar um.

O líder da Ordem deu a Kaya um olhar reconhecedor. — Ouvi coisas boas. Não só de Niko, mas também de Mira.

— Obrigada, senhor. Estou fazendo meu melhor.

— Continue assim. — Agora, o astuto olhar cinza de Lucan balançou para Aric. — Pronto para começar a trabalhar?

Aric sorriu. — Sempre.

— Pedi a ambos que estivessem aqui esta noite porque temos uma tarefa que requer certa combinação de habilidades, — explicou o guerreiro antigo. — Opus Nostrum tem vindo a nós duramente desde que a Ordem matou seu líder, Reginald Crowe, algumas semanas atrás. Entre bombardeios, assassinatos, e o recente aumento de atividade de Renegados em todo o mundo, a Opus está fazendo seu pior para nos manter ocupados. Aparentemente, acreditam que caso se certifique que a Ordem tenha um fogo após outro para apagar, não teremos tempo ou recursos para ir atrás de seus membros.

— Eles pensaram errado, — Nikolai interrompeu. — Não vamos parar até que tenhamos arrancado a máscara de cada um dos bastardos que compõem sua Cabala.

Lucan acenou com a cabeça. — O que me leva à razão desta reunião. Gideon encontrou informações que sugerem que um alvo de alto valor, com possíveis laços com a Opus, estará numa grande reunião social em Montreal amanhã. Precisamos de olhos e ouvidos dentro, mas é imperativo que não suspeitem que nós estejamos nos aproximando dessa nova pista. Nem a Opus, e nem o bastardo que estamos certos de estar aliado a eles.

— De que tipo de evento nós falamos? — Aric perguntou.

— Uma recepção de casamento, — respondeu Lucan. — Para Anastasia Rousseau e Stephan Mercier.

— Está falando da neta do ex-primeiro ministro, — disse Kaya. — O casamento dela é o evento social mais esperado do ano. De tudo que ouvi, há probabilidade de estar perto de mil pessoas presentes.

A expressão de Lucan disse que já conhecia todos os detalhes e havia contabilizado cada um deles. — Precisamos de alguém presente para verificar

nossa informação em primeira mão. A melhor maneira de fazer isso é entrar na cabeça do alvo.

Nikolai virou para olhar Kaya. — É aí que você entra.

— Quer que eu leia a mente de alguém na recepção? Sem problema. — Tenacidade brilhava em seu olhar. — Só me diga quem estou procurando, e lidarei com isso. Só preciso chegar perto o suficiente para tocá-lo.

— Infelizmente, isso não será fácil, — disse Niko. — Nosso alvo é alto perfil. Ele estará vigiado por todos os lados.

— E não podemos nos dar ao luxo de deixá-lo saber o que foi feito, — acrescentou Lucan. — O que significa que precisamos tomar precauções extras para garantir que ele não tenha memória de qualquer interação com você, supondo que seja bem sucedida em chegar perto o suficiente para lê-lo...

— Serei bem sucedida, senhor.

Nesse desabafo confiante, Niko inclinou-lhe um sorriso irônico. — Ninguém aqui duvida de você, Kaya. Ou de você, Aric. Ambos excederam as expectativas no treinamento. É por isso que foram aproveitados para esta operação.

— Combinado com o fato de que nenhum de vocês tem sido ativo na patrulha, — disse Lucan. — O risco de ser exposto como membro da Ordem não será um fator.

Aric riu. — Nunca pensei que minha falta de experiência no campo seria considerada um trunfo.

— Desta vez, é exatamente o que precisamos, — respondeu Lucan. — E desde que a recepção de casamento será realizada ao meio-dia no jardim da Rousseau Estate, o fato de não virar fumaça antes de ter a chance de limpar a mente do alvo faz você excepcionalmente qualificado para esta atribuição.

— Ponto para o Caminhante do Dia, — ele brincou. — Não vou desapontar a Ordem.

— Tenha certeza que não. — Lucan olhou para Kaya também. — Contamos com vocês para fazer isso acontecer. Não podemos nos dar ao luxo de deixar essa nova pista escapar por entre nossos dedos. Será preciso trabalho de equipe para fazê-lo, e fazê-lo bem feito.

Kaya acenou com a cabeça, mas o olhar que deu à Aric foi menos que entusiasmado. — Farei o que for preciso, senhor.

— Isso é o que quero ouvir, — respondeu Lucan. — Vamos passar por alguns cenários para desenrolar esta operação. Enquanto isso, Gideon está trabalhando em novas identidades para vocês. Estarão esperando por vocês na parte da manhã, juntamente com o convite para a recepção.

— E temos certeza que nosso alvo estará lá? — Aric perguntou.

Lucan grunhiu. — Ele estará lá. O alvo de vocês é o noivo.



CAPÍTULO 4

Kaya passou a palma da mão sobre a saia de seu vestido de seda rosa envelhecido, tentando não perceber o tremor ligeiro em seus dedos. Que se danem os nervos. Precisava muito para sacudi-la, mas enquanto esperava no carro ao lado de Aric no portão de ferro alto do lado de fora da propriedade dos Rousseau, seu coração parecia determinado a subir pela garganta.

Esperavam há vários minutos e contando enquanto um guarda postado na entrada voltava à sua tenda para verificar o convite e identidades que Aric deu a ele. Atrás do novíssimo Mercedes sedan que a Ordem adquiriu especialmente para esta missão, uma linha de veículos à espera havia crescido para quase uma dúzia.

— Por que está demorando tanto? — Kaya abaixou a cabeça enquanto falava, mal movendo os lábios, no caso de qualquer um dos atendentes de segurança armados flanqueando seu carro pudesse estar procurando por sinais suspeitos.

— Relaxe, — Aric murmurou. — Está tudo bem. Vamos à uma recepção de casamento, não um funeral.

Ela esperava que ele estivesse certo. Como o macho Raça podia sorrir e fazer gracejos enquanto seu estômago girava num nó pela importância de sua atribuição não tinha nenhuma ideia. Para Kaya, tudo que tentava era realizado com um senso de gravidade e uma intensa necessidade de fazer o trabalho direito. Para ficar perfeito.

Hoje sentia que precisava mais do que nunca.

Todas as esperanças dela dependiam desta missão. Anos de sonho por uma vida melhor, por algum sentido de propósito. Semanas de treinamento duro e determinação. Tudo se resumia a este último teste. Não havia espaço para nervos ou dúvidas. Falha simplesmente não era uma opção.

Não ajudava em seu desconforto estar envolta em metros de seda e chiffon em vez do equipamento de combate que preferia. O tecido suntuoso parecia estranho contra sua pele como podia ser para uma mulher que passou boa parte de sua jovem vida em trapos de loja de segunda mão e roupas doadas mal ajustadas. Em vez do cinto de armas com suas lâminas e armas que aprendeu a usar, hoje usava apenas pulseiras de diamantes e anéis.

Quanto à Aric, estava irritantemente frio no banco do motorista. Com seu pulso casualmente apoiado sobre o volante, o outro braço descansando em sua coxa musculosa, parecia como se pudesse permanecer ali o dia inteiro, à espera enquanto um guarda verificava suas credenciais falsas e outro vistoriava o portamalas aberto. Um terceiro homem rondava o perímetro do carro com um Rottweiler na coleira ativamente farejando explosivos ou outros riscos de segurança, e ainda outro par de guardas assistiam o portão, armados com espingardas automáticas agarradas nas mãos.

Imperturbável por qualquer um deles, Aric olhou para ela. — Está incrível, por sinal.

O elogio a pegou de surpresa. Não falaram sobre nada além de estratégia e objetivos da missão desde que deixaram o centro de comando, então não estava muito certa do que fazer com o elogio dele.

— Não estou acostumada a usar esse tipo de coisa, — ela sussurrou; a autoconsciência se aprofundando conforme ele olhava para ela. — O corpete é tão apertado que está cortando o ar dos meus pulmões e esta saia de seda fluindo fica apertando os calos do meu dedo.

Ele fez uma avaliação lenta. — Bem, se a ideia era fazer você se misturar com as outras mulheres presentes nesta festa, estamos fora de um mau começo. Você está um nocaute.

Ele parecia mais que muito bem, apesar da relutância de Kaya em admitir que houvesse notado.

Em seu terno cinza grafite e gravata, Aric poderia ter acabado de sair da sessão de fotos de um homem da moda. Os ombros largos, retos, e bíceps grossos

encheram o revestimento, insinuando a imensa força que nenhuma quantidade de roupa fina podia esconder. Ele era o tipo de homem que atraía olhares, não importava o que vestisse, e nem mesmo Kaya era imune.

Por mais que ela tentasse agir de outra forma.

A batida repentina na janela de Aric nem sequer o fez piscar. Apertou o botão, e quando o vidro deslizou, o guarda retornou com suas identidades dobradas para perscrutar o carro. Kaya fixou um sorriso suave nos lábios quando seu olhar se voltou para ela.

— Sr. e Sra. Bouchard. — Ele olhou para suas identidades e convite, mais uma vez, em seguida, deu um aceno curto e entregou à Aric os documentos. — Está tudo pronto. Desfrutem do evento.

— Obrigado. Tenho certeza que iremos.

Kaya não soltou a respiração até que deslizaram para longe do portão. — Graças a Deus, nós entramos.

Aric riu. — Eu não tinha dúvida. Gideon é um mágico quando se trata de hackear e tecnologia de operações secretas. William e Elizabeth Bouchard podem não ter existido antes da noite passada, mas qualquer um que investigue nossas identidades hoje vai encontrá-los totalmente firmes e fortes. A última coisa que temos que nos preocupar é nosso disfarce. Entrar foi a parte mais fácil. — Ele girou um olhar irônico para ela. — O resto será com você.

Ela exalou uma risada sem humor. — Sem pressão, certo?

Eles passaram sua estratégia para a operação diversas vezes na Unidade de Comando à propriedade de Rousseau. Havia vários caminhos que poderiam colocar Kaya perto de Stephan Mercier, idealmente sem levantar suspeita de ninguém. Uma vez que tivesse o noivo ao alcance, tudo que precisava fazer era colocar as mãos nele.

Por pelo menos 66 segundos.

Era o tempo que levaria para sua habilidade extra-sensorial estabelecer conexão e começar a desviar os pensamentos de uma pessoa.

Uma vez que tivesse as comportas abertas, sua mente entregaria qualquer segredo que ela pedisse.

À frente deles agora, um guarda de segurança dirigia o tráfego para um grande lote já preenchido com veículos de luxo e carros esportivos insanamente

caros. Aric seguiu o sinal de mão que os remeteu para um espaço de estacionamento disponível na parte traseira da área aglomerada.

Kaya franziu a testa quando tomaram seu lugar em meio as fileiras de automóveis bem estacionados. — Espero que não tenhamos que sair daqui rápido quando isso acabar.

Aric desligou o motor, em seguida, girou para enfrentá-la. — Está nervosa?

Ela zombou de seu olhar preocupado. Como se fosse admitir algo do tipo, especialmente para ele. Seu parceiro nesta missão não precisava saber que, sob sua calma forçada, estava tão tensa como uma mola. O macho Raça que causava um sentido mais profundo de insegurança nela não precisava saber, tampouco.

Ela encolheu os ombros. — Claro que não estou nervosa.

— Bom.

A mão dele disparou, segurando sua nuca e puxando-a para perto. Antes que tivesse alguma ideia do que ele estava fazendo, a boca de Aric esmagou a dela. O beijo foi chocante, abrasivo. Intensamente sensual. Enquanto seus lábios se moviam sobre os dela, uma lambida de fogo se espalhou rapidamente pelo seu corpo.

Kaya gemeu antes que pudesse impedir o som de se formar. Assim que percebeu que o barulho de prazer veio de si mesma, se sacudiu. Seus olhos se abriram e deixou sair um grito assustado.

A boca exuberante de Aric abafou o protesto fraco. Seu beijo era cheio de confiança, como se já conhecesse seus lábios e soubesse como seduzi-la. O fato de seu corpo parecer ansioso por permitir isso só deixou sua indignação mais explosiva.

Kaya trouxe as mãos até o peito num reflexo perturbado, pronta para afastá-lo.

Mas Aric já estava recuando. Ele a libertou tão abruptamente como a puxou, um brilho conhecedor em seus olhos.

— Que porra é essa? — Kaya soltou a maldição indignada, mesmo enquanto o calor inflamava dentro dela, poderoso e sem ser convidado. — Que diabos você pensa que está fazendo, idiota?

— Tirando isso do caminho no caso de precisarmos fazer isso quando estivermos lá dentro. Não podemos ter você reagindo assim na frente do nosso alvo.

— Ele passou o polegar sobre o lábio inferior, limpando o traço de seu brilho rosa que permaneceu lá. — Pronta, Sra. Bouchard?

Ele não esperou pela resposta. Enquanto Kaya se esforçava para encontrar sua respiração novamente, Aric girou e saiu do veículo. Ela alcançou a maçaneta ao lado dela, mas antes que pudesse abrir ele já estava lá. Suavemente, abriu a porta e chegou a oferecer sua mão.

— Minha senhora, — ele disse com os hipnotizantes olhos verdes acesos com um brilho arrogante.

Ao invés de responder com a resposta queimando a ponta de sua língua, Kaya apertou seus molares juntos e colou um sorriso agradável nos lábios enquanto aceitava a ajuda dele. O que queria fazer era dar um tapa na mão dele e derrubá-lo em seu traseiro presunçoso na área do estacionamento. Mas precisaria de um arsenal e mais de um par de semanas de treinamento para representar uma grande ameaça para um homem Raça, especialmente um construído tão solidamente como Aric Chase.

Ela poderia estar tentada de qualquer maneira, não fosse a possível chegada de mais convidados na área de estacionamento nas proximidades.

Em vez disso, retornou os sorrisos dos outros participantes saindo de seus veículos, em seguida, passou o braço através do de Aric enquanto ele caminhava pela unidade de tijolos pavimentados em direção à entrada do Grand Estate.



CAPÍTULO 5

Outra rodada de verificações de segurança esperava por eles lá dentro, embora os guardas colocados no opulento vestíbulo estivessem vestidos de forma mais discreta que seus homólogos lotados no portão principal. Aric acenou com a cabeça para os homens de ternos pretos e fones de ouvido sem fio, observando sem reação que cada um carregava uma arma com coldre suavemente marcado no paletó.

Os passos de Kaya diminuíram quando entraram, o olhar dela atraído pelas urnas transbordando com perfumadas flores marfim e vegetação exuberante. Guirlandas enfeitadas com fitas coloridas champagne e laços delicados escorriam como espuma dourada dos corrimãos, curvando-se das escadarias gêmeas do vestíbulo.

— Olhe para este lugar, — ela murmurou. — É incrível.

— Por aqui, por favor, senhora, — Um dos guardas disse a Kaya. O musculoso homem de cabelos ruivos apontou para os detectores de metais e scanners de corpo inteiro erguidos temporariamente na elegante entrada da mansão Rousseau.

Aric permaneceu atrás dela quando colocou sua pequena bolsa no transportador, em seguida, deslizou através da manopla de máquinas frias, uma visão em cintilante e diáfana seda rosada. Suas veias pulsaram enquanto

observava seu andar gracioso, sem pressa, seu sangue ainda batendo pela réplica daquele beijo impulsivo.

Para não dizer nada sobre o resto de sua anatomia.

Beijá-la não estava nas regras para esta missão, mas uma vez que a ideia criou raiz em sua mente, não havia como ignorar. Sim, fez isso para o bem de seu disfarce, como um meio de quebrar o gelo entre ele e a falsa Sra. Bouchard. Mas agora ela havia se reagrupado perfeitamente e era ele quem estava fora de seu jogo.

Droga.

Não era o que ele pretendia.

Precisou de controle concentrado para manter a reação do corpo em xeque. Suas presas doíam ao socar suas gengivas. Em cima dele, seus dermaglifos pinicavam a vida em resposta de ver Kaya enquanto a memória do beijo ainda chamuscava seus lábios.

Desejo tingia sua visão com as primeiras dicas de âmbar quando ela levantou os braços e esperou que o scanner desimpedisse sua passagem. O gesto levantou seus seios já flutuantes e diluiu sua cintura delgada para uma curva de ampulheta, o que fez suas mãos coçarem para envolvê-la.

Ele gemeu baixo em sua respiração. Não seria preciso mais que um olhar dela agora para transformar suas íris de verde salpicado de ouro para um brilho sobrenatural derretido.

Era melhor ele ser verificado rapidamente, ou explodiria esta operação antes mesmo de começar. Nada como se transformar inteiramente em Raça para colocar freios numa reunião de perfumados e pulverizados humanos.

— Senhor? — O guarda ao lado dele no vestibulo deu-lhe um olhar expectante. — Por favor, avance e prossiga para o scanner.

— Oh. — Aric limpou a garganta e acenou com a cabeça. — Sim, claro.

Ele seguiu o caminho que Kaya fez antes dele, então se juntou a ela onde esperava do outro lado das máquinas. Com a disciplina severa de seu treinamento de guerreiro, conseguiu de algum modo suprimir o lado Raça de sua natureza quando Kaya se aproximou da curta fila dos participantes sendo cumprimentados pessoalmente pelos pais da noiva.

O pai de Anastasia Rousseau pegou a mão de Aric e deu-lhe um par de sacudidas superficiais, logo que soltou o convidado anterior. — Boa tarde e bem-vindos.

— Obrigado, senhor. — Aric acenou para o bilionário de cabelos grisalhos e sorriu para sua esposa imaculadamente preservada. — Parabéns por um lindo dia. Elizabeth e eu não poderíamos estar mais felizes por Stasi.

— Que gentileza. Obrigada. — As sobrancelhas finas da Sra. Rousseau subiram em seu rosto liso. — É um amigo de nossa filha?

— Stasi e eu fomos para a universidade juntos por um tempo, — Aric disse, colocando a cobertura de Gideon em bom uso quando sacudiu a mão da mulher idosa. — Sou William Bouchard. Hum, Will. E esta é minha noiva, Elizabeth.

A Sra. Rousseau sorriu calorosamente. — Como está, querida?

— Bem, obrigada. Tudo parece tão bonito aqui, Sra. Rousseau, — Kaya disse, sem perder o ritmo enquanto apertava a mão da mulher. — Não posso esperar para ver o que fez lá fora para a recepção.

— Ora, muito obrigada, minha cara. Gosto de brincar.

— Fez um pouco mais que brincar, — disse Kaya. — Parabéns pelo seu prêmio de design de interiores no mês passado. A revista não poderia ter escolhido uma destinatária mais merecedora.

— Que coisa linda de se dizer. — A mãe da noiva sorriu. — Que maravilha que vocês puderam vir hoje. Tenho certeza que Anastasia ficará encantada.

O velho sorriu também, mas estudou Aric mais tempo do que aos outros convidados à frente dele. — Foi na McGill que disse que estudou com ela, filho?

— Não, senhor. UBC. Foi também a universidade de meu avô. — Ele inclinou um olhar irônico para Phillippe Rousseau. — Provavelmente não deveria dizer isso, mas seu pai, o primeiro-ministro, e meu avô eram rivais no campo de futebol nos dias deles.

— Sério?

— Sim, senhor, receio que sim. — Aric sorriu pela mentira, grato pela profundidade da pesquisa de Gideon. — Espero que não use isso contra mim agora.

— Que nada. — O pai da noiva riu e bateu no ombro dele. — Vão e apreciem a recepção, os dois.

— Com prazer, senhor.

Sorrindo, pegou a mão de Kaya e a levou para longe dos Rousseau. Agora que as sementes de suas bases sociais foram estabelecidas, teriam algum tempo e espaço para trabalhar uma vez que a recepção estivesse em andamento.

— Vá com calma com os elogios, — ele murmurou enquanto caminhavam em direção às portas francesas abertas aos jardins da propriedade. Ninguém mais estava ouvindo próximo dele, mas teve o cuidado de manter a voz baixa o suficiente, apenas para os ouvidos de Kaya. — Foi um toque agradável mencionar o prêmio, mas não quer ser muito memorável. Não que possa fazer muito para evitar isso.

Ela deixou seu elogio passar sem reconhecimento. — Não foi bajulação. Margaret Rousseau realmente é uma talentosa designer de interiores. Seu trabalho está em uma dúzia de capas de revista, e este prêmio mais recente foi por um projeto que contribuiu para uma organização de caridade infantil.

Aric grunhiu. — Alguém fez o dever de casa ontem à noite.

Ela inclinou-lhe um olhar altivo. — Fiquei acordada a maior parte da noite debruçada sobre as notas de Gideon. Devo ter lido tudo vinte vezes, só para ter certeza que não iria esquecer até mesmo o menor detalhe.

Ele encolheu os ombros. — Só li os arquivos uma vez.

— Não pode estar falando sério. — Kaya parou e franziu a testa para ele, baixando a voz para um sussurro severo. — isso é ou incrivelmente arrogante ou perigosamente estúpido.

Ele balançou a cabeça. — Geneticamente dotado. Tenho memória eidética e fotográfica. Se ler alguma coisa ou vê-la uma vez, posso recordar perfeitamente a qualquer momento.

Ela ficou muda por um momento, em seguida, expeliu uma respiração afiada. — Alguma vez já lutou por uma única coisa em toda a sua vida?

— Na verdade, não.

Ela revirou os olhos com seu sorriso impenitente. — Que bom para você.

Ele riu. — Então ganhei na loteria da piscina de genes. Quer que eu me desculpe por esse fato?

— Não quero que faça nada – além de não estragar isso para mim hoje.

Ela começou a andar novamente e ele caiu ao lado dela. — Não tem que se preocupar comigo, querida. Você e eu temos o mesmo objetivo. Quero muito para deixá-lo escapar através dos meus dedos.

— Eu também.

— Bom, — disse ele. — Então acho que estamos de acordo.

— Em uma coisa, pelo menos.

Entraram pelas portas francesas abertas e para o pleno calor do sol do meio-dia brilhante. Grandes degraus de mármore desciam para o gramado traseiro do terreno da mansão como um tapete feito de pedra reluzente. As mesas e cadeiras cobertas por panos brancos e guirlandas florais salpicavam a grossa grama verde e os jardins circunvizinhos, cada uma arranjada para a vista do pavilhão imenso de pedra calcária que era a pérola no coração das terras magníficas.

Na cúpula, uma orquestra de doze peças de smoking tocava a *Nachtmusik Kleine* de Mozart para uma pista de dança vazia, e o que era facilmente centenas de hóspedes que chegavam à recepção. Aric e Kaya desceram os degraus juntos e foram imediatamente recebidos por um dos muitos garçons circulando e carregando bandejas de champanhe e *hors d'oeuvres*. Sendo Raça, Aric não podia consumir nada além de um gole ou dois, mas Kaya avidamente aceitou uma das taças delgadas.

Com seu copo na mão, passeavam pelo gramado macio. Encontraram um local sossegado para observar a reunião e esperar o momento em que o alvo chegasse. Aric digitalizou as centenas de convidados, silenciosamente fazendo um balanço dos rostos. Tinha o foco em sua tarefa, mas não podia descartar o peso dos olhos castanhos de Kaya o estudando sobre a borda de sua taça.

Ele franziu a testa. — Qual o problema?

Ela tomou um gole, um sorriso puxando os cantos de sua boca. — Apenas me certificando que não começará a chiar aqui no sol.

Suas sobrancelhas dispararam. — Isso foi uma piada? Por que, Sra. Bouchard, não tinha ideia de que você se importava.

Ela riu, em seguida, levantou a taça para os lábios novamente. — Você é um asno.

— Já que mencionou, — Aric respondeu, observando com muita sede própria como sua garganta delicada trabalhava para engolir mais um gole de champanhe.

Ela o pegou olhando e um rubor varreu suas bochechas. Ela pressionou o dorso de sua mão livre contra a cor crescente em seu rosto. — Parece terrivelmente quente aqui fora. Talvez devêssemos encontrar um pouco de sombra enquanto esperamos o feliz casal chegar.

— Confie em mim, posso aguentar o calor se você puder. — Ele sorriu quando seu queixo levantou em desafio. — Além disso, — acrescentou, — Nunca

desperdiçaria a chance de desfrutar de um dia lindo. Conheço muitos outros que não podem nunca experimentar este presente que me foi concedido.

Kaya inclinou a cabeça para ele, um olhar cético em seu rosto bonito. Empatia? Isso era uma reviravolta inesperada.

Ele grunhiu. — Ei, posso ser um idiota arrogante com mais bênçãos que jamais merecerei, mas isso não significa que não tenho suficiente autoconsciência para reconhecer algo extraordinário. Especialmente quando estou olhando diretamente para isso.

Qualquer réplica afiada que ela estava pronta para devolver desapareceu em silêncio quando ela piscou para ele, seu olhar suavizando pela primeira vez desde que se conheceram.

Aric percebeu apenas agora o quão perto estavam um do outro na grama. Ninguém para ouvi-los, ninguém para se intrometer entre eles, apesar do mar de pessoas se deslocando em todas as direções.

Ele tomou um fôlego e seus sentidos foram preenchidos com o aroma sedutor de Kaya, uma mistura de canela e rosas, e algo mais elusivo. A luz do sol aqueceu sua pele e cabelo escuro, o que só intensificou a fragrância que era exclusivamente dela. Cada Companheira tinha seu próprio cheiro de sangue, e Kaya estava causando estragos no foco e controle de Aric.

Não era como se estivesse faminto por companhia feminina. Estava longe de ser um santo, mas fez uma prática evitar envolvimento íntimo com mulheres que carregavam a lágrima e lua crescente de nascença de uma Companheira de Raça. Se ele precisava de um lembrete de por que manteve seu apetite confinado apenas para mulheres humanas, Kaya Laurent era ele.

Mesmo assim, a vontade de tocá-la era quase esmagadora.

Mais tentador era o desejo de beijá-la novamente, mas se fizesse isso agora, não teria nada a ver com sua missão ou o esforço para fortalecer sua cobertura.

Não, se a tocasse, seria por razões puramente egoístas.

E porque o convite silencioso em seus olhos lhe disse que ela sentia o mesmo crepitar de excitação também.

Aric engoliu em seco, lutando para manter as mãos apertadas e ainda ao seu lado.

Não conseguia pensar numa ideia pior que deixar sua atração por Kaya ofuscar sua atenção em sua atribuição. Independentemente disso, estava à beira

de perder essa discussão com ele mesmo quando uma euforia de repente subiu da multidão reunida.

Kaya soltou um suspiro raso, embora se em reação ao clamor abrupto de excitação de todos ao seu redor ou de alívio sobre a hora certa da interrupção, Aric não podia ter certeza.

Ele girou para longe dela, acrescentando seus aplausos à saudação entusiasta que os recém-casados recebiam quando emergiram no topo dos degraus de mármore. Seu alvo de cabelos dourados, Stephan Mercier, beijou sua noiva para os gritos encantados da plateia. O noivo ganhou uma ovação ainda maior quando inclinou sua bela noiva sobre o braço e a varreu num mergulho suave e digno.

Aric gemeu; dificilmente capaz de reprimir seu desdém pelo suspeito simpatizante da Opus. Kaya também tinha uma fria expressão profissional enquanto assistia o feliz casal descer as escadas de mãos dadas e a orquestra mudava de música de jardim para uma interpretação alegre da *marcha nupcial*.

Aric deslizou um olhar para sua parceira. — Dentro do jogo. Está pronta?

Ela acenou com a cabeça, seu sorriso tão deslumbrante como determinado. — Vamos fazer isso.



CAPÍTULO 6

Infelizmente, o Conselho de Lucan que não seria fácil chegar perto de seu alvo foi correto. Um detalhe de segurança de dez homens carrancudos em ternos escuros e óculos de sol mantinha um olho próximo tanto no noivo quanto na noiva enquanto cumprimentavam alguns de seus convidados no caminho para a mesa da festa de casamento dentro do pavilhão.

Os guardas permaneceram fixos nas proximidades através de todos os brindes intermináveis e o almoço pródigo que se seguiu. Não havia nenhum modo rápido de obter Mercier sozinho por apenas alguns segundos, não importa o minuto a mais que Kaya precisava.

O que deixou Aric e ela com uma única chance de fazer seu movimento.

Quando o maestro da orquestra anunciou a introdução formal do Sr. e Sra. Stephan Mercier em sua primeira dança como marido e mulher, a mão de Aric fechou em torno de Kaya na mesa. Ela tinha certeza de que o beijo casto que pressionou em sua têmpora era apenas parte de seu ato – assim como a anteriormente inesperada alegação de sua boca no carro foi – ainda que não impedisse seu pulso de saltar em suas veias pelo breve contato.

Ele sorriu para seus companheiros de mesa quando começou a levantar de seu assento. — Dão-nos licença, por favor? A primeira dança é sempre a parte favorita de Elizabeth num casamento.

— Sim, é, — Kaya concordou, permitindo-lhe ajudá-la a sair de sua cadeira enquanto os outros casais sentados com eles acenavam com a cabeça distraidamente ou ofereciam sorrisos indulgentes.

Kaya manteve sua expressão educada enquanto ela e Aric atravessavam o jardim num ritmo deliberadamente casual. Eles não estavam sozinhos. Outros convidados tiveram ideia similar, nada menos que vinte pares que convergiam na estrutura coberta onde a noiva e o noivo balançavam lentamente e rodopiavam numa balada romântica.

Aric ainda segurava a mão dela conforme se aproximavam do pavilhão com suas decorações de conto de fadas. Por um momento desorientador, Kaya achou difícil separar-se do conforto do seu toque num cenário tão bonito e a gravidade sóbria do que vieram fazer aqui. Ela nunca sonhou com arco-íris e rosas, então não fazia ideia por que a visão de tanto romance e fantasia fez seu coração vibrar agora. Nem queria saber. Não quando o resto dela estava focado na missão.

Aric a levou para um local tão perto quanto podiam chegar da pista de dança. Então esperaram e assistiram. Aplaudindo e sorrindo quando a mãe do noivo e o pai da noiva davam suas voltas dançando com seus filhos.

Finalmente, era hora dos convidados se juntarem à celebração na pista de dança. Simultaneamente, com tanta cautela como um assassino habilidoso, Aric a pegou nos braços e deslizou com ela na multidão. Embora conseguisse fazer sua busca parecer acidental, em algum momento Kaya encontrou-se dançando diretamente atrás de Stephan Mercier e sua noiva.

Aric baixou a cabeça num aceno quase imperceptível, o único aviso que ela teve antes que se apoiasse diretamente no noivo.

— Oh, meu Deus! — Kaya exclamou. Ela cambaleou desajeitadamente, girando ao redor para se desculpar. — Sinto muito. Perdoe-nos, por favor.

Mercier apenas sorriu, ainda balançando com os braços em volta de sua noiva. — Não há problema nenhum. Tenho certeza que foi minha culpa.

— Não tão rápido, — Aric interrompeu com uma risada quando parecia que Mercier teria prosseguido sem mais conversa. — Vimos vocês dançando. Pelo que vi, o único aqui com dois pés esquerdos sou eu. Stasi, nunca esteve tão bonita.

Sua sobrancelha subiu quando inclinou um olhar questionável sobre ele. — Obrigada... Ah...

— Will. — Aric deu-lhe um sorriso encantador. — Will Bouchard. Da UBC. Não tem problema se não se lembrar. Só tivemos algumas aulas juntos.

— Oh, sim, — ela respondeu, educadamente engolindo a isca, embora seus olhos calorosos não fizessem qualquer reconhecimento. — Claro, me lembro de você, Will. Que bom que veio.

— Não perderia por nada. — Ele sorriu, dando um olhar caloroso para Kaya. — Esta é minha esposa, Elizabeth.

A nova noiva de Mercier acenou. — Muito prazer em conhecê-la.

— Da mesma forma, — disse Kaya. — Parabéns pelo seu casamento.

— Obrigada. Espero que você e Will estejam se divertindo até agora?

Kaya olhou meigamente para Aric, descansando a palma levemente contra seu rosto para aumentar o efeito. — Certamente estamos.

Ele ficou imóvel enquanto seu toque permanecia, seu rosto assumindo uma borda perigosa. Brasas fracas crepitavam à vida nas profundezas verdes de seus olhos enquanto ele olhava para ela, mas então ele piscou uma vez e elas se foram. Ele afastou seu olhar de Kaya para olhar para Mercier.

Quando falou, sua voz soava grossa e enferrujada. — Se importaria muito se eu interromper o resto da música? Estava dizendo ao pai da Stasi quando chegamos que eu esperava ter uma chance rápida de falar com ela.

Kaya viu a hesitação de seu alvo e correu para definir o gancho. — Oh, Will. Acabaram de se casar. Deixe-os desfrutar de seu tempo juntos.

— Não, não, não. Está tudo bem, — disse Anastasia. — Adoraria dançar com você, Will. E tenho certeza que Stephan gostará de dançar com Elizabeth também.

— É claro. — Os lábios de Mercier esticaram-se numa aparência tensa de sorriso, mas seus olhos permaneceram astutos e desconfiados enquanto sua esposa entrava nos braços de outro homem.

Mal sabia ele, no momento, que era Kaya que apresentava a maior ameaça à sua felicidade. Se as suspeitas da Ordem se provassem verdadeiras sobre o apoio de Mercier à Opus Nostrum, seu mundo cintilante logo desabaria ao seu redor.

Com Aric girando Anastasia na multidão crescente na pista, Kaya deslizou a mão em Mercier e colocou a outra em seu ombro. Ele a dirigiu numa série de passos mecânicos enquanto a orquestra tocava e o pavilhão inchava com ainda mais pessoas.

Onde Aric era forte e assegurava como a prenda, a palma de Mercier era úmida de encontro aos seus dedos, seu corpo magro, rígido e distraído enquanto a empurrava pela pista de dança. Kaya não precisava da confirmação psíquica da sua capacidade de Companhia para lhe dizer que Stephan Mercier era um homem nervoso e agitado.

Embora parecesse firme e confiante com sua noiva à distância, de perto estava claro que sua mente estava a mil milhas de distância. Kaya só precisava tocá-lo por mais alguns segundos antes que pudesse seguir seus pensamentos para onde a levassem. Até então, seu objetivo principal era colocá-lo à vontade com ela por tempo suficiente para a conexão se enraizar.

Ela sorriu para ele quando valsaram passando a pequena orquestra. — Obrigada por conceder o pedido do meu marido para dançar com sua esposa. Prometo que estou me esforçando não me envergonhar pisando em seus dedos de novo.

O rosto rígido de Mercier relaxou apenas um pouco por sua autodepreciação. — Não tem nada para se preocupar. Está indo muito bem. Gostaria que eu lhe contasse um segredo, Elizabeth?

— Sim. — Kaya esperava que sua resposta não parecesse muito ansiosa. Pretendia saber todos os segredos do homem antes de terminar com ele.

— Dançar não é realmente minha coisa, — ele confidenciou. — Anastasia me fez passar oito semanas de aulas na esperança de que eu viesse a apreciar, mas ainda posso pensar numa centena de outras coisas que prefiro fazer.

Isso explicava a distração dele? Kaya não podia dizer com certeza. Não até que conseguisse entrar em sua cabeça, aí sim.

Ela riu em resposta à sua admissão inofensiva. — Bem, não tenha medo. Seu segredo está seguro comigo.

Pelo menos, esse estava.

— Esperemos que não haja qualquer dança formal exigida em sua lua de mel em Seychelles, — ela acrescentou; então imediatamente se perguntou se foi longe demais quando as sobrancelhas loiras de Mercier baixaram sobre os olhos questionando.

— Sabe onde Stasi e eu planejamos a lua de mel?

Merda. Talvez tenha estudado a operação com muita atenção.

— Desculpe, espero que não ache que estou sendo rude. — Kaya usou seu embaraço momentâneo para sua vantagem, enquanto formulava sua resposta. — É só que muitos dos grandes sites sociais e revistas têm falado sobre este casamento em detalhes por semanas. Foi um pouco difícil não ver todas as fofocas.

— Ah. — Ele grunhiu em aceitação. Graças a Deus.

— Na verdade, a lua de mel foi adiada, — ele se voluntariou. — Alguns negócios que requerem minha atenção aqui em casa vieram à tona. Seychelles terá que esperar, para desgosto da minha noiva.

E se Anastasia mal fala comigo desde que descobriu? Ela acha mesmo que desistirei de um negócio que vale cem milhões de dólares? A putinha privilegiada certamente estará ansiosa para me ajudar a gastá-lo.

Kaya engoliu. Havia antecipado o momento em que sua mente se infiltraria na dele, mas ainda veio como um choque sentir os pensamentos de Stephan Mercier em sua cabeça tão claramente como sua voz.

Foi preciso algum esforço para fingir o contrário enquanto estava presa em seu olhar.

— Oh. Que vergonha, — ela murmurou casualmente. — Mas tenho certeza que o que você tem que fazer é muito importante.

Ele deu-lhe um aceno suave. — Sim, é.

Importante? Você não tem ideia. Ninguém sabe, nem Stasi. Ela não entenderia. Provavelmente nem cem milhões de dólares seriam suficientes para fazê-la entender.

Com o tempo, ela vai. Vou me certificar disso.

Com o tempo, o mundo inteiro entenderá.

Então todos me reconhecerão como um herói. Mas melhor que isso, eu serei tão rico como um maldito rei.

Kaya manteve sua expressão suave, mesmo enquanto um calafrio a varria. Embora ele ainda não tivesse se incriminado em nada além da perspectiva de um lucrativo, mas temporário, negócio, Stephan Mercier não era, obviamente, o homem dourado e charmoso que parecia externamente. Só isso não significava que estava ligado a Opus Nostrum.

O pinicar em sua medula quase convenceu Kaya, mas isso não seria suficiente para Lucan Thorne ou a Ordem. Precisava ir mais fundo para confirmação sólida, e isso significava que teria que empurrar Mercier mais duro.

E rápido.

A dança deles acabaria logo. Quando isso acontecesse, não haveria segunda chance de chegar tão perto dele novamente. Não sem sua nova noiva ou qualquer uma das dezenas de pessoal de segurança da propriedade ficar em seu caminho. Mesmo agora, estava bem ciente da equipe de homens em trajes escuros espreitando em vários pontos do pavilhão, mantendo uma vigia cuidadosa sobre a filha querida dos Rousseau e o homem que acabava de entrar em sua família politicamente poderosa.

Kaya considerou-o com o que esperava ser um olhar de admiração. — Uma coisa que a esposa de um homem poderoso deve aprender a aceitar cedo é que não só se casa com o homem, mas com seu trabalho.

Mercier acenou com a cabeça em aprovação. — Como está certa, Elizabeth. E como é raro encontrar uma mulher que reconhece essa verdade. Talvez eu pudesse convencê-la a transmitir um pouco de sua sabedoria e conselhos para Anastasia.

Ele deu-lhe uma piscadela manhosa, o que fez a pele de Kaya arrepiar. No entanto, ela riu como se estivesse encantada. — Tenho certeza que ela descobrirá como as coisas realmente são. Se alguém sabe o que significa sacrificar desejos pessoais pelo bem maior, é alguém como sua esposa. Afinal, ela vem de uma longa linhagem de pessoas bem sucedidas que se dedicaram ao dever e ao país.

— Isso ela sabe. — Um sorriso mercenário esticou os lábios dele. *Precisamente por isso que a cortejei em primeiro lugar. Isso, e as muitas portas que o nome de sua família poderia abrir para mim.*

Kaya sentiu uma pontada de arrependimento por Anastasia Rousseau. Era óbvio que a mulher feliz e inocente achava que havia encontrado seu príncipe, quando na realidade acabava de se amarrar a uma serpente.

Pior que uma serpente, se a sensação doentia no estômago de Kaya podia ser confiável.

Hora de espetar o ponto fraco de Mercier e ver se conseguia fazer com que ele mordesse.

Kaya encolheu os ombros, expirando um suspiro melancólico. — Ainda assim, é uma vergonha que a realidade do trabalho e obrigações tenha que se intrometer num belo evento para você e sua esposa. Dias como estes são uma fuga bem-vinda do medo e terror que se tornou nossa rotina diária ultimamente.

— Sim, eles são. — Os lábios de Mercier se abriram num sorriso arrepiante. — Mas nunca conheceremos a verdadeira paz enquanto estivermos vivendo entre monstros que bebem sangue.

Seu estômago apertou. Não esperava que ele expressasse abertamente seu ódio à Raça tão livremente, mas ele não era o primeiro humano sem medo de condenar publicamente toda a raça vampira como monstros. Manifestantes e grupos militantes vocalmente contra a trégua provisória que esteve em vigor nos últimos vinte anos eram epidemia nos últimos meses.

E no coração de toda a disputa estava a Opus Nostrum, alegremente puxando cordas e semeando desconfiança de ambos os lados do problema.

Foi preciso imenso controle para simplesmente continuar dançando e sorrindo suavemente em vez de defender seus amigos e o resto de sua espécie. A luta de Kaya deve ter aparecido em seu rosto. Ou no estremecer furioso que foi incapaz de conter.

— Eu te aborreci? — Mercier perguntou, inclinando-se mais do que era necessário. — Perdoe-me. Casamentos não é lugar para política ou conversa de guerra.

Kaya congelou. — É isso que acha que vai acontecer – guerra com a Raça?

— Minha querida, é inevitável.

Especialmente se eu tiver algo a dizer sobre isso.

Em breve, terei centenas de milhões de razões para ter a certeza absoluta de que empurraremos os animais sanguessugas para a guerra com a humanidade.

E então o mundo inteiro vai implorar a Opus para erradicar o flagelo da terra.

Merda. Aí estava. Toda a confirmação que a Ordem precisava para derrubar a rede de Stephan Mercier.

Kaya não precisava de mais nada do bastardo. Mas era difícil afastar-se sem lhe dar uma dose de verdade.

E, além disso, Aric ainda viria depois dela para a limpeza. Depois de uma rápida esfoliação mental, Mercier não teria nenhuma lembrança de nada que ele e Kaya falaram.

— Considera a Raça monstros? — Ela mantinha um aperto firme sobre ele, seu sangue fervendo mesmo enquanto falava num tom de conversa doce. — Não foram eles que tentaram detonar uma explosão ultravioleta numa Cúpula de Paz no mês passado. Não foi a Raça que destruiu a sede da JUSTIS em Londres há

algumas noites. Nem assassinaram metade do Conselho das Nações Globais, e a seguir se vangloriam sobre ela a qualquer um que escutasse. Opus Nostrum fez tudo isso e muito mais. Se alguém está pronto para a erradicação, são os covardes que se escondem atrás dessa organização.

Os pés de Mercier ficaram imóveis. Seus olhos assumiram um brilho cauteloso, mas ele só riu como se ela fosse uma criança boba na idade escolar. — Você tem um monte de opiniões interessantes, Sra. Bouchard. Pode fazer bem se manter algumas delas para você. Você nunca sabe quem pode se ofender se uma declaração descuidada atingir os ouvidos errados.

Sua língua não seria tão frouxa se tivesse alguma ideia de quantas pessoas de todas as esferas silenciosamente prometeram seu apoio à Opus. Hora de largar a vadia. Antes que alguém a ouça e assuma que posso ser tudo, menos leal à causa.

Especialmente alguém como o homem que jogará 100 milhões da organização na minha conta em alguns dias.

O olhar de Mercier deixou o dela e varreu a multidão. Foi um olhar puramente reflexivo, que por si só não significaria nada. Mas na esteira de seu último pensamento, a busca casual dos convidados da recepção naquele momento era mais concludente que qualquer outra coisa que tivesse dito ou pensado durante todo o dia.

Putá merda. Poderia ter deixado escapar que um dos membros da Opus estava aqui na propriedade?

Kaya seguiu o olhar de Mercier para a multidão que se espalhava sobre o gramado e jardins. No início, não sabia o que estava procurando. Mas então, o encontrou.

Um homem corpulento, de cabelos escuros, saindo casualmente da recepção.

Sem olhar para trás, subiu as escadas de mármore e saiu através das portas abertas francesas da mansão.

Quem quer que fosse, estava determinado a sair dali sem chamar a atenção.

O que só fez a curiosidade de Kaya se aprofundar.

— Obrigada pela dança, — Mercier murmurou. Ele a liberou como se tivesse sido queimado, a conexão cortada instantaneamente.

Ela não tinha mais uso para ele, de qualquer maneira. Neste momento, tinha a mira presa num jogo maior.

Não havia um segundo a perder.

Nem mesmo para sinalizar para Aric em algum lugar na pista de dança que seu objetivo de missão de repente tomou uma afiada curva à esquerda. Sua conversa com Mercier era um problema que teriam que limpar mais tarde. Neste momento, só havia uma coisa que Kaya tinha a fazer, e era a identificação do homem que tentava deixar a recepção despercebidamente.

Kaya afastou-se do pavilhão para cortar caminho como uma flecha pela relva e subir as escadas até a mansão. Poucos convidados do casamento congregavam dentro, a conversa e riso pontuados pelo tique rápido de suas sandálias de salto alto enquanto corria, seu olhar à procura do contato Opus de Mercier.

Caramba, lá estava ele. Vários metros à frente dela, tecendo em torno de Phillipe Rousseau e um círculo de cavalheiros bem vestidos conversando e fumando charutos apenas fora do vestibulo. Kaya pegou seu ritmo. Iria atrás do desgraçado no estacionamento se fosse preciso. Qualquer coisa para ter um vislumbre de seu rosto. Melhor ainda, um vislumbre da mente dele.

Embora como ia gerenciar isso com um pequeno exército de guardas postados por toda a propriedade e arredores, ela não tinha certeza. Só sabia que precisava tentar.

Um desses homens uniformizados a observou atentamente enquanto ela caminhava em direção ao vestibulo. Ela o reconheceu da sua chegada. Debaixo de seu boné, o cabelo vermelho de corte curto, seu olhar passou sobre ela com interesse aguçado, até mesmo suspeito.

— Posso ajudá-la com alguma coisa, senhora?

Kaya sorriu e balançou a cabeça, seus pés ainda se movendo na direção de seu alvo. — Eu só... Esqueci algo no carro. Mas obrigada.

Ele não devolveu o sorriso dela.

Ela continuou andando, alarme infiltrando-se nela quando o sentiu atrás dela agora, seguindo em seus calcanhares. Quando sua mão forte apertou seu braço e forçou seus passos a parar, cada nervo em seu corpo tensionou com pavor repentino.

Droga. Mercier soltou sua segurança nela? Mas então, se tivesse, ela provavelmente estaria enfrentando uma equipe de guardas armados com ordens para escoltá-la para fora da propriedade, não apenas um homem que parecia ter um interesse mais que passageiro nela.

— O que está fazendo? — Ela exigiu, tentando sair de seu alcance, sem sucesso.

— Uma pergunta melhor é: o que você está fazendo? — Ele manteve a voz baixa como se para evitar perturbar os outros convidados, mas seu aperto não deixou espaço para negociação. — Vou precisar que venha comigo agora.

Dada pouca escolha, a menos que quisesse criar uma cena muito pública, Kaya caminhou com ele. Ele a levou para um quarto vago, por um dos corredores do andar principal, empurrando-a. Ele fechou a porta e se virou para enfrentá-la.

Kaya cruzou os braços, seu coração acelerado. — Fiz algo errado?

Ele não respondeu, mas seus olhos a examinavam com uma familiaridade que a irritava. — Ambos sabemos que você não é quem diz ser.

Oh. Deus. Kaya engoliu. — Não tenho ideia do que está falando.

Ele riu. — Droga, você é boa. Mas então, sempre foi. — Ele estendeu a mão para trás e virou a chave. Então começou a avançar em direção a ela. — Faz muito tempo. Dois anos, não é? Três, talvez?

Ela balançou a cabeça. — Juro, eu nunca vi você antes de hoje.

Outra risada, mas esta tinha uma borda ameaçadora. — Pode desistir do ato agora. Que tipo de jogo está fazendo aqui, Raven?



CAPÍTULO 7

Onde diabos ela foi?

Aric viu Kaya deixar o pavilhão abruptamente. Seu ritmo era proposital, até mesmo beirando o urgente. Se houvesse alguma maneira graciosa de se livrar de sua dança com a noiva de Mercier, Aric teria ido atrás dela imediatamente.

Agora, estava dentro da mansão por vários minutos e contando.

Algo não estava certo.

Com desculpas murmuradas assim que a canção terminou, ele deixou a pista de dança e teceu através dos casais balançando, seus instintos de guerreiro ficando cada vez mais tensos a cada passo vivo que dava.

Não havia sinal de Kaya entre os convidados da recepção lá dentro. Examinou cada grupo de pessoas bem vestidas, procurando por um respingo de seda rosa ou o longo cabelo escuro de Kaya.

Era como se tivesse simplesmente desaparecido.

E então ouviu.

Apenas a menor batida de ruído vindo de um dos quartos fechados ao longo do corredor do piso principal. Para qualquer um dos humanos na festa o som era demasiado baixo para ser registrado. Mas para seus ouvidos Raça, era inconfundível.

O som de uma briga.

Seus sentidos em alerta máximo, se escondeu na passagem. Atrás de uma das portas ornamentadas esculpidas, outro emaranhado de movimento soou. Seguido pelo baque inconfundível de um corpo batendo no chão.

Porra.

Aric abriu a fechadura com um comando mental afiado. Então abriu a porta.

Puta merda.

— Kaya.

Ela montava o grande corpo de um dos guardas de segurança da propriedade. O guarda que os revistou através dos detectores de metal quando chegaram estava deitado no grosso tapete oriental da sala, seu rosto vermelho enquanto lutava e corcoveava sob Kaya – uma façanha nada fácil quando seu joelho dobrado estava preso na garganta dele.

Seu bonito vestido estava rasgado em vários lugares, seu brilhante cabelo escuro caindo em seu rosto em desordem. Sua respiração soprava através de seus lábios separados, um dos quais estava aberto e sangrando.

Um rosnado explodiu de Aric. Não havia como parar a fúria da batalha que o inundou enquanto sacudia seu olhar furioso de volta para o homem que a machucou. Sua visão queimou instantaneamente, quente, âmbar. Suas presas arrancaram das gengivas, não só de raiva, mas em reação à súbita explosão do sangue de Kaya.

Os olhos do guarda arregalaram quando percebeu o que era Aric. Havia horror naqueles olhos humanos, mas também ódio. — Sanguessuga de merda!

Numa disputa em pânico pelo controle de Kaya sobre ele, o homem de alguma forma conseguiu libertar sua pistola de serviço quando Aric continuou avançando.

O tiro que deu foi selvagem, sem rumo. Mas teve sorte. Aric sentiu a picada da bala quando raspou o ombro. Olhou para baixo em reflexo, e quando olhou para Kaya novamente foi apenas a tempo de vê-la esmagar a garganta do guarda em seu joelho.

Sua fúria era rápida e fria. Letal assim.

— Não tive escolha, — ela murmurou suavemente, enquanto do lado de fora da sala o som de tiros inflamou pânico entre a recepção. Ela olhou para Aric, seus olhos austeros, mas sem desculpas. — O filho da mãe estava em cima de nós.

Ele franziu a testa. — Como?

Ela balançou a cabeça quando deixou o corpo. — Não sei. Parecia acreditar que me conhecia.

— E conhecia?

Seu olhar se desviou para o homem morto no chão. — Nunca o vi antes na minha vida.

Aric tinha perguntas para sua parceira, dezenas delas. Mas teriam que resolver tudo mais tarde. Agora, tinham um problema maior para lidar.

Gritos de convidados assustados do casamento e estouro de pés se movendo rapidamente enchiam o ar. Mas nem todos estavam fugindo da mansão. Os guardas invadiram. As armas carregadas e gritos baixos soaram no corredor logo fora do quarto.

— O tiro veio de algum lugar aqui embaixo, — um deles chamou seus camaradas.

Raios que os partam.

Já estavam muito perto. Aric poderia iludi-los, chamando a genética Raça para acelerá-lo passando pelos homens como uma brisa fria, mas Kaya não tinha esse dom. E seria amaldiçoado se deixasse uma parceira para trás – mesmo se fosse aquela que trouxe este problema sobre eles.

Aric soltou uma maldição e agarrou Kaya pelo pulso, afastando-se do corpo e puxando-a num canto da sala logo que um trio de homens uniformizados estourou dentro.

Seus olhos arregalaram quando ele a segurou firmemente contra ele, com um braço mantendo-a perto, o outro dobrado entre eles, seu dedo indicador pressionado sobre os lábios para incentivar seu silêncio.

— É Portman, — disse um dos guardas. — Merda. Está morto.

Outro soltou uma maldição assobiada. — Quem diabos ele irritou? Parece que alguém enfiou um martelo na laringe do pobre coitado.

Medo infiltrou-se nas piscinas marrom escuro dos olhos de Kaya quando os homens falaram a poucos metros de distância deles. Aric a deixou ficar calma. Qualquer movimento podia traí-los agora. Ele não piscou, apenas segurou seu olhar incerto firmemente como segurava o resto dela, sem movimento, com apenas um centímetro de espaço entre seu rosto e o dela.

Ele entendia a preocupação dela. Kaya não podia ver as sombras que os escondiam dos homens armados vasculhando o quarto. Aric precisava contar com

ela para confiar nele agora, para confiar em sua habilidade. Com Kaya fundida contra ele, ele inclinou a escuridão da pequena câmara, reunindo-a em torno deles como um manto. Tudo enquanto tentava ignorar a sensação erótica de suas curvas macias fundidas contra a frente de seu corpo.

Sua pele estava muito quente, muito tensa, queimando em todo lugar que se tocavam.

— Temos sangue aqui, — anunciou o terceiro homem. — Pelo menos Portman nos deixou algo para prosseguir. Parece que o último tiro atingiu o alvo.

— Passe adiante, — ordenou um dos outros. — Alerte o portão também. A partir de agora, este maldito lugar está trancado. Ninguém sai da propriedade até que tenhamos virado cada canto, de dentro para fora.

Aric manteve as sombras perto mesmo depois que os homens saíram. — Você está bem?

Kaya acenou com a cabeça. — E você? Seu braço...

— Já vai curar, — disse com um encolher de ombros, mostrando-lhe a ferida de saída.

— Você acabou de salvar nossas vidas, Aric.

Ele deu uma sacudida na cabeça. — Ainda não. Ainda temos que sair da propriedade. Sair dirigindo não é mais opção, então significa que sairemos a pé.

— Como? Ouviu os guardas. Estão colocando homens em todos os cantos da propriedade enquanto falamos.

— Há 300 acres de bosques adjacentes à propriedade ao norte.

— Sim, — Kaya concordou. — Tudo isso cercado por uma cerca elétrica de 10 metros de altura.

Ele não ia mencionar esse tecnicismo, mas não o surpreendeu que ela já estivesse ciente disso, dada a maneira que devorou o resto das informações da operação. E maldição se não ficou impressionado, apesar da gravidade de sua situação atual.

— Deixe-me preocupar com a logística. Só preciso que fique perto de mim e faça o que eu digo. Acha que pode lidar com isso?

Ela nem tentou discutir. Foi quando ele soube que ela estava realmente com medo. Por toda sua dureza e aparente necessidade de estar no controle, o que aconteceu entre ela e o homem que a agrediu nesta sala fez Kaya Laurent se sacudir.

Ele gentilmente pegou o queixo dela e levantou o olhar para o seu. — Pode confiar em mim. Está bem?

— Está bem.

Como ela rapidamente escorregou atrás dele, ele rastejou em direção à porta aberta e olhou para fora. O corredor estava vazio agora. A mansão estava limpa de todos os convidados de casamento, exceto algum pessoal de segurança.

— Vamos, — disse Aric, pegando sua mão livre. — A única maneira de sairmos daqui é nos perdendo dentro da multidão.

Ele viu a centelha de apreensão em seus olhos, mas quando chegou a hora de desviar entre os aglomerados de pessoas sendo encurraladas aos jardins, ela se provou páreo para seu ritmo e seus nervos.

Não era fácil manter as sombras reunidas em torno deles enquanto corriam para o gramado ensolarado. Os vários corpos em movimento ao redor deles era a única coisa que tinha para trabalhar, e uma vez que ele e Kaya saíssem para o perímetro da propriedade, não teria sequer essa pequena vantagem ao seu lado.

Aric aproveitou a primeira oportunidade que teve de se desviar da multidão usando a sombra atrás de uma das grandes tendas brancas para cobertura. — Merda, — ele soltou num sussurro severo. — O limite mais próximo da linha de árvores fica a cerca de 100 metros daqui. Não posso proteger nós dois tão longe em plena luz do dia, então vamos ter que correr até lá.

O rosto bonito de Kaya estava fixado num olhar de pura determinação. — Estou pronta.

Deus o ajudasse, era tudo que podia fazer para resistir a tocá-la agora. Havia caos e perigo agitando ao redor deles, mas tudo que ele queria fazer era enterrar as mãos em seu cabelo emaranhado e beijá-la. Em vez disso, arrastou seu olhar faminto de seus confiantes olhos castanhos e mediu suas chances de escapar sem ser capturado.

As probabilidades não eram boas. Os guardas se espalharam fora e sobre o gramado e os jardins em volta, alguns tentando acalmar convidados ansiosos enquanto outros vagueavam pelo terreno como soldados ansiosos por uma luta. Aric amaldiçoou baixo. Se ele e Kaya não saíssem de lá depressa, sua missão fodida iria diretamente para a zona da catástrofe.

— Ok, — ele pronunciou baixo, abrindo uma ruptura estreita. — Agora, Kaya.

Juntos, correram para a próxima tenda a vários metros de distância. Quando a ladeira ficou clara por mais um breve momento, se esconderam embaixo e embaralharam mais alguns metros ao longo da borda dos jardins, usando as sombras atrás de arbustos elaborados e fontes para escondê-los enquanto arduamente trabalhavam seu caminho em direção à densa floresta que subia como uma parede ao longo da borda mais distante da propriedade.

— Conseguimos, — Kaya disse sem fôlego enquanto se esquivavam na sombra fresca das árvores imponentes.

Aric não tinha coragem de lhe dizer o contrário. Abaixou e agarrou uma parte de sua saia rosa, fazendo com que ela suspirasse ao rasgar uma longa tira.

Ela franziu a testa quando o assistiu correr na direção oposta de onde iam e prender o pano em alguns dos espinheiros. — O que é isso?

— Os cães.

Ele os ouvia por vários minutos, latindo à distância enquanto as unidades caninas eram soltas ao longo do perímetro da propriedade.

Agora Kaya também os ouviu. Viu seu pavor aprofundar quando o latido e uivo ficaram mais altos.

Mais.

Ele pegou a mão dela. — Vamos embora. Podemos alcançar a cerca antes que estejam em cima de nós. Se os guardas mandarem mais cães atrás, seu cheiro naquele pedaço de seda os manterá ocupados por alguns minutos. Tempo suficiente para nos dar uma chance de chegar do outro lado.

Ou era o que ele esperava.

Enquanto as sombras se flexionando iria protegê-los de ser vistos, era inútil contra as capacidades de rastreamento de aroma de uma matilha de cães altamente treinados.

— Por aqui, — ele disse, levando Kaya mais fundo no matagal.

Correram como o inferno sobre o terreno desigual, esquivando-se de ramos baixos e galhos afiados que chicoteavam quando passavam. Ela ainda segurava as sandálias na mão, que seriam de pouca ajuda para ela de qualquer forma no caminho solto e rochoso que cortava através da floresta.

Se Kaya estava desconfortável, não parecia notar ou se importar. Navegou o terreno tão habilmente como ele, não importando que estivesse fazendo isso

descalça e num vestido. Ela daria uma grande guerreira um dia, desde que esta missão fracassada não os tenha expulsado da corrida.

— Ai está, Aric. — Ela apontou à frente deles, para onde um muro alto com ligações prata cobertas com arame farpado brilhando na luz esparsa da floresta.

Não só era eletrificado, mas também equipado com pequenas câmeras de vigilância. Aric os desativou com um comando mental focado. A cerca exigiria um pouco mais de esforço.

— Dê-me um de seus sapatos, — disse a ela quando se aproximaram da estrutura. Ela entregou uma das delicadas sandálias de marca e ele a jogou na cerca.

No instante do contato, um pop alto explodiu, enviando faíscas em todas as direções, como fogos de artifício. Mesmo que os 10000 volts fossem esperados, Aric amaldiçoou em frustração. Provavelmente poderia provocar um curto-circuito com sua mente, mas apenas por alguns segundos. Não o suficiente para arriscar a vida de Kaya pedindo-lhe que a escalasse.

— Ponha seus braços em volta de mim.

Ela deu-lhe um olhar duvidoso. — Para quê?

— Para que eu possa salvar seu belo traseiro. Agarre-se em mim, Kaya. Agora.

Assim que ela envolveu os braços em torno de seu pescoço, ele a trouxe perto, em seguida, saltou direto para o ar e sobre o topo de 3 metros da barricada letal.

Quando caíram suavemente no chão do outro lado, Aric achou difícil soltá-la. Seus corações corriam em ritmo semelhante, um pulsar pesado que não podia ser responsabilizado inteiramente pela adrenalina. Ele podia sentir seu sangue correndo por suas veias enquanto a segurava. Tudo de Raça nele respondeu a esse tambor constante de seu pulso.

Tudo de homem nele era dolorosamente, rigidamente, consciente da abundância de curvas exuberantes e músculo firme agora pressionado deliciosamente contra ele.

Kaya olhou para ele, o escurecimento de seus olhos castanhos fazendo seu rosto parecer ainda mais suave, menos corajoso, a parceira capaz, e mais a mulher forte e bonita que se esforçava para resistir.

Ele limpou a garganta em torno das pontas emergentes de suas presas. — Pode me agradecer agora, — ele murmurou; incapaz de resistir ao golpe sarcástico.

Se não fizesse uma piada garantida para irritá-la, provavelmente a beijaria ali mesmo.

Ela se soltou de seu abraço e cruzou os braços, embora não muito rápido o suficiente para esconder a forma como seus mamilos apertavam contra o corpete confortável de seu vestido. — Agora que estamos a meia milha na floresta, tem algum plano brilhante de como vamos voltar para o centro de comando?

— Da única forma que podemos. Caminhar mais algumas milhas para o interior. Há uma velha estrada madeireira que corta a floresta lá em cima. — Ele pegou o telefone do bolso da calça do terno. — Estou ligando para a base enviar alguém para nos encontrar lá para uma evacuação. Então você e eu teremos que enfrentar Lucan Thorne e Niko para explicar por que estamos voltando desta missão de mãos vazias.

— Não estamos.

— O que quer dizer? — Ele franziu a testa para ela, já segurando o dispositivo no ouvido. — Não estamos, o quê?

— Voltando de mãos vazias. Consegui o que a Ordem queria de Mercier. Não só isso, eu tive uma visão parcial de um membro da Opus. Ele estava aqui na recepção. Eu o perseguia pouco antes do guarda me confrontar.

— Puta merda! — Aric passou uma mão sobre a cabeça. — Está falando sério?

Ela acenou com a cabeça. — Temos o suficiente sobre Mercier para satisfazer o quartel-general, e temos uma nova pista sobre a Opus Nostrum aqui em Montreal.

— Por que não me disse?

— Acabei de dizer. — Ela deu-lhe um olhar irônico sobre o ombro quando começou a andar na frente dele, a inclinação de sua boca presunçosa. — Pode me agradecer agora.



CAPÍTULO 8

Quatro horas depois, a bravata de Kaya evaporara enquanto saía do chuveiro em seus aposentos privados de volta ao centro de comando e se enrolava num grosso roupão. As solas de seus pés eram uma machucada bagunça esfolada após a tensa fuga através da floresta ao lado da propriedade dos Rousseau, mas era seu orgulho que picava mais após uma longa sessão de interrogatório em seu retorno à base com Aric.

Os dois foram entrevistados separadamente por Nikolai na sala de guerra e Lucan Thorne relatando via vídeo de D.C. Kaya se esforçou para dar um relato completo e honesto da operação que começara tão bem, e terminou em tiroteio, morte e caos.

Tudo por causa dela.

Só podia imaginar o que Aric disse aos comandantes da Ordem em sua recontagem da missão. Ele foi convocado primeiro, e foi dispensado da sala de reunião antes que ela fosse trazida para contar o seu lado da história. Não que o culpasse se a tivesse jogado debaixo do ônibus. Não podia ter previsto seu confronto inesperado com o guarda, mas muito bem poderia ter lidado com isso melhor do que fez. Agora, em vez de uma missão cirúrgica para extrair informações e cobrir seus rastros depois, eram a causa de um espetáculo em manchetes por todo o mundo.

Kaya gemeu. Sua humilhação só se aprofundou quando pensou na terrível cobertura das notícias que Niko e Lucan mostraram para ela durante seu interrogatório. Várias câmeras de telefone capturaram o pandemônio. Convidados da recepção gritando de terror. Mesas e cadeiras tombadas como se um furacão tivesse varrido o jardim. Oficiais de segurança uniformizados brandindo armas aos encurralados elegantemente vestidos que parecia gado, enquanto ainda outros guardas vasculhavam o terreno por um assassino desconhecido em geral.

Foi apenas por algum milagre – e Aric dobrando as sombras – que conseguiram evitar ser detectados, ou pior, levados em custódia.

Embora os dois sombrios líderes da Ordem fossem impossíveis de ler durante o interrogatório, Kaya se preparava para o pior. A mochila dela já estava cheia com alguns pertences pessoais. Em sua cama estava um suéter fino e um par de jeans que planejou usar para o momento que alguém finalmente viesse acompanhá-la para fora da propriedade.

Ela vacilou quando uma batida soou em sua porta nem mesmo cinco minutos após escorregar em suas roupas. Aparentemente, não perderiam tempo em liberá-la.

— Está aberta, — disse, andando cautelosamente em seus pés descalços para o armário para recuperar suas botas.

Esperava que Nikolai pudesse mandar Mira para dar as más notícias, mas quando se virou para ver quem havia entrado, seu estômago fez um pequeno salto para encontrar Aric lá.

— Pensei em passar por aqui e ver como foi para você com Niko e Lucan.

Ele parecia incrível, recém-banhado e vestido com uma camiseta preta de musculação e calças de treino que caíam sedutoramente baixas em seus quadris. Seu cabelo castanho-dourado ainda estava úmido, as extremidades das ondas grossas enroladas em sua nuca e sobre seus olhos verde primavera.

Se ele saiu de sua reunião com a mesma sensação de desânimo que ela, certamente não mostrava. Frio e calmo como sempre, inclinou um ombro volumoso contra o batente da porta enquanto a estudava.

Quando ela não respondeu imediatamente à sua pergunta sobre seu interrogatório, seu olhar moveu-se das botas em sua mão para a mochila embalada descansando no chão. — Indo a algum lugar?

Ela tentou um indiferente encolher de ombros. — Estou preparada para o caso de estar.

Ele caminhou mais para dentro sem esperar por sua permissão, trazendo com ele o aroma florestal de sua pele limpa e cabelo, e o mais elusivo tempero masculino se entrelaçava em torno de seus sentidos como uma droga.

— Não parece do tipo que desiste tão facilmente de algo que quer.

— Bem, a vida é cheia de pequenas decepções. Acho que ajuda estar preparada. — Ela colocou as botas no chão e sentou-se na borda da cama para aliviar um pouco da dor em suas solas abusadas. — Eles te mostraram os noticiários desta manhã?

— Eu os vi. Acho que o mundo inteiro já os viu até o momento.

— Deus. — Kaya exalou uma maldição silenciosa. — Sinto muito, Aric. Realmente estraguei tudo hoje. Provavelmente para nós dois.

Ele levantou o ombro. — Nossa estratégia de saída poderia ter sido com mais sutileza, mas as coisas poderiam ser malditamente pior.

— Eu matei aquele guarda, — ela o lembrou.

— Só depois que ele disparou contra seu parceiro. Nosso objetivo da missão foi fodido assim que a arma disparou. Nada do que fez depois disso teria mudado a forma como tudo foi para o inferno. Além disso, ainda conseguimos sair de lá com informações valiosas que não só dão licença para a Ordem ir atrás de Mercier, mas também nos trazem mais perto do que nunca de um dos membros da Opus Nostrum. E isso é tudo crédito seu, Kaya.

Ela inclinou-lhe um olhar cauteloso. — Está apenas tentando me fazer sentir bem? Se assim for, não se incomode.

— Se eu estivesse tentando fazer você se sentir bem, acredite em mim, não teria que perguntar. Você saberia.

Suas bochechas queimaram quentes pela forma como sua voz baixa acariciava essas palavras. Ela não queria reconhecer a consciência que se acendeu entre eles desde o instante que se conheceram – a consciência que só se intensificou durante a missão compartilhada hoje.

— Não tem que ser bom para mim, Aric. Eu conheço meus erros.

— Eu também, — ele disse. — E nós dois cometemos alguns críticos hoje. Pode ter complicado as coisas para nós, tirando esse guarda, mas nas mesmas

circunstâncias eu faria a mesma coisa. E foi isso que eu disse à Lucan e Nikolai hoje.

— Você disse?

Ele acenou com a cabeça. — Também disse a eles que fui eu quem fodeu ainda mais por não limpar as memórias de Stephan Mercier antes de sair do pavilhão para procurar você. Era meu trabalho e não fiz. Ele provavelmente já entrou em contato com a Opus Nostrum para informá-los que algo não estava certo sobre nós.

Kaya já havia considerado essa possibilidade infeliz antes também. — Eu disse que era minha culpa você não ter tido tempo para limpá-lo. Se tivesse parado o suficiente para te dizer o que estava fazendo, você não precisaria vir me procurar. Poderia apagar nossos rastros com Mercier enquanto eu ia atrás do contato dele na recepção.

Aric grunhiu; um sorriso puxando o canto de sua boca. — Está dizendo que me cobriu, parceira? Aqui estou eu, pensando que você só queria me derrubar.

Ela riu; apesar do peso de suas preocupações. Suas chances de fazer parte da Ordem como uma companheira de equipe podia ter secado hoje, mas neste momento, apreciava o sentimento de camaradagem que compartilhava com Aric Chase. Ela o rotulou como arrogante, intitulado idiota quando se conheceram, mas olhando para ele agora ela sentiu um forte respeito, o que a surpreendeu.

E o início de um carinho que não estava nada preparada.

— Você fez bem hoje, — disse ele. — Só queria ter certeza de lhe dizer antes de sair daqui e voltar para D.C.

— Está partindo? — Por que diabos essa ideia colocava uma pontada de decepção em seu peito ela não tinha ideia. — Quando vai?

— Esta noite, provavelmente. Esta viagem a Montreal foi apenas um desvio. Até que Lucan me chamou com a missão Mercier, Rafe e eu estávamos a caminho de D.C. com a mulher que trouxemos conosco de Londres.

Oh. Certo, é claro. Kaya não foi apresentada à Siobhan O'Shea, mas Mira a informou da terrível provação que a tímida Companheira suportou na noite que Aric e Rafe a resgataram e levaram para a custódia protetora da Ordem. — Seu amigo parece gostar muito dela.

Que Rafe estivesse atraído pela bela loira era óbvio para quem visse o par juntos por alguns minutos.

Aric sorriu. — Meu amigo tem uma queda por donzelas em perigo.

— E você?

Ele lentamente sacudiu a cabeça. — Não tenho um tipo.

Kaya bufou. — Claro que não. Você é mais um agente livre, eu aposto.

Seu olhar ficou preso no dela. — Mais ou menos.

Se tivesse que adivinhar, ela iria com mais. Afinal, sentiu o calor do fascínio deste macho Raça em primeira mão. Aric Chase era carismático, magnético. E maldição se não beijava como o diabo também.

Deveria estar aliviada que estava deixando Montreal.

Especialmente depois do que aconteceu hoje.

Seu encontro com aquele oficial de segurança a deixou mais abalada do que deveria. Ela nunca viu o homem antes, mas o fato dele ter tanta certeza que a conhecia – por um nome que ela não ouvia há anos – continuou a incomodar Kaya mesmo agora, por razões que preferia não considerar.

Ela tinha segredos que ninguém sabia.

Velhos segredos, mas ainda poderosos o suficiente para destruir tudo que trabalhou para conquistar.

E se alguém na Ordem os descobrisse, não haveria lugar para ela em nenhum time. Não, eles a condenariam como mentirosa por todo o tempo que manteve esses segredos enterrados.

Pior, teriam todo o direito de considerá-la uma inimiga.

Deixar-se desviar por um jogador charmoso como Aric era um erro que se recusava a cometer. Era bom ele não ficar por perto. Se fosse esperta, desejaria que saísse de Montreal imediatamente.

E Kaya era inteligente.

Foi a única maneira de sobreviver tanto tempo.

Ela deu a Aric um sorriso irônico. — Tenho certeza que as mulheres de Washington, D.C., ficarão encantadas em tê-lo de volta.

Ele parecia querer dizer algo mais, então pensou melhor. — Na verdade, não espero ficar em D.C. por muito tempo. O plano sempre foi me juntar a uma das equipes em Seattle assim que tiver autorização para patrulhas.

O que o colocaria ainda mais longe de Montreal. Muito melhor. — O que há em Seattle?

— O pai de Rafe, Dante, chefia o centro de comando lá. Ele e meu pai foram como irmãos nos últimos 20 anos. Simplesmente parece adequado eu servir a Dante já que Rafe é um membro de uma das equipes do meu pai em Boston.

— Quer dizer, quando ele não está sendo enviado para a Irlanda com você para resgatar donzelas aleatórias em perigo?

Aric sorriu. — Algo assim, sim.

— Muito cavalheiresco, — ela devolveu, desfrutando de suas idas e vindas, apesar de sua determinação de mantê-lo à distância pelo tempo que permanecesse em Montreal. — Acho que cavalheirismo é de se esperar quando estamos falando sobre o Príncipe de ouro da Ordem.

Ele zombou. — Príncipe?

— Oh, vamos lá. Não finja que não sabe. O único nome que carrega mais peso na Ordem que sua família é Lucan Thorne. — Kaya estudou seu rosto bonito, todos os ângulos afiados e grandes olhos que combinavam para dar-lhe um olhar clássico, régio, que poucas mulheres poderiam resistir. — Quem mais conhece que pode dizer ser apenas o filho da primeira Raça fêmea Caminhante do Dia em existência e o herói da Ordem que matou aquele louco senhor, há duas décadas?

— Meu pai nunca levaria todo o crédito por isso. Ele tinha toda a Ordem com ele naquele dia, incluindo Niko e Renata. — No entanto, os olhos de Aric dançavam com orgulho familiar. — E há outra pessoa que conheço que pode fazer a mesma afirmação que eu. Minha irmã, Carys.

Kaya acenou com a cabeça na menção de sua gêmea fraterna. — Ela é muito parecida com você?

— Muito, — ele disse; um sorriso amoroso inclinando seus lábios esculpidos. — Minha irmã é uma força da natureza, sempre foi. Você gostaria dela, acho. Vocês duas têm muito em comum.

— Como?

— Inteligência. Determinação. Coragem. Beleza. — Ele sorriu. — Carys tem todas as boas características entre nós. Acho que isso faz de mim o gêmeo ruim.

Kaya sorriu. — Não sei sobre isso, — disse, resistindo a uma sensação melancólica de inveja pela maneira como ele falava tão adoravelmente sobre sua irmã. — Acho que tem algumas qualidades passáveis também.

— Pode me dar mais detalhes? Tenho um par de horas sobrando.

Ela riu. — De jeito nenhum. Não precisa de ninguém ajudando a deixar sua cabeça inchada. Muito menos eu.

Seu sorriso alargou. — Por que não me deixar ser o juiz disso?

Não foi até que ele começou a se aproximar de seu assento na beira da cama que Kaya percebeu que estava perdendo o controle da situação. Era tão fácil ser arrastada para a brincadeira com ele. Mais fácil ainda esquecer que realmente não eram amigos, que nunca seriam algo mais também. Não podia se permitir isso. Com ninguém, mas especialmente com ele.

Porque depois de apenas um dia, Aric Chase fez algo que nenhum outro homem conseguiu antes dele.

A fez se sentir segura com ele.

E essa era a coisa mais perigosa de todas.

Quando veio para ficar na frente dela, Kaya se esquivou, se abaixando até o chão. O tapete era macio debaixo de seus pés descalços, mas isso não a impediu de estremecer com desconforto.

Aric fez uma careta. — Está bem?

— Estou bem.

— Não, não está. — Sua testa se enrugou mais. — Sente-se. Deixe-me ver seus pés.

Ele não lhe deu escolha. Empurrando seus ombros com suas mãos fortes, ajustou-a na borda do colchão e se agachou na frente dela no assoalho, tomando um de seus pés ternamente nas mãos.

Ele soltou um suspiro enquanto examinava as contundidas solas dilaceradas de seus pés. — Jesus Cristo.

— Não está tão ruim assim.

Seu olhar se ergueu para ela, sóbrio, até mesmo com raiva. — Deveria ter dito algo para mim. Não teria empurrado você tão duramente através daquela floresta, Kaya. Pelo amor de Deus, poderia ter carregado você...

— O inferno que o faria. — Ela fez uma careta pela sugestão. — Nunca pediria para fazer isso por mim.

— Não me foda. Você é muito teimosa para isso.

A gentileza em sua voz só fez sua indignação pinicar mais quente. Tentou tirar o pé das mãos dele, mas ele segurou o tornozelo firmemente na palma da mão. Seu toque era quente, cuidadoso. Seu belo rosto grave com preocupação.

Ela não queria reconhecer o quão bom suas mãos pareciam sobre ela, nem como seu toque leve inspecionando os cortes e contusões em sua pele fazia seu coração disparar em seu peito, seu sangue correr como líquido derretido em suas veias.

Quando ele olhou para cima agora, podia ver um pouco da mesma tensão e consciência em sua expressão tensa. E na cintilação fraca de âmbar que iluminava as profundezas de suas íris verdes brilhantes.

Ele engoliu como se sua língua tivesse ficado grossa em sua boca. Quando finalmente falou, havia um raspar em sua voz profunda que acariciava seus sentidos como veludo.

— Vou pedir ao Rafe para vir vê-la antes de sairmos. Ele pode curar isso para você.

O toque de Aric permaneceu mesmo após dizer isso, seu polegar ociosamente acariciando os ossos finos de seu tornozelo. Deus a ajudasse, mal conseguia respirar com o atrito de seus dedos em sua pele. Ela queria que a tocasse em todos os lugares. Beijá-la sem a pretensão de uma missão secreta.

Queria essas coisas mesmo sabendo que qualquer uma delas poderia ser sua destruição.

— Aric... — ela murmurou; incerta do que queria dizer.

O som de suas unidades de comunicação zumbindo ao mesmo tempo a salvou de cair de cabeça em outro desastre com ele hoje.

Só então Aric a libertou. Ele respondeu ao chamado, levantando-se com um olhar sombrio no rosto enquanto ouvia. — Cristo. Quando? — Ele olhou para Kaya. — Estou realmente com ela agora. Tudo bem, eu a informarei. Estamos a caminho.

Kaya olhou para ele em dúvida quando terminou a ligação.

— Era Niko. Stephan Mercier está morto. Alguém cortou a língua dele cerca de uma hora atrás.



CAPÍTULO 9

Embora a morte de Mercier fosse um desenvolvimento preocupante, a interrupção não poderia ter vindo num momento melhor. Se Aric precisava ser lembrado de seu dever – e parecia muito claro que sim – a intimação de Niko foi apenas a chamada de despertar que precisava.

Não que o corpo dele concordasse com esse argumento.

Com suas veias acesas e quentes de desejo, esperou Kaya colocar um par de sapatos em seus pés feridos, em seguida, a seguiu para fora de seus aposentos.

Tocá-la foi um erro. Deveria saber que, considerando como a memória de segurá-la mais cedo hoje – beijá-la – o conduziu à distração nas últimas horas. Tudo que fez agora foi escovar os dedos sobre o tornozelo e todo o homem nele estava acordado e pulsando com necessidade de mais.

Com necessidade dela.

Enquanto caminhava pelo longo corredor ao lado dela, tentou dizer a si mesmo que a necessidade era meramente atração animal, nada mais. Ela era uma mulher bonita e ele era um homem não acostumado a negar-se qualquer um dos prazeres da vida. Era natural que a parte dele puramente masculina – e longe de ser humana – se agitasse com a necessidade de possuí-la.

Mas o que sentia olhando para os olhos de Kaya agora falava com algo mais profundo dentro dele.

A dor física o fez querer acalmá-la.

Foi a outra dor mais profunda que alarmou Aric mais. Porque ver o fez querer proteger Kaya, matar qualquer demônio que colocou tal assombro em seus olhos castanhos suaves.

Ela o chamou de cavalheiro?

Como o inferno. Praticamente bufou pela ideia enquanto via seus quadris balançando a cada passo cuidadoso, suas pernas longas e os vestígios de aroma de canela e rosas de sua pele colocando um pulsar em suas presas que não tinha nada a ver com heroísmo ou honra.

A única coisa que o salvou de provar isso para ela era um voo para fora de Montreal esta noite.

Não podia esperar que as rodas estivessem no chão.

— Entre, — Niko disse, seus olhos azul gelo graves ao saudar Aric e Kaya na porta da sala de guerra. — Chamei todos aqui para repassar as notícias que acabaram de chegar.

Reunidos em torno da grande mesa estavam Kellan e Mira, sua equipe de três guerreiros Raça sentados em frente a eles. A Companheira de cabelos pretos de Nikolai, Renata, estava na cadeira na extremidade da mesa, suas mãos magras descansando em cima de sua enorme barriga.

Rafe foi chamado para a sala de guerra também. Aric entrou e tomou a cadeira ao lado de seu amigo, permitindo que Kaya pegasse o assento mais próximo de Niko na extremidade da mesa.

— Como todos foram avisados, a operação desta manhã correu com algumas... Complicações, — Niko disse; seu tom de comando transmitindo apenas aceitação fria, não censura. — Aparentemente, essas complicações chamaram a atenção da Opus. Há cerca de uma hora, soubemos que o veículo de Stephan Mercier foi encontrado num estacionamento no centro. Seu motorista e guarda-costas foram fuzilados em estilo de execução. A morte de Mercier não foi tão misericordiosa.

Nikolai bateu numa tela construída na superfície de vidro ao lado dele e uma imagem holográfica se formou no centro da mesa longa. A foto era horrível. O corpo de Mercier estava espalhado por todo o banco traseiro de couro encharcado de sangue, sua cabeça virada para trás num ângulo grotesco. Sua boca estava aberta, nada mais que vazio preto estendido num grito permanente.

Na outra extremidade da mesa, Renata fez um barulho de engasgos e virou o rosto de lado. — Jesus.

— Ah, merda. — Niko cortou o visual de uma só vez. — Desculpe, amor.

Mira alcançou a mão da outra mulher. — Rennie, está bem?

Renata deu um aceno vacilante, seu Long Bob no queixo balançando. — Vou ficar, uma vez que este bebê finalmente decida chegar.

— Não acho que vá demorar muito agora, — Mira disse, sorrindo ternamente para a Companheira que tanto era uma amiga como mãe adotiva desde que tinha oito anos de idade. — Mal posso esperar para abraçar meu irmãozinho.

Do outro lado de Aric, Rafe grunhiu. — Pode ter que lutar com minha mãe para chegar até ele.

— Ou a minha, — Aric disse, rindo agora. — Inferno, até mesmo Carys está fazendo planos para estar aqui com o resto da Ordem para a cerimônia de nascimento e apresentação. Esse garoto não terá falta de atenção uma vez que faça sua aparição.

Renata sorriu. — Será bom ter todos juntos de novo. — Ela disparou um olhar irônico até a mesa para seu companheiro guerreiro. — E estou ansiosa para voltar às patrulhas, logo que for capaz, também.

Não era nenhum comentário à toa. Renata era uma das mais ferozes e hábeis guerreiras da Ordem. Além do quarteto de adagas que era conhecida por carregar, ou qualquer uma das outras armas que se provava letalmente qualificada para uso em combate, também era dotada de uma imensa capacidade. Armada com apenas o poder de sua mente, Renata podia imobilizar e debilitar qualquer um que se atrevesse a atravessá-la.

A gravidez silenciou essa habilidade, como fazia com todas as Companheiras, mas uma vez que desse à luz o dom retornaria. E também passaria para seu filho, que seria praticamente imparável quando chegasse à idade adulta.

— Não sei se gosto desse plano, — Nikolai disse. Sua testa estava vincada com uma carranca, mas o olhar que mantinha em sua mulher era preenchido por adoração. — Gosto de te ver com meu filho. Talvez devêssemos ter uma dúzia de bebês antes que eu a deixe se vestir para a patrulha novamente.

— Antes de me deixar, vampiro? — Ela estreitou seus olhos verde-jade, mesmo enquanto um sorriso estendia seus lábios. — Talvez em vez de dar-lhe uma dúzia de bebês, eu deveria te pendurar e usar minhas lâminas para...

— Tudo bem, — ele disse, rindo com ela. — Posso ver que esta não será uma negociação fácil. Não que algo seja fácil com você, amor.

Ela arqueou uma sobrancelha escura. — Você fica entediado quando as coisas são muito fáceis. É por isso que não pode viver sem mim.

Ele deu-lhe um olhar privado e íntimo. — Apenas uma das muitas razões.

Apesar de tentar resistir, o olhar de Aric desviou-se para Kaya. Ela assistia a troca entre seu comandante e sua Companheira em silêncio, um pequeno sorriso inclinando os cantos de sua boca. Aric tinha a sensação que ela seria do tipo de mulher que manteria seu companheiro em suas mãos também. E por que a noção de Kaya com outro macho Raça o agulhava com uma pontada de aborrecimento, não queria saber.

— De qualquer forma, — Renata disse para Nikolai, gesticulando para que ele continuasse. — Estava nos contando sobre o pobre Stephan Mercier e sua língua perdida.

— Sim. — O comandante limpou a garganta e voltou ao negócio em mãos. — Não há necessidade de adivinhar quem o matou. Se a Opus suspeita que foi comprometido por nós, ou se sabem que é um fato, essas pessoas não deixam fios soltos.

— Não, não deixam, — Rafe concordou. Olhou de volta para Aric para fixar Kaya num olhar astuto. — Falou com Mercier mais tempo. Deu a ele alguma razão para pensar que era um agente da Ordem?

— Jesus, Rafe. Claro que não. — A resposta de Aric soou defensiva, mesmo para seus próprios ouvidos.

— Apenas tentando juntar as coisas na minha cabeça, — disse Rafe.

E enquanto sua pergunta não estava fora dos limites, Aric conhecia seu amigo muito bem e por muito tempo para descartar a intensidade de sondagem do olhar que ainda tinha sobre Kaya.

— Talvez tenha se entregado para Mercier sem perceber, — sugeriu Rafe.

Aric esperou para ouvir Kaya negar, mas quando olhou para ela, ele encontrou sua expressão menos que certa. — Não acho que ele sabia que eu estava com a Ordem. Não que tenha me transmitido através de seus pensamentos, de qualquer maneira.

— Mas não pode ter certeza? — Rafe pressionou.

Ela hesitou. — Não posso ter certeza. Ele disse algumas coisas sobre a Raça — pensava algumas coisas que não podia me omitir.

— Como?

— Que a Raça são monstros. Um flagelo que merece ser apagado da existência.

Aric grunhiu. — Não é a primeira vez que ouvimos isso.

— Nem será a última, — Nikolai terminou severamente.

Kaya balançou a cabeça, raiva subindo para corar suas bochechas. — Mercier falava sério sobre isso. Estava alegre com a ideia de que poderia ter algo a ver com a guerra acontecendo entre humanos e Raça. Não podia ficar lá e deixá-lo vomitar seu ódio na minha frente. Acho que senti que o idiota precisava ser corrigido em algumas coisas.

— Ei, já estive lá antes também, Kaya. — Mira deu à sua amiga um olhar suave do outro lado da mesa. — Mas como guerreira, tem que deixar sua emoção na porta.

— Ou arriscar toda a missão, — acrescentou Rafe.

— Não queria colocar nada ou ninguém em risco, — respondeu Kaya, abertamente arrependida. — Mercier estava injustamente ridicularizando as pessoas que são importantes para mim, pessoas por quem eu daria a minha vida. Ele estava errado, então o lembrei de que era a Opus Nostrum que estava por trás de toda a violência recente e divisão.

— E agora perdemos a liderança que você foi lá para confirmar, — disse Rafe. — Foi um erro de principiante. Operação secreta significa sempre ficar dentro de seu disfarce.

— Sim. — Kaya manteve seu olhar perscrutador. — Sei o que significa.

— Droga, Rafe. — Aric atirou em seu companheiro um olhar duro. — Vá com calma com ela, cara. Esta foi sua primeira missão de campo e ela foi ótima. Então, perdemos Mercier. Era escória de baixo nível. Pelo menos Kaya tirou-lhe alguma informação útil. E também nos proporcionou uma liderança ainda mais forte na Opus.

— Isso mesmo, — Niko concordou. — Isto é, se pudermos identificar o homem que ela viu saindo da recepção.

A sobrançelha de Kaya beliscou com arrependimento. — Gostaria de ter dado uma olhada no rosto dele. Mesmo um vislumbre seria algo útil.

— Você teria, se o guarda de segurança não ficasse no seu caminho, — Aric apontou.

— O que sabemos sobre ele? — Renata perguntou da extremidade da mesa, sua mão ociosamente acariciando a saliência de sua barriga. — Fomos capazes de descobrir alguma coisa?

— Fomos, — Kellan ofereceu ao lado de Mira. — Seu nome era Jacob Portman. Um verdadeiro pedaço de merda, se me perdoa meu francês. Estava na segurança da Rousseau há cerca de um ano. Fez seu treinamento como oficial da JUSTIS, fazendo patrulhas portuárias no rio há alguns anos, mas foi expulso por força excessiva após matar um jovem Raça desarmado embaixo das docas. Esvaziou sua pistola de serviço nas costas do garoto, de acordo com os arquivos.

Aric encontrou o olhar doentio de Kaya. — Parece que fez um favor ao mundo ao derrubar aquele monte de lixo.

— Isso não é tudo, — acrescentou Mira. — Diga a eles o que mais descobriu sobre ele, Kellan.

Ele acenou com a cabeça. — Portman costumava correr com uma variedade de grupos militantes quando era adolescente. O chamavam de *vermelho* naquela época.

— Que original, — Aric falou devagar, imaginando a coroa humana de cabelo ruivo brilhante.

— De acordo com seu arquivo juvenil, seus companheiros de gangue o chamavam assim, principalmente porque gostava de ver as coisas sangrarem, — disse Kellan. — Especialmente coisas com presas.

Nikolai amaldiçoou sob sua respiração. — Parece que Portman poderia estar maduro para a doutrinação pelo Opus também. Acha que ele confrontou você porque suspeitava que fosse parte da Ordem, Kaya?

Ela estava muito quieta, muito imóvel. Olhou para cima agora, quase como se estivesse afastada em algum lugar. — Desculpe?

— Portman, — Niko solicitou. — Disse que ele achava que conhecia você de algum lugar.

— Isso foi o que ele disse. Mas estava errado. — Sua resposta era resoluta, sem um segundo de hesitação. — Nunca o vi antes de hoje. E juro para você que ele nunca me viu antes, também.

— Acha que ele estava mentindo? — Mira perguntou. — Ou estava apenas enganado?

Kaya balançou a cabeça. — Não posso dizer com certeza. Talvez eu apenas tenha um rosto comum.

Aric deu-lhe um olhar tranquilizador. — Não um rosto que eu jamais vá confundir com outro.

Seu olhar permaneceu nele por um longo momento antes de desviar, a cor inundando suas bochechas. Quando ela falou, sua voz era macia e sóbria.

— Falhei com todos hoje, e sinto muito. A última coisa que queria era decepcionar qualquer um de vocês. Agora, estraguei tudo. A filmagem da recepção é viral. É quase certo que a Opus Nostrum sabe que estão na mira da Ordem novamente. Mercier está morto, e a única pista que poderia valer a pena escapou do local antes que eu pudesse chegar perto o suficiente para identificá-lo.

— Talvez não. — Niko se inclinou para frente em sua cadeira. Tocou o painel novamente e desta vez uma exibição cheia de dados e arquivos de fotos apareceu no centro da tabela. — Gideon enviou todas as câmeras de vigilância e imagens de vídeo capturadas na propriedade de Rousseau hoje. Temos a lista de convidados do casamento e da recepção, bem como registros de todos os veículos que passaram pelos portões. Tudo que tem a fazer é pentear tudo isso até encontrar nosso suspeito desconhecido.

— Deve haver milhares de fotos e registros, — Kaya murmurou.

A boca de Niko se curvou. — Considere penitência. Você também, Aric.

— Senhor? — Ele franziu a testa. — Deveria voltar para D.C.

— E vai. Depois que você e Kaya passarem por essa informação. — Niko olhou para Rafe. — Vai ficar por aqui também. Já esclareci isso com Lucan. Agora que sabemos que temos uma pista da Opus aqui em Montreal, poderia usar um par extra de botas no chão.

— Você conseguiu, — disse Rafe. — Não tem nada que prefira fazer que ajudar a colocar outro membro da Opus no chão.

— Não sei sobre isso. — Aric sorriu para seu amigo. — Parece que há uma coisa que preferiria estar fazendo.

A intensidade de Rafe de um momento atrás se difundiu com o gracejo – e na referência à fêmea que passou quase todo seu tempo desde que chegaram a

Montreal. Ele deu um leve golpe no ombro de Aric, mas não conseguiu conter seu sorriso.

Do outro lado da mesa, Mira ergueu as sobrancelhas. — Então é verdade? Não me diga que o Indomável Rafe Malebranche pode finalmente ter encontrado sua adversária.

Que ele não negasse completamente ou tentasse desviar com qualquer uma das dezenas de razões que usou no passado para explicar por que não tinha interesse em se estabelecer foi resposta suficiente para Aric.

— Puta merda, — Aric pronunciou; chocado e espantado. — Está se apaixonando por Siobhan O'Shea?

Rafe não teve chance de responder. Nesse mesmo momento, Renata assobiou, seu rosto apertado de dor.

— Querida. — Niko voou de seu assento e estava ao lado dela num flash de movimento. Ele se agachou ao lado dela, um olhar de puro terror em seus olhos. — Está bem? É o bebê? Ah, foda-se. Ele está vindo agora?

— Relaxe, — ela disse; sua voz em rajadas em torno de um suspiro. — É uma contração, só isso.

Niko fez careta. — Estão indo e vindo nos últimos dois dias.

— Sim. — Ela estendeu a mão e abarcou sua bochecha. — Estou bem. Confie em mim, saberá quando for a hora de nosso filho fazer sua grande entrada.

— De qualquer forma, estou levando você para a cama, — Niko rosnou. Olhou por cima do ombro para Mira. — Vai lidar com os planos da patrulha da noite para mim?

— É claro. — Ela acenou com a cabeça, seu sorriso cheio de amor e compaixão pelo casal que eram seus pais e seus amigos. — Tenho isso. Cuide de Rennie.

Com o comandante e sua Companheira saindo da sala de guerra, Mira reuniu Rafe e Kellan e sua equipe numa das áreas de conversa, longe da mesa de conferência.

Aric olhou para Kaya, ambos largando seus próprios dispositivos quando o esquadrão começou a falar de táticas de atribuições de território.

— Acho que devemos começar também.

Ela acenou com a cabeça. — Sinto muito que esteja preso aqui um pouco mais. Sei o quanto esperava voltar à sua vida em D.C.

— Posso pensar em coisas piores.

Ele estava brincando, mas ela não sorriu. Em vez disso, tocou o painel embutido no vidro na frente dela na mesa e abriu o primeiro de inúmeros arquivos de dados.

— Vamos começar? — Ela perguntou, e ele apenas assistiu por um longo momento. Seu rosto era totalmente indiferente, impossível de ler. — Quanto mais cedo passarmos por tudo isso, mais cedo podemos seguir com nossas vidas.

— Sim, — Aric concordou, dizendo a si mesmo que a picada que sentia era apenas orgulho masculino ferido e nada mais profundo. — Acho que está certa. Vamos acabar com isso.



CAPÍTULO 10

— Quantos arquivos mais de imagem sobraram nessa pasta em que está trabalhando, Kaya?

Ela olhou para a contagem em aberto em seu Tablet e gemeu. — 2462.

— Grande, — disse Aric. — Isso significa que estamos quase terminando.

Ela balançou um olhar esperançoso para ele. — Estamos?

— Com o primeiro lote, — ele disse; um flash de covinhas em seu rosto descansado.

Kaya caiu em sua cadeira e exalou um longo suspiro.

Trabalhavam na sala de guerra por mais de cinco horas com apenas uma parada. Em algum momento, ela recorreu a um café forte, apenas para manter suas pálpebras abertas e seus olhos vultos enquanto ela e Aric vasculhavam arquivo após arquivo de fotos e imagens de vídeo tomadas durante o casamento e recepção de Stephan Mercier e Anastasia Rousseau.

— Por que o contato da Opus de Mercier não nos fez um favor e sorriu direto para qualquer uma das dezenas de câmeras de vigilância manipuladas por toda a propriedade?

Aric riu. — Onde está o desafio nisso? Não pode culpar o cara por se esconder na multidão e manter seu rosto escondido cada vez que estava perto de uma câmera. Membros da Opus não tendem a viver muito tempo uma vez que a Ordem descobre quem são.

Kaya fez uma careta. — Bem, acho a cautela dele irritante.

Ao lado dela na mesa de conferência, Aric passou através de seu arquivo aberto de imagens, mal pausando mais de um momento em qualquer um deles. Ela assistiu, fascinada pela rapidez com que sua mente funcionava. Sua memória impecável podia ter sido herdada de sua mãe, mas o intelecto afiado de Aric e o foco afiado eram todos seus.

E caramba, se não fosse malditamente sexy.

Ele deslizou seu Tablet na direção dela e apontou para um homem de côcoras, de cabelos escuros na foto no display. — É ele?

Ela balançou a cabeça. — Juro, se tiver que passar mais um minuto olhando pomposas pessoas ricas bebendo litros de champanhe e comendo pratos de mil dólares de caviar, vou gritar.

— Tem algo contra pessoas ricas? Ou apenas pessoas se divertindo?

— Não tenho nada contra as pessoas se divertirem.

— Isso é um alívio. — Ele riu e ela cometeu o erro de olhar para ele. Ele olhava para ela agora, estudando-a com um interesse sem pressa que fez seu estômago revirar. — Então, só as pomposas pessoas ricas que fazem você querer gritar?

Para mascarar sua súbita consciência dele, ela deu-lhe um olhar atravessado. — Se a carapuça serve.

— Com licença? — Ele girou em sua cadeira para encará-la, suas sobrancelhas franzidas. — Acabou de me chamar de rico?

Rindo, ela pegou sua caneca meio vazia de café frio e segurou-a perto quando olhou para ele. — Bem, você não é? Rico, quero dizer.

— Claro que não. Eu não. Sou apenas um soldadinho tentando encontrar meu próprio caminho fazendo algo em que acredito. — Ele se inclinou contra seu assento, parecendo casual e muito atraente para sua paz de espírito. — Se fala da minha família, porém, fizeram tudo certo. Mas os Chase trabalharam duro por tudo que têm. A maioria dos homens da minha família fez sua vida no serviço público. Meu pai foi o primeiro da nossa linha a aderir à Ordem.

— Não sabia disso. — Kaya encolheu os ombros. — Ouvi alguns dos comandantes da Ordem chamá-lo de *Harvard*. Então acho que só assumi...

— O apelido veio do pai de Rafe, Dante. Não era para ser um elogio, mas pegou. — Um sorriso puxou a boca numa inclinação encantadora. — Agora só os amigos mais próximos do meu pai o chamam assim.

Kaya sorriu, pensando na amizade fácil que Aric parecia ter com Rafe. — Suponho que faz sentido que você e Rafe sejam tão próximos. Vocês dois agem como irmãos.

Ele acenou com a cabeça. — De todas as maneiras que importam, nós somos.

Ela esperou que seu olhar desviasse, mas ele se manteve firme. Esse olhar penetrante parecia tão afiado como uma navalha enquanto ela o estudava.

— E você, Kaya?

— E eu? — Ela olhou para longe quando a intensidade de seu escrutínio tornou-se demais. Em vez disso, se ocupou com outra imagem da recepção tirada antes da festa eclodir em caos.

Os olhos de Aric permaneceram sobre ela, tão firmes e diretos como uma carícia. — Tem amigos na Ordem, mas quem eram seus amigos antes de vir para cá? Onde está sua família?

— Tenho todos os amigos que preciso aqui no centro de comando. Eles são a única família que preciso.

— É por isso que significa tanto para você fazer parte da equipe? — Ele perguntou suavemente. — Porque a Ordem é a única família que você tem?

— Sim. — Uma respiração trêmula vazou antes que ela pudesse evitar. — E porque sem a Ordem, não tenho nenhum outro lugar para ir.

Ela se surpreendeu, dando-lhe a verdade. Ela era amiga de Mira por mais de um ano e nunca disse essas palavras em voz alta para ela.

Mas dizê-las para Aric parecia seguro, de alguma forma. Talvez porque ele iria embora logo.

Talvez porque olhava para ela com tanto cuidado e interesse genuíno, ela não poderia negá-lo, mesmo se tentasse.

E isso era uma coisa perigosa.

Ele se inclinou para frente, chocando-a quando sua mão cobriu a dela sobre a mesa. Seu coração bateu contra suas costelas quando seu polegar acariciou as costas de seus dedos. Sabia que deveria se afastar de seu toque não convidado, mas Deus a ajudasse, mal podia se mover.

Mal podia formar um pensamento lógico quando a outra mão chegou para acariciar seu rosto. A palma estava quente e forte contra seu rosto, os dedos dolorosamente macios. Mas não havia suavidade nos olhos dele. Brilhavam com fome predatória, manchas de luz âmbar rapidamente devorando o verde brilhante de suas íris.

Kaya engoliu. A mudança no ar entre eles mudou repentinamente, transformando-se em algo escuro e sedutor. Estavam à beira desta mesma queda íngreme mais cedo esta noite em seus aposentos, antes da chamada de Niko interrompê-los. Ela estava contando a fuga estreita como uma bênção, mas agora percebeu que o adiamento só aumentou o desejo que tinha por este homem.

Por este poderoso Raça que a fazia ansiar por algo mais que apenas o dever e foco. O olhar quente e faminto de Aric deslizando de seu rosto até o pulso que martelava freneticamente na coluna de sua garganta a fez desejar todas as coisas que nunca sonhou que poderia ter.

E nunca o faria.

Não quando um laço de sangue deixaria todos os seus segredos nus, deixando-a sem nenhum lugar para se esconder.

— Kaya. — Ele falou o nome dela num rosnado baixo, sobrenatural e sombrio. E a puxou para ele.

Antes que percebesse o que fazia, seu corpo inteiro arqueou em seu toque persuasivo, movendo-se lentamente, sem resistência, ao seu beijo.

Os lábios dele roçaram sobre os dela, o movimento desvendando algo profundo dentro dela. Calor espiralou ao longo de suas terminações nervosas e em seu sangue, acendendo um caldeirão em seu núcleo. Ela engasgou com a rapidez de sua resposta a ele. Excitação tão poderosa que a deixou cambaleando. Ele capturou seu grito sem palavras com a boca, a língua dele passando seus lábios selados num gemido faminto.

Kaya não lutou contra o poder que tinha sobre os seus sentidos.

Ansiava a sensação de rendição que sentia nos braços dele.

Ela o queria – tanto que o som de riso e conversa à deriva no corredor levou vários segundos para se registrar em sua mente.

Mira e Kellan. Junto com Torin, Balthazar e Webb.

Oh, meu Deus. A equipe inteira voltou da patrulha e agora estava vindo para cá.

Kaya se afastou de Aric, lutando para voltar ao seu assento. Que raio se passava com ela? Mortificada por seu lapso de julgamento e controle, era tudo que podia fazer para se recompor e se preparar para enfrentar seus companheiros quando o grupo convergiu para a sala de guerra.

Aric, no entanto, não mostrava sinais externos de modéstia. Inclinando-se contra sua cadeira, seus olhos ainda brilhando com faíscas de fogo, olhava apenas para Kaya quando os guerreiros se derramaram dentro.

— Ei, vocês dois! — Mira entrou sob o abrigo do braço de Kellan, riso dançando em seus olhos. Estava recém-banhada e vestida com roupas casuais, como seu companheiro e o resto de sua equipe. — Viu, pessoal? Disse que ainda estariam aqui trabalhando.

— Ou algo assim, — Torin disse, ganhando baixos risos de Bal e Webb.

Kaya gemeu interiormente, sabendo que era inútil tentar negar qualquer coisa. Especialmente perto de Torin, cujo dom único Raça permitia-lhe ler o barômetro emocional de qualquer espaço que entrasse. Se o vampiro alto com a gloriosa juba de cabelo longo decidiu ler o ardente estado emocional da sala agora, seu rosto não mostrou nada.

Kaya limpou a garganta. — Estávamos prestes a fazer uma pausa. Não é verdade, Aric?

Ele apenas grunhiu em resposta, um sorriso arrogante brincando no canto da boca. Embora seus amigos pudessem fingir não notar, ela pode ver a plenitude de suas presas atrás de seus lábios sensuais. Apenas a ideia fez seu pulso acelerar com uma emoção indesejada.

O olhar de Mira ricocheteou entre eles em dúvida. — Ok, — ela disse lentamente. — Bem, nós vamos sair por um tempo no terraço. Quando estiver pronta para fazer uma pausa de... O que quer que esteja fazendo... Venha se juntar a nós. Isso significa você também, Aric.

Sem esperar por mais discussão, a pequena capitã saiu da sala de guerra com seu companheiro e camaradas flanqueando-a.

Kaya ficou sentada depois que saíram. — Vá, se quiser. Vou ficar e tentar passar por mais alguns desses arquivos.

Aric levou um longo momento antes de se mover. Então se levantou da cadeira e a rolou de volta no lugar na mesa. Kaya fechou os olhos, segurando a respiração que estava congelada em sua garganta enquanto esperava ouvir seus

pés atravessando o piso. No silêncio interminável, alcançou seu Tablet e bateu para abrir outra das pastas de imagem.

As mãos de Aric descansaram suavemente em seus ombros. — O trabalho pode esperar um pouco.

Ela girou a cabeça, preparada para uma dúzia de desculpas a respeito de porque preferia ficar. O sorriso torto de Aric fez com que todos aqueles protestos coxos secassem antes de chegarem à sua língua. Ele ficou atrás dela, uma parede de calor, músculo e perigosa tentação.

E aquelas covinhas devastadoras seriam sua desgraça.

— Venha comigo, — ele disse; sua voz um rosnado baixo. — Dizem que você não tem nada contra as pessoas se divertindo.

Sua respiração reprimida escapou numa risadinha. Contra todos os melhores julgamentos e os inúmeros sinos de advertência lhe dizendo que seria melhor guardar seu coração, tanto quanto qualquer outra parte de sua anatomia perto deste macho, ela fechou seus arquivos e caminhou com Aric até o terraço iluminado atrás da mansão do centro de comando.

Era uma agradável noite de verão, apenas uma brisa soprando sobre o grande pátio, onde uma fogueira ardia e tochas altas iluminavam o grupo recolhido lá. Mira, Kellan e os três machos Raça de seu esquadrão estavam sentados ao redor da fogueira, rindo e conversando como família.

Rafe estava lá também. E não estava sozinho. A Companheira irlandesa, Siobhan, ocupava um pequeno banco de pedra junto com ele. Amontoada contra ele, ela estava embrulhada num cobertor, apesar da noite quente. Se os olhares doces e tímidos que a beleza loura dava a Rafe eram qualquer coisa, Kaya suspeitava que todo o frio que podia sentir era principalmente uma desculpa para permanecer perto do bonito macho Raça.

Rafe enviou um aceno de saudação quando notou Aric e Kaya indo se juntar a eles. Como o resto da equipe, ele teve tempo para tomar banho e mudar sua farda de patrulha e armas. Vestido com jeans desbotados e uma camiseta escura, Rafe tinha, sem esforço, boa aparência dourada, mas os instintos astutos de um guerreiro. Kaya obteve um gosto desse último lado na sala de guerra mais cedo esta noite.

— Vamos, — Aric disse, incentivando-a a segui-lo quando ela hesitou.

Ela foi junto, apenas porque o único assento restante era do outro lado do banco, situado ao lado de Rafe e Siobhan.

Kaya viu o sorriso de Mira, em seguida, ela sussurrou algo para Kellan quando a viu atravessar o terraço de tijolos com Aric. A música fluía do sistema de som, juntando-se a calmaria confortante de conversas e ocasionais risos. Era uma das coisas que Kaya amava mais em noites como esta, o ritual de pós-patrolha que o esquadrão muitas vezes apreciava. Mesmo que ainda tivesse que acompanhar a equipe numa missão formal, Kaya aproveitava o tempo que passava com Mira e os outros após seu retorno à base a cada noite.

Mas hoje estava tudo diferente.

Caminhar ao lado de Aric, então sentar ao lado dele no banco dava a sensação de ser parte de uma unidade diferente. Uma que ela não pertencia, nem jamais poderia.

— Como foi lá na cidade esta noite? — Aric perguntou ao seu amigo.

Rafe levantou o ombro. — Sem complicações. Não foi o tipo de noite que estávamos procurando. Sacudimos alguns dos suspeitos de costume para obter informações, mas ninguém parece saber nada sobre Mercier, além dele fazer manchetes com seu casamento na família Rousseau. E sua saída abrupta.

— Ou então não estão falando, — Kaya interveio.

Aric acenou com a cabeça. — Boa chance disso. Especialmente depois que a Opus deixou claro como se sentem sobre potenciais vazamentos em suas fileiras. Difícil contar segredos da Opus quando está perdendo sua língua.

O olhar de Rafe desviou-se para Siobhan, que estremeceu no conforto de seu fino cobertor com a menção da Irmandade terrorista. Era uma das poucas pessoas capazes de se considerar sortuda o suficiente para sobreviver à ira da Opus. Uma espectadora inocente, ela foi espancada e deixada para morrer em seu apartamento fora de Dublin apenas algumas noites atrás, depois que seguidores da Opus invadiram e assassinaram sua companheira de quarto, Iona Lynch.

Kaya sorriu para a Companheira. — Oi. Ainda não nos conhecemos.

— Ah, merda, — Rafe disse, juntando uma mão sobre a cabeça. — Desculpe por isso. Kaya, esta é Siobhan.

A jovem balançou o queixo em reconhecimento. — Olá, — ela murmurou. — Prazer em conhecê-la.

— O mesmo, — Kaya disse quando ela e Aric sentaram-se no banco vizinho.

Rafe inclinou-se para frente, seus antebraços apoiados nos joelhos. — Ouça, Kaya, me desculpe se fui muito interrogativo durante a reunião mais cedo esta noite.

Ela encolheu os ombros e balançou a cabeça. — Tudo bem.

— Não, não está, — disse Aric. — Meu amigo estava sendo um cretino, então o deixe se desculpar.

— O que aconteceu? — Siobhan perguntou, girando para encarar Kaya.

Rafe passou o braço em torno dos ombros pequenos de sua companheira. — Falávamos de uma missão que não foi tão tranquila quanto deveria. Só queria ser claro em alguns dos fatos, mas acho que estava pressionando Kaya muito duro.

— Nada que eu não pudesse lidar.

— Sim, notei. A Opus Nostrum é uma merda séria, — acrescentou. — Acho que é difícil desligar meu treinamento quando se trata desses bastardos e da escória inútil que são leais a eles.

Kaya acenou com a cabeça. — Me sinto da mesma maneira. E se pudesse mudar qualquer coisa que aconteceu hoje, acredite em mim, eu o faria.

Rafe sorriu. — Preferia ouvir que este Caminhante do Dia pomposo levou um tiro na bunda em vez de seu braço, mas ninguém me perguntou.

Aric bufou. — Ninguém está perguntando agora também, noturno.

— Ignore-o, — disse Rafe. — Eu costumo fazer. — Ele estendeu a mão para ela. — Desculpas aceitas?

— Não o deixe sair muito fácil, Kaya. Lembre-se, você sangrou nessa missão hoje também.

Rafe franziu a testa. — Sério?

— Na verdade, não. Não foi grande coisa.

Aric deu-lhe um olhar sóbrio. — Eu a fiz correr descalça por dois quilômetros através do terreno arborizado.

As sobrancelhas loiras de Rafe arquearam. — E você me chamou de cretino?

— Mostre para ele, Kaya.

— Quê? Não. — Ela balançou a cabeça, mortificada que Aric estava dando importância a alguns arranhões e hematomas. Ela sofreu lesões piores apenas tentando viver o dia-a-dia nas ruas quando era criança. — Sério, estou bem.

Rafe já estava fora de seu banco e de pé na frente dela. — Deixe-me ver.

— Você deve, — Siobhan falou. — Rafe pode ajudá-la. Ele me ajudou também.

Kaya suspirou. Só porque estavam dando-lhe pouca escolha, tirou os sapatos e esperou enquanto o amigo de Aric olhava suas feridas. — Isso dói?

Sua palma pressionou plana contra a sola abusada. — Não, não dói.

Na verdade, parecia muito bom. Calor impregnava sua pele macia, acalmando-a.

Curando.

— Sente isso? — Aric perguntou, observando seu rosto atentamente enquanto seu companheiro levava embora sua dor e ferimentos.

Ela acenou com a cabeça. A habilidade de Rafe era incrível, mas ela ficou ainda mais cativada pelo olhar carinhoso e íntimo nos olhos de Aric.

— Eu sinto isso, — ela murmurou; insegura se falava sobre o calor e a luz restaurando seu corpo, ou a maior sensação que sentia cada vez que estava perto deste macho Raça.

— Boa como nova, — Rafe anunciou um momento depois, sua voz profunda cortando através da névoa de suas emoções entrelaçadas. — E bem a tempo para um pouco de dança.

Alguém ligou o som numa música lenta — Kellan, pelo que parecia. Ele segurou a mão de Mira e a guiou até o centro do enorme terraço, girando-a e, em seguida, puxando-a contra ele. O casal colado balançava num abraço próximo, olhos travados um no outro.

Rafe murmurou algo para Siobhan, então os dois se levantaram e se juntaram a Mira e Kellan. Kaya observou-os todos por um tempo, desesperadamente, dolorosamente consciente da coxa de Aric pressionando a sua no banco que compartilhavam. O calor corporal dele infiltrando-se em sua pele e ossos, na corrida do sangue por suas veias.

Ela ficou aliviada ao ver Torin e Bal se levantar de seus lugares ao redor da fogueira e passear até ela e Aric. Webb já havia desaparecido na noite, indo onde quer que fosse que preferisse passar seu tempo.

Os dois guerreiros acenaram com a cabeça para Aric quando se aproximaram. — Vamos voltar à cidade para procurar hospedeiros de sangue antes do toque de recolher, — disse Bal. — Quer se juntar a nós?

— Não, obrigado. — A resposta de Aric foi imediata. — Me alimentei antes de sair de Londres. Estarei de volta em D.C. antes de precisar encontrar uma veia de novo.

Os dois vampiros olharam para Kaya. Torin teve a audácia de piscar para ela. Era tudo que podia fazer para não saltar acima e arrancar o olhar divertido de seu rosto.

— Você deve ir, — ela disse para Aric quando seus companheiros se afastaram. — Não precisa me fazer companhia. Estava prestes a me recolher.

Aric sorriu. — Sempre tentando se livrar de mim. — Ele se levantou, e segurou a mão dela. — Vamos, Sra. Bouchard. Pelo que me lembro, nunca terminamos nossa dança.



CAPÍTULO 11

Pela segunda vez em menos de vinte e quatro horas, Aric encontrou-se segurando Kaya nos braços enquanto um cantor bradava sobre o verdadeiro amor e felizes para sempre. Sentimental, contos de fadas que deveriam fazer seus dentes doerem por sua doçura impossível. Mas não eram seus molares que doíam enquanto Kaya balançava contra ele.

Em todos os lugares que seus corpos roçavam, correntes de calor elétrico crepitavam em sua pele. Em vez de fazer piadas ou procurar outras formas de demonstrar que não era suscetível ao tipo de fraqueza corações-e-flores que parecia ter atingido os outros dois casais dançando nas proximidades, Aric encontrou-se atormentado pelo lindo rosto de Kaya na meia luz do terraço.

Suas veias palpitavam, uma necessidade possessiva surgindo dentro dele enquanto se movia no ritmo da música e tentava não imaginar o quão macia ela era, como o perfume dela fazia sua boca pulsar com a presença de suas presas.

Droga.

Talvez devesse ter ido com os colegas de Mira para procurar um hospedeiro de sangue. Era verdade que não precisaria do alimento por dias, mas isso tinha pouco a ver com a fome que lutava desde seu primeiro gosto de Kaya. Beijá-la da primeira vez foi um erro impulsivo, embora um que nunca poderia se arrepender.

Beijá-la novamente na sala de guerra esta noite foi pior que impulso ou erro. Ele foi possessivo, uma compulsão que não podia lutar, mesmo que tentasse. Que

ainda precisava lutar. Agora, tentando não imaginar os dois nus e num emaranhado suado, sua mente se recusava a obedecer.

O fato de que ela parecia encontrá-lo com igual paixão cada vez que a beijou só fazia seu desejo queimar mais quente. E agora que estava em seus braços novamente, custou tudo que tinha apenas para manter esse desejo em rédea curta. Especialmente quando ela olhou para ele, uma nota de prazer em seus olhos castanhos escuros.

— Vai me dizer o que esse sorriso enigmático é ou me deixará adivinhar?

Ela encolheu os ombros, ainda observando-o com um interesse ávido que fez seu pulso chutar num nível mais alto. — Só pensava que se as coisas não funcionarem para você com a Ordem, talvez devesse fazer dança de salão.

Ele se engasgou com uma risada. — Oh, obrigado. Lembre-me de nunca vir a você por conselhos de carreira.

Seu sorriso brilhou branco, a alegria em seu rosto totalmente cativante. — Falo sério. Tem alguns movimentos impressionantes.

Ele grunhiu, arqueando uma sobrancelha. — Ainda não viu os meus melhores ainda.

Com o rosto ainda aceso com diversão, ele a girou num mergulho baixo. Seu grito surpreso e explosão de riso fácil chamou a atenção de seus amigos. Alguém aplaudiu, mas Aric mal notou e não se importava. Apenas Kaya, o olhar encantado em seu rosto quando a levantou e a manteve perto.

Suas bochechas estavam rosa brilhante, seus olhos escuros brilhando junto com seu sorriso largo.

— Cuidado agora, ou eu poderia pensar que você está realmente começando a se divertir.

— Estou. — Ela deu um pequeno salto em seus braços, acenando para seus sapatos. — Sinto como se pudesse dançar a noite toda. Obrigada por pedir ao Rafe para me curar. E obrigada por me defender durante a reunião com todos também.

Aric encolheu os ombros. — Não precisa agradecer. Parceiros ficam juntos.

— É isso que somos agora?

Ele acenou com a cabeça, empurrando uma mecha de cabelo escuro fora de sua bochecha. — Para o melhor ou pior, Sra. Bouchard.

— Certo, — ela murmurou. — Até D.C. nos separar.

Ele acenou com a cabeça, incerto por que o comentário parecia um golpe. Uma vez que seu trabalho para Nikolai fosse concluído, deixaria Montreal. Kaya deixou bastante claro que estava tão ansiosa para ele ir quanto ele estava. Talvez mais.

Continuaram dançando em silêncio agora, uma música lenta após a outra. Eventualmente, Rafe e Siobhan se afastaram silenciosamente para a mansão. Aric não precisava adivinhar mais se seu amigo estava se apaixonando pela fêmea. A verdade estava escrita no rosto dele esta noite.

Cristo, o que deu em Rafe?

Não faltavam mulheres jogando-se em seu caminho desde que eram adolescentes, mas Aric nunca viu seu melhor amigo prestar tanta atenção em qualquer outra. Agora, após alguns dias, só tinha olhos para esta beleza irlandesa de fala mansa.

Aric praticamente bufou por quão ridículo parecia.

Até que considerou a mulher que atualmente segurava nos braços.

Mas o que estava acontecendo entre Kaya e ele era diferente. Ela não era uma flor dócil que precisava ser salva. Era uma mulher forte e ambiciosa. Ferozmente independente, formidável.

Gostava disso nela. Diabos, ele a respeitava tanto quanto qualquer outro guerreiro que conhecia.

E sim, ele a queria.

De todas as complicações que seu desvio para esta cidade poderia trazer, Kaya Laurent foi o que menos esperava.

Ela parecia determinada a evitar seu olhar agora, mantendo sua atenção enraizada em Mira e Kellan, que balançavam na pista de dança improvisada a apenas alguns metros de distância. — Eles fazem parecer fácil, não é?

Aric não supôs que falava sobre dança. Não da forma como seus olhos seguiam o par acasalado, algo de ternura em sua expressão.

— Não foi fácil chegar aqui, no entanto. Primeiro tiveram que passar através do fogo juntos, — ele a lembrou. — Mas sim, a ligação deles é mais forte que qualquer coisa que possa vir contra entre eles novamente. Até a morte.

Ela deu um aceno pequeno. — Se não visse não acreditaria em Mira e Kellan juntos do jeito que estão depois de tudo que passaram – não achava que esse tipo de amor fosse possível. Não na vida real, de qualquer maneira.

— Meus pais o têm, — Aric apontou. — Minha irmã e o companheiro dela também.

— Mas não você. — Lentamente, o olhar de Kaya voltou para ele. — Por que ainda não encontrou alguém?

— Não estive procurando. — Enquanto falava, seus olhos castanhos profundos o seguravam com uma vulnerabilidade que devorava cada observação cínica ou sentimento que ele pudesse ter no passado para explicar por que preferia encontros casuais sobre qualquer coisa que pudesse durar. Ele levantou a mão e acariciou o lado sedoso de seu rosto. — Talvez eu não tenha procurado nos lugares certos.

Ela ficou imóvel nos braços dele, em silêncio por um momento mais longo. — O que está fazendo? — Havia cautela na voz dela, até mesmo uma nota de raiva. Embora ela tivesse parado de dançar com ele, não saiu de seu abraço. — O que estamos fazendo, Aric?

— Pensei que tentávamos decidir se vamos terminar esta dança ou acabar com isso e dizer boa noite.

Ele não falava apenas sobre se mover juntos numa pista de dança; e ela sabia disso. Seu olhar precavido dizia tudo. — Não quer dizer adeus? Deixará Montreal assim que puder.

— Sim. Deixarei, — ele admitiu. — Tive a sensação de que poderia ficar feliz em me ver ir.

O fato dela não responder imediatamente o surpreendeu. Quando ela finalmente falou, sua voz era apenas um sussurro. — Não posso fazer isso com você, Aric. Quero entrar agora.

Os olhos dela diziam exatamente o contrário. Assim como o pequeno suspiro irregular que escapou de seus lábios selados.

— Não, não quer. Isso não é o que quer. — Ele balançou a cabeça, recusando-se a acreditar na mentira. — Ainda está em meus braços. Não quer fugir de mim mais que eu quero de você.

Ele sabia que estava certo quando suavemente envolveu seu rosto e em vez de protestar, ela murmurou seu nome como um juramento.

Como uma oração suavemente proferida.

Ele inclinou a cabeça e ela encontrou-o mais que na metade, suas bocas se unindo num beijo que era tanto macio como explosivo. A conexão brilhou através

de seus sentidos como um incêndio. Ele não queria libertá-la, mas não podia ignorar o fato de que não estavam sozinhos no terraço.

Ele rompeu com uma maldição baixa, seus olhos âmbar banhando seu rosto num brilho sobrenatural. Não havia como negar seu desejo por ela. Estava lá em seu olhar transformado, acalorado, e na plenitude de suas presas, que latejavam com a mesma intensidade da excitação agora esticando atrás do zíper de seu jeans escuro.

— Tenho medo, — ela sussurrou tão baixo que quase não era um som.

Aric sabia o que lhe custava dizer isso. Kaya Laurent era uma guerreira de coração. Não precisava da Ordem para lhe dizer isso. Aric não precisava de ninguém para confirmar isso sobre ela, também. Viu sua bravura e resiliência em tudo que fez. Mas especialmente neste momento, no rastro daquela confissão suave.

Ela era forte e indomável, mas a segurou como vidro em seus braços agora, certo que o exterior forte era uma mulher que foi quebrada de mais maneiras do que ela jamais admitiria.

Ele a beijou novamente, em seguida, correu a ponta do polegar sobre a suavidade brilhante de seus lábios. — Venha comigo, Kaya.

Era mais pergunta que demanda. Ele deveria permitir isso a ela, porque se ela se afastasse deste terraço com ele, ambos sabiam onde a noite terminaria.

Ela olhou em seus olhos em silêncio.

Então pegou a mão dele.



CAPÍTULO 12

Kaya não olhou para ver se Mira e Kellan assistiam enquanto ela e Aric paravam de dançar e escapavam do terraço juntos. O momento parecia muito pessoal, sem espaço para os olhos de ninguém ou julgamento.

Neste momento, era só Aric e ela.

Sem espaço para a realidade do fato de que a vida dele esperava em outra cidade enquanto seu futuro com a Ordem oscilava precariamente aqui em Montreal.

Ele pegou o cobertor que Siobhan deixou no terraço, e depois encaminhou Kaya até o gramado. A mansão foi construída numa grande colina florestal. A floresta de pinheiros altos e enormes carvalhos proporcionavam isolamento ao centro de comando, bem como acres de privacidade para exercícios de treinamento e outros negócios da Ordem.

Aric a levou para a floresta densa, fazendo o que parecia ser um caminho deliberado.

— Para onde vamos?

Um sorriso curvou sua boca sensual. — Vai ver.

Em poucos minutos, alcançaram o cume e uma saliência íngreme de granito que deixava a cidade abaixo. A linha da árvore terminava apenas um par de metros abaixo da borda, o que proporcionava uma visão incomparável das luzes de Montreal e do largo rio que a atravessava na distância.

Kaya virou um olhar surpreso nele. — Conhece este lugar?

— Quando era criança, minha família costumava visitar Niko, Renata e Mira aqui na cidade. Sempre que podia explorar estes bosques, acabava aqui. Não há nenhuma vista como esta em qualquer outro lugar.

Ela riu suavemente e balançou a cabeça.

— O que é tão engraçado?

— Este é meu lugar favorito em todo o mundo. Sempre que preciso de tempo e espaço para pensar, venho aqui. — Ela deu a mão num pequeno puxão. — Vamos lá. O melhor lugar para se sentar é bem perto da borda.

Ele a seguiu, saindo da floresta e para o ar livre na borda. Abriram o cobertor nos últimos poucos metros de pedra lisa antes que a placa de granito terminasse numa pura queda em diversos metros abaixo.

Kaya sentou-se no centro do pequeno pedaço de lã, as pernas esticadas na frente dela. Aric juntou-se a ela, deixando apenas uma polegada entre eles e descansando um braço sobre seu joelho. Com a lua e as estrelas acima deles e as luzes brilhantes de Montreal espalhadas na distância abaixo, nenhum deles falou por um tempo.

Talvez devesse ser estranho vir aqui, com o conhecimento de que logo estaria nua e com este macho Raça dentro dela, mas se sentia apenas calma quando olhou e viu Aric sentado ao lado dela.

Parecia seguro, empoleirada na borda de uma placa letal ao lado de um homem que mal conhecia e não se atrevia a confiar.

Não além desta noite, de qualquer maneira.

Nada poderia tocá-la aqui. Esta colina era um farol em sua vida, a única coisa estável que possuía. Esta noite não pertencia apenas a ela, mas também a Aric.

Esta noite, pertencia a ambos.

E talvez fosse por isso que se sentia confortável dando-lhe uma pequena parte de sua verdade.

— Quando era pequena, minha mãe costumava dizer que monstros terríveis viviam nesta colina. Dizia que tinham dentes horríveis, afiados e gostavam de comer crianças.

Aric olhou para ela, suas sobrancelhas levantadas. — Não era fã do meu povo, certo?

— Na verdade, não, — ela respondeu com mais eufemismo do que ele poderia saber. — Ficava tão aterrorizada com as histórias que me contava que costumava olhar para esta colina e me perguntar se alguém estava sentado aqui, olhando para mim também. Monstros esperando para mergulhar na cidade e me mastigar. Ela se certificou que eu acreditasse em tudo que dizia. Achava engraçado eu ter tanto medo. Acho que não ficava satisfeita até eu estar chorando ou me escondendo em algum canto em algum lugar, implorando para ela me deixar em paz.

— Soa como grandes habilidades maternas.

— Ela era uma pessoa horrível e odiosa, — Kaya admitiu, sem verniz sobre essa verdade. — De tudo que sei dela, fez escolhas ruins desde que era adolescente. Aparentemente, as coisas não melhoraram depois que se tornou mãe. Algumas das minhas primeiras memórias dela são de observá-la desmaiada ou espetando uma agulha no braço. Nós éramos sem-teto mais frequentemente que não. Isto é, quando ela não estava morando com algum membro de gangue ou John que ela acabou de conhecer.

Os olhos de Aric eram solenes, mas sem piedade. Graças a Deus por isso. — Sinto muito. Nenhuma criança merece esse tipo de infância.

Ela encolheu os ombros. — Eu sobrevivi. Mais do que posso dizer dela. Estava morta quando eu tinha dezesseis anos.

— Overdose?

Kaya balançou a cabeça. — Um de seus namorados a espancou até a morte por causa de 20 dólares que ela roubou da carteira dele. Apesar de odiá-la, ela ainda era minha mãe. Tentei defendê-la. Só tenho sorte por ele não ter decidido me matar também. Mas ele fez... Outras coisas.

— Ah, Kaya. Cristo. — A raiva brilhou nos olhos de Aric. — Quem é esse filho da puta? Diga-me e sabe que lidarei com ele.

— Não há necessidade, — ela admitiu friamente.

Ainda assim, a ascensão dele à sua defesa derreteu muito do frio que permanecia dentro dela sempre que refletia sobre seu passado. Mas não estava à procura de um herói. Ela aprendeu há muito tempo que era a única pessoa com quem podia contar.

— O namorado da minha mãe tinha um fetiche por armas. E porque vivia com medo de monstros me atacando no meio da noite, me certifiquei que sabia

onde ele mantinha a chave do armário de armas. — Ela olhou para Aric. — Ele nunca mais vai machucar ninguém.

Ele olhou para ela, um olhar de compreensão sombria em seus olhos. — Tem alguma ideia de quanta coragem precisou para fazer o que fez?

— Coragem? — Ela zombou levemente. — Estava morrendo de medo.

— Sim. E, de qualquer maneira, agiu. — Ele estendeu a mão, embalando sua bochecha em sua palma. — E agora? Ainda tem medo dos monstros que vivem nesta colina?

— Não. — Ela virou o rosto para o calor da mão dele. — Depois daquele dia, não tive medo de mais nada. Vivi na rua por um tempo, saí com pessoas que conhecia... Pessoas que achava que conhecia. Eventualmente, acabei nesta colina. Dormi aqui por duas noites, esperando os monstros dentro da mansão saírem e me matar enquanto eu dormia. Talvez os estivesse desafiando. Eles nunca o fizeram.

Aric inclinou a cabeça, em silêncio meditativo. — Nada passa por Niko, então tenho certeza que ele sabia que estava aqui.

Kaya acenou com a cabeça. — Quando acordei na primeira manhã, alguém me cobriu com um cobertor e deixou uma mochila com comida. No segundo dia, encontrei um cartão de visita para um abrigo privado de jovens na cidade, gerido por um velho chamado Jack.

— A casa da Anna?

— Isso mesmo. — Kaya olhou para ele, espantada. — Como sabia?

— Ouvi Renata mencioná-la uma ou duas vezes. Ela também passou algum tempo na casa de Anna quando era criança. Jack significa muito para ela.

— Não sabia disso, — Kaya murmurou. — E, sim, Jack era um bom homem. Um dos mais amáveis que já conheci. Ouvi dizer que faleceu há alguns anos, mas o abrigo continua funcionando.

Aric grunhiu. — Tenho a sensação de que sei quem pode ter uma mão nisso.

Kaya olhou para ele em interrogação. — Não acha que Renata e Niko?

— Não me surpreenderia nada. Não sei os detalhes, mas de ouvi-los falar, creditam a Jack salvar suas vidas quando se conheceram. — Aric acariciou sua bochecha enquanto falava. — E você? Quanto tempo ficou com Jack no abrigo?

— Não muito tempo. — Kaya encolheu os ombros e se afastou do toque dele, desconfortável pelo retorno ao seu próprio passado. — Tive que sair depois de um par de meses.

— Teve que sair?

— Decidi sair, — ela alterou, esforçando-se para não se contorcer sob o peso cuidadoso de seu olhar. — Eu não pertencia lá. Não queria levar qualquer problema para a porta de Jack.

— Problemas com pessoas com quem sua mãe estava envolvida?

— Eu acho que sim. — Ela já havia dito muito sobre seu passado e as pessoas que o habitavam. Se continuasse falando, eventualmente teria que começar a mentir para ele, e essa era uma linha que se recusava a cruzar. — Prefiro não pensar naquela época da minha vida. Está atrás de mim agora. É onde quero que fique.

— Tudo bem. — Sua voz profunda era baixa, mas seus olhos ainda não a liberaram. — Tenho certeza que não foi fácil ficar sozinha tão jovem. Estou feliz que teve alguém como Jack para cuidar de você, mesmo por alguns meses. E estou feliz que teve Nikolai e Renata olhando por você, aqui nesta colina também.

— Eu também. — Kaya olhou para o infinito céu noturno e as luzes da cidade brilhando no vale abaixo. — Naquela primeira noite, sentei-me aqui sozinha, aterrorizada com o que fiz, e percebi que não importava se nasci humana ou Raça. Os únicos monstros reais eram aqueles que vivem para odiar e machucar outras pessoas. Decidi então que se ia morrer por alguma coisa, seria lutando contra essas coisas. Suponho que seja irônico que os melhores modelos que já tive para isso foram os guerreiros da Ordem. Há cerca de um ano, encontrei Mira e a equipe dela em patrulha na cidade. Ela e eu nos tornamos amigas imediatamente. Eu a admirava tanto – a invejava, na verdade. Não poderia ficar mais animada quando ela e Nikolai finalmente concordaram em me dar uma chance de entrar na equipe.

Aric inclinou-se e apertou um beijo na testa dela. Era um gesto casto dos lábios dele, mas a tocou tão profundamente como o mais quente encontro de suas bocas. — É uma mulher incrível, Kaya Laurent. Também será um inferno de uma guerreira. Não, risque isso. Você já é. A Ordem tem sorte por ter você.

Ela sorriu. — Esta é a parte que você tenta me fazer sentir bem?

Sua risada baixa de resposta acariciou os sentidos dela como veludo. — Sim. Esta é a parte.

Quando ela olhou para ele, encontrou seus olhos em chamas, com faíscas âmbar. Silenciosamente, ele a pegou pela nuca e arrastou-a num fogo lento, um beijo para derreter qualquer dúvida.

Kaya se aproximou dele, muito tarde para fingir que tinha sequer o menor traço de medo ou reserva. Não fizeram promessas um ao outro. Nenhuma expectativa que esse desejo que cresceu tão rapidamente entre eles tivesse qualquer chance de se tornar algo mais que apenas esta noite.

Ela não podia dar nada mais do que isso.

E ele não pediu.

Ele não exigiu nada. Seu beijo agora era um estudo de controle também, apesar de que ela podia sentir o poder em suas mãos fortes enquanto a segurava. Sentiu os pontos afiados de suas presas roçarem sua língua. Estando próxima do lado dele que era puro predador e sobrenatural deveria ter dado a ela alguma pausa, mas só a inflamou mais.

Os dedos dele deslizaram ao longo do lado de seu pescoço agora, trilhas de calor irradiando de sua palma larga e dedos longos. Seu pulso latejava enquanto o polegar acariciava lentamente a pele sensível abaixo de sua orelha. A fusão dos lábios dele contra os dela enviou prazer espiralando através de suas veias. Sentia-se tão bem, o calor se agrupava em seu centro, florescendo num profundo anseio feroz.

Um rosnado saiu do peito dele antes que ele afastasse a boca da dela. — Diga-me se não quer isso, Kaya. Se não tem certeza...

— Eu tenho. — Ela manteve o olhar, alcançando-o para acariciar os dedos sobre o maxilar rígido. — Neste momento, esta é a única coisa da qual tenho certeza... Que quero estar aqui com você. Só esta noite.

Seus olhos derreteram enquanto ela falava, suas pupilas estreitaram-se para finas fendas pretas no centro do fogo puro. Suas mãos fortes escorregaram para os ombros, em seguida, em seus seios. Através do tecido fino de sua camisa, seus mamilos picaram, botões duros e doloridos quando ele amassou cada pequeno montículo.

Kaya gemeu, querendo sentir mais do toque dele. Ela pegou a mão dele e o guiou para a bainha de sua camiseta. Aric entendia o que ela precisava, mesmo sem o uso das palavras que ela não conseguia encontrar. Seu toque era direto, mas

ainda terno conforme desprendia o fecho do sutiã e acariciava a carne nua com a palma aquecida.

Onde quer que ele a tocasse, ela estava em chamas. Ele beijou um caminho lento pela sua garganta, em seguida, ao longo da linha do maxilar, até que seus lábios encontraram os dela mais uma vez. Kaya acolheu a paixão dele, abrindo-se quando a língua dele varreu a costura de sua boca. Ele gemeu quando ela o chupou mais profundamente, rosnou com pura aprovação masculina quando embrulhou os dedos ao redor da nuca dele e o puxou mais firmemente contra sua boca.

Acariciou seus seios nus, então sua mão deslizou abaixo de sua barriga e na cintura frouxa de suas calças de brim. Seu gemido grosso ao encontrar sua fenda molhada vibrou até sua medula. Ela estremeceu, se perdendo para o prazer ímpio dos dedos deles.

— Você está tremendo, — ele murmurou, afastando-se apenas o suficiente para estudar o rosto dela. — Estou indo muito rápido?

— Não. — Ela balançou a cabeça, os olhos presos a todas as mudanças surgindo no rosto bonito, sobrenatural e poderoso corpo apenas por lhe dar prazer. — Está fazendo tudo certo.

Acima do colarinho da camiseta escura e pelas mangas curtas que se agarravam ao poder liso de seu bíceps musculoso, os dermaglifos de Aric pulsavam com cor. A marca de pele Raça aprofundou-se de sua matiz dourada normal às máscaras de Borgonha, ouro e violeta. Kaya passou os dedos ao longo das curvas e arcos cônicos de seus glifos, impressionada por sua beleza desumana.

— Nunca estive tão perto de um homem Raça antes, — ela admitiu calmamente. — Quero dizer, não assim.

— Nunca? — Ele grunhiu, com um sorriso curvando os lábios cheios. — Nesse caso, acho que é melhor tornar isso memorável.

— Já é.

Num ronronar profundo, ele alegou sua boca em outro beijo escaldante. Continuou tocando-a, continuou beijando-a e acariciando-a enquanto lentamente removia suas roupas, desvelando seu corpo para ele da cintura para cima.

Seu olhar febril enraizou na pequena marca de nascença escarlate que montava sua barriga, logo acima do umbigo. Kaya gemeu quando a língua dele traçou o símbolo da lágrima e lua crescente que a declarava uma Companheira desde o momento do seu nascimento. A mesma marca que merecia desprezo e

abuso das pessoas que se chamavam de sua família. Agora, Aric esbanjava veneráveis beijos, seus olhos crepitantes com cuidado, respeito e desejo insondável.

— Será minha primeira também, — ele disse; sua voz áspera como cascalho.
— Nunca toquei uma mulher com a marca de Companheira antes.

— Por que não? — Ela quase tinha medo de perguntar, temendo que o tivesse interpretado mal, de alguma forma. Se proferisse uma palavra fria agora, ele a esmagaria.

— Porque, bela Kaya... Nunca conheci alguém que quisesse tanto quanto você.

Num ronronar intenso, ele a deitou de costas sobre o cobertor. A boca dele provando cada centímetro de sua pele exposta, a língua itinerante e os dentes a fazendo arquear e arrepiar com excitação. Lentamente, ele fez seu caminho até o cinto de suas calças jeans. Suas mãos se moveram rapidamente, habilmente, removendo o resto de suas roupas e sapatos em instantes.

Em seguida, seu beijo continuou, começando pelo tornozelo desta vez e fazendo uma caminhada loucamente sem pressa até a sua panturrilha nua e joelho, para a carne macia da face interna da coxa. Quando a boca dele encontrou seu sexo nu, ela arqueou, com as mãos em punho no cobertor. O beijo de Aric aqui foi tão reverente quanto aquele que esbanjou em sua marca de Companheira de Raça.

— Porra, Kaya... Tem um gosto tão doce.

Ela sugou uma respiração instável, soltando a cabeça atrás quando a espiral de prazer enrolou mais apertada em seu núcleo. Ele abriu mais suas pernas, sua cabeça dourada se movendo descaradamente entre elas. Ela apertou o lábio quando a língua dele circulou o feixe apertado de nervos entre suas dobras lisas. Ele sugou seu clitóris impiedosamente, sua boca e dedos acariciando-a num frenesi.

Ela não poderia segurar sua liberação mesmo que sua vida dependesse disso. Prazer caiu sobre ela, onda após gloriosa onda imparável. Ela gritou, entregando o som cru, quebrado para a floresta e céu em torno dela.

Aric a observava enquanto ela arrastava suas pálpebras pesadas abertas, sua respiração e corpo arfando. Suas presas brilhavam ao luar, pontos afiados de navalha enchendo a boca dele. O carvão ardente de seu olhar ficou preso sobre ela conforme se despojava de suas roupas, e ajoelhava no V aberto de suas pernas.

Seus glifos estavam vivos e fervendo em cores ricas agora, mas ela só precisava olhar mais abaixo para ver a evidência ainda mais impressionante de sua excitação. Seu pau se projetava grosso e orgulhoso entre suas coxas musculosas.

Ela o alcançou, enchendo as mãos com o comprimento e circunferência. Ele fechou os olhos quando ela o acariciou, seu rosto tenso e intenso com o que parecia ser apenas controle no limite. Finalmente, ele deixou sair um rosnado áspero e se levantou sobre ela.

Kaya gemeu quando ele se acomodou na umidade de sua fenda, em seguida, empurrou num impulso lento, interminável. Ela engasgou quando a encheu, esticando-a quase ao ponto de dor. Seus quadris pinotearam e balançaram contra ela, o ritmo constante que logo começou a ganhar poder.

— Cristo, você é incrível, — ele pronunciou naquele rosnado rouco e profundo que a fazia derreter. — Não quero parar de me mover dentro de você. Porra, Kaya. Não posso parar.

— Então, não pare. — Ela sorriu para ele, implorando tudo que ele lhe dava. — Não pare, Aric.

Ele rugiu sua aprovação, um som animal sem-palavras. Tudo que ela podia fazer era se segurar enquanto ele batia contra ela, seu grande corpo a dominando, trazendo algo profundo e febril para a vida dentro dela também.

Por mais prazeroso que ele se sentisse dentro dela, foi a selvageria de Aric que acelerou seu orgasmo desta vez. Ele a segurou como se não pudesse chegar perto o suficiente, beijando-a como se quisesse se afogar nela. Dirigindo tão fundo que ela não podia mais dizer onde o corpo dele terminava e o dela começava. Quando ele gozou foi num longo grito gutural, seus olhos em chamas, trancado num aperto inquebrável com ela.

Kaya sentiu-se desossada, à deriva num mar de intensa sensação e emoções inesperadas e confusas. Ela passou os braços em torno de seu pescoço, atordoada e despreparada como ele parecia estar pelo poder do que acabaram de compartilhar.

Ele olhou para ela quando seu corpo abrandou acima dela. Havia ternura em seu olhar ardente... E tormento. Uma maldição baixa escapou dele, murmurada baixinho quando ele afastou seu cabelo escuro de seu rosto.

Quando começou a se retirar, Kaya o segurou mais apertado.

Ela deu uma pequena sacudida de cabeça. — Não. Ainda não. Não estou pronta para terminar esta dança e dizer boa noite.

Sua boca se curvou. — Quer dizer, adeus?

Ela não podia fingir ver humor nisso agora. Mesmo que soubesse que sua própria sobrevivência dependia de manter distância deste macho e do tumulto de sentimentos que ele estava despertando nela. Ela não sabia o que doía mais, a necessidade que sentia por Aric ou a futilidade desse desejo.

Ele inclinou a cabeça e beliscou seu lábio inferior. — Diga-me, linda Kaya. Alguém já fez você gozar enquanto assiste o nascer do sol?

Ela balançou a cabeça, incapaz de palavras.

Seu sorriso brincalhão partiu seu coração. — Bom. Isso significa que temos outro primeiro para compartilhar antes da vida real nos chamar de volta.

Ele rolou sobre suas costas, trazendo-a em cima dele. Suas pernas entrelaçadas, corpos ainda intimamente unidos, ele puxou sua cabeça para baixo e alegou sua boca num beijo possessivo enquanto movia os quadris e começava tudo de novo.



CAPÍTULO 13

Havia poucas coisas que Nikolai apreciava mais na vida que a vista de sua Companhia aninhada pacificamente no abrigo seguro de sua cama. Para um guerreiro que conheceu pouco além de combate e derramamento de sangue na maior parte de sua longa vida, ficava atordoado como indefeso – como infinitamente humilhado – se sentia cada vez que olhava para sua bela Renata e percebia que ela era dele.

Que ela estava deitada em sua cama, carregando seu filho – seu filho, que chegaria a qualquer momento – só fazia o amor de Niko por Renata se aprofundar mais.

E seu desejo.

Lentamente, de modo a não perturbar a sereia de cabelo ébano enquanto dormia, levantou a colcha e escorregou na cama com a mesma discrição que usou para deixá-la há pouco tempo. Não o surpreendeu que Renata se mexesse agora, apesar de seu cuidado. A ligação sanguínea deles os conectava num nível que ia além dos sentidos básicos. Sentiria a profundidade de sua excitação vibrando em suas veias mesmo antes que sentisse a evidência física de encontro à curva arredondada de seu traseiro nu.

Seu gemido suave fez seu pau contrair com interesse despudorado.

— Seus pés estão frios, — ela murmurou; sono enrouquecendo sua voz já sensual.

Niko deu um beijo em seu ombro nu enquanto a abraçava. — Nada mais em mim está frio, juro.

Ele a puxou mais perto, até que estavam apertados juntos, sem espaço entre eles. Renata riu baixinho quando se acomodou contra seu corpo duro. — É uma Magnum em seu bolso, ou está apenas feliz em me ver?

Sua resposta risonha soou tão faminta quanto ele se sentia. — Querida, estou sempre feliz em te ver.

Ele se moveu contra ela, incapaz de resistir ao calor de suas curvas macias. Nunca se cansaria de segurá-la, mesmo simplesmente deitado nos braços um do outro ou desfrutando de uma atividade mais vigorosa. Ambos os quais pretendia se entregar esta manhã.

Nunca conheceu o verdadeiro contentamento até o destino o abençoar com a Renata.

— Onde estava? — Ela perguntou, suspirando enquanto se aninhava em seu abraço. — Acordei há alguns minutos e não estava aqui.

— Ouvi um barulho lá embaixo. Alguém acabou de chegar após passar a noite fora. Um casal, melhor dizendo. — Ele grunhiu; ainda confuso com o que viu. — Evidentemente, Aric e Kaya decidiram ver o nascer do sol juntos.

— O quê? — Renata se moveu em seus braços, virando para encará-lo. Descrença brilhou em seus olhos verde-jade. — Está dizendo que acha que transaram ontem à noite?

— A julgar pela forma como olhavam um para o outro quando entraram, inferno, podem ir para isso novamente em algum lugar agora.

Era uma piada, mas Renata não riu. — Niko, eles acabaram de se conhecer.

— Desde quando isso já fez alguma diferença? — Ele sorriu. — Não fez muita diferença para nós.

— Não sei se gosto disso. — Renata franziu a testa, preocupação em sua boca. — Ela só age como se fosse durona, Niko. Lá dentro, Kaya ainda é aquela criança assustada que encontramos acampada na nossa colina há alguns anos.

Ele não podia discutir com isso, nem tentaria. Renata sabia uma coisa ou duas sobre agir duro para cobrir feridas profundas. Mesmo tão formidável e forte como era sua incrível Companheira, quando Nikolai primeiro colocou os olhos sobre ela, estava com medo também. Foi marcada de formas que o desconcertava, mesmo agora.

— E se Aric quebrar o coração dela, Niko?

— E se ela quebrar o dele? — Ele balançou a cabeça, estendendo a mão para afastar um cacho de cabelo escuro que caiu sobre sua testa enrugada. — A coisa mais perigosa que um homem pode fazer é deixar uma bela e quebrada fêmea entrar no seu coração. E em sua cama. Ele é um caso perdido antes que perceba.

Um pouco da preocupação em seus olhos desvaneceu-se quando ele abarcou seu rosto em sua palma e a beijou. Quando ela finalmente rendeu todos os seus pensamentos perturbados num suspiro lento, Niko a puxou e aprofundou a união suave de seus lábios num beijo que fez ambos gemerem com necessidade.

Com as pernas entrelaçadas e o corpo de Renata pressionado contra a frente dele, Nikolai não conseguia pensar em nenhuma maneira melhor de cumprimentar o dia. Seu filho, no entanto, parecia discordar. Um forte chute ondulou a pele esticada da barriga arredondada de Renata.

— Oh! — Seus olhos arregalaram e ela recuou com uma risada. — Sentiu isso?

Ele acenou com a cabeça, inseguro se sentiu mais admiração ou aborrecimento com a interrupção do bebê. — Nosso garoto terá que trabalhar seu tempo.

— Primeiro, ele tem que chegar aqui. — O sorriso de Renata estava cheio de amor enquanto colocava a mão ternamente no topo da ascensão inchada e fazia círculos ociosos com os dedos. — Mal posso esperar para segurá-lo em meus braços, Niko.

— Talvez haja algo que possamos fazer sobre isso. — Ele sorriu, deixando sua mão trilhar de seu quadril até a junção aquecida de suas coxas. Seu olhar era cético, mas ela não o negou quando acariciou seu sexo. Deus o ajudasse, ela já estava quente e molhada, sedosa contra a ponta dos dedos. — Dizem que fazer amor durante o final do semestre pode adiantar o trabalho.

— É mesmo? — Ela riu suavemente, sua voz ofegante quando encontrou seu clitóris e brincou com o nervo duro. — Desde quando sabe tanto sobre gravidez?

— Sei que amo a maneira como parece em você. E adoro fazer isso acontecer.

Ele a beijou novamente, devorando o gemido baixo que escapou quando seu dedo deslizou entre suas dobras e na entrada de seu corpo. Apesar da profundidade de sua fome – ou sua provocação sobre acelerar o parto – Nikolai a rolou em suas costas com ternas mãos reverentes.

De joelhos entre as pernas abertas, olhou para ela, extasiado. Venerável. Renata sempre foi linda, mas agora, sua Companheira era uma deusa. Nunca a amou mais.

— Como um filho da puta como eu pude ter tanta sorte? — Ele murmurou, dobrando-se para beijar a barriga dela. — Eu te amo, Renata. Cristo, amo tanto os dois.

— Nós sabemos. E nós dois amamos você também. — Sua boca curvou sob os olhos brilhantes que dançavam com devoção. — Agora, vamos falar um pouco mais sobre esta sua teoria interessante.

— Falar sobre isso? — Ele sorriu tanto que seus caninos e sua excitação pulsaram com entusiasmo. — Talvez devêssemos testá-la, em vez disso.

Seu sorriso sensual era toda a permissão que ele precisava. Ela alcançou sua ereção e seu toque quase o desfez no local.

Poderia continuar se não fosse o zumbido abrupto de sua unidade de comunicação depositado na mesa de cabeceira ao lado da cama. A chamada recebida mostrava *restrito* no display, mas havia poucas pessoas que sabiam como alcançá-lo desta forma. Dada a hora da madrugada, não podia ser uma boa notícia.

Niko soltou uma maldição. — Evidentemente, nosso filho não é o único com tempo ruim. — Ele agarrou o dispositivo e colocou-o na orelha. — Fale. O que está acontecendo?

Um de seus contatos no escritório da JUSTIS local, um companheiro Raça, estava do outro lado da linha. — Houve um ataque aqui em Pointe-Claire hoje. Temos um relatório de fatalidades múltiplas.

— Merda. — As veias de Niko estavam tensas. O bairro afluyente da cidade era o lar de uma grande população de civis Raça, que não só viviam na área, mas também se alimentavam lá. A última coisa que a Ordem precisava era ouvir mais derramamento de sangue entre a humanidade e seus vizinhos que bebiam sangue. — Diga-me o que aconteceu.

— Não sabemos muito ainda. Um jardineiro ligou relatando há menos de um minuto. Disse que quando apareceu para trabalhar esta manhã, encontrou a residência arrombada pela porta da frente. Assim que entrou e percebeu que algo estava errado, a testemunha contatou a JUSTIS. Estamos despachando uma unidade criminal agora para processar a cena no Darkhaven, chegada estimada

em cerca de quinze minutos. Dada a natureza do ataque numa residência civil, pensei que a Ordem pudesse querer ir primeiro e...

— Espere um segundo. Espera aí. O ataque foi num Darkhaven? — Nikolai agarrou sua unidade de comunicação num aperto de ferro. — Está dizendo que as fatalidades são Raça?

— Isso mesmo. Pelo menos, esse é nosso entendimento do pouco que sabemos até agora.

— Puta merda! — Niko sentiu a mão de Renata descendo suavemente em seu ombro. Ele olhou para ela, sabendo que sua expressão devia ser gritante se seu olhar ansioso fosse qualquer pista. — Tudo bem. Obrigado pela ligação, cara. Vou ter uma das minhas equipes no local em menos de dez minutos.



CAPÍTULO 14

A rua residencial tranquila era repleta de casas finas e calçadas fechadas, a maioria endereços habitacionais de famílias Raça que se estabeleceram no bairro Pointe-Claire não muito tempo depois da primeira Aurora, há vinte anos. Com a vasta extensão do rio Saint Lawrence rolando pitorescamente atrás das grandes residências Darkhaven, e a faixa arborizada do pavimento sinuoso na frente deles, era fácil entender o apelo.

Infelizmente para uma dessas famílias Raça, hoje, este pacífico ideal suburbano provou ser apenas uma ilusão.

— O endereço que procuramos deve ser de cerca de mil metros à direita, — Mira disse do banco do passageiro, ao lado de Aric. — Estacione aqui na rua lateral. Vamos a pé o resto do caminho, para que a unidade criminal enviada pela JUSTIS não detecte nosso veículo e pisem suas calcinhas.

Ele acenou com a cabeça para a capitã da equipe da Ordem e saiu da rua principal para onde ela indicou. No espelho retrovisor, o olhar sombrio de Kaya encontrou o dele do banco de trás do SUV.

— Sabemos alguma coisa sobre a família Raça que foi atacada?

Mira virou para responder. — A Ordem fez uma identificação, mas não há muito a dizer. Jonathon e Elena Champlain, acasalados por nove anos. Ele é um contador Raça, com uma empresa no centro. Ela é professora, ou melhor, era. De

acordo com os registros de trabalho, ela está de licença nos últimos quatro meses, desde o nascimento de seu segundo filho. O outro filho deles tem sete anos.

— Dois filhos pequenos em casa, — Kaya murmurou; sua voz carregada. — Há alguma chance de encontrar qualquer um deles vivos?

Mira sacudiu a cabeça. — Acho que não. Pelo que foi dito à Niko, não soa como se houvessem sobreviventes.

Ninguém falou quando Aric estacionou o veículo. Os três saíram em silêncio, todos vestidos com uniformes negros da patrulha e armados para combate. Era a segunda vez que Aric era aproveitado para o dever por causa de sua capacidade especial de Caminhante do Dia. A segunda vez que era parceiro de Kaya em tantos dias, mesmo parecendo que se conheciam desde sempre enquanto saíam com Mira na liderança e se dirigiam para a residência Tudor, de tijolos vermelhos e qualquer carnificina esperada dentro.

O medo dela era palpável. Aric se pôs ao lado dela, mal resistindo ao desejo de alcançar sua mão em segurança. E pensar que há poucas horas eles estavam fazendo amor sob o sol nascente enquanto em outros lugares da cidade uma família era morta em sua casa. Agora, em vez de segurar Kaya em seus braços de volta ao centro de comando, estavam vestidos para a guerra e especulando sobre a provável contagem de corpos de inocentes assassinados que já estavam muito atrasados para salvar.

Assim era a vida de um guerreiro.

Aric tinha estômago para lidar com tudo que seu papel com a Ordem exigia, mas seria amaldiçoado se queria ver Kaya submetida à mesma feiura. Depois da infância que descreveu para ele, tudo que queria era protegê-la. Ter certeza de que não sofreria um momento de dor ou tristeza nunca mais.

Não que tivesse alguma esperança de fazer isso de D.C.

E não que Kaya quisesse tal coisa.

Foi-se a apreensão que enchia seu rosto antes no veículo. Agora, ela tinha um olhar de aço focado quando se aproximou do Darkhaven. Mira acenou-lhes para segui-la ao redor da parte traseira da grande casa, enviando Kaya no lugar como sentinela de canto enquanto Aric era direcionado para uma porta de vidro deslizante fechada na parte de trás da residência.

Ele acenou com a cabeça sem ela precisar dizer o que queria que ele fizesse. As fechaduras e as cortinas UV de aço-reforçado tomaram menos que um segundo

ou dois para que as incapacitasse. Uma vez que tirou os obstáculos do caminho, apontou que entraria primeiro, verificaria as coisas.

O fedor de sangue derramado atingiu seu nariz no instante em que rastejou sobre o limiar e numa sala de estar calorosamente decorada. Olhando para frente da casa, notou um grande corpo masculino imóvel no saguão. Humano, se tivesse que adivinhar pela mordida de cobre afiada da hemoglobina moribunda que contaminava o ar. Mas também havia outro odor de sangue em abundância. Algo mais doce que as células vermelhas humanas.

Porra. Não era um bom sinal.

Nem o fato de que o Darkhaven estava quieto e silencioso como um túmulo.

Aric acenou um *tudo limpo* para Mira e Kaya. Entraram atrás dele, deslizando dentro da casa em silêncio.

— Todo mundo está morto aqui, — ele murmurou num sussurro baixo.

Não perguntaram se ele tinha certeza. Seus sentidos Raça eram muito mais agudos que as duas juntas. Ele empurrou o queixo na direção do vestibulo e da porta da frente, que pendia entreaberta, balançando levemente na brisa da manhã fresca.

— Puta merda! — A boca de Mira apertou enquanto ela passava por ele, sua longa trança loira batendo em suas costas enquanto caminhava na direção do corpo humano, perto da entrada.

Kaya caiu ao lado de Aric, silenciosa, mal respirando. O trio fez uma pausa além do perímetro da cena do crime ímpar, ninguém dizendo uma palavra por um momento, cada um embebido nos detalhes.

O homem morto usava uniforme de serviço de entrega. Perto da forma volumosa de seu corpo amassado, o corpo de bruços, estava um pacote esmagado e uma grande poça preta grosseira misturada com terra. Sangue vazou debaixo do cadáver humano, coagulando numa poça escura no tapete cor creme e na madeira.

Mira empurrou o corpo com a ponta da bota de combate, rolando o homem de costas. — Jesus Cristo.

A garganta e o peito estavam cortados e abertos. Quatro lacerações simétricas feitas com tanta força que era uma maravilha que ele não perdesse a cabeça.

Mira franziu a testa quando olhou para Aric e Kaya. — O que acham? O que quer que estivesse naquela caixa deve ter realmente chateado o proprietário deste Darkhaven.

— Não. — O olhar de Kaya se afastou para a caixa amassada. — Não havia nada nela. Olhe mais de perto. É uma caixa vazia.

— Ela está certa, — Aric concordou. As peças começavam a cair no lugar agora, pintando um quadro de covardia e decepção. — A entrega foi uma armadilha. Era a única maneira de conseguir que a porta do Darkhaven fosse aberta com um mínimo de esforço.

O rosto de Mira empalideceu. — A esta hora, com o sol brilhando sobre o relvado, há poucos Raças que arriscariam a exposição abrindo a porta para qualquer um.

— Certo, — disse Aric. — E esse maldito morto aqui contava com esse fato. Queria que a Companheira de Jonathon Champlain atendesse a porta, porque precisava dominá-la a fim de entrar.

Mira acenou com a cabeça. — Mas ele desceu para protegê-la. Estaria aqui num instante. Menos de um instante. Essas feridas no corpo são provas suficientes disso.

— Há muito sangue nas escadas, — disse Kaya. — Vai por todo o caminho até o segundo andar.

Aric acenou com a cabeça sombriamente. — É dela. Posso cheirá-lo daqui.

Mira afastou-se do homem morto e da confusão que rodeava seu cadáver. — Então, onde está Jonathon Champlain?

O olhar de Aric caiu para a estranha terra negra aos seus pés. Um frio correu sobre ele, estabelecendo-se em sua medula. — Ah, porra. Não.

Ele se agachou e alcançou o pacote vazio, movendo-o para o lado para que pudesse dar um olhar mais atento sobre o que seus instintos estavam dizendo, mas seu cérebro se recusava a aceitar como realidade.

Um odor acre levantou-se quando moveu a caixa do caminho. O fedor estranho era diferente de qualquer coisa que já experimentara antes, mas cada célula em seu corpo recuou quando o cheiro de cinzas da Raça – não terra – flutuava em seus pulmões.

Algo brilhava dentro da pilha de cinzas pretas. Ele o recuperou, segurando a estranha bala num invólucro para que pudesse examiná-la. A circunferência era

formada de metal prateado enjaulado em torno de uma concha de vidro duro como diamante que continha algo muito mais poderoso que pólvora. Um tipo especial de bala que servia apenas a um propósito.

Matar membros da Raça.

Mira engasgou. — Isso é o que acho que é?

— Uma bala ultravioleta, — Aric respondeu duramente. — Quem veio atrás do homem de entrega veio preparado para matar.

O olhar de Kaya saltou entre eles, confuso e ferido. — Não entendo. Uma bala UV? Como pode algo assim existir? E como é óbvio, de onde diabos ela veio?

— Algumas semanas atrás, um cientista que foi pioneiro em grandes avanços na tecnologia ultravioleta foi assassinado por membros da Opus Nostrum, — explicou Aric. — A Opus pôs as mãos no trabalho dele e rapidamente começou a desenvolver o armamento.

— Armas que matam Raças, — Kaya murmurou; a mão chegando até a boca. — Oh, meu Deus.

— A Ordem manteve tudo isso em segredo, — acrescentou Mira. — Sabe a sobre bomba UV que a Opus tentou detonar na Cúpula de Paz GNC no início deste mês?

— Sim, — disse Kaya. — Se você, Kellan, e o resto da Ordem não tivessem matado o membro da Opus responsável pela bomba, centenas de diplomatas Raça e a maioria da Ordem seriam incinerados na frente do mundo inteiro.

O aceno de Mira foi mínimo, especialmente considerando a magnitude do que ela, junto com seu companheiro e a Ordem fizeram naquela noite. — Matar Reginald Crowe e desativar a bomba só impediu um desastre de acontecer. Nessa altura, também descobrimos que a Opus tinha grandes esconderijos onde fabricava armas e munições ultravioletas.

— A Ordem rastreou uma grande oferta de ambos na Irlanda, — Aric disse à Kaya. — Pegamos o membro da Opus que estava armazenando a merda e detonamos tudo, exceto algumas amostras de tudo que encontramos, mas não havia nenhuma garantia de que algo já não tivesse vazado para os membros da Opus.

Mira inclinou um olhar para o humano morto. — Acho que temos a resposta para essa pergunta agora.

Aric acenou, mas sua mente já se enchia com mais perguntas que precisavam de respostas. Opus Nostrum podia ter desempenhado algum papel neste assassinato, mas a seleção de um Darkhaven civil parecia muito aleatório. A Opus tendia a alvos de alto perfil, não famílias suburbanas, Raça ou de outra forma.

Aric olhou para as escadas e o rastro de sangue que a Companheira de Champlain deixou para trás. Embora seus sentidos lhe dissessem que não ia gostar do que encontraria lá em cima, foi naquela direção, liderando o caminho para Kaya e Mira.

Seu intestino apertou à vista de outra pilha de cinzas no topo da escada. Esta era consideravelmente menor que a do vestibulo. Aric tentou não imaginar um menino Raça de sete anos saindo correndo de seu quarto aterrorizado enquanto seus pais lutavam com os intrusos lá embaixo.

O suspiro estrangulado de Kaya atrás de Aric disse a ele que ela viu os restos mortais da criança também.

— Oh, Deus, — Mira sussurrou. — As pegadas sangrentas da mãe vão até o quarto no final do corredor.

— Sim, — Aric respondeu; seus pés parecendo chumbo enquanto se aproximava do quarto pastel, tão silencioso como o túmulo à sua frente.

Em sua mente, a sequência lógica do ataque foi feito em horríveis detalhes. A entrega pela manhã, usada como armadilha para atrair Elena Champlain para a porta sozinha. O primeiro assaltante força sua entrada, deixando cair o ardil de um pacote e o esmagando com sua bota enquanto derruba a fêmea com o punho, espalhando sangue na parede.

Seu companheiro desce no próximo instante, o vínculo de sangue e seus prováveis gritos o alertando para o perigo. Ele mata o homem da entrega para dar à sua Companheira uma chance de correr para a segurança – mas o agressor não estava sozinho. Os outros se empurram para dentro agora, pelo menos um deles com armamento ultravioleta. Eles transformam Jonathon Champlain em cinzas. Também em cinzas seu filho pequeno, que teria apenas idade suficiente para ser uma ameaça para um humano desarmado. Para um homem carregando uma arma ultravioleta? A criança seria tão inofensiva quanto um mosquito.

Qualquer macho Raça era alérgico à luz solar, não importava seu tamanho ou habilidades, não seria páreo para uma pequena bala cheia de UV líquido.

Quanto à senhora da casa, Aric tinha uma sensação doentia de que sua morte foi muito menos misericordiosa.

A porta do berçário estava escancarada. Ele entrou, e fez todo o possível para não cambalear atrás em seus calcanhares.

A fêmea estava deitada no chão, brutalizada, sua roupa arrancada. Facadas e cortes por todo o corpo. No berço, seu bebê foi reduzido a uma mancha enegrecida de encontro aos macios lençóis brancos e os sorridentes bichos de pelúcia.

E nas paredes, escritas com o sangue da Companheira, mensagens chocantes de ódio.

Puta de Raça!

Morte aos sanguessugas!

Cinza para todos!

Havia dúzias mais, cada uma mais gráfica e mais feia que a anterior. Aric não se incomodou em ler tudo.

Mas Kaya e Mira sim.

Viu o horror dele refletido nos olhos delas quando a totalidade do massacre correu sobre eles.

Kaya parecia como se o menor toque fosse derrubá-la. Seu rosto estava sem sangue, chocado. Seus olhos castanhos escuros vidrados e brilhando com lágrimas não derramadas.

Mira soprou uma maldição suave. Quando falou, sua voz era pouco mais que um sussurro. — Por favor, colete todas as balas UV gastas, Aric. Vamos levá-las para Niko analisar. Eu vou... Preciso ir lá fora por um minuto.

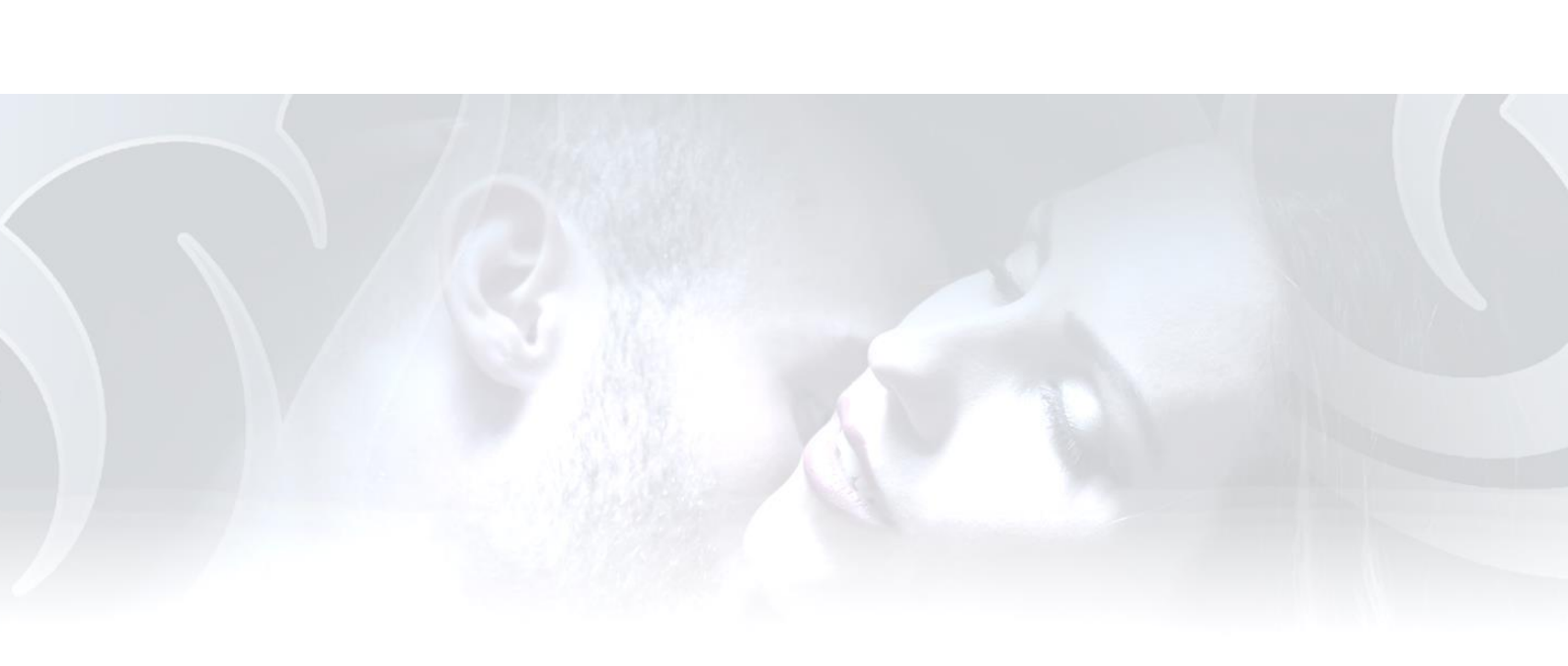
— Tudo bem. — Ele acenou uma vez, aceitando sua tarefa sombria com solenidade total. — Kaya, deve ir também.

No início, ela não se mexeu. Sequer piscou.

Aric estendeu a mão para ela, seu toque parando levemente no ombro dela. Ela vacilou; um movimento brusco que pareceu assustá-la e tirá-la do atordoamento horrorizado que a agarrava. Seu olhar se ergueu para o dele, sombrio e ilegível. Ele não resistiu a segurar sua mandíbula trêmula na palma da mão.

— Vá com Mira, — ele instruiu gentilmente. — Não precisa ver mais nada disso.

Ela deu-lhe um aceno vacilante. Então, sem falar, girou e deixou-o para terminar seu trabalho.



CAPÍTULO 15

Kaya baixou a cabeça sobre a pia no banheiro de sua suíte e espirrou um pouco de água fria sobre seu rosto. Seu estômago roncou, ameaçando revirar pela segunda vez desde que retornou com Aric e Mira do Darkhaven em Pointe-Claire.

Estavam de volta ao centro de comando há um par de horas e ainda não conseguiu purgar a cena horrível de sua mente. O sangue, a morte e o ódio. A crueldade inimaginável dos que perpetraram o massacre daquela família inocente na casa deles.

Mas o estômago dela se revoltava por outra razão também.

Uma que colocou uma frieza em suas veias enquanto prendia seu cabelo úmido do chuveiro num rabo de cavalo longo, em seguida, vestiu a roupa de corrida e saiu de seu quarto para o corredor, mansão afora.

Necessitava se afastar do confinamento das muralhas do centro de comando, mesmo que por pouco tempo. Precisava de espaço e tempo para processar tudo que aconteceu, não só hoje, mas desde que Aric apareceu em Montreal.

Mais que tudo, precisava procurar alguma clareza... Não importa onde essa busca pudesse levá-la.

Aric estava saindo de um quarto de hóspedes na outra extremidade do corredor quando ela dirigiu-se para a escadaria central que levava ao grande

vestíbulo. Ele segurava um tablet numa mão, sua unidade de comunicação na outra.

—Ei, — ele disse; sua voz profunda a acalmando com apenas essa simples saudação. — Estava a caminho para verificar você. Pensei em ir até à sala de guerra para revistar as imagens da recepção e procurar o contato de Mercier na Opus.

— Oh. Certo. — Parecia que uma semana se passou desde que começaram essa tarefa juntos. Se ao menos parecesse tanto tempo desde que se deitou nua e teve prazer nos braços de Aric. Mal podia olhar para ele agora sem reviver a felicidade de seu toque... E o poder erótico de seu corpo se movendo dentro dela. Ela limpou a garganta. — Eu estava, hum, apenas saindo um pouco. Depois desta manhã, poderia ser bom uma longa corrida.

— Quer companhia?

— Não. — Só esperava que sua resposta não soasse tão abrupta quanto parecia em seus lábios. — Não ficarei fora por muito tempo. Se alguém perguntar por mim, vai deixá-los saber que saí?

— Claro. — Ele acenou com a cabeça. — Quando voltar, desça e junte-se a mim. Precisamos pegar esse bastardo da Opus agora mais do que nunca.

Não negaria a importância de extrair um câncer como a Opus Nostrum. Se tivessem fornecido a munição UV usada nos assassinatos de hoje – e parecia haver zero dúvida sobre isso – então a Ordem não devia mostrar misericórdia para ninguém com laços com o grupo terrorista ou seus simpatizantes. Sobre isso, ela e Aric estavam de acordo.

Mas era a ideia de ficar novamente tão próximos que fez um nó de relutância se formar em seu peito. Foi um erro baixar a guarda perto dele. Um erro ainda maior fazer amor com ele, não importa quão incrível foi.

Não podia se permitir cometer esse erro novamente. Precisava manter a cabeça limpa. Concentrar-se nas coisas que importavam. Se ela estava deixando suas prioridades escaparem desde a união com Aric Chase, o que testemunhou no Darkhaven hoje foi definitivamente uma chamada para despertar.

E isso significava manter distância do macho Raça tanto quanto possível, entre agora e o tempo que retornaria à sua vida em D.C.

— Kaya. — Ele disse seu nome suavemente, preocupação gravada em seu rosto bonito. — Você está bem?

— Tudo bem. — Ela acenou com a cabeça. Forçou todas as suas dúvidas e arrependimentos no fundo, a fim de dar-lhe um encolher de ombros casual. — Estou bem. Verei você quando voltar da minha corrida.

Ela o rodeou, sentindo seu olhar nas costas quando correu pelas escadas e saiu da mansão. Do lado de fora, a tarde de verão estava brilhante, quente e clara. Ela se encharcou em cada pedaço disso quando saiu num ritmo confortável, através do portão principal do centro de comando e até a estrada privada que descia do pico da ampla e altamente segura colina para a rua principal abaixo.

Normalmente, a rota dela podia tê-la levado ao redor da base da colina, circulando o cume. Mas hoje, em vez de tomar o caminho familiar, Kaya afastou-se dele e correu em outra direção. Cerca de meia milha abaixo estava uma grande avenida que acabaria levando-a ao coração de Montreal. Seguiu o trecho dividido de pavimento por vários quarteirões, até que avistou um táxi vindo em sua direção.

Sinalizou para o motorista, olhando ansiosamente ao redor quando o carro abrandou na frente dela. — Preciso ir a Dorval, por favor.

Ao seu sinal, ela entrou. Vinte minutos depois, o motorista a deixou numa seção deprimente da cidade, a sudoeste do centro de Montreal. A área não era um lugar estelar para estar em qualquer ponto da história, mas durante as guerras que se seguiram desde o Primeiro Amanhecer, este trecho de expansão urbana tornou-se um ímã para gangues e rebeldes de todas as listas. Agora, as ruínas de velhos armazéns e fábricas há muito tempo vagos era monótono e dilapidado em ambos os lados da rua. Mendigos e viciados acampados em quase todos os cruzamentos, incluindo o que Kaya instruiu o taxista a deixá-la.

— Tem certeza que quer ficar aqui, senhorita? — O homem de meia-idade passou a palma da mão sobre seu maxilar grisalho. — Se quiser que eu espere por você nesta seção da cidade, tenho que adicionar 20 dólares de sobretaxa para cada cinco minutos. Eu arrisco meu veículo parado na calçada.

Kaya balançou a cabeça enquanto entregava o valor da corrida. — Posso encontrar meu caminho de volta. Fique com o troco.

Ele pegou o dinheiro dela e não perdeu tempo se afastando depois que ela saiu do carro. Não que pudesse culpá-lo. Havia poucas pessoas que optariam por passar algum tempo nesta área da cidade. E normalmente, se tivessem a sorte de sair, fariam questão de nunca mais voltar.

Kaya devia saber. Ela foi uma delas.

Caminhou até a rua em direção a um boteco com um teto flácido e uma fachada de madeira esmaltada marrom marcada com tiros antigos e camadas de grafite de gangues pintado. Não havia sinalização na porta ou visível da rua.

Então, novamente, não precisava ser dito o que era a ninguém que pertencia a algum lugar perto daqui.

Os que não pertenciam nunca teriam a chance de cometer o erro duas vezes.

Kaya se incluía no último grupo, especialmente agora que se comprometeu com a Ordem. No entanto, alcançou a trava de ferro preto na porta e a puxou.

O lugar estava vazio e úmido. Cheirava a fumaça de cigarro velho e bebida derramada. Na luz brilhando atrás de Kaya quando entrou, viu uma mulher de cabelos escuros debruçada atrás do bar com um esfregão e balde.

— Ainda não abrimos.

A voz cansada da jovem mulher possuía uma grossura que a fez parecer tão abandonada como seu entorno. Kaya ignorou a saudação não-bem-vinda e entrou de qualquer maneira.

Quando a porta bateu fechada em suas costas, a mulher atrás do bar soprou uma maldição e balançou ao redor com uma carranca. — Eu disse que não é...

Suas palavras foram cortadas no instante que seus olhos encontraram Kaya. Espanto brilhou em seu olhar, seguido de descrença... Então uma suspeita fria e dura.

Kaya sentiu todas essas coisas enquanto olhava para ela também.

Não via a cara dessa mulher há anos, desde que tinha dezesseis anos.

Mas não, não foi bem assim.

Via esse rosto toda vez que se olhava no espelho.

Sua irmã gêmea havia envelhecido consideravelmente desde então, seus olhos marrons escuros se estreitando como se Kaya fosse o inimigo. E talvez fosse.

— Olá, Leah.

— O que está fazendo aqui? — Não havia vestígios de calor nessa pergunta de acusação. Apenas desconfiança. Animosidade, até.

Kaya preparou-se para a pontada de dor que sentia no olhar de sua irmã. — Preciso falar com você.

Leah olhou nervosamente sobre o ombro, em direção à porta balançando que levava para a parte de trás do bar e da cozinha. Ficou bem onde estava, com o balcão entre ela e Kaya, como uma parede impenetrável. — Não tivemos nada a

dizer uma a outra nos últimos quatro anos. Como diabos você sabia onde me encontrar?

— Encontrei alguém que te conhece – ou conheceu, de qualquer maneira. O nome dele era Jacob Portman. Trabalhava como segurança no casamento do Rousseau-Mercier.

O olhar de Leah transformou-se numa carranca confusa. — Falou com o Vermelho?

— Trocamos algumas palavras, — Kaya respondeu, não sentindo nenhuma emoção pelo humano que abriu fogo contra Aric depois de tentar atacá-la também.

Lera sua mente naqueles momentos frenéticos e sentiu seu ódio apenas por ver Aric, simplesmente porque era Raça. Ela registrou sua aliança com os violentos bandos rebeldes que frequentavam este bar, e os que fizeram a matança desta manhã apenas alguns quilômetros daqui.

— Portman está morto, — disse à sua irmã. — Eu o matei.

Leah engasgou. — Está louca? Red era um dos homens de Angus há algum tempo.

— Bem, agora pode encontrá-lo no inferno.

— Você é louca. — Sua gêmea deixou sair um suspiro e acenou a cabeça fortemente. — Não pode ficar aqui, Kaya. Não quero falar com você. Nunca mais quero mais vê-la novamente.

— Por que não? Tem uma razão para ter medo de mim agora?

— Vá se foder. — A resposta voou para Kaya como um tapa na cara. Devia ter percebido. Esse sempre foi o método de sua irmã para lidar com conversas difíceis e escolhas difíceis. Atacar com palavras duras e garras afiadas. — Por que está aqui? Se você procura algum tipo de lacrimosa reunião patética, pode esquecer.

— Não, não é isso que estou procurando, — Kaya admitiu calmamente.

Já havia desistido dessa ideia há muito tempo.

Uma das últimas vezes que se viram foi depois da morte da mãe. Aos 16 anos, na noite que Kaya baleou e matou o homem responsável pela morte dela, em seguida, fugiu para a cidade sozinha. Correu para a única pessoa que conhecia e sentiu que podia confiar: sua irmã gêmea.

Mas Leah tinha seus próprios problemas, mesmo naquela época. Uma fugitiva desde os quatorze anos, se tornara muito parecida com sua mãe.

Perturbada. Viciada. Sob controle de homens maus. Assassinos sem coração que cuspiam o mesmo ódio e mentiras que as meninas foram expostas desde a tenra idade.

Kaya se recusou a ficar por mais que alguns dias. E Leah se recusou a sair. Foi a última vez que se viram. Até este momento.

— Quero que saiba que estou com a Ordem agora.

Leah recuou. — Com eles? O que diabos isso significa?

— Estou treinando com eles aqui em Montreal, para me tornar uma guerreira.

Sua irmã engasgou como se Kaya acabasse de dizer a ela que pretendia arrancar a cabeça de alguém e beber do toco do pescoço. — Espero que não tenha vindo até aqui só para me dizer isso.

— Não, — disse Kaya. — Vim para ver se sabe alguma coisa sobre uma família Raça assassinada esta manhã em Pointe-Claire.

O rosto de Leah estava ilegível. — Por que saberia algo sobre isso?

— Porque quem fez isso deixou um belo cartão de visita. Invadiram um Darkhaven e massacraram toda a família – os pais e dois garotinhos, um deles apenas um bebê.

Leah engoliu, a primeira reação que teve que insinuou qualquer emoção.

Kaya pressionou. — Barbarizaram uma jovem mãe, Leah. Usando o sangue dela, escreveram coisas horríveis na parede acima do corpo. Coisas que eu costumava ouvir quando nossa mãe estava viva. Coisas que ouvi das pessoas que você chama de amigos – idiotas ignorantes como o dono deste bar.

O olhar de Leah sacudiu sobre o ombro mais uma vez. Ela baixou a voz para um sussurro tenso. — Se está tentando me chocar, insinuando que Angus ou seus homens tiveram algo a ver com uma matança como essa, poupe seu fôlego. Sei do que ele é capaz.

— E ainda assim fica com eles. Todo esse tempo, Leah, você ficou.

Ela não respondeu, mas uma tempestade se agitava dentro dos olhos castanhos escuros que eram tão semelhantes aos de Kaya. Havia tormento no olhar dela, mas se recusava a dar-lhe voz.

— Se sabe algo sobre o ataque a esse Darkhaven, precisa me dizer.

Leah cruzou os braços. — Eu não. Mas mesmo que soubesse, falar com a Ordem é a última coisa que eu faria.

Kaya explodiu uma maldição em frustração. — Não se importa com o que é certo ou errado? A justiça não significa nada para você?

— Você não tem ideia do que importa para mim, — ela atirou agora, com raiva e na defensiva. — Você nunca teve. Sempre foi a mais forte, a esperta. Sempre sussurrando sobre seus sonhos e planos para o seu futuro, mesmo quando éramos criancinhas. A única coisa que eu sempre quis da minha fodida vida foi sobreviver.

— No final do dia, isso é tudo que todos querem, — Kaya respondeu.

Ela ouviu a dor na voz de sua irmã. Entendia do jeito que só uma gêmea poderia, conectada num nível que era mais profundo que os irmãos básicos. Mas Leah não estava tentando. Estava se afastando, impedindo Kaya como se ela fosse uma estranha.

E talvez, depois de todo esse tempo, isso fosse tudo que eram uma para a outra agora.

Kaya recalibrou seus sentimentos por sua irmã, resolveu que não falava com sua gêmea, mas questionava um membro de um grupo de ódio tão apertado e mergulhado em doutrina que poderia muito bem ser rotulado como um culto.

— Sabem que você é uma de nós também? — A pergunta de Leah a pegou desprevenida. Possuía uma borda curiosa, mas também não havia dúvida da acusação. — Foi por isso que te mandaram para cá?

— Eles não me mandaram. E não sou uma de vocês, — Kaya respondeu, mas na negação faltava o veneno que queria que tivesse. — Não faço parte deste mundo há muito tempo.

No entanto, ela nasceu nele, foi criada dentro dele. Durante os primeiros dezesseis anos de sua vida, tudo que conhecia era o mundo repugnante e violento que, de alguma forma, ainda mantinha sua irmã em seu encaixe. Por mais que quisesse negar, a vergonha de Kaya sobre esse fato era profunda. Provavelmente nunca se desvaneceria.

— Oh, meu Deus, — Leah sussurrou; abertamente espantada. — Eles não sabem.

Kaya sentiu o maxilar apertar. — Não tente virar isso contra mim. Se você sabe alguma coisa sobre as mortes de hoje, preciso que me diga. Por favor, Leah. Quem fez isso parecia preparado para derrubar qualquer macho Raça com quem entrasse em contato. A Ordem está investigando. Não demorará muito tempo para virem aqui fazer as mesmas perguntas que eu.

Leah olhou para longe dela agora, sua boca numa linha dura. Ela pegou um pano úmido e começou a esfregar a bancada marcada do bar. — Esta conversa acabou. Quero que saia agora, Kaya.

Em vez de fazer o que ela pediu, Kaya avançou. — Já ouviu Angus falar da Opus Nostrum?

A mão de Leah ficou imóvel. Seu rosto empalideceu um pouco, sangue drenando de suas bochechas e lábios. Naquele exato momento, um baque soou do quarto dos fundos da taverna. Alguém acabava de chegar do beco pela parte de trás do lugar. Kaya não precisava adivinhar quem era.

— Merda, — Leah assobiou. — Saia daqui, Kaya. Nunca mais volte, entendeu? Angus vai me matar se me ver falando com você.

— Então venha comigo.

Ela deixou escapar a oferta antes que o pensamento mal se formasse em sua mente. Mas falava sério. Não importa tudo que se passou entre elas há quatro anos, ou em qualquer momento antes ou depois. Leah era sua irmã, sua gêmea. Não podia ir embora sem tentar alcançá-la, apelar a qualquer fio de humanidade ainda permanecendo nela.

— Falo sério, Leah. Pode vir comigo, agora. Prometo a você, a Ordem a manterá segura.

— Cale a boca. — Leah deu uma sacudida vigorosa de sua cabeça, enviando seu cabelo castanho escuro em torno de seus ombros. — Cale-se e saia, Kaya. Não quero sua ajuda. Não quero nada de você.

Mais ruído soou da outra área do bar. Em seguida, uma voz irregular e fria como cascalho chamou. — Raven! Droga, mulher. Onde diabos você está?

Quando Leah vacilou, Kaya alcançou a mão dela. — Venha comigo antes que seja tarde demais.

— Tarde demais? — Ela zombou; frágil e irritada enquanto se soltava de seu aperto. — Não tem ideia do que está dizendo. Agora, saia daqui.

A dor a esfaqueou enquanto via sua irmã se retirar. — Se você recusar agora, eu posso não ser capaz de ajudá-la mais tarde.

— Vá, maldita! — Leah estalou num sussurro severo. Quando os pés de Kaya se recusaram a dar o primeiro passo, Leah jogou seu trapo de lavagem e finalmente circulou o bar. — Saia daqui. Antes que eu o chame aqui para ter certeza que você nunca mais voltará.

O olhar de Kaya agarrou a sutil plenitude da barriga de sua irmã. Ela prendeu a respiração e soou mais como um soluço que um suspiro. — Está grávida. Oh, Deus... Leah. Por favor, me diga que não pertence a Angus.

Mas sua irmã não lhe deu tal confiança. Seu olhar sem piscar ficou fixo em Kaya, sombrio e duro. Seu rosto estava fechado, inescrutável. Irreconhecível, mesmo que fosse um reflexo da própria Kaya.

— Leah, por favor.

— Angus! Eu estou aqui fora.

Seu grito quebrou o coração de Kaya. Ela recuou um par de passos na direção da porta quando o bum de botas pesadas vibrou no assoalho. Sua irmã se afastou quando Kaya chegou à porta da taverna.

A última coisa que viu de Leah foi sua espinha endurecida antes de Kaya virar e fugir para a rua para escapar.



CAPÍTULO 16

Aric deixou cair um arquivo de imagem numa pasta crescente de possíveis para Kaya rever, em seguida, moveu-se para as próximas centenas de fotos que esperavam em seu Tablet. Era um trabalho meticuloso, digitalizando visualmente todas as imagens do casamento por um vislumbre de uma cabeça escura de um homem corpulento que podia vir a ser o que ela viu sair da recepção. Tão tedioso como a busca era, sem ela ter lido os pensamentos de Mercier, a Ordem não teria sequer esta pequena vantagem em sua busca aos membros da Opus.

Deixou sair um suspiro pesado, franzindo a testa quando considerou a forma como Kaya agiu ao redor dele esta manhã.

Compartilharam uma noite incrível juntos. Raios, o nascer do sol também não foi nada ruim. Ele podia estar tentado a chamá-lo de quase perfeito – se não fosse pela notícia terrível que os cumprimentou não muito tempo depois que voltaram ao centro de comando.

O chocante ataque diurno num Darkhaven colocou todos num grave estado de espírito.

Em particular, Kaya.

Pelo que não era a primeira vez, Aric verificou o relógio e perguntou se deveria ter insistido em acompanhá-la em sua corrida. Não que se preocupasse por sua segurança necessariamente. Ela foi treinada para cuidar de si mesma por alguns dos membros mais capazes da Ordem. Era forte de vontade e fisicamente feroz,

mas também estava abalada até seu núcleo pelo que testemunharam hoje. Ele viu isso nos olhos dela após retornarem da cena do crime, mesmo que ela insistisse que estava bem.

Quando passos se aproximavam no corredor, Aric olhou acima, esperando que fosse ela. Mas a marcha estava toda errada, muito pesada para ser seu passo gracioso.

Ele exalou uma maldição, inclinando-se contra seu assento quando Rafe entrou na sala de guerra.

Seu companheiro inclinou a cabeça loira em questionamento. — Algo errado?

— Pensei que poderia ser Kaya. Estou fazendo alguns bons progressos nas fotos e preciso da ajuda dela para terminar e colocar essa tarefa para dormir.

Rafe grunhiu, puxou a cadeira ao lado de Aric e sentou-se sem ser convidado. — Tem certeza que é a única coisa que quer colocar para dormir? Vocês dois pareciam muito amigáveis ontem à noite. Já te vi seduzir outras fêmeas com frequência suficiente para perceber que há algo incomum acontecendo com esta.

— Olha quem fala, — Aric devolveu. Não estava pronto para pensar em como realmente se sentia sobre Kaya, muito menos discutir isso com Rafe. Em vez disso, optou por desviar. — Quão sério está sobre essa Siobhan O'Shea?

— Merda, — Rafe disse, ficando quieto por um longo momento. — É sério. Nunca conheci alguém como ela, cara. É linda, doce e tão inocente. Juro, há momentos em que me pergunto como alguém tão pura e encantadora como ela pode ser real. E a forma como olha para mim... Como se eu fosse seu herói pessoal ou algo assim. É demais.

Aric sorriu, se aproximando para segurar o ombro de seu amigo. — Meus pêsames, irmão. Parece que você está mal.

— Sim. Acho que sim. — Ele soprou uma risada, mas seu olhar era o mais solene que Aric já viu. — Quer ouvir uma coisa maluca? Se tivesse que construir a mulher perfeita para mim, Siobhan seria um *T*. Não sei por que o destino decidiu colocá-la em minha vida, mas agora não posso imaginar deixá-la ir.

Aric riu. — Vindo de você, isso parece loucura.

Em todas as vezes que se embriagaram juntos em Boston e mais recentemente em D.C., Rafe mal deu uma segunda olhada para qualquer uma das inúmeras mulheres que tentaram chamar sua atenção. Sua juba loira e olhos água-marinha que virava cabeças em todos os lugares que ia vinham de sua bela

mãe, Tess. Seu magnetismo com o sexo oposto foi um presente de seu pai, Dante, um dos comandantes mais perigosos e reverenciados da Ordem. Com aparência de anjo caído, encanto sombrio, e arrogância do próprio diabo, Rafe poderia ter qualquer mulher que desejasse.

Que o guerreiro de ouro estava apaixonado por uma criança tímida como Siobhan O'Shea fazia pouco sentido para Aric, mas quem era ele para questionar o coração de seu amigo?

— Tenho que dizer, eu nunca pensei que veria o dia que você deixaria uma mulher ficar na sua pele assim, — disse. — Tenha cuidado, irmão, ou pode acabar se apaixonando.

O fato dele não negar ou, pelo menos, dar uma resposta inteligente disse a Aric apenas como estava cativado pela Companheira irlandesa.

— Só quero mantê-la segura, — Rafe murmurou. — Depois do inferno que ela passou, merece um pouco de felicidade. Quero que ela saiba que pode confiar em mim para protegê-la.

Aric acenou com a cabeça. Estava sentindo o gosto do que sentia quando se tratava de Kaya. Exceto que a confiança dela parecia difícil de ganhar, talvez até impossível. E enquanto ela definitivamente sobreviveu a um passado terrível, estava longe de precisar do resgate de alguém. Era um fato que o fez respeitá-la ainda mais do que se ela fosse uma inocente delicada em busca de um herói para salvá-la.

Na verdade, se fosse pressionado para descrever sua companheira ideal, ela seria muito parecida com Kaya. Inteligente, motivada, independente. Alguém forte e resistente como sua própria mãe, Tavia, ou Renata, mulheres que eram indomáveis, apesar de suas cicatrizes.

E não doía que Kaya fosse uma deslumbrante beleza morena, com um corpo assassino e pernas que continuavam por dias.

Mas não estava à procura de uma companheira. Ao contrário de seu amigo Rafe, não estava prestes a deixar-se persuadir só porque estava se divertindo com uma mulher que qualquer homem teria uma sorte danada de ter em sua cama.

Ou como sua Companheira de sangue.

Por que o pensamento de Kaya com qualquer outra pessoa deixava seus dentes e presas no limite, Aric não sabia – e não se importava de examinar, também.

Estava aqui para fazer um trabalho, e depois seguir com sua vida.

O que significava voltar para D.C. o mais rápido possível, antes que fosse tentado a deixar as coisas se complicarem com Kaya. Até agora, a relação deles era simples. Trabalhavam bem juntos. Deus sabia que se encaixavam bem juntos fisicamente também. Mas isso foi o mais longe que podia se permitir com ela. Apenas uma noite. Sem compromissos e sem promessas de nada mais.

Felizmente, Kaya parecia sentir o mesmo.

Aric disse a si mesmo que era uma coisa boa.

Olhou para Rafe, arqueando uma sobrancelha. — Então, o que está dizendo? Acha que ela pode ser a pessoa certa?

— Como eu disse, louco, certo? — Rafe ficou quieto, em seguida, expeliu um longo suspiro e se levantou. — Ouça, não vim até aqui só para aconselhamento de relacionamento.

Aric bufou. — Isso é um alívio.

— Niko quer nos ver no escritório dele em cerca de dez minutos. Parece que ficaremos em Montreal até o bebê nascer.

Merda. Isso poderiam ser dias. Apenas o que precisava, mais tempo no mesmo teto com a tentação Kaya Laurent muito perto para sua paz de espírito.

Rafe o estudou. — Tem algum outro lugar que você precisa estar?

— Se eu fosse inteligente, em qualquer lugar, menos aqui, — ele murmurou baixinho quando se levantou da cadeira.

Saíram da sala de guerra e dirigiram-se ao corredor que os levaria para os aposentos da mansão anexa.

— Duvido que seja dias antes do bebê chegar, — Rafe disse enquanto caminhavam. — Pela maneira como Renata parecia na reunião de ontem, poderia ser a qualquer momento. Niko já pediu para me colocar em espera para ajudar caso ela entre em trabalho de parto antes da minha mãe e o resto da Ordem chegar para o nascimento.

Aric riu. — Minhas condolências à Renata e o bebê se você é a melhor opção para parteira.

— Vá se foder, — Rafe disse, sorrindo pelo golpe.

Ao se dirigirem para a Ala Residencial da mansão, a atitude de Rafe ficou sombria. — Falando de crianças e mães novas, Mira me contou sobre a situação

naquele Darkhaven esta manhã. Jesus, que tipo de monstro transforma em cinzas um bebê no berço?

O sangue de Aric ferveu com o lembrete. — Um tipo prestes-a-ser-morto, se eu tenho algo a dizer sobre isso. Pessoas assim não param até ver toda nossa raça chamuscada da existência.

— Pessoas como a Opus Nostrum, — Rafe disse severamente.

Aric encolheu os ombros. — Opus pode ter fornecido as balas ultravioletas, mas não estou convencido de que ordenou este golpe. Alguém fez isso por diversão. Por alegria sádica. E se bastardos assim tiverem acesso às armas UV, os assassinatos de hoje não serão os últimos.

— Nikolai já esteve em contato com a Sede, — Rafe informou-o. — Ele e Gideon estão tentando rastrear a bala que você recuperou do ataque ao Darkhaven pelas amostras que tiramos do nosso ataque na casa de Fineas Riordan em Dublin na semana passada.

— É um ponto de partida, — Aric disse. Todos os instintos dizendo que havia pouca dúvida nesse ponto. — Não há como dizer o quanto dessa merda ele foi capaz de empurrar aos outros membros da Opus antes de destruímos seus arsenais. Agora, temos que nos preocupar que a Opus poderia estar colocando esse tipo de poder de fogo nas mãos de rebeldes e grupos de ódio que estavam ansiosos pela chance de começar a nos eliminar.

Ele e Rafe estavam no corredor do lado de fora da cozinha da mansão. Os aromas de frutas frescas, cozidos e café flutuaram para fora, juntamente com os sons das vozes femininas. Kaya estava entre elas.

Rafe desviou sem explicação – não que Aric tivesse que adivinhar o que atraiu o guerreiro para a sala. Siobhan sentava ao lado de Renata no balcão da ilha da cozinha, uma xícara de chá delicada agarrada em suas mãos. No instante em que ela viu o amigo de Aric, seu rosto bonito iluminou-se com um sorriso adorável.

— Olá, linda. — Rafe aproximou-se dela e pressionou um beijo íntimo abaixo da orelha.

Oh sim. Ele estava condenado, sim.

Quanto à Aric, não sabia o que pensar quando seu olhar colidiu com Kaya. Ainda vestida para sua corrida, estava do lado oposto da ilha de Siobhan e Renata, comendo uma maçã. Ela pousou a fruta, parecendo desconfortável quando ele seguiu Rafe na cozinha.

— Estava prestes a descer e encontrá-lo.

Seus olhos piscaram para longe dele enquanto falava. Aric não tinha a capacidade dela de ler mentes, mas não precisava disso para dizer que o evitava por algum motivo. Ele sentiu o mesmo mais cedo, mas agora, tudo sobre sua linguagem corporal e olhar ansioso dizia que ele era apenas a última pessoa com quem ela queria falar.

Antes que ela saísse do centro de comando, ele estava disposto a considerar seu estado retraído como apenas réplica do horror que encontrou na cena do crime no Darkhaven. Agora, porém, se perguntava se havia algo mais que não estava vendo.

Talvez a corrida dela tivesse dado tempo suficiente para se arrepender de deixá-lo fazer amor com ela.

Inferno, provavelmente deveria se arrepender também, mas esse não era o sentimento que tinha quando olhava para ela. Depois de se tranquilizar pela maior parte da manhã que um gosto do corpo doce de Kaya seria suficiente para saciá-lo pela duração de seu tempo em Montreal, estava lá agora, arrebatado pela visão de suas bochechas coradas e o pulso que assinalava num ritmo frenético na base da garganta.

Renata olhou entre eles, seu olhar astutamente curioso. — Vocês progrediram muito nas fotos do casamento?

— Por agora, as reduzimos a algumas centenas de potenciais, — Aric respondeu. — Supondo que podemos encontrar o contato de Mercier na Opus entre a multidão de participantes nas imagens, tudo que precisamos fazer é uma comparação contra a lista de convidados e vamos ter nosso homem.

— A menos que o bastardo não foi convidado, — Rafe disse com seus dedos brincando com um cacho do cabelo loiro-morango de Siobhan.

— O casamento e a recepção estavam tão apertadas como uma visita presidencial, — Kaya interveio. — Ninguém atravessou o portal sem uma verificação de segurança completa.

Aric deu-lhe um olhar irônico. — A não ser que tivessem alguém como Gideon para construir uma cobertura razoável para eles, não é?

Renata acenou com a cabeça. — E infiltrar-se num evento como esse não seria a coisa mais ousada que a Opus alguma vez fez. Seus seguidores podem estar em qualquer lugar.

— Mesmo entre a segurança da propriedade de Rousseau, — Rafe apontou. Olhou para Kaya. — Pelo que sabemos, aquele guarda que te confrontou e atirou em Aric poderia ser da Opus ou trabalhar como agente. Isso pode explicar porque disse que te conhecia. A Ordem só está ciente da Opus Nostrum por algumas semanas, mas isso não significa que eles não tem nos estudado por muito tempo. Talvez tenham mais informações sobre a Ordem e nossos membros do que percebemos.

— Talvez, — ela respondeu calmamente, com um fraco encolher de ombros.

Renata soltou uma maldição. — Uma coisa é os bastardos virem atrás de nós. O que aconteceu naquele Darkhaven hoje atravessou uma dura linha vermelha. Se a Opus está colocando munição ultravioleta e armamento nas mãos de rebeldes ou outros traficantes de ódio, então precisamos desencadear o inferno em todos eles.

Siobhan olhou para Rafe. — Armas UV? Meu Deus. O que aconteceu hoje?

— Algo terrível, — ele respondeu suavemente. — Mas a Opus e o resto dos animais que fizeram isso vão pagar – com muito sangue e morte se a Ordem tem algo a dizer sobre isso.

Enquanto falava, Mira entrou na cozinha com Kellan, ambos com as faces acesas de excitação.

— Acabamos de ter uma identificação positiva do nosso entregador triturado em Pointe-Claire. — Ela levantou um tablet exibindo o rosto do humano que encontraram no saguão do Darkhaven esta manhã. — Rahul Gales. Ou, *Repo*, como é mais comumente conhecido pela polícia e marginais com quem anda numa base regular.

Mira colocou o dispositivo na bancada da ilha para todos verem. Aric rolou através da coleção de fotos e fichas policiais e outros relatórios documentando uma vida de pobreza, furto, abuso de drogas e vários crimes de ódio.

— Sabemos mais alguma coisa sobre ele?

Kellan acenou com a cabeça. — Na semana passada, Gales foi pego pela JUSTIS por vender narcóticos em Dorval. O cara que pagou a fiança, Angus Mackie, é um verdadeiro pedaço de merda também. A maioria de seus subordinados o chamam de *Big Mack*. É dono de um bar decadente em Dorval, um ponto de encontro conhecido por gangues e outros criminosos.

— Certo, — disse Mira. — Mackie só esteve em Montreal na última década, mas tem um longo registro também.

Ela tocou na tela e trouxe outra foto e registro de prisão. Inúmeros crimes encheram a tela, tudo, desde agressão a assassinato. O fato de que um assassino como ele não estava apodrecendo numa cela de prisão em algum lugar era uma pergunta para outro dia. Porque o que atingiu Aric mais que qualquer outra coisa foi uma das fotos tiradas de Angus Mackie após a saída de uma de suas prisões.

A imagem mostrava o humano nu da cintura para cima, coberto de hematomas e lacerações. Uma coleção de tatuagens montava o peito e braços de Mackie; cruces, estrelas e símbolos Gaélicos. Mas havia uma tatuagem no peitoral direito do criminoso que fez o sangue de Aric esfriar.

Olhou para Rafe. — Jesus Cristo. Você vê isso?

— Santo inferno. — O rosto de seu amigo endureceu com a percepção sombria. — Um escaravelho negro.

Aric acenou com a cabeça. — Ele é um dos homens de Riordan.

— Fineas Riordan? — Os olhos de Siobhan arregalaram com a menção do infame senhor do crime de Dublin. — Pensei que ele estava morto. Pensei que a Ordem o matou recentemente.

— Nós matamos, — Rafe respondeu, acariciando o braço dela. — E se este Angus Mackie acabou recebendo armamento UV do bastardo antes de derrubarmos Riordan, então Big Mack é o próximo na lista de extermínio.

Renata se acalmou em seu assento na ilha. — Vou dizer ao Niko o que encontramos. Ele vai querer alertar Washington imediatamente.

— Agente firme, Rennie. Vou com você, — Mira disse, mais que provavelmente uma desculpa para garantir que a Companheira grávida fizesse a longa caminhada sem problemas.

A perspectiva de se aproximar de alguém não só envolvido no ataque ao Darkhaven, mas também um membro da Opus fazia com que os instintos guerreiros de Aric coçassem pela necessidade de combate. Mas não podia ignorar o fato de que Kaya ainda evitava seu olhar.

Ela jogou a maçã meio-comida no lixo. — Vou me lavar e voltar a trabalhar nessas fotos.

Aric acenou com a cabeça em reconhecimento, mas quando ela escorregou da cozinha sem outra palavra, não pôde resistir a segui-la pelo corredor. Ele estendeu a mão e pegou o braço dela.

— Kaya. Você está bem?

— Claro. — Sua tentativa de parecer indiferente foi apenas isso – uma tentativa. Ela saiu do seu alcance e dobrou os braços sobre os seios. — Desculpe, minha corrida demorou um pouco mais do que eu planejei. Espero não ter te segurado.

Ele encolheu os ombros. — Não se preocupe comigo. Parecia que você precisava processar um monte de coisas hoje.

— Acho que sim. — Ela deu-lhe um aceno fraco, em seguida, começou a sair.

— Então, conseguiu? — Sabia que deveria deixá-la ir, não só agora, mas de todas as outras maneiras que importavam também. Mas suas paredes subiram como arranha-céus desde que voltaram da cena do crime em Pointe-Claire até agora.

Especialmente agora.

Ela fez uma pausa, fazendo uma careta para ele. — Consegui o quê?

— Resolver tudo.

— Estou trabalhando nisso.

Ele avançou na direção dela, incapaz de parar seus pés de cortar a distância. Não podia resistir a tocá-la novamente também, apenas o golpe mais leve de sua palma contra o rosto dela. Ela se afastou, lentamente, mas resolutamente.

Ele fez uma careta. — Está chateada comigo?

— Claro que não.

— Então o que há de errado?

— Nada. — Uma resposta curta, muito abrupta para ser acreditada. — Estou cansada e tenho o fedor da cidade em mim. Só quero tomar um longo e quente banho.

Ele olhou para ela, com a certeza de que não estava sendo honesta com ele. Ele viu Kaya operar em seu máximo determinado antes, e percebeu que era o que fazia agora. Ela não podia fugir dele rápido o suficiente, mas por que, ele não sabia.

— Está agindo assim por causa da noite passada? — Droga, não tinha a intenção de sair como uma exigência, mas lá estava. Ele proferiu uma maldição

baixa, em seguida, tentou um timbre mais controlado. — É sobre você e eu transarmos, Kaya?

Ela exalou uma respiração afiada e sacudiu a cabeça. — Não se iluda, guerreiro. Foi apenas sexo. Pensei que nós dois havíamos entendido isso.

— Sim, foi, — ele respondeu; cauteloso em face de quão fria ela estava reagindo em relação a ele. Não ajudou que alguma parte dele não reconhecesse a ideia de que o tempo que passaram conversando e fazendo amor em cima daquela saliência íngreme não tenha mudado os dois de alguma forma.

— Bom, — ela disse. — Agora que tiramos isso do caminho, pode, por favor, me deixar ir?

Droga. Ela realmente falava sério. Tão apaixonada e responsiva como foi com ele quando fizeram amor, agora estava fechada e distante. Completamente fechada para ele.

Aric recuou sem outra palavra, dando-lhe espaço para ir.

E ela o fez.

Girando, o deixou lá, enrolado e confuso, como o estúpido que aparentemente era...



CAPÍTULO 17

O chuveiro não ajudou em nada. A culpa e o medo de Kaya sobre seu passado e as pessoas nele eram uma dor que se agarrava a ela, não importava quanto tempo estava encharcada ou o quão forte tentava esfregar tudo.

Ver Leah depois de quatro anos confirmou tudo que temia – que sua irmã ainda vivia entre os marginais e assassinos, como Angus Mackie e seus associados criminosos. Ainda era um deles, mesmo após todo esse tempo.

Pior que um deles – ela também teria um bebê naquele ambiente tóxico, violento.

A realidade desse fato colocou uma dor dentro de Kaya que ia até sua medula. Ela e Leah foram tão próximas uma vez, embora haja muito tempo. Quando meninas, elas eram tão entrelaçadas quanto gêmeas idênticas podiam ser, duas metades de uma alma. Mas então Leah cresceu muito rápido e a vida continuou a empurrá-las para mais e mais distante. Esse cabo fino que as ligava foi cortado, e Kaya se esforçou para se convencer que estava bem com essa perda. Mesmo agora, queria desesperadamente esquecer a irmã cuja vida parecia destinada a se tornar uma repetição trágica de sua mãe.

Mas não conseguia.

Por mais que quisesse negar o fato de que a rejeição de Leah a machucou, restou um pouco de dor. E tanto quanto queria racionalizar que a Leah que

conheceu quando criança estava perdida há pelo menos uma década, o inferno era que ainda amava sua gêmea.

Em algum lugar fraco e patético dentro dela, Kaya ainda sentia uma lealdade inquebrável para com sua única parente viva. Sentia-se protetora de Leah e preocupada com seu bem-estar, especialmente agora que percebeu que sua irmã estava grávida.

Angus Mackie a violou? Kaya não duvidaria nem por um segundo. Sua irmã tomou algumas decisões ruins em sua vida – muito parecidas com as de sua mãe – mas Kaya se recusava a acreditar que Leah poderia ter permitido de boa vontade que um animal sádico como Big Mack a tocasse.

Então, novamente, o que Kaya realmente sabia sobre Leah agora?

Que temia Mackie era óbvio. Teria que ser tola se não o fizesse. Mas a autoestima de Leah escorregou tão longe que poderia realmente ter desenvolvido algum tipo de relacionamento com o líder da perversa gangue? Kaya só podia rezar para que não. Sua irmã necessitava ser mais sã, mais inteligente que isso.

E se não fosse?

E se descobrisse que a lavagem cerebral e abuso de Leah dentro da comunidade criminosa consumiram até o último fragmento da sua humanidade? Kaya não quis considerar isso.

Mas precisava considerar, porque não demoraria muito antes da Ordem responder a pergunta dela.

Não havia dúvida de que estariam se movendo contra Big Mack e seus comparsas – e logo. A existência de armamento ultravioleta era uma ameaça muito real, muito letal para toda a Raça, combinada com uma ligação evidente entre Angus Mackie e um membro recentemente derrubado da Opus Nostrum, a Ordem perderia pouco tempo para formular um plano de ataque e depois executá-lo.

O que significava que Leah logo estaria na mira da ira da Ordem também.

Sem mencionar seu filho que não nasceu.

O peso da preocupação de Kaya assentou-se como uma bigorna no seu peito. Ela exalou um forte suspiro. — Deus, Leah. Como acabou assim? Por que não me deixou ajudá-la?

Agora, podia ser tarde demais para consertar qualquer coisa na vida da sua irmã.

Depois de hoje, podia ser tarde demais até para Kaya consertar as coisas para ela mesma também.

Deveria ter falado assim que o nome de Mackie foi mencionado. O medo paralisou sua língua. O que os colegas dela pensariam, sabendo que esteve na relva de Big Mack tão recentemente como esta manhã?

Como podia esperar permanecer no rebanho da Ordem se descobrissem que ela mesma uma vez foi parte do grupo que abateu uma família inocente na própria casa? Que nasceu nesse mundo odioso, foi criada dentro dele. Ainda ligada a ele pelo seu amor por sua gêmea.

O que pensariam se soubessem que ocultava essas verdades todo esse tempo? Sua fé nela seria quebrada, possivelmente sem conserto.

Mais cedo ou mais tarde, teria que escolher entre a única família que deixou e a que estava fazendo com seus amigos e companheiros de equipe da Ordem.

Pensou ter feito sua escolha quando começou a treinar como uma guerreira. Agora, não tinha certeza de que seu coração era robusto o suficiente para se desligar de qualquer uma das coisas que amava.

Pior que o conflito que sentia sobre devoção ao seu sangue versus dever com as únicas pessoas que já a fizeram sentir que pertencia, era o arrependimento de Kaya pela maneira como falou com Aric.

Para sua surpresa, ele estava na sala de guerra quando ela desceu depois de seu chuveiro para continuar trabalhando nas fotos. Ela antecipou estar sozinha para rever as imagens que ele havia revisto enquanto ela estava fora naquela manhã. Em vez disso, ele estava de frente para uma parede de vidro de projeção, onde uma série de fotos da recepção era exibida.

Kaya estava na porta aberta, seu olhar encarando o homem que olhava as dezenas de fotos iluminadas na frente dele. Alto, ombros largos e talhados de puro músculo, como um homem Raça, Aric Chase era magnífico. Mesmo parado, irradiava poder e força de outro mundo.

Como a amante que tocou, beijou, e acariciou quase cada centímetro de seu corpo nas horas da noite passada e nesta manhã, apenas a visão dele fez suas pernas ficarem um pouco fracas debaixo dela.

Ele não merecia sua rejeição fria quando se aproximou dela do lado de fora da cozinha há pouco tempo. Nem merecia sua mentira de que a intimidade que compartilharam não significava nada para ela. Ela só queria que não significasse

nada. Na verdade, as horas que passou sozinha com Aric, nua nos braços dele, a lua e as estrelas, e, em seguida, o sol nascente, foram aquelas que iria estimar pelo resto de sua vida.

Teria que se apegar a esses momentos, porque nunca poderia ceder à tentação novamente.

Mesmo que isso significasse afastá-lo.

Ele olhou por cima do ombro, ciente de sua presença, mesmo sem ela dizer uma palavra. — Deve ser mais fácil comparar as fotos aqui em vez da mesa.

Seu tom era nivelado e profissional, como se ela fosse simplesmente uma de seus companheiros agora. Por que isso não lhe deu mais alívio, Kaya se recusava a reconhecer.

A única coisa que ambos concordavam era o fato de que sua parceria era temporária. Quando acabasse, suas vidas continuariam em caminhos separados. Nenhuma expectativa de mais nada. Simples, descomplicado.

No entanto, quando pensava em Aric – cada vez que estava perto dele – seus sentimentos eram tudo, menos simples ou descomplicados.

Foi uma conclusão que a aterrorizou tanto quanto qualquer segredo feio do seu passado ou a ameaça de perder tudo que trabalhou com a Ordem.

Aric Chase a fazia desejar coisas que nunca imaginou que teria em sua vida. Um confidente. Um protetor. Um amante que dava tanto prazer quanto exigia.

Um verdadeiro parceiro de todas as maneiras que importava.

Coisas que nunca poderia esperar ter, pois seu passado e as pessoas que ainda se amarravam a ela eram segredos que não ousava trazer à luz.

Quanto tempo poderia manter a verdade escondida dessas novas pessoas que gostava, Kaya não sabia.

Mais e mais, parecia como veneno em sua língua.

Especialmente quando olhava para Aric.

— Sim, deve ajudar, — ela respondeu, entrando na sala quando ele colocou mais imagens para reverem. Ela se afastou para o lado dele e tentou se concentrar nas centenas de rostos, perfis e nucas indescritíveis – qualquer um dos quais poderia ser o homem que procuravam. Seus olhos digitalizavam a multidão e fotos de grupos, mas todos os seus sentidos estavam fixos em Aric. — Pensei que poderia estar em algum lugar com Rafe, Mira e o resto da equipe.

— Pensou, ou esperou? — Ele não olhou para ela, nem mesmo um olhar de soslaio. Como se não tivesse dito nada, estendeu a mão para reorganizar a sequência de imagens diante deles. — A equipe de patrulha tem o trabalho deles para fazer. Eu tenho o meu. Infelizmente, não vou a lugar nenhum até encontrarmos o bastardo da Opus que estava na recepção do casamento.

E pela borda de aço em sua voz, parecia que não podia terminar rápido o suficiente.

— E esse cara? — Ele apontou para um perfil mais obscuro num baixo homem de cabelos castanhos.

Kaya balançou a cabeça. — Não é ele. O cabelo é mais fino e mais longo do que o do homem que vi.

Aric grunhiu e seguiu adiante. Ampliou num convidado do casamento diferente com cabelos escuros, parando para olhar para ela em questionamento.

— Muito gordo. E acredito que o cavalheiro está usando uma peruca.

Olhando mais para ele, ele sorriu. — Droga. Você está certa.

Ele descartou ambas as imagens, juntamente com várias outras contendo tipos alternativos dos mesmos homens. E assim foi, uma foto após a outra, nenhuma delas trazendo resultados positivos para a Ordem.

Kaya suspirou. — No ritmo que vamos aqui, podem ser dias até encontrar o contato de Mercier.

— Não temos mais dias. — A voz de Aric estava séria. — Se o cartucho de bala UV que recuperamos não fosse ruim o suficiente, a tatuagem do escaravelho negro em Angus Mackie muda tudo.

Ela engoliu; seus nervos estridentes de pavor. — O que quer dizer?

— A Ordem não ficará parada assistindo a Opus Nostrum ou qualquer um com alianças com eles criando pânico entre os Raça com a ameaça de armamento ultravioleta. Big Mack vai cair.

— Claro que sim.

A voz de Nikolai era um rosnado baixo atrás deles. Tanto Kaya quanto Aric viraram para olhar ao ancião Raça, vestido em farda preta e botas de combate. Em torno de seus quadris estava um cinto cravejado com todos os tipos de armas: pistolas, lâminas, estrelas de arremesso.

Aric mostrou um sorriso frio e uma ponta de suas presas. — Você chefia a equipe hoje à noite, comandante?

Ele deu um aceno curto. — Lucan quer que este idiota seja capturado vivo para que possamos interrogá-lo. E se ele tem UV na mão, precisamos de alguém para trazer aquele merda em segurança e trancá-lo.

Franzindo a testa, Aric olhou para Kaya depois para Niko. — Alguém que não vá virar cinzas, você quer dizer.

— De preferência, sim. — Nikolai sorriu. — Então, considere isso a formatura oficial de ambos na equipe. Parabéns por conseguirem a nota. Agora, preparem-se e vão à sala de armas. O anoitecer é daqui a dois minutos. Quero as rodas no asfalto no segundo que a noite cair.



CAPÍTULO 18

O ataque surpresa a Angus Mackie foi um fracasso. Aric sentiu isso mesmo antes de entrar na taverna do líder da gangue em Dorval. Ele, Kaya e Rafe acompanharam Nikolai ao estabelecimento desocupado, enquanto a poucos quilômetros de distância, Mira e seus três companheiros de equipe acabavam de informar a mesma situação decepcionante enquanto fechavam a degradada casa de Big Mack perto do rio.

— Encontrou alguma coisa lá atrás? — Niko perguntou à Aric quando saiu com Rafe após sua busca no escritório dos fundos vazio e depósito.

— Nenhum vestígio de Mackie, mas sim, encontramos algo.

Aric estendeu a mão. Descansando em sua palma estava uma bala que fazia até mesmo um guerreiro experiente e acostumado, perito em munições customizadas como Nikolai dar um passo atrás. Este não era um invólucro gasto como os que recuperaram dos assassinatos no Darkhaven; Esta era uma rodada ao vivo. Dentro do corpo de vidro diamantino da bala brilhava uma pequena, mas letal dose de luz ultravioleta liquefeita.

— Estava perto da porta dos fundos que despeja no beco.

— Santo inferno. — Niko lentamente sacudiu a cabeça, seu olhar fixo sobre a cor azul leitosa do fluido dentro do pequeno cilindro. — Acho que não precisamos mais nos perguntar se algum dos braços de Riordan e da munição UV saiu da Irlanda.

— Não, — Aric disse. — A única questão é, de quanto estamos falando? Há marcas de rodas enlameadas de um caminhão rolando sobre a sujeira e concreto lá fora. Alguém fez um monte de viagens de ida e volta carregando apressadamente algo daqui hoje.

— Merda. — O comandante raspou a mão sobre o maxilar quadrado. — Tudo que é preciso é um tiro deste para transformar em cinzas até mesmo o mais forte da nossa espécie. Cada bala que nossos inimigos detêm é demais.

Nisso, todos concordavam.

Mesmo que a memória de Aric não fosse tão impecável como a de sua mãe, nunca esqueceria a visão das pilhas de cinzas negras que viveram, respirando como civis Raça. Além de alguns raros como ele que nasceram imunes à luz solar, para a maioria de sua raça não havia volta de um ataque UV.

Fúria ardeu nos olhos de Rafe. — Mackie foi avisado que estávamos em cima dele.

— Provavelmente, — Nikolai murmurou. — Mas há uma chance que ele tenha se acovardado e correu depois que seu companheiro foi fatiado durante o ataque ao Darkhaven. Não é nenhum segredo que a Ordem estava em cena no casamento de Mercier, onde outro de seus companheiros de longa data acabou morto, assim, mesmo um instrumento contundente como Big Mack poderia ser capaz de adivinhar que iríamos bater na porta dele com perguntas, mais cedo ou mais tarde.

Rafe grunhiu. — Que sorte, nesse caso. Ratos como Mackie correm em bandos, e todos sabemos que o ódio é uma cadela insidiosa que pode se esconder em qualquer multidão. Têm até a audácia de sorrir para você enquanto escondem uma lâmina atrás das costas.

— Ou uma arma carregada com isto, — Aric respondeu.

Nikolai deu um aceno sombrio. — Certo, terminamos aqui. Não precisamos de mais nada para saber que estamos no caminho certo com Mackie. O filho da mãe acabou de se tornar nossa principal prioridade. Vamos voltar para a base e...

— Comandante, — Kaya disse atrás do bar, sua voz grave. — Encontrei algo. Há um cofre escondido aqui em baixo.

Ela parecia se esforçar para evitar Aric desde que as equipes partiram esta noite. Pensativa na viagem para Dorval, ela sentou-se de costas para ele em silêncio, enquanto Niko dirigia e Rafe montava a espingarda no SUV preto da Ordem. Apesar do fato de estar rodeada por uma equipe de três guerreiros Raça,

parecia igualmente solitária agora, continuando sua busca no estabelecimento enquanto Aric e seus companheiros conversavam do outro lado da sala.

Nikolai girou um olhar de aprovação para ela. — Bom olho. Vamos abri-lo e dar uma olhada lá dentro.

Ela recuou para deixá-lo se mover. Aric e Rafe seguiram, observando Niko se agachar e desativar a combinação com um comando mental. Começou a abrir a porta do cofre, e depois fez uma pausa. Seu olhar frio azul-gelo flutuou até Aric. — Talvez deva fazer as honras. Só para o caso de haver mais daquela merda aqui.

— Claro. — Aric retornou o sorriso de Nikolai quando cuidadosamente colocou a bala UV em cima da superfície marcada do balcão. Não haveria gracejos sobre o receio do ancião da Ordem. Como Raça, apenas um completo tolo ou um herói trágico seria idiota o suficiente para rejeitar o poder de matar desse tipo de armamento. No final, não importava qual a categoria aplicada, porque qualquer um deixaria para trás nada além de cinzas.

Aric esperou para investigar até que Niko e Rafe se afastaram à segurança do outro lado do longo balcão. Kaya permaneceu, e ele ouviu sua respiração inspirar quando puxou a porta do cofre.

— Tenha cuidado, — ela sussurrou; as primeiras palavras que disse a ele desde que chegaram.

Ele acenou com a cabeça, atingido por ver verdadeira preocupação na expressão dela. Aqueceu-o mais que queria admitir. Como ficou tão enrolado com esta fêmea que uma simples expressão de bondade dela com seu camarada companheiro o afetava tão profundamente quanto seu abraço?

Com mais esforço que deveria ter exigido, colocou de lado sua consciência dela e se concentrou em fazer seu trabalho. Olhou dentro do cofre.

— Dois revólveres, — ele relatou ao pegar as armas e as inspecionar. — 9mm, munição padrão. Sem UV.

— Graças por isso, — Rafe murmurou.

— Há algo mais aqui. — Aric alcançou o fundo, seus dedos fechando ao redor de um bloco do tamanho de um tijolo envolvido em celofane grosso. — Narcóticos. Ah, merda, — disse assim que tirou o objeto do cofre e estava em sua mão. — É dragão vermelho.

Nikolai assobiou uma maldição em seu russo nativo. — Quanto tem?

— Cerca de um quilo, — adivinhou, a julgar pelo peso do pacote na palma da mão. Ele se levantou e o colocou em cima do bar ao lado da bala UV e as duas pistolas.

— Cristo. — Rafe disse; a boca pressionada quando pegou o tijolo e olhou para o pó vermelho embalado e escondido dentro do envoltório plástico. — Como com a UV, não é preciso muito desta merda para fazer o trabalho.

Kaya olhou para ele também, suas sobrancelhas finas franzidas com confusão. — O que é dragão vermelho?

— Banho de sangue instantâneo, — Rafe respondeu. — Se quer transformar o mais suave civil Raça num assassino violento, dê-lhe uma dose deste lixo, e se afaste.

— É uma droga recentemente ligada a Opus, — Aric explicou. — Quando a Ordem derrubou Fineas Riordan, explodiram um grande esconderijo de armamento ultravioleta e caixas de narcóticos lacrados como este. Sabemos que algo disso já está em circulação em todo o mundo pelo simples fato de termos um aumento na atividade de renegados ultimamente. Houve matanças de humanos por Raças em áreas diferentes pelo mundo inteiro.

— Oh, Deus. — O rosto dela ficou um pouco frouxo. — Está dizendo que este pó vermelho faz com que os vampiros Raça cumpridores da lei se transformem em assassinos sanguinários?

Aric acenou com a cabeça. — A Opus não gostaria de nada mais para atizar as chamas da paranoia criando uma epidemia de ataques Raça em humanos.

— Que geralmente resulta em retaliação do outro lado, — Rafe acrescentou. — Sem mencionar o poder que dá aos bandidos de ódio como Angus Mackie para continuar trazendo novos recrutas à sua causa.

Nikolai grunhiu. — Círculo vicioso. Um contra o qual lutamos a um longo maldito tempo.

Aric e Rafe concordaram em uníssono. Apesar de serem novos na batalha, ambos os pais estavam afundados nele, juntamente com Niko e o resto da Ordem desde o início.

O trabalho da Ordem era tremendo, como era seu sucesso, mas a guerra estava longe de acabar. Aric tinha um pressentimento que esta nova luta seria muito mais feia que qualquer coisa que o mundo já viu. Pretendia encontrá-lo de

frente, o que era apenas mais uma razão para ficar feliz que Kaya travou os freios sobre o que era que estava tomando forma entre eles.

Ainda assim, isso não impedia seu olhar de se desviar para ela quando ela estava ao lado dele atrás do bar, seus braços cruzados e olhos castanhos muito distantes, perturbados. Tão assombrados como jamais os viu.

— Nikolai, — ela murmurou depois do que parecia um tempo muito longo. — Eu poderia falar com você em priv...

O gemido repentino e agudo do comandante cortou abruptamente sua pergunta. A expressão dele se restringiu a agonia. — Ah, Cristo. — Ele soltou uma maldição e empurrou a mão, segurando a borda do balcão.

— Você está bem? — Rafe pegou o braço dele. — Niko, deixe-me te ajudar.

— Não posso. — Ele balançou a cabeça, dor irradiando.

— O que está acontecendo? — Kaya perguntou, contornando o balcão com Aric.

O imenso guerreiro Raça cambaleou, suor escorrendo de sua testa. — Renata. — Ele pronunciou o nome de sua companheira através dos dentes cerrados e presas. — Santo inferno. É o bebê. Ele vem aí. Agora mesmo.

Aric disparou um olhar urgente para Rafe. — Vou pegar o veículo.

— Não há tempo. — Niko acenou fortemente a cabeça. E através de sua angústia, um sorriso animado puxou seus lábios e suas presas emergiram. Ele riu; maravilha brilhando em seus olhos azuis-gelo, apesar da intensa dor física que compartilhava com sua Companheira através do laço de sangue. — Santa merda, está mesmo acontecendo. Vou embora. Chegarei a casa mais rápido a pé.

Não desperdiçou nem mais um segundo. Num borrão, Nikolai fugiu do bar e desapareceu na noite.



CAPÍTULO 19

Nikolai não diminuiu sua velocidade até que suas botas atingiram o mármore polido do vestíbulo do centro de comando. Sua genética Raça o levou em poucos minutos através das milhas entre Dorval e a mansão no topo de Summit Hill; agora seu vínculo de sangue com Renata o fez correr pela residência até a enfermaria alojada no centro nervoso da base de Montreal.

Kellan estava no corredor do lado de fora da sala médica, sua unidade de comunicação na mão. — Acabei de tentar ligar para você para que saiba que é hora do show. — O guerreiro Raça mais jovem deu-lhe um sorriso simpático. —Deveria saber que a ligação de vocês lhe daria o aviso antes que alguém mais precisasse. Tudo aconteceu tão rápido.

— Como ela está?

Kellan riu. — Emitindo ordens como um sargento desde que a bolsa estourou há alguns minutos. E ameaçando te espetar com as quatro lâminas favoritas dela se não conseguisse chegar aqui antes do bebê.

Em outras palavras, Renata estava bem. Niko soltou o fôlego que não tinha conhecimento que estava segurando. — Essa é minha garota.

Kellan acenou com a cabeça. — Quanto à sua outra garota, liguei para Mira logo depois que tentei falar com você. Está a caminho agora com sua equipe.

— Obrigado. — Niko aplaudiu o companheiro de sua filha adotiva no ombro. — Agora, é melhor eu levar minha bunda para dentro antes que minha mulher decida esculpir uma nova.

Seu olhar se afastou do macho até a metade da passagem. Siobhan carregava uma grande pilha de toalhas dobradas nos braços enquanto corria em direção a Nikolai e Kellan.

— Pensei que isto poderia ser útil, — ela disse; a pequena Companheira quase sem fôlego quando se aproximou. — Há alguma coisa que eu possa fazer? Vocês foram tão gentis comigo, e me sinto um pouco inútil e no caminho desde que cheguei aqui.

O comandante nele estava à beira de informar a dócil civil que ela estava numa área restrita aos membros da Ordem, mas ela parecia tão séria com sua oferta de ajuda que Nikolai conteve o impulso. Por pouco.

Dando-lhe um aceno seco de reconhecimento, olhou apontando para seu companheiro.

Kellan suavemente se aproximou. — Levarei isso para você, Siobhan. Venha, vou te mostrar o caminho lá em cima para esperar por Rafe e os outros. É terrivelmente fácil se perder aqui, se não sabe aonde vai.

Niko apreciou a assistência diplomática. Neste momento, não tinha paciência para nada além de chegar ao lado de Renata. A dor compartilhada de outra de suas agudas contrações o rasgou enquanto se afastava de Kellan e Siobhan para alcançar a trava na porta da enfermaria.

Rangendo os dentes contra a queimadura da agonia dela, entrou na sala de parto de Renata.

— Ei, querida.

Estava sentada numa posição semi reclinada, no meio de uma cama de hospital. Seus dedos agarravam os trilhos num aperto de mãos brancas e ela rugiu quando o pior da dor do trabalho de parto a inundou. Nikolai também sentiu. Não só por causa do vínculo de sangue, mas por causa da profundidade de seu amor pela mulher que sofria esta tortura por causa dele.

Por ele.

E pelo filho deles.

Ele foi imediatamente para a cama dela. Uma coleção de toalhas descansava na mesa ao lado dela. Ele molhou uma no jarro de água gelada que estava assentado lá também, em seguida, pressionou a compressa fria na testa suada.

— Ele está vindo tão rápido, — ela ofegava entre as contrações. — Não posso atrasá-lo.

Niko grunhiu. — Primeiro, nosso garoto nos fez esperar nove longos meses e mais alguns, e agora está com pressa de chegar aqui. Definitivamente terá que falar com ele sobre timing.

Renata conseguiu uma risada, mas seu olhar ficou preso e solene nos emaranhados e umedecidos cabelos de ébano até o queixo. — Quando saiu hoje à noite, tive um pressentimento de que ele viria logo. Estava com medo que fosse perder.

— Nunca. — Niko sacudiu a cabeça e acariciou a bochecha quente. — Não há uma maldita coisa que ficaria entre este momento e eu. Sabe disso, certo?

Ela conseguiu um aceno vacilante antes de cair em outra impressionante onda de dor. Seu grito rasgou cada fibra de seu ser. Deus, ele queria poder suportar tudo por ela. Todas as suas piadas sobre mantê-la grávida com mais de seus filhos secou como serragem em sua garganta enquanto esfregava o rosto e ficava debilitado, humilhado e impressionado pela tenacidade de sua adorável e forte Renata.

— Está indo muito bem, querida. — Ele se inclinou e beijou o topo de sua cabeça quando a contração diminuiu. — Cristo, você é tão valente. Tão linda.

Ela inalou. — Estou encharcada de suor e minha barriga é grande como uma casa. Sinto-me como um carrapato prestes a estourar.

Niko sorriu. — Bem, você parece uma deusa para mim. Você é uma deusa. Minha.

— Você é louco, — ela disse, mas permitiu que ele beijasse os lábios selados. — Eu te amo, Nikolai.

— Ah, querida. — Sua voz estava sufocada pela emoção que não podia conter. — Te amei desde o primeiro minuto que coloquei os olhos em você.

— Mesmo naquele segundo que te ataquei e derrubei sua bunda arrogante?

— Especialmente então.

Ele sorriu, lembrando quando conheceu a resistente Companheira de cabelos pretos com uma habilidade psíquica excepcionalmente poderosa. Ele

pressionou a testa na dela, segurando seu claro olhar verde jade. Que esta mulher extraordinária fosse dele, mal conseguia conciliar. Nunca iria querer tomar um fôlego sem ela ao seu lado.

Outra contração a golpeou e ela a montou, estabelecendo-se na dor. Possuindo-a. Niko só podia entrelaçar seus dedos e segurar rápido, dispondo toda sua força para ela, embora sua mulher guerreira parecesse ter uma reserva infinita própria.

Na breve calmaria que se seguiu, ela se deitou e fechou os olhos, escorando-se para a próxima rodada.

— Fale comigo, — ela murmurou suavemente. — Conte-me sobre a missão desta noite. Pegamos aquele filho da puta em Dorval?

Ele riu sob a respiração, balançando a cabeça. — Não há realmente nenhum descanso para você, não é?

Sua boca curvou num sorriso lento. — Ia me querer de outra maneira?

— Meu amor, eu te quero como puder. — Ele acariciou seu rosto bonito. — E a tenho, se a memória não me falha.

Agora ela riu, e o som o confortou – sua total confiança nele como seu companheiro e seu parceiro em todas as outras coisas que enfrentavam juntos – fez seu coração inchar em seu peito. Ele continuou acariciando-a, precisando do contato tátil tanto quanto ela. E se ouvir sobre o negócio da Ordem podia facilitar, de alguma forma, seu trabalho de parto, quem era ele para discutir?

— Chegamos tarde demais para nos aproximarmos de Mackie ou sua gangue. Tanto o bar como sua residência foi esvaziado não muito antes de chegarmos. — Niko suspirou, deixando sua maldição vazar na expiração. — Sabia que a Ordem estava sobre ele de alguma forma, e teve tempo suficiente para evacuar – juntamente com o que parece ser quantidades substanciais de munições UV. Mas deixou-nos dois prêmios de consolação.

Nikolai deu-lhe um resumo rápido sobre as balas UV que Aric e Rafe recuperaram, e o tijolo de narcóticos que certamente era dragão vermelho.

— Lucan não ficará feliz em saber que perdemos Big Mack hoje à noite, — ele confidenciou. — Inferno, eu não estou feliz com isso também.

— Vai achá-lo, — Renata assegurou; seus cílios escuros levantando para revelar confiança e determinação nos olhos verdes. — Vamos pegá-lo, Niko. Porque

não vamos parar até que todos os membros da Opus e seus seguidores estejam apagados da existência — AGH!

A contração rolou sobre ela como um trem de carga, a pior. Nikolai odiava a dor em que ela estava, odiava ter desempenhado um papel em colocá-la nisso quando plantou seu filho dentro dela. Murmurou palavras suaves de incentivo enquanto seu corpo se esforçava e lutava contra a agonia.

Niko passou o pano fresco sobre seu rosto e pescoço quando ela relaxou novamente, tão preso em Renata que mal ouviu a batida na porta. Rafe a abriu lentamente e deu um passo dentro.

— Como estão as coisas aqui?

Nikolai só tinha uma resposta. — Estou casado com uma mulher incrível.

Rafe sorriu. — Ninguém jamais discutiria esse ponto com você. Renata, eu posso fazer algo por você?

Ela balançou a cabeça no travesseiro, seus dedos ainda entrelaçados com Niko. — Estou bem. O bebê está quase aqui agora.

Rafe olhou para Niko para confirmação. Embora não fosse incomum os nascimentos Raça ocorrerem em casa, sem assistência médica, ter um curandeiro presente no centro de comando era um conforto que Nikolai não podia negar. Mas detestava compartilhar Renata e este momento com qualquer outra pessoa.

Quase qualquer um.

— Rennie? — Mira espiou em torno da porta meio-aberta.

— Ratinha. — O rosto de Renata se iluminou ao ver a antiga órfã que se tornou uma filha para Nikolai e ela nos últimos vinte anos que estiveram juntos. Ela estendeu a mão livre para Mira. — Fique conosco. Você pertence aqui também.

Eram família, os três. Mais recentemente, Kellan elevou seu número para quatro.

E em breve, alguns minutos no máximo, receberiam outro na família.

— Devemos chamar o D.C., — Mira disse para Rafe quando entrou na sala. — Vão querer saber que o bebê está finalmente chegando.

Nikolai sorriu para o ar de comando nela. Ela não nasceu do corpo de Renata, mas Mira cresceu sob sua asa e orientação para se tornar uma força a ser reconhecida.

Rafe sorriu. — Fiz a chamada a caminho daqui. Lucan tinha o jato abastecido e em espera há mais de duas semanas. Já estão a caminho enquanto falamos.

Niko acenou com a cabeça para Rafe e sua filha. — Obrigado. A ambos.

O guerreiro curandeiro partiu em silêncio, fechando a porta. Mira correu para o outro lado da cabeceira de Renata e pressionou um beijo amoroso em sua têmpora.

— O que posso fazer?

Renata sorriu ternamente. — Pegue minhas mãos, ratinha. — Então olhou significativamente para Niko e deu um aceno suave. — Ele está vindo agora.

Mal houve um momento antes da próxima contração a apreender. Juntos, ele e Mira a ajudaram durante a última provação. Então, quando chegou a hora, Nikolai recebeu o escorregadio milagre que era seu filho.

Ele segurou o bebê chorando em suas palmas, ficou mudo e praticamente inútil pela maravilha do que acabava de experimentar com as duas mulheres que amava mais do que qualquer outra coisa em sua longa vida... E agora isso, o precioso presente que embalava em suas mãos.

Renata disse a ele o que fazer em seguida, e de alguma forma, clara o suficiente para pensar, falar e fazer as coisas certas para seu filho depois de tudo que passou enquanto Niko mal podia fazer mais que olhar e se maravilhar, agradecendo silenciosamente a Deus pelas bênçãos que nunca poderia esperar merecer plenamente.

— Nosso filho, — ele disse enquanto o levava para Renata e cuidadosamente colocava a criança limpa e nua no peito dela. Nikolai não ligava que suas bochechas estivessem molhadas de lágrimas. Não sentiu vergonha por sua fraqueza quando vinha a esta mulher... E agora, esta criança.

Olhou para Mira, cujos próprios olhos brilhavam com poços de lágrimas. Nikolai acenou com a cabeça, sobrecarregado de emoção quando olhou para esta filha crescida de seu coração também. — Ratinha, conheça seu irmãozinho.

— Eu já o amo. — Ela se moveu, tocando a cabeça do bebê. — Vou deixar vocês o apreciando enquanto informo a todos que ele finalmente chegou.



CAPÍTULO 20

O centro de comando de Montreal vibrou com energia nas duas horas após o nascimento do filho de Nikolai e Renata. Como se o bebê não fosse suficiente para enviar uma onda de excitação pelo lugar, preparações também foram feitas para a chegada do fundador da Ordem, Lucan Thorne, e vários outros guerreiros anciãos e suas companheiras, atualmente a caminho para comemorar pessoalmente o nascimento.

Kaya estava feliz por Niko e Renata. Também estava feliz por sua amiga, Mira. A tenaz capitã da equipe mergulhou completamente em seu novo papel esta noite – a de exultante irmã mais velha. Mira praticamente flutuava desde que saiu do lado de seus pais adotivos na enfermaria para anunciar que o bebê havia feito sua entrada muito aguardada.

Quanto à Kaya, não podia deixar de pensar em sua própria irmã e na criança que carregava.

Na verdade, esteve pensando em Leah o dia todo. Ainda mais agora que Angus Mackie e toda a sua gangue aparentemente sumiram antes do ataque da Ordem.

Sozinha na cozinha da mansão, Kaya colocou uma chaleira de água sobre o queimador, culpa a rasgando ao reviver a missão de hoje à noite. Não só porque provavelmente foi sua visita à Leah na taverna que estimulou Big Mack a correr,

mas por causa de seu silêncio sobre essa visita quando ela e os outros guerreiros se preparavam para o ataque.

Pela primeira vez em sua vida, se comparou a uma covarde.

No entanto, havia uma parte dela que estava profundamente aliviada por sua irmã ter escapado da descoberta da Ordem. E da ira deles.

Kaya sabia que seu dia de acerto de contas estava chegando. Estava se preparando para esse momento mais cedo esta noite, antes de Nikolai descer à sala de guerra e informar a ela e Aric que ambos finalmente foram aceitos como guerreiros. Kaya deveria estar celebrando a conquista que trabalhou tanto para ganhar. Em vez disso, no caminho para o bar de Angus Mackie parecia estar a caminho da forca.

Então, quando finalmente encontrou coragem para tentar novamente, seu pedido para se encontrar em privado com o comandante foi frustrado pela chegada urgente de seu filho.

Ela exalou uma risada sem graça, triste pela ironia de tudo isso.

E se estava indo para o túmulo, de acordo com a Ordem, era um buraco que só havia cavado para ela mesma. O medo de ser rejeitada pelas únicas pessoas que alguma vez lhe mostraram alguma gentileza a manteve calada sobre seu passado e as pessoas nele. Agora, era esse medo e silêncio que garantiriam que perderia essa nova família que amava tanto.

Incluindo Aric.

Apesar de que, para ser justa, ele não era dela. Imaginar um mundo onde ele poderia ser apenas fazia o arrependimento e saudade fútil dentro dela piorar.

Como o príncipe arrogante que ela tinha certeza que desprezaria era o único homem que se aproximou o suficiente para ver as paredes íngremes que construiu ao redor do coração? Como podia estar em perigo de perder seu coração para um homem que não podia esperar para vê-la em seu espelho retrovisor?

Como podia desejar Aric Chase, independentemente de todas essas coisas?

Kaya lentamente balançou a cabeça. — Porque sou uma tola, é por isso.

A chaleira começou a assobiar, afastando seus pensamentos dos sonhos que nunca sequer fingiu ter até que conheceu Aric. Kaya derramou a água fervendo, olhando para a fumaça do chá sobre a borda de sua caneca.

Não tinha mais tempo para desperdiçar em sentimentos suaves e fantasias tolas. Assim que o fervor sobre a chegada do bebê e os guerreiros visitantes fosse

embora, ela e Nikolai conversariam. E então, estava certa, sua curta carreira com a Ordem acabaria. Antes disso acontecer, queria fazer algo útil com o tempo que restava.

Não podia estar mais desapontada consigo mesma, mas seria amaldiçoada se falhasse com a ordem ainda mais, abandonando sua missão de identificar o membro da Opus que ligara a Stephan Mercier.

Com a caneca de chá quente na mão, ela caminhou até a mesa da grande cozinha, onde colocou as fotos impressas e um tablet contendo imagens e arquivos de vídeo do casamento. Aric ajudou a refinar a busca consideravelmente desde que começou, mas ainda havia horas de trabalho à frente. Possivelmente dias.

Seu forte suspiro foi recebido por uma mudança sutil no ar atrás dela. Embora Aric fosse silencioso, um predador nato, o poder de sua presença se registrava dentro de seus sentidos como um carinho físico.

— Uma noite e tanto, — ele disse; sua voz profunda uma vibração que sentiu em suas veias.

— Sim, tem sido. — Kaya girou o olhar para ele quando se aproximou.

Ambos trocaram a farda de patrulha. Trocou as calças pretas, e em seu lugar, usava calças de treino e uma regata escura que mostrava seus braços fortes e ombros, enquanto se agarrava a cada cume e músculo de seu torso magnífico.

Kaya quase gemeu por como doía só de olhar para ele. Sua pele estava tensa e acalorada em suas roupas soltas. Ela também optou por conforto, vestindo calças de yoga e uma enorme camiseta que Balthazar emprestou há uma semana, após uma das sessões de treino com tinta arruinar a dela. Seu companheiro não a pediu de volta, e embora não pensasse nada ao usá-la hoje à noite, vendo o olhar de Aric se estreitar desaprovando a roupa de tamanho guerreiro fez suas bochechas ruborizarem com calor indesejado.

E seu rosto não era a única coisa repentinamente ficando muito quente quando ele se aproximou dela.

Ela limpou a garganta. — Como estão os novos pais?

— Acabei de sair da enfermaria a alguns minutos, — ele disse; sua boca sensual curvando-se num sorriso. — Renata já está de pé. O que é bom, porque as pernas de Nikolai ainda parecem um pouco trêmulas.

Kaya riu, tentando imaginar o temível guerreiro siberiano como qualquer coisa, menos que em pleno comando de qualquer situação. Muito parecido com o bonito macho Raça atualmente ao seu lado.

— Mira me disse que achava que Niko ia desmaiar depois de ter entregado o bebê. Não sabia que ele e Renata lidariam com o nascimento sozinhos.

Aric acenou com a cabeça. — Rafe estava em espera no caso de algo dar errado e precisarem de um curandeiro, mas as complicações são raras entre a Raça. Cabe aos pais decidir quem querem na sala com eles. Para muitos casais, os nascimentos são tão sagrados e íntimos quanto seus laços de sangue.

— Foi assim com seus pais?

Seu sorriso se aprofundou. — Uma vez que encontrá-los, não precisará perguntar. Devem estar aqui a qualquer momento.

Kaya engoliu; seu estômago revirando com a ideia de que logo estaria na mesma sala com a mãe e o pai dele, e vários outros anciãos da Ordem e suas Companheiras quando chegasse a hora de apresentar o bebê e anunciar seu nome. Mira preencheu os detalhes básicos do ritual Raça praticado após o nascimento de uma criança, e Kaya não podia negar que estava animada para fazer parte disso.

Os líderes da Ordem chegando a encontrariam como um membro da equipe de Montreal, uma distinção que se sentia honrada em manter, não importa quão temporário podia acabar sendo. Mas a maior parte de sua ansiedade resultava do simples fato de que queria que os pais de Aric gostassem dela.

Uma coisa ridícula para se esperar, e egoísta também.

No entanto, isso não a fazia querer menos.

Saber que Aric estaria no avião com o resto da Ordem quando voltassem para casa em D.C. não a fazia o querer menos, também.

Particularmente quando olhava para ela com olhos firmes, que ardiam com intensas promessas.

Kaya se sacudiu mentalmente, saindo de seu anseio inútil e voltando para as fotografias. — Quem acha que será nomeado padrinho do bebê?

— Rio e Dylan, — ele respondeu sem hesitação. — Nunca houve dúvida sobre isso. A amizade de Niko e Rio remonta há vinte anos, quando a Ordem tinha apenas alguns guerreiros e se baseava em Boston.

Ela olhou para ele quando se aproximou, juntando-se a ela na mesa. — Boston, — ela comentou. — É de onde vem a família do seu pai.

Ele acenou com a cabeça. — Os Chase estão naquela cidade há inúmeras gerações.

— Mas você vai para Seattle agora que foi promovido a guerreiro?

— Eventualmente, — disse ele. — De preferência, quero estar onde a ação está. Onde quer que eu possa servir melhor a Ordem.

Kaya olhou para as imagens de todas aquelas pessoas ricas e felizes. Pessoas que poderiam fazer seu próprio futuro, escolher seus próprios destinos. Pessoas que não estavam amarradas pela pobreza, negligência ou escolhas que iria selá-los por toda a sua vida. Pessoas como Aric, que seguravam o mundo pela cauda simplesmente em virtude de seu nascimento.

— O que você quer, Kaya?

Ela não ousou olhar para ele. Ela, a menina que se ensinou a não temer nada, agora estava lá, aterrorizada que poderia deixá-lo ver como estava com medo de querê-lo.

Ela balançou a cabeça, esperando que ele deixasse a pergunta ir.

Mas era com Aric Chase que estava lidando. Ele era tão tenaz e determinado quanto ela. Ele estendeu a mão e gentilmente pegou o queixo nas pontas dos dedos. — Diga-me.

— Eu costumava pensar que queria ver o mundo, — ela murmurou, lembrando quão desesperadamente orava por asas para tirá-la do inferno de sua infância. — Queria estar em qualquer lugar, menos nesta cidade. Até onde eu pudesse ir. Uma aventura atrás da outra.

O sorriso dele era suave, acenando levemente com compreensão. — E agora?

— Não sei.

— Acho que sabe. — A palma dele deslizou ao longo da linha de sua mandíbula, os dedos longos se espalhando em seu cabelo. — Diga-me.

Um gemido estrangulado escapou dela antes que pudesse impedir. — Aric... Não posso.

— Então me diga por que não pode.

Ela fechou os olhos. — Por que está fazendo isso comigo?

— Porque acho que algo te assustou, e não fui eu. — Seu carinho não lhe deu escolha, exceto abrir os olhos e encontrar seu olhar ardente. — Não sei o que está acontecendo nessa cabeça bonita e teimosa, mas quero que saiba que pode me dizer, Kaya. Pode confiar em mim.

— Confiar em você? Mal te conheço. — O protesto soou fraco, apesar da força com a qual ela o empurrou pelos seus lábios.

— Realmente quer que eu acredite que se sente assim? Porque tenho tentado convencer-me de que é o que sinto por você, e não está adiantando. Nem um pouco.

Seu coração pulou com a confissão dele. No entanto, ela não podia permitir que esta esperança florescesse. Não quando o segredo de seu passado certamente esmagaria tudo que Aric sentia por ela, juntamente com sua confiança.

Mas não podia se mover.

Não podia falar, nem para confirmar nem negar o que ele dizia.

Ela ficou lá, dividida entre querer que a beijasse e sabendo que deveria afastá-lo. Mas não podia afastá-lo. Dentro dela estava uma bagunça, e Aric era a única coisa que a assentava.

Ele acariciou os dedos ao longo de seu pescoço, seu olhar penetrante travado nela. — Diga de novo que mal me conhece. Que realmente sente que não há nada entre nós.

Sua voz era baixa e silenciosa, mas cheia de um poder masculino que falava com tudo que era fêmea dentro dela. E, Deus, ela não conseguia pensar quando a tocava. Aqueles olhos verdes folha a cativavam muito, a faziam recordar como foi bom afogar-se em seu olhar esfomeado, derretido, quando seu corpo se moveu de encontro ao dela, dentro dela.

Queria sentir esse prazer novamente. Queria dizer que nunca mais seria a mesma agora que conhecia o fogo do seu toque, seu beijo, sua paixão.

Com este homem, ela simplesmente... Queria.

— Não disse que não havia nada entre nós, Aric. — Ela balançou a cabeça, triste por toda a saudade que se agitava dentro dela. — Só queria ter a força para te dizer isso.

— Finalmente, a honestidade, — ele murmurou. — Foi tão difícil?

Deveria ser. Kaya não confiava facilmente. Não deixava as pessoas verem além da parede que protegia seu coração, muito menos permitir que a quebrassem. No entanto, nunca se sentiu mais segura que quando estava com este perigoso Raça. Não resistiu quando a mão dele se moveu em torno da sua nuca, quente e possessiva. Ele se aproximou, seu olhar cintilante com luz âmbar quando baixou a cabeça em direção aos seus lábios selados.

Nesse mesmo momento, a voz profunda de Rafe soou logo do lado de fora da entrada da cozinha, um murmúrio baixo que Kaya não conseguiu entender. Foi seguida risada suave de Siobhan quando o par entrou na cozinha.

— Oh, merda, — Rafe deixou escapar. — Estamos interrompendo?

A resposta de Aric não foi melhor que um rosnado. — Sim.

— Não, — Kaya respondeu ao mesmo tempo. Ela escorregou do alcance dele e voltou para seu trabalho espalhado sobre a mesa. — Estava só repassando as informações do casamento e da recepção.

— Ah, — disse Rafe. — Chegando a algum lugar?

O grunhido de Aric era um tom sarcástico. — Estávamos começando, mas daí você apareceu.

Kaya não perdeu o olhar questionador que ele deu ao seu companheiro quando Rafe puxou a tímida Companheira para um dos bancos altos no balcão da ilha, em seguida, dirigiu-se para o fogão. — Siobhan está com fome, então disse a ela que faria algo para ela comer.

Aric inclinou-se contra o longo balcão e inclinou a cabeça, em seguida, olhou para a fêmea. — Ele mencionou a você que é Raça? Meu camarada aqui nunca cozinhou um dia na vida, nem provou nada do que fez. Sua dieta é a mesma que a minha: apenas células vermelhas humanas.

— E até mesmo isso está perdendo seu apelo ultimamente, — Rafe disse, sacudindo um olhar significativo para Siobhan. — De qualquer forma, acho que posso conseguir dois ovos e jogar alguns legumes picados. Kaya, você gostaria de um pouco também?

— Não, obrigada. — Ao contrário da outra Companheira, cujo rosto e garganta estavam corados, pálpebras pesadas numa vibe inconfundível pós-sexo, Kaya não tinha apetite por comida. Seu estômago estava num nó há dias – desde que Aric Chase entrou em sua vida.

Ela sentiu o olhar dele voltar para ela quando se ocupou com as pilhas de fotografias impressas e os vídeos de vigilância armazenados no Tablet. A menção de sangue e fome só fez o calor no olhar de Aric parecer mais intenso. Imaginou os hospedeiros de sangue humano que era obrigado a se alimentar – especialmente fêmeas – e o pensamento de Aric afundando suas presas na carne macia da garganta de outra enviou uma intensa lambida de curiosidade em suas veias.

E uma inveja profunda e chocante.

Não podia ficar mais aliviada quando Rafe chamou a atenção de Aric, mesmo que a conversa centrasse no decepcionante ataque a Angus Mackie e as provas preocupantes que recolheram no bar.

— Pena que não fomos capazes de agarrar o filho da puta e arrastá-lo para interrogatório, — Aric rosnou. — Gostaria de ver quanto tempo Big Mack duraria numa sala cheia de guerreiros Raça antes que começasse a derramar tudo que sabe.

— Sem mencionar um monte de seus fluidos corporais, — Rafe acrescentou com um sorriso.

— Todos os comandantes da Ordem estarão aqui esta noite? — Siobhan perguntou entre mordidas na omelete.

Rafe sacudiu a cabeça. — Nem todos. Lucan Thorne e sua companheira Gabrielle estão vindo, é claro. Junto com os pais de Aric, e os meus.

— Carys também, — Aric falou. — Ela me ligou assim que soube do nascimento do bebê. Ela e seu companheiro, Rune, estão no jato com os outros. Darion Thorne está com eles também.

— Não se esqueça de Rio e sua Companheira, Dylan, — Kaya acrescentou.

Aric deu-lhe um aceno caloroso. — Isso mesmo. A cerimônia não começa sem que os padrinhos estejam presentes.

— Quanto aos outros, — Rafe disse, — Gideon e Savannah estarão segurando o forte em D.C. junto com Brock e Jenna. O comandante Hunter e sua companheira Corinne acabaram de voltar para Nova Orleans para lidar com um surto de renegados naquela cidade. Kade e Alexandra voltaram ao centro de comando em Lake Tahoe pela mesma razão. Infelizmente, nossos comandantes europeus têm fogos próprios para apagar também, assim, nem Mathias Rowan nem Lazarus Archer estarão na cerimônia, tampouco.

— E Tegan e Elise? — Aric perguntou.

Rafe sacudiu a cabeça, seu rosto estranhamente sombrio. — Estão a caminho de Budapeste.

— Não é onde Micah foi enviado recentemente? Algum tipo de missão secreta para a Ordem?

— Foi o que ouvimos, — Rafe confirmou. — Aparentemente, houve um desenvolvimento.

A forma como o guerreiro disse isso deu à Kaya a sensação de que não era nada bom. O fato de que os pais de Micah foram atrás de seu formidável filho guerreiro apenas confirmou o mal-estar que sentia.

Siobhan, sendo civil, parecia perder a gravidade da conversa. — Bem, mesmo sem aqueles que você mencionou, soa como uma lista de convidados completa para mim.

— É uma pena que nem todos estejam aqui. — Rafe gentilmente cobriu a mão dela. — Mais cedo ou mais tarde, gostaria que toda a Ordem a conhecesse.

Kaya não conseguiu evitar que seu olhar surpreso encontrasse o de Aric. Ele levantou o ombro grosso num encolher de ombros quando seu companheiro abaixou o rosto para sua amante num beijo terno.

Aric limpou a garganta, se pela interrupção de Rafe e Siobhan chegando à cozinha ou pelo mesmo constrangimento que Kaya sentia como audiência para a paixão do outro casal, não podia ter certeza.

— Mantenha essa merda assim e estaremos celebrando outra criança uivando nove meses a partir de agora, — Aric falou quando seu amigo recuou de sua mulher.

Rafe riu; seus olhos ainda enraizados em Siobhan. — Não temos laço de sangue ainda. Não por minha falta de interesse em perseguir a ideia.

Ela deixou cair o olhar e empurrou os ovos em torno de seu prato. — Tudo está se movendo um pouco rápido para mim, só isso.

— Eu sei, anjo. Posso ajudá-la dizendo que sou absolutamente louco por você?

A afeição deles um pelo outro era quase demais para Kaya assistir. Que Rafe era louco pela fêmea qualquer um podia ver claramente. Siobhan parecia igualmente atraída por ele, mas havia sombras nos olhos castanhos da Companheira que faziam Kaya se perguntar quão altas e grossas eram as paredes ao redor do coração de Siobhan?

Rafe parecia não notar. Ou talvez tivesse esperança suficiente para que ambos assumissem que eventualmente seriam capazes de derrubar essas paredes juntos.

Esperança que ela e Aric nunca teriam, a menos que estivesse disposta a jogar limpo com a Ordem sobre seu passado. Era ruim o bastante que o tivesse

escondido todo esse tempo. Agora, tinha o ataque fracassado contra Angus Mackie pesando mais em sua consciência.

Lembrando-se de todos os obstáculos no caminho de qualquer coisa que pudesse ter com Aric, Kaya voltou ao seu trabalho. Enquanto revia as coleções de fotos, e embaralhava e revisava novamente, Aric e Rafe voltavam a discutir os negócios da Ordem e especulavam sobre os tentáculos de longo alcance da irmandade secreta Opus Nostrum.

Siobhan terminou sua refeição e deslizou do banquinho para levar seu prato para a pia. Na volta, fez uma pausa na mesa e olhou para os vários agrupamentos de imagens.

— Ainda não o encontrou, né?

— Ainda não, — Kaya disse. — Mas ele está aqui em algum lugar. Não pode se esconder para sempre.

— Não. — Siobhan deu uma inclinação simpática de sua cabeça. — Ninguém pode.

Embora o comentário não fosse dirigido a ela, a nuca de Kaya pinicou com aviso enquanto observava a Companheira ficar em pé e se dobrar no braço protetor de Rafe. Seria possível que Siobhan suspeitasse que ela guardasse segredos da Ordem? Ou era apenas a consciência culpada de Kaya que fazia o coração começar a bater repentinamente como um pássaro preso dentro de seu peito?

Deus, ela ia perder a cabeça se não acabasse logo com este tormento.

Incapaz de se concentrar agora, ela varreu as fotografias para o malote de arquivo, e alcançou outra pilha que ainda necessitava olhar. Na pressa, puxou a pilha de fotos da mesa. Elas se espalharam numa bagunça desorganizada no chão em torno de sua cadeira.

— Merda. — Kaya agachou para coletá-las. Aric estava ao seu lado no momento seguinte. — Não tem que ajudar. Eu faço isso.

— Sim, sei que faz, — ele disse, recolhendo algumas imagens e oferecendo-as para ela. — Mas não precisa fazer isso sozinha.

A imagem em cima da pilha era um instantâneo tirado do pavilhão durante a primeira dança do noivo e da noiva. Aric e Kaya estavam na periferia da multidão, de mãos dadas e fingindo ser um casal de verdade. Exceto que ao contrário do resto dos observadores reunidos, não estavam assistindo Stephan Mercier e Anastasia Rousseau balançando no centro do piso aberto.

Estavam olhando um para o outro.

E Kaya viu em seu próprio rosto a expressão de uma mulher já caindo rapidamente, irremediavelmente, apaixonada. Para seu choque absoluto, viu ternura semelhante no bonito rosto de Aric – tanto na fotografia como na expressão solene agora.

— Parceiros, Sra. Bouchard. Lembra-se?

Ela não conseguia manter seu olhar intencional. Era muito fácil acreditar nele. Muito fácil pensar que o relacionamento falso que marcou o encontro inicial podia realmente se tornar algo real.

Não só para ela, mas também para Aric.

Kaya olhou para baixo... E seu olhar prendeu em outro rosto na multidão.

— Oh, meu Deus. — Ela agarrou a foto e olhou mais atentamente. — Aric. Aqui está ele.

— Está falando sério?

Ela acenou com firmeza, o dedo tremendo quando apontou para um rosto meio obscurecido em pé entre os convidados do casamento, atrás dela e de Aric. O sombrio homem de cabelos escuros tinha um rosto insignificante, mas Kaya se lembraria dele em qualquer lugar.

— É ele. O contato da Opus de Mercier.

Do outro lado da cozinha, Rafe soltou uma maldição excitada. — Deixe-me ver. — Ele e Siobhan vieram ver a imagem. — Quem eu estou procurando?

— Bem aqui, — Aric disse, marcando o lugar na foto quando entregou ao seu companheiro.

Então toda sua atenção se voltou para Kaya. — Você conseguiu. O encontrou.

Tão animada como estava, ela balançou a cabeça, detestando levar o crédito quando sua tarefa estava longe de terminar. — Só encontrei o rosto dele. Ainda não sabemos o nome dele.

— Vamos saber. — Aric bateu na têmpora dela. — Deixe isso para mim... Parceira.

Antes que pudesse dizer outra palavra, ele pegou seu rosto nas mãos e reivindicou sua boca num beijo lento, de derreter ossos. Kaya não lutou. Nem perto. Passando os braços em torno do pescoço dele, ela o beijou com todo desejo e emoção – todo amor – que tentava desesperadamente negar.

Vagamente, distante, registrou que Rafe e Siobhan já não estavam perto deles. E então percebeu por que, quando alguém pigarreou dentro da cozinha.

Alguém que não era Rafe, e certamente não era Siobhan, também.

Alarmada, Kaya se contorceu, mas Aric demorou a soltá-la.

Quando finalmente o fez, seus belos olhos verdes dançavam com manchas brilhantes de âmbar. Ele girou a cabeça para cumprimentar os recém-chegados, seu sorriso com presas totalmente sem arrependimento.

Ela olhou para a entrada da cozinha também. Em pé estavam dois casais. Não havia dúvida do ar de autoridade – e perigo letal – que irradiava dos machos Raça, tanto o bonito, de cabelos dourados numa camisa branca e jeans escuro, como o moreno diabolicamente bom de olhar que estava ao lado de seu camarada bem vestido usando um monte de couro preto e elegante e um par de longos punhais curvos embainhados em seu cinto.

As duas Companheiras ao lado deles eram igualmente impressionantes por diferentes razões, cada uma abençoada com uma beleza incrível e uma força que parecia emanar profundamente de dentro delas.

Aric corou, pegando a mão de Kaya para levantá-la com ele do abraço embaraçoso no chão. Ele sorriu para a mulher alta com cabelo caramelo e olhos do mesmo verde folha dele. Então inclinou a cabeça em saudação ao macho dourado ao lado da beleza.

— Olá, mãe. Olá, pai. Há alguém que quero que conheça.



CAPÍTULO 21

— Lars Scrully, — Aric disse, deixando cair uma fotografia de passaporte e uma pasta com a informação que ele reuniu para os quatro comandantes da Ordem reunidos com Nikolai em seu escritório privado.

O grupo de anciãos da Ordem apresentava uma imagem imponente, mesmo sentado como estavam em torno da grande mesa de Niko, engajados em conversa séria. Gabrielle Thorne e a mãe de Aric, Tavia, também estavam na sala, sentadas juntas num sofá enorme perto da lareira. As Companheiras dos outros guerreiros e o resto dos ocupantes da mansão estavam se recuperando em outras partes do complexo, com Kaya e Mira e a equipe de Montreal enquanto Renata continuava descansando com o bebê.

— Scrully não estava na lista de convidados do casamento, nem em quaisquer dos dados de segurança do portão que Gideon hackeou. Mas temos o filho da puta. — Aric apontou para o arquivo que coletou nos vinte minutos desde que Kaya identificou o homem moreno, de cabelos escuros na foto da recepção. — Sabia que havia visto seu rosto em algum lugar antes, — disse ao grupo de anciãos guerreiros. — Houve algumas notícias dezoito meses atrás, quando Lars Scrully herdou o império farmacêutico de seu pai.

— Scrully Farmacêutica? — Tavia perguntou, seu desgosto pelo nome evidente em seu tom. — Essa é a companhia investigada diversos anos atrás por adquirir patentes expiradas em antivirais, drogas para tratamento de câncer e

outros medicamentos, então elevando seus preços em 5000 por cento. As pessoas literalmente morreram porque não podiam pagar seus preços exorbitantes.

Aric acenou com a cabeça, sem surpresa que sua mãe fosse a única a mencionar esse fato divertido. Se seu dom para lembranças era impecável, era apenas porque foi dado a ele através de seu poderoso DNA.

— Esse mesmo, — confirmou. — O pai de Lars, Simon Scully, fez fortuna a custa do sofrimento de outras pessoas. — Aric puxou um obituário impresso e colocou-o no topo da pasta. — O velho tinha uma grave alergia a marisco. Aparentemente, alguém se esqueceu de dizer isso ao novo *chef* no seu restaurante favorito. Scully colocou uma porção de molho de lagosta em seu macarrão e caiu morto de choque anafilático antes que alguém pudesse administrar seu remédio para neutralizá-lo.

Dante deixou sair uma risada irônica. — Maneira irônica de ir, considerando como o idiota ficou rico em primeiro lugar.

— Ou conveniente, — disse o pai de Aric. — Agora que estou ouvindo isto, lembro-me de alguns rumores sobre a morte do velhote. Algumas das fofocas da época sugeriam que o filho de Scully se estabeleceu em sua herança com um pouco mais de alegria que tristeza.

Aric acenou com a cabeça. — Está certo. E ele gasta dinheiro como água desde então. Brinquedos e mulheres caras. Lares como palácios. Na verdade, apenas três meses atrás, se mudou para uma propriedade do lago recentemente construída, de um milhão e novecentos metros quadrados, na província.

Nikolai franziu a testa. — E graças a Kaya, também sabemos que Scully estava fazendo acordos para pagar cem milhões para Stephan Mercier em nome da Opus Nostrum.

— Certo, — Aric respondeu. — A questão é, em troca de quê?

O pai dele grunhiu. — É uma pena não podermos perguntar ao Mercier. Meio difícil falar quando perdeu a língua e metade da garganta.

Niko acenou com a cabeça, sombrio. — Não precisa adivinhar de quem foi a obra que o atingiu. A Opus tende a ficar nervosa sempre que começamos a nos aproximar de qualquer de seus elos fracos na cadeia.

— O que significa que precisamos colocar nossas mãos em Lars Scully o mais rapidamente possível, — Lucan disse; seu olhar cinzento tão frio como bronze.

Dante inclinou-se contra sua cadeira, piscando um sorriso perigoso. — Amo uma boa e antiquada sessão de interrogatório.

Ao lado dele, Rio riu. — Estou com você nisso, irmão. Especialmente a parte em que cada um de nós pega um pedaço separado deste bastardo da Opus com nossos punhos e presas. — O imenso guerreiro com suave sotaque espanhol e um horrível emaranhado de velhas cicatrizes de estilhaços desenhando o lado esquerdo do seu rosto poderia ser um encanto, mas esta noite estava tão letalmente grave quanto o resto de seus companheiros. Ele olhou para Aric. — A que distância fica a casa de Scrully?

— Cerca de uma hora.

Os olhos de Dante da cor de uísque se iluminaram abaixo de suas sobrancelhas pretas. — Muito tempo para ir lá e voltar com Scrully antes do sol nascer.

— Lucan, — Gabrielle interrompeu suavemente, mas firme. A beleza ruiva tinha o porte de uma rainha, e agora não era exceção. Todas as cabeças se voltaram para ela enquanto falava. — Acho que não gosto disso. Tenho um mau pressentimento.

— Como assim? — O fundador da Ordem olhou para sua mulher, todo seu foco fixo em ouvir sua opinião.

— A Opus não está fazendo joguinhos, Lucan. Eles são uma séria ameaça desde o início. E agora sabemos com certeza que têm armas ultravioletas. Um monte delas. — Ela balançou a cabeça, o verdadeiro medo escrito em seu bonito rosto. — Talvez devêssemos levar esta nova informação sobre Lars Scrully conosco para D.C. quando voltarmos, e depois trabalhar num plano de ataque após termos mais tempo para considerar.

Lucan ouviu sua companheira em silêncio sóbrio. Todos os guerreiros sérios e silenciosos, severamente considerando a gravidade dos fatos que ela apontava.

Foi preciso um momento para Lucan responder. Quando o fez, sua voz profunda era baixa e gentil. — Sim, a Opus tem UV do lado deles agora. Mas vão tê-la, não importa quanto tempo esperemos para atacar. E esperar só arriscará deixar Scrully ou os outros da conspiração da Opus ter mais tempo para conseguir vantagem.

Gabrielle acenou com a cabeça, mas Aric podia ver que apesar da lógica de seu formidável companheiro, ele fez pouco para diminuir sua preocupação.

Lucan continuou; seu olhar de aço movendo-se para os quatro comandantes que confiavam nele para liderar. — Neste momento, temos o elemento surpresa trabalhando para nós. Devemos usá-lo a nosso favor.

— Esperamos ter o elemento surpresa, — comentou Nikolai. — Ultimamente, sinto como se a Opus estivesse um passo à nossa frente.

— O que está dizendo? Acha que temos um vazamento em algum lugar?

— Não vejo como poderíamos. Todos os nossos contatos na JUSTIS e em outros lugares foram verificados em dobro e triplo. São sólidos, Lucan.

Rio olhou para seu amigo, um olhar assombrado em seus olhos Topázio. — Se isso é verdade, então qualquer brecha teria que vir de algum lugar fora dessas redes. Possivelmente alguém em quem confiamos.

O maciço guerreiro sabia uma coisa ou duas sobre isso. A cicatriz em seu rosto veio nos calcanhares da pior traição que um homem poderia sofrer – a de sua própria companheira. Não foi até que Rio conheceu Dylan que finalmente foi capaz de se curar por dentro. As feridas que o desmanchavam por fora sempre serviriam como lembrete da dor que veio em confiar na pessoa errada com seu coração... E sua vida.

Quando Rio falou, Aric pensou em Angus Mackie e a certeza de que o líder da gangue e seus seguidores não tiveram apenas sorte quando tomaram a decisão de desocupar não só a taverna e seu quarto na loja, mas a residência de Big Mack também.

Claro, eles poderiam adivinhar que o problema estava a caminho após o fiasco da recepção de casamento de Mercier. Ou talvez tivessem um ataque de nervos depois do ato hediondo que fizeram à família do Darkhaven.

Mas os sentidos de guerreiro de Aric pinicavam com mal-estar quando considerou todos os *E-se* e os cenários que estava relutante em colocar em palavras.

E depois havia Kaya.

Mesmo tentando negar, continuou voltando ao seu afastamento, sua distância emocional, após o ataque ao Darkhaven. Depois de sua ausência no mesmo dia, ela estava ainda mais ansiosa e afastada. Seu nervosismo não melhorou quando ela e o resto da equipe de Montreal foram com o comandante na missão de agarrar Mackie. Quando ela pediu a Nikolai uma reunião privada, parecia tão miserável como Aric nunca viu.

O que precisava dizer a Niko que não podia ser dito na frente de todos?

Era algo sobre o ataque?

Então, novamente, talvez fosse simplesmente o próprio Aric a deixando tão desconfortável.

O que quer que fosse, ela não parecia pronta ou disposta a confiar nele.

Não que devesse. Ele não prometeu nada. Não, tudo que fez foi persegui-la com um propósito único e depois seduzi-la. Eles concordaram sem laços ou obrigações, mas quanto mais tempo passava com Kaya, menos ansioso estava para que seu negócio em Montreal terminasse.

— Então, parece que estamos todos de acordo que precisamos agir rapidamente, — Lucan disse, então deslizou um olhar apologetico para Gabrielle. — A maioria de nós, quer dizer.

Todos os quatro guerreiros acenaram com a cabeça, seus rostos solenes ainda determinados. Mas então outro olhar adicional passou entre eles. A troca não foi dita, até que o pai de Aric assumiu a liderança.

— Estamos de acordo que não podemos esperar para fazer avançar sobre esta nova liderança da Opus, Lucan. Mas sua Companheira está certa em nos advertir que esta não é uma missão comum. Nenhuma delas é, agora que a Opus e seus leais estão em posse de armas UV.

A carranca de Lucan Thorne aprofundou-se numa suspeita. — O que você está tentando dizer, Harvard? Se você tem algo em mente, cuspa.

Chase acenou com a cabeça. — Vamos pegar Lars Scrully. Esta noite. Mas vamos sem você.

Um rosnado irrompeu do poderoso Gen Um. — Que porra está dizendo. Se você espera que eu fique fora numa missão com meu pau na minha mão...

— Não vai desta vez, — Dante disse;, sua voz profunda tão firme quanto Chase foi.

Rio acenou com a cabeça. — O risco é muito grande. Você é Gen One, Lucan.

— Sim, — ele rosnou. — E uma explosão de UV matará qualquer um de vocês do mesmo jeito que eu.

— Mas você é o fundador da Ordem, — acrescentou Nikolai. — Não podemos nos dar ao luxo de perdê-lo.

Ele gritou uma maldição afiada e se levantou. — Não. Que se lixe isto. E fodam-se todos vocês se acham que a Ordem vai parar sem mim. Não podemos nos dar ao luxo de perder ninguém, entendido?

— Lucan. — Gabrielle levantou e caminhou até ele. Ele ficou imóvel quando ela colocou as mãos em seu peito largo. — Eles estão certos. A Ordem não pode perdê-lo. Mas você é mais que o líder desses belos homens e mulheres que servem seu comando. Você é o Presidente do Conselho das Nações Globais. Desde a primeira Aurora, quer você goste ou não, se tornou a voz de toda a nação Raça.

Seus olhos brilharam âmbar-brilhante com sua raiva mal contida. Mas as palavras de Gabrielle o acalmaram. Estava claro para todos na sala que esta mulher o influenciava como nada mais poderia.

— Você ficará atrás desta vez. — Sua demanda foi suave, mas não permitia nenhuma discussão.

Ele abarcou sua bochecha em sua mão grande, sua mandíbula apertada por um longo momento. Então outra maldição baixa saiu dele.

Finalmente, olhou para seus companheiros e Aric. — Diga a todos para se reunirem na sala de guerra em dez minutos para receberem suas atribuições de equipe e diretrizes de missão. Quero os esquemas da propriedade de Scully para ontem. Vamos lá, pessoal.

Como todos começaram a seguir seu comando, Lucan apontou um dedo para Nikolai. — Se vou ficar de molho aqui esta noite, então você também. Não vou arriscar deixar aquele menino sem pai nas primeiras horas de sua vida.

Niko fez careta, mas depois de um momento, deu um aceno curto.

— Olho vivo, — Lucan ordenou a todos. — O tempo já está acabando.



CAPÍTULO 22

Com um pio agudo, uma coruja de chifres saiu do galho de um imenso pinheiro na frente de Kaya e seus camaradas enquanto se arrastavam para dentro da floresta que cercava a enorme propriedade do lago de Lars Scrully.

Os guerreiros dividiram-se em três equipes depois que deixaram a cidade. Com Nikolai ao lado de Lucan no centro de comando, Mira e Sterling Chase eram encarregados da unidade de vigilância enquanto as outras duas equipes se colocavam no lugar. Kaya, Mira e Chase observavam a fronteira norte da propriedade. De olho no perímetro sul estavam Torin e Tavia, juntamente com o filho de Lucan e Gabrielle, Darion. Embora Tavia tivesse experiência limitada de combate, a Raça fêmea era imune à luz ultravioleta, o que persuadiu os comandantes da Ordem a permitir que continuasse na missão.

Pelo mesmo motivo – juntamente com o bônus adicional de sua capacidade de dobrar as sombras como Aric e seu pai – Carys Chase estava designada para a segunda equipe de seis, que estava se movendo em posição em vários pontos ao redor da propriedade, executando o reconhecimento e aguardando o comando para varrer o terreno e retirar os guardas que tentassem bloquear o assalto. Dirigidos por Dante e Rio, a equipe também tinha a experiência de Rafe e Kellan, dois guerreiros comprovados. E enquanto o companheiro de Carys, Rune, era novo na Ordem, ganhou suas habilidades de luta em jogos de gaiolas ilegais em Boston antes de conhecê-la.

Completando os agentes da missão estava a terceira equipe, a vanguarda composta por Aric, Balthazar e Webb. Nenhuma das unidades estava liberada para se mover até Aric e seus parceiros darem ok.

— Não devíamos ter ouvido falar deles agora? — Kaya mal podia evitar a preocupação em seu sussurro para Mira.

Sua amiga assentiu. — Devem estar se aproximando do lago a qualquer momento agora.

Como se estivesse em sintonia, os auriculares da equipe agitaram com uma transmissão recebida de outro lugar no campo. Mas em vez da voz profunda de Aric anunciando que ele, Bal e Webb emergiram da água como planejado, foi o grunhido baixo de Darion Thorne que veio no link de comunicação.

— Alfa. Bravo. Temos um problema no portão sul.

O olhar fixo de Mira deslizou para Kaya e o Comandante Chase. — Que tipo de problema?

— Dois guardas de segurança com intoxicação aguda por chumbo. Ambos foram executados em estilo de execução.

— Merda. — Mira tocou sua orelha e falou com urgência cortada. — Torin, pode chegar perto o suficiente para pegar uma leitura para nós?

— Estou nisso, capitã. — Silêncio caiu por alguns segundos que pareceram como dias para Kaya. Então, o guerreiro com a habilidade de detectar psiquicamente mudanças nas formas de energia de um lugar voltou na linha. — Estou sentindo muito medo e pânico irradiando dentro da residência. Há mais mortes lá dentro.

O estômago de Kaya apertou. — Alguma coisa não está certa.

— Não, não está, — respondeu Chase. — Estamos muito atrasados. Os assassinos da Opus já estiveram aqui.

O repentino som de tiros disparou pelo silêncio da noite circundante. O rosto de Mira ficou sombrio. — Santo inferno. Eles ainda estão aqui.

No mesmo instante, um raio iluminou o céu negro como tinta perto do lago. Então outro.

Kaya olhou para a grande massa de água, onde Aric, Webb e Bal atualmente nadavam como equipe anfíbia para violar o perímetro mais fraco da propriedade. Mais luz explodiu na vizinhança. As luzes brilhantes refletiram sobre a superfície do lago como fogos de artifício.

Medo frio varreu as veias de Kaya. — É UV. Meu Deus. Eles estão atirando neles com ultravioleta!

— Abortar, — Mira gritou no link de comunicação. — Todas as unidades abortar agora mesmo!

Uma resposta voltou quase ao mesmo tempo. — Bal caiu. — A voz geralmente calma de Webb tinha pesar agora, e uma ponta de medo que Kaya nunca ouviu no homem arrogante. — Ah, Cristo. Eles simplesmente deixaram Bal em cinzas. Porra!

A mão de Kaya voou até a boca. Um gemido desgastado passou de qualquer maneira, angústia que não podia segurar. Não. Não ele. Não Balthazar.

O rosto de Mira mantinha a mesma desoladora desgraça, mas a capitã manteve a compostura. — Onde você está, Webb?

— Perto da doca. Os filhos da puta me prenderam com fogo UV.

Nos poucos segundos necessários para receber aquela notícia terrível, Tavia, Torin e Darion chegaram de seus pontos de vigia para se juntarem a Mira, Kaya e Chase.

— Estamos saindo, — disse Mira. — Se a Opus já esteve aqui, duvido que Scrully seja útil para nós agora. E não perderei mais ninguém por esse idiota.

— Aric já entrou, — informou Webb. — Assim que saímos da água e abandonamos nosso equipamento, começou artilharia pesada e UV. Antes que eu percebesse, Bal caiu. Então Aric se transformou em sombras e eu o perdi.

— Oh, Deus, — Kaya murmurou; cada instinto que tinha torcendo pela necessidade de ir atrás dele. Mesmo que Aric fosse mais que capaz de assumir um pequeno exército de agressores humanos puramente em virtude de sua genética Raça, o pensamento dele entrar em perigo sozinho era demais para suportar. Tanto a guerreira em Kaya quanto a mulher não queriam nada mais além de estar ao lado de seu parceiro. — Eu vou entrar também.

— Então eu também, — anunciaram Tavia e Carys ao mesmo tempo. As fêmeas Raça Caminhantes do Dia estavam unidas em sua fúria e determinação.

— Não vai lá sem mim, — Chase exigiu; sua posição tão inflexível como seu olhar duro. — Nenhuma de vocês sai da minha vista.

Os olhos de Tavia crepitaram com fogo âmbar. — Estamos indo. E você fica. — As pontas de suas presas brilhavam na luz baixa dos raios UV desvanecidos. — Não se atreva a tentar me ignorar. Não há espaço para discutir aqui, meu amor.

O maxilar do comandante ficou tenso, mas o único protesto que proferiu foi um grunhido baixo quando Tavia tocou brevemente sua bochecha rígida.

— Tudo bem, está resolvido, — disse Mira. Então falou com os outros guerreiros Raça que ficaram em silêncio no link de comunicação. — O resto de vocês saia também. Nós vamos entrar.

O olhar de Carys brilhava com a mesma determinação feroz que sua mãe. — Vou fornecer cobertura para Webb.

— Tenha cuidado, — disse Tavia. Então olhou para Mira e Kaya. — Vou a casa. Aric sabe o que está fazendo, mas pode precisar de ajuda. Vou procurar Scrully enquanto estou dentro.

Ao assentimento da capitã, ambos as Caminhantes do Dia desapareceram na floresta.

— Vamos, — disse Mira.

Com o coração disparado, Kaya caiu ao lado de sua amiga e camarada. Elas fizeram um progresso muito mais lento que Tavia, que provavelmente já estava na mansão e abrindo caminho. Kaya e Mira atravessaram a densa floresta que cercava a casa de tijolos seguindo as pegadas dela.

À frente, mais um rápido tiroteio automático. Mais explosões de luz UV piscaram dentro e ao redor da casa dos atacantes inconscientes que essas armas de matar Raças não eram boas contra os Caminhantes do Dia que se infiltraram no lugar. Vozes masculinas gritavam ordens perto da fortaleza; de vez em quando um grito humano se interrompia, quando Aric ou sua mãe os derrubavam.

Com suas próprias armas na mão, Kaya e Mira chegaram à beira da floresta e se agacharam, olhando o frenesi de atividade perto da mansão. Desencadearam uma saraivada de balas em quatro guardas correndo ao redor dos fundos da casa, derrubando-os um por um. O treinamento de Kaya manteve seu foco afiado, seu remorso por matar inexistente.

Só queria que pudesse dizer que seu treinamento como soldado era suficiente para estancar sua preocupação com Aric. Mas quando ela e Mira saíram das árvores e desceram para a mansão do lago, só conseguia pensar no homem que amava.

Não havia sentido em negar esse fato, especialmente para si mesma.

Estava apaixonada por Aric Chase. O pensamento de perdê-lo – a mera ideia de que poderia se machucar nas mãos de seus inimigos esta noite – colocava uma dor oca no centro de seu peito.

— Vamos por trás, — disse Mira. — A casa não é nada além de vidro com vista para a água. É mais fácil explodir nosso caminho por aquele lado.

Kaya acenou com a cabeça, recarregando sua arma. — Vamos fazer isso.

Ela e Mira atiraram contra a parede de vidro, que desabou, enquanto estilhaços fortes e pesados choviam no terraço de tijolo onde elas estavam. A brecha trouxe três homens correndo para a grande sala. Antes que pudessem abrir fogo, Kaya e Mira os derrubaram e depois rodearam os corpos para entrar na residência.

Assim que entraram, balas pulverizaram para elas da área aberta do loft acima. Mira desviou de uma saraivada de tiros quando se cobriu atrás de uma imponente barra de madeira esculpida que dominava um lado inteiro da sala. Enquanto isso, Kaya mergulhou para o salão adjacente, assim que outro homem armado trovejou em seu caminho. Rolando num agachamento, ela apertou o gatilho de sua pistola semi-automática e o grande humano caiu como uma pedra.

— Aric, — ela sussurrou urgentemente em seu microfone de comunicação. — Estou dentro. Onde você está?

Sua maldição afiada e raivosa foi um alívio por si só. — Kaya? Droga, fique aí.

Uma cacofonia ensurdecadora de explosões de armas rasgou a ligação aberta antes que se silenciasse. — Aric!

Luz ultravioleta não podia machucá-lo, mas isso não significava que ele não podia ser morto com tiros suficientes na cabeça ou órgãos vitais. Havia outras maneiras dele ser morto também. Possibilidades que não ousava sequer imaginar.

Ela começou a se mover mesmo antes de perceber que suas botas estavam mastigando o chão abaixo dela. A partir dos esquemas da casa que a equipe revisou antes de deixar a base, Kaya lembrava a localização de uma escada traseira que levava ao segundo andar. Os tiros que ouviu pelo comunicador vieram de cima. Se Aric estava lá também, ela precisava encontrá-lo.

Ela encontrou as escadas e começou a subir com pés silenciosos. Na metade do caminho do topo, um atirador virou a esquina e a avistou. Ele balançou a arma e apontou para ela. Kaya disparou primeiro, mas não teve outra escolha senão saltar sobre o corrimão para evitar os tiros devolvidos.

Ela caiu no chão, com balas borrifando por trás. Mais de uma a atingiu. A dor lancinante a fez soltar um grito.

Sangue manchava o chão onde ela caiu e pelo caminho atrás dela quando cambaleou numa perna ferida para uma posição abrigada contra a parede da escadaria. Assim que seu agressor olhou para baixo para procurá-la, ela levantou a arma e encheu o peito dele de chumbo, ignorando o protesto ardente de seu biceps sangrando. O homem caiu sobre o corrimão numa pilha pesada aos seus pés.

Para seu horror, quando cedeu contra a parede, ofegante pela perda de sangue e agonia, mais três guardas se aproximaram de todos os lados.

Ela lutou para levantar o braço ensanguentado e se defender. Mas no instante seguinte tudo que viu na frente dela foi um borrão de sombra e movimento muito rápido. Quando parou, Aric estava lá, de pé entre ela e os corpos caídos de três pistoleiros mortos cujos pescoços foram selvagememente torcidos.

Quanto à Aric, nunca pareceu mais letal. Olhos ardendo como brasas, suas pupilas estreitadas devoradas pelo fogo da fúria da batalha que iluminava seu olhar. Suas presas enchiam a boca, brancas e afiadas como punhais. Os dermaglifos que rastreavam seus braços e desapareciam sob as mangas curtas de sua camiseta negra estavam fervendo de cores escuras e cruéis. A roupa rasgada e manchada de sangue, tantas feridas de bala que era difícil contar.

— Aric. — Ela exalou seu nome num sussurro quebrado. — Foi baleado.

Ele não respondeu, simplesmente ajoelhou na frente dela e, com ternura, pegou seu rosto nas palmas das mãos. Com uma maldição, inclinou a boca sobre a dela e a beijou, lenta e profundamente, como se precisasse do contato ainda mais do que ela. O seu olhar Raça viajou sobre ela, suas narinas queimando enquanto inalava uma respiração superficial.

Levou um momento para perceber quão silencioso o lugar estava. Sem mais tiros. Sem mais botas batendo ou sons de violência. A luta terminou.

Tavia se materializou como se fosse do ar, sua velocidade de movimento muito rápida para que Kaya rastreasse. — Graças a Deus, estão todos bem.

— Kaya está ferida, — Aric disse; ainda agachado ao lado dela. Ela não perdeu o tom estranho de sua voz enquanto ficava tão perto de seus ferimentos sangrando. Sua voz era áspera, sobrenatural. Cheia de uma fome inconfundível... E tormento.

Sterling Chase entrou no corredor adjacente agora, acompanhado por Mira e Kellan. Rio e Dante seguiam junto com Darion Thorne.

— Carys tirou Webb do cais no mar. Ele levou alguns tiros, mas, felizmente, está bem. Rafe está curando os piores deles. — O comandante olhou para Kaya. — É melhor deixá-lo dar uma olhada em você também.

O rosnado de resposta de Aric foi apenas audível, mas o som possessivo e animal vibrou contra ela. Algo profundamente dentro dela respondeu com um calor em flor que latejava pelas veias e na medula.

— Scully está morto? — Chase perguntou à Tavia.

Ela assentiu. — O encontrei no quarto principal. Alguém queria ter certeza de que não se levantasse nunca mais. Grosso calibre entre os olhos e a garganta largamente cortada.

Dante soltou um assobio baixo. — Os limpadores da Opus são uns filhos da puta desordenados.

— E vieram preparados para uma briga com a Ordem, — acrescentou Tavia. — Existem duas caixas de munição UV estocadas numa van estacionada dentro da garagem.

Chase amaldiçoou, passando a mão sobre o queixo. — Os assassinos da Opus nos esperavam. E, obviamente, foram ordenados a derrubar tantos quantos pudessem.

Aric reconheceu esse fato com um aceno modesto. — Eles me explodiram com UV meia dúzia de vezes na minha abordagem. Deveria ter visto os olhares nos rostos dos bastardos quando continuei avançando.

O cenho de Chase se aprofundou, então olhou para Mira. — Capitã, seu chamado para que abortarmos foi sólido. Provavelmente salvou nossas vidas.

— Todos, exceto um, — ela murmurou com força.

Kellan envolveu seu braço em volta dos ombros de Mira e a aproximou dele. — Todos nós aceitamos esta missão sabendo que poderíamos não voltar. Tenho certeza que Bal também fez isso.

Rio assentiu. — A Ordem entra em todas as missões com o entendimento de que pode ser a nossa última. Mas depois de ver o que aconteceu aqui esta noite? Nunca tivemos que estar preparados para nada assim antes.

Dante inclinou ao camarada um olhar sóbrio. — As regras do jogo mudaram, meu amigo. A Opus está deixando esse ponto alto e claro.

— Sim, estão, — Chase concordou. — E isso significa que devemos nos adaptar rapidamente ou morrer tentando.

De seu agachamento ao lado de Kaya, Aric olhou para o pai e o resto dos guerreiros Raça reunidos no pequeno espaço. — Se esta é nossa nova realidade, a Ordem precisará de mais Caminhantes do Dia.



CAPÍTULO 23

Após a tempestade que encontraram na propriedade de Scrully, as equipes voltaram à base abatidos pela batalha e sombrios pela perda de um deles. Aric compartilhou o desapontamento de seus irmãos da Ordem, mas foi a preocupação por Kaya que o atormentou durante as poucas horas desde que chegaram ao centro de comando.

Ele manteve distância enquanto Rafe cuidava das feridas no caminho de volta, embora o aroma de canela e rosas de seu sangue fosse um tormento que dificilmente poderia suportar. Sua boca ainda estava cheia d'água pelo pensamento, suas presas ainda latejavam com a dor de sua fome. Suas próprias feridas se beneficiariam muito com a alimentação, mas a ideia de sair para a cidade em busca de um anfitrião de sangue era a última coisa em sua mente. Especialmente quando a única veia que realmente tinha sede era a de Kaya.

Então, provavelmente era um erro ficar parado do lado de fora da porta fechada de seu quarto, ainda assim, durante o último minuto, era aí que Aric estava. Precisava vê-la, ter certeza de que estava bem. O tempo longe dela depois de quase perdê-la no combate esta noite foi um tormento por si só. Xingando em voz baixa por sua própria fraqueza, deixou cair os nódulos contra a porta.

Ela abriu sem perguntar quem estava lá, e a visão dela curada e inteira, vestida com um top solto e uma calça macia de ioga, arrastou um som baixo de alívio dele. Pelo menos até ver seus olhos castanhos escuros e a dor que os nublava.

— Está chorando.

Ela secou os fracos traços de umidade que trilhavam suas bochechas e afastou-se da porta aberta, um convite tácito para que Aric entrasse. Ele fechou a porta e a seguiu até a pequena sala de estar da suíte. Uma garrafa de vinho meio vazia e um copo vazio estava na mesa de cocktail, entre a área de estar e uma lareira aconchegante que ressoava com as brasas de um fogo morrendo.

Ela se curvou no canto do sofá, dobrando as pernas e envolvendo os braços ao redor de seus joelhos. No pouco tempo que a conhecia, viu Kaya Laurent teimosa e tenaz, destemida e incansável. Agora, via uma terna vulnerabilidade na mulher corajosa que esculpiu um buraco em seu peito. Queria ser aquele a protegendo de todas as dores, físicas e qualquer outra. O surpreendeu quão profundamente queria ser o único homem para quem ela se voltasse por todas as suas necessidades... E seus desejos.

Incluindo o laço mais essencial e sagrado que existia entre um macho Raça e sua companheira.

Esse que ele queria, apesar das muitas perguntas e suspeitas negativas, que não conseguia agitar quando se tratava dessa mulher.

Aric sentou ao lado dela. — Se suas lesões precisam de mais cuidados, fale e podemos ir buscar Rafe.

As palavras raspavam em sua língua, mas era tudo que tinha para oferecer. Foi um alívio quando ela sacudiu a cabeça em negação.

— Não é meu corpo que dói, é meu coração. Ainda não posso acreditar que Bal tenha desaparecido.

Aric assentiu, mas, no interior, sentiu uma ponta de incerteza agora. A lembrança de Kaya vestindo uma enorme camisa que só poderia ter pertencido ao gigante afundou garras afiadas dentro dele. — Você o amava?

— Sim. — Ela virou o rosto para ele quando sua resposta fez os molares de Aric apertar. — Bal foi gentil comigo desde meu primeiro dia no centro de comando. O amava como um irmão, Aric. Como um amigo. Sempre amarei.

— Claro, — ele respondeu; consolado por não ter que passar o resto de seus dias invejando um homem morto.

Kaya pegou a mão dele, apertando os dedos entre os dela. — Estava tão assustada quando Webb relatou que você correu sozinho para o tiroteio na casa de

Scrully. — Uma respiração estrangulada apertou sua garganta. — Deus, Aric. Se tivesse morrido esta noite também...

— Não morri. — Ele a puxou para perto, no círculo dos seus braços. Seu cabelo recém-lavado era doce e sedoso, macio contra seus lábios enquanto beijava o topo da cabeça dela. — Estou bem aqui, baby.

Ela se debruçou contra ele, seus dedos acariciando sua camiseta limpa nos lugares onde seu torso tomara vários tiros inimigos, incluindo mais de uma bala UV. As feridas estavam curadas agora, mas os pontos de entrada ainda grandes e sensíveis. — Dói quando toco em você?

— Somente da melhor maneira. — Ele ergueu seu queixo e olhou para seus olhos suaves. — Toque-me sempre que quiser. Nunca me ouvirá reclamar.

Ele roçou os lábios sobre os dela, gemendo quando o breve beijo o atravessou como pura chama. Ele se afastou de sua doce boca com mais restrições que percebeu possuir. Mas por pouco. Tudo que era Raça nele ansiava por tomar Kaya... Reivindicá-la como sua, independentemente dos caminhos separados em que viviam suas vidas.

Talvez ela percebesse a linha fina de seu controle. Deus sabia que era difícil para ela não perceber a súbita onda de suas presas atrás do lábio, ou o brilho de suas íris quando olhou para ela, esforçando-se para morder a palavra que saltava para a língua toda vez que olhava para ela.

Minha.

Ela se afastou dele, recuando alguns centímetros mais perto de seu canto do sofá. — Desculpe, se tive culpa por algumas das suas feridas esta noite. Você me disse para não ir, mas não podia simplesmente me sentar e esperar que o perigo passasse.

— Queria que fosse melhor para seguir instruções, — ele disse, oferecendo um sorriso irônico. — Mas me ajudou lá, Kaya. Tem grandes instintos e habilidades de guerreiro.

Ela levantou o ombro num leve encolher de ombros. — Tive um bom treinamento. E ajuda ter um bom parceiro.

— Sim, verdade. — Aric manteve seu olhar significativo. — Não acho que poderia esperar alguém melhor.

Algo brilhou em seus olhos escuros, sombras que pareciam escurecer sua terna consideração antes de cobrir seu olhar para ele completamente. Ela se

levantou do sofá e serviu um copo de vinho, tomando a bebida enquanto caminhava na frente da lareira.

— Talvez não sejamos tão bons juntos. — Foi um desvio abrupto, afastando sua conversa da consciência que sentia tão forte como ele. — Finalmente identificamos o contato na Opus de Mercier, mas no final foi tudo por nada. A Ordem voltou com menos um dos nossos melhores membros e não estamos mais perto de parar a Opus Nostrum do que antes de você eu nos conhecermos.

Aric levantou e se moveu para onde ela estava, com os braços cruzados, os dedos agarrados em torno da taça de vinho como se fosse a única coisa que a abraçava. — Sofremos perdas hoje. Mas a Opus também. Eles também têm um membro a menos em seu círculo interno. E adquirimos informação substancial coletada da propriedade de Scrully e seus computadores. Também tiramos uma van cheia de armas UV do arsenal da Opus.

Sem tempo ou preparativos para detonar o esconderijo de armas e munições recuperadas, as caixas estavam atualmente no interior do centro de comando, um fato que deixava um pouco mais que nervosos alguns dos guerreiros Raça.

— Eles sabiam que estávamos chegando, Aric. O momento da morte de Scrully e a chegada da Ordem não pode ser coincidência, certo? Os assassinos da Opus não tiveram apenas sorte quando trouxeram uma van cheia de armas UV para essa propriedade para matar Scrully. Estavam nos esperando. Sabiam que estávamos chegando e sabiam quando.

Ele se acalmou, um pouco surpreso ao ouvir que ela dizia o mesmo que os comandantes da Ordem discutiam desde que voltaram esta noite. Rafe também não fez segredo de suas suspeitas nos últimos dias, pressionando a possibilidade muito provável de que a Ordem tivesse vazamento de lealdades à Opus em algum lugar em sua cadeia intelectual. Ou em algum lugar mais perto do que isso.

Mesmo Aric precisava admitir que tinha dúvidas – muitas centradas na bela mulher diante dele agora.

Ela falou com tanto fervor, de forma tão convincente, que era inocente ou uma fria mentirosa.

E deveria ser um idiota por quão ansiosamente se agarrava ao primeiro e fingia poder ignorar o último. Olhar nos olhos com alma de Kaya o fazia querer ignorar muitas coisas que sua mente lógica lhe dizia.

Que sua vida e todos os objetivos que tinha para seu futuro como guerreiro sem laços para detê-lo ainda eram as coisas que mais queria.

Que seu dever com a Ordem vinha antes da mulher que não podia resistir.

Que não podia estar apaixonado por ela depois de alguns dias.

Ele olhou para o olhar sincero, desejando ter o poder de ler uma mente com seu toque. — Está certa sobre o que aconteceu esta noite. A Opus teve que ser avisada por alguém. Depois do que também aconteceu com Angus Mackie na outra noite, a Ordem está quase certa de que temos um espião em algum lugar.

Ela empalideceu um pouco e depois olhou para dentro do copo. — Espero que isso não seja verdade.

— Eu também, Kaya.

Ele podia sentir o cheiro de sua ansiedade enquanto tirava o vinho da sua mão e o colocava na mesa. Agora ela estava com medo. Viu isso no bater forte de seu pulso, que marcava um ritmo mais rápido na base de sua garganta. Em vez de sentir suspeita, até mesmo raiva, ao ver aquela veia frenética e pulsante, o que mais sentia era fome.

Uma necessidade tão primitiva e sexual que o abalou no seu âmago.

Ela o olhou de novo, em seus olhos. Ele não precisava se perguntar se brilhavam com a ferocidade de seu desejo; o rosto de Kaya dizia tudo. Não podia fingir que não a queria, nem que a verdade de seus sentimentos em relação a ela não eram muito mais profundos do que isso.

Ele acariciou a bochecha dela, sibilando uma maldição baixa. — Quando percebi que estava naquela casa comigo esta noite, fiquei tão furioso com você. Soube no instante que foi baleada por aquele bastardo na escada. Ouvi seu grito, Kaya. Então cheirei seu sangue. — Ele balançou a cabeça, sua memória sem defeito proporcionando uma repetição que o rasgava novamente. — Queria matar até o último desses fodidos que tentaram machucá-la. Mas isso não é tudo que eu queria.

Ele deixou sua mão se mover pelo lado do pescoço, alisando o polegar sobre a artéria que batia tão fortemente abaixo da orelha. Kaya respirou fundo, seu olhar arregalando. Quando seus lábios se separaram nesse suspiro chocado, Aric tomou seu rosto nas mãos e a beijou. Era uma reivindicação feroz, sua língua invadindo sem permissão ou misericórdia. Possessivo e ardente, ele roubou sua boca com toda a paixão e fome crua que o acompanhava desde que olhou para ela.

Ela o beijou com igual intensidade, até que um pequeno gemido borbulhou de sua garganta. Ela se afastou dele, ofegante. — Aric.

Ela deu um passo atrás, sua brava Kaya, que entrou de cabeça num prédio cheio de homens armados inimigos há apenas algumas horas, agora tremia depois de seu beijo.

— Está com medo de mim? — Ele esperou; com medo da resposta.

— Não. — Ela balançou a cabeça como se para reafirmar. — Tenho medo de mim mesma... Do que eu possa concordar se deixar você permanecer neste quarto por mais tempo.

Sua confissão não deveria lhe dar tanto prazer quanto deu. Sustentada por ele, ele se aproximou, negando seu afastamento. Ele tocou seu rosto novamente, correndo as costas de seus dedos ao longo de sua bochecha, depois descendo pela coluna aveludada de seu pescoço.

— Tem medo de me deixar fazer isso? — Ele perguntou, continuando sua lenta carícia ao longo de seu braço tonificado antes de se mover para os seios.

Ela deu um aceno fraco, um suspiro estremecido enquanto amassava os montículos perfeitos até que seus mamilos se levantavam tão duros quanto pedras sob o tecido fino de sua camisa.

Ele levantou a bainha e colocou ambas as mãos embaixo, liberando o fecho do sutiã. Quando seus seios estavam descobertos e enchendo as palmas das mãos, curvou-se e sugou cada um deles, as pontas de suas presas raspando levemente a pele macia.

— E quanto a isso, Kaya? — Ele murmurou, puxando um mamilo entre os dentes e excitando a ponta com a língua. Ela largou a cabeça para trás e gemeu com prazer, ficando um pouco desossada em seu abraço.

— Ou isso? — Ele perguntou, entrando em sua calcinha para acariciar seu sexo enquanto trazia a boca de volta para a dela. — Ah, Cristo.

Estava encharcada e macia, tão fodidamente quente. Ele gemeu; seu sangue já em chamas e correndo por suas veias. Ela se moveu contra sua palma, encorajando-o a mergulhar mais profundamente na fenda úmida que parecia seda líquida na ponta dos dedos. Ele a penetrou com um dedo, depois dois, engolindo o grito irregular com seu beijo. Seu coração batia em seu peito e em cada ponto de pulso, o pau dele crescendo com a necessidade de estar dentro dela.

Liberando-a com um grunhido impaciente, ele tirou a roupa dela para que pudesse deleitar o olhar, a boca e as mãos em cada uma das polegadas fortes e bonitas de seu corpo.

— Preciso tocar você também, — ela murmurou, puxando a camisa dele e arranhando as unhas curtas sobre sua pele descoberta.

Eles se despiram juntos. As mãos de Kaya rastreavam seus glifos enquanto a boca deixava beijos ternos na pele inchada e avermelhada das muitas feridas de balas curadas que o cobriam. Ele não estava preparado para o momento em que ela abaixou na frente dele e agarrou sua ereção inchada. O toque dela provocou um gemido sufocado enquanto ela trabalhava seu comprimento com os dedos e as palmas das mãos, antes de abaixar a boca pela ponta larga de seu pênis.

— Porra. — Ele não conseguiu evitar que seus quadris se movessem no ritmo dos golpes molhados de sua língua. Apertando as mãos em seus cabelos escuros, ele bombeou e triturou, pronunciando seu nome através de dentes cerrados e presas.

Muito breve, sentiu seu controle se desenrolar. Sua necessidade de liberação era muito selvagem na boca dela. Precisava estar dentro dela. Precisava ver se o anseio cru que sentia por ela agora poderia ser abafado com uma foda dura e uma liberação violenta.

— Na cama, — ele rosnou, puxando-a e levantando-a nos braços. Ele não teve tempo de caminhar com ela lá. O desejo o possuía agora.

Esta mulher o possuía, e havia uma parte dele que não sabia se outra o satisfaria novamente.

Ele a colocou no colchão, então subiu sobre ela, abrindo bem suas pernas enquanto acomodava seu grande corpo entre suas coxas e se dirigia profundamente. Ela gritou com os primeiros golpes fortes. Aric não conseguiu parar, não quando ela segurava seus ombros, as pernas enroladas ao redor dele, abrindo-se completamente para ele e encorajando-o a empurrá-la até o limite.

E então ele o fez.

Alegando sua boca com um beijo feroz, se aproximou dela sem piedade, enchendo sua bainha apertada com cada polegada dura de seu pênis. Seu suave suspiro e gritos prazerosos o estimularam. Sua excitação era uma coisa possessiva, faminta e selvagem.

Seus músculos delicados o agarraram quando se curvou num ritmo cada vez mais selvagem. Sentiu as ondulações de seu corpo contra seu pau. Rugiu quando sentiu que ela estava tensa embaixo dele, seu orgasmo se apoderando dela. Ele deu um empurrão mais forte, até que seu grito se soltou e ela se quebrou com a força do orgasmo.

Aric não estava muito atrás dela. Não conseguiu retardar o assalto trovejante de seu clímax. Explodiu para fora dele, um nó de puro calor que ardeu um caminho escaldante através de cada fibra de seu ser antes de entrar em erupção num fluxo febril dentro do paraíso do corpo de Kaya.

Por vários momentos, continuou empurrando, convulsões estourando quando as ondas de prazer e a impressionante liberação finalmente diminuíram. Mas ainda estava faminto por ela. Ainda necessitava a mulher que se apegava a ele, suas longas pernas ainda envolvidas ao redor dele, segurando-o dentro dela.

— O que fez comigo, Kaya?

Apoiado nos cotovelos acima dela, Aric diminuiu o ritmo para deixá-la recuperar o fôlego. Seu coração estava disparado. Podia sentir o poder dele vibrando contra ele, tentando a outra fome que ele se recusava a entregar.

No entanto, isso não impediu seu olhar embebido de âmbar de se dirigir ao ponto de pulso que batia logo abaixo da boca. Sua carótida martelava, uma batida que ouvia nos ouvidos e têmporas. Uma que ecoava no forte batimento de suas próprias veias.

Ele a beijou mais uma vez, se perdendo na sensação dela novamente.

Realmente pensou que poderia afastar essa mulher de seu sistema? Levaria uma vida inteira tentando, e mesmo assim parecia certo que estava destinado a falhar. Ainda a queria. Ele a amava.

Mesmo que tivesse segredos. Mesmo que houvesse uma parte dela que nunca poderia alcançar.

Suas presas encheram sua boca, as gengivas doendo quando os pontos afiados subiram em antecipação à sua própria recompensa. No fundo de sua mente, uma parte egoísta dele sussurrou que tudo que precisaria era um pequeno gole do sangue de Kaya e ele a conheceria.

O vínculo o conectaria às suas emoções mais profundas, incluindo o que fosse que colocasse aquelas sombras impenetráveis nos olhos dela.

Um gosto e a sentiria nas veias para sempre.

Inferno, já estava a meio caminho, mesmo sem lhe fazer uma sangria.

Além disso, quão louco teria que ser para ativar um vínculo eterno com ela quando nem tinha certeza se confiava nela?

O lembrete perseguiu sua consciência como um vento sinistro. Aric o varreu de lado, empurrando todos os pensamentos de sangue e traição de sua mente em favor da única coisa que tinham e que ele poderia confiar. Prazer.

Com um grunhido baixo, puxou e virou Kaya de bruços. Então a ergueu sobre os joelhos e voltou a entrar em seu calor doce e úmido.



CAPÍTULO 24

O corpo de Kaya sentia as deliciosas reverberações do amor de Aric ao longo do ritual solene que a Ordem observou para comemorar o nascimento do filho de Nikolai e Renata na manhã seguinte.

Ela sentou ao lado dele no pequeno santuário à luz de velas do centro de comando, inundada de emoção enquanto observava os novos pais apresentarem seu filho em público aos seus amigos e camaradas mais próximos. No entanto, chamar os machos Raça e suas companheiras de qualquer outra coisa que não fosse família, era diminuir o que todos se tornaram um para o outro ao longo dos anos. Os membros da Ordem eram parentes de maneiras que Kaya não entendeu plenamente até este momento.

Dentro de um círculo de oito velas altas e brancas na frente da reunião, Nikolai e Renata estavam de pé com Rio e Dylan, todos vestidos com longas túnicas brancas. Com Mira segurando seu irmão minúsculo nas proximidades, os dois casais teceram oito tiras de seda branco-neve num berço que suspenderam entre eles para a criança que seria apreciada e protegida por todos os quatro – pais e padrinhos escolhidos – enquanto qualquer um deles vivesse.

— Quem traz essa criança diante de nós hoje? — Lucan perguntou, oficiando o ritual.

— Nós trazemos, — Nikolai e Renata responderam em uníssono. — Ele é nosso filho, Dmitri Jack.

A primeira vez que o nome do bebê foi anunciado. Kaya não pôde evitar sorrir pelo segundo nome, sem dúvida dado em homenagem ao velho que foi tão gentil com ela quando precisou de abrigo, mas também, como informou Aric, amável com Renata e Niko anos antes dela.

Lucan acenou com a cabeça para Mira e ela trouxe o bebê nu para Renata, transferindo-o cuidadosamente para os braços de sua mãe. Renata manteve Dmitri preparado para ver todos.

— Este bebê é nosso, — ela e Niko disseram, recitando palavras que Mira havia descrito para Kaya. Ouvi-los falando neste cenário, neste momento, era mais poderoso do que poderia ter imaginado. — Com nosso amor, nós o trouxemos para este mundo. Com nosso sangue e vida, nós o sustentamos, e o mantemos seguro contra danos. Ele é nossa alegria e nossa promessa, a expressão perfeita do nosso vínculo eterno, e temos a honra de apresentá-lo a vocês, nossos parentes.

Como um, inclusive Kaya, a assembleia respondeu com a resposta tradicional: — Você nos honra bem.

Agora, o bebê foi colocado no centro do berço de seda branco, e depois veio o voto dos padrinhos de Dmitri. Lucan virou para Rio e Dylan. — Quem se compromete a proteger essa criança com sangue, ossos e sua respiração final nesse chamado?

O casal respondeu solenemente: — Nós prometemos.

E com essa promessa dita, Rio afundou as presas primeiramente em seu pulso, depois em Dylan. Juntos, o casal segurou suas feridas abertas sobre o bebê, que se contorceu, o sangue derramando gotas em sua pele nua para simbolizar o voto de dar suas vidas para mantê-lo seguro.

Kaya observou através da visão borrada com lágrimas e uma garganta cheia de felicidade os quatro amigos e a pequena criança cuja vida seria imensamente abençoada pelo amor e proteção. O pequeno Dmitri não sentiria falta de nada, Kaya tinha certeza. Como desejava que pudesse sentir sequer uma fração dessa confiança quando se tratava de sua irmã e seu filho não nascido.

Aric pegou a lágrima que deslizou pela bochecha. Seu olhar solene era tênue sobre ela, mesmo que este toque fosse o primeiro que ele lhe dera desde que deixou sua cama na madrugada. Com a cerimônia concluída, ele se levantou, bem como todos os outros sentados nos bancos.

Era humilhante estar entre as testemunhas dessa cerimônia embelezada pela tradição. Uma honra ser bem-vinda como uma dessas pessoas, mesmo que houvesse uma parte dela que sabia que era a estranha. Uma intrusa que nunca pertenceria inteiramente até que tirasse todos os seus segredos das sombras de seu passado e os levasse à luz.

Inclusive seu segredo, que sentia que Aric já suspeitava, ou estava perto de descobrir.

Ela quase disse a ele na noite passada. Mas então ele mencionou a probabilidade de que a Ordem fosse traída por um espião, que não só avisou Big Mack para evacuar, mas alertou a Opus para o fato da Ordem se mover para Lars Scrully ontem à noite. Se lhe dissesse que estava escondendo o fato de que foi ao bar de Angus Mackie no próprio dia da invasão da Ordem, por que Aric ou qualquer outra pessoa acreditaria que não tinha nada a ver com dar a Opus a informação que precisavam para ir à casa de Scrully armados com armas UV?

Tudo que Kaya sabia era que o poço que começou a cavar por si mesma, recusando sua vergonha sobre seu passado e as pessoas que a criaram, estava mais fundo, de uma forma que nunca imaginou nem em seus piores pesadelos.

E no centro de todos os seus arrependimentos por essas ações estava Aric.

Ela devia a ele a verdade.

A vaga distância que sentiu dele hoje só fortificou sua determinação. Ele precisava saber por que estava tão aterrorizada com seus sentimentos por ele.

Particularmente depois da noite passada, quando esteve quase certa que faltou apenas um fio de cabelo para ele afundar suas presas na carótida dela. Uma mordida e saberia todos os seus segredos e vergonha. Um sorvo de sua veia e estaria preso a ela para sempre.

Não era medo que sentia por essa ideia. Era um desejo feroz. Mas nunca permitiria que isso acontecesse enquanto o traía com seu silêncio.

— Kaya, gostaria de conhecer meu irmãozinho? — Mira sorriu como uma mãe orgulhosa.

Entrelaçando o braço com Kaya, ela a puxou com força para frente sem esperar pela resposta. Aric apareceu ao lado dela, ladeado por Kellan e Rafe.

— Por que não trouxe Siobhan? — Mira perguntou, franzindo a testa. — Espero que ela não tenha se sentido indesejável.

— Não. — Rafe balançou a cabeça. — Ela ficou acordada a maior parte da noite novamente. Às vezes, os pesadelos da morte de sua companheira de quarto são demais. Esta manhã estava tão exausta que eu disse para ela ficar na cama e descansar.

Mira fez um gesto de simpatia. — Estamos todos exaustos hoje, acho. Perder Bal, além de todos os outros contratempos que tivemos ultimamente... Bem, pelo menos temos Dmitri para comemorar. Deus sabe que precisamos de algo positivo para nos alegrar.

Renata sorriu quando o grupo se aproximou dos anciãos da Ordem na frente do santuário. Ela estava radiante em seu traje cerimonial branco. Nikolai parecia ainda mais alto hoje, e descaradamente orgulhoso. O frio homem russo da Raça manteve seu braço musculoso em torno dos ombros de Renata, seu frio olhar azul brilhando com uma alegria que Kaya raramente via nele.

— Foi uma bela cerimônia, — Kaya disse ao comandante e à Companheira. — Dmitri Jack é um nome adorável. Ele ficaria encantado, tenho certeza.

Com um pequeno aceno de cabeça, Renata olhou para o bebê que dormia em seus braços. — Espero que sim.

— Dmitri é um nome de família?

— Meu irmão, — respondeu Niko. — Ele morreu há muito tempo, mas nunca o esquecerei.

Renata passou um olhar terno sobre o homem. — O amor não tem data de validade. Dmitri estará em seu coração para sempre.

Ele assentiu. — Quero que meu filho cresça sabendo que foi nomeado por dois grandes homens, e que agora tem a responsabilidade de viver uma vida que honre os dois.

— Eu tenho certeza que ele vai, — disse Aric. — Dmitri tem os melhores pais que poderia esperar. Para não mencionar o excelente backup.

Rio riu pelo elogio. — O nível é bastante alto pelos muitos outros nesta sala, mas Dylan e eu faremos nosso melhor para não decepcionar.

A Companheira ruiva do Raça espanhol lançou um sorriso lindo enquanto inclinava a bochecha contra seus bíceps grossos. — O que ele quer dizer é que pretendemos estragar essa criança tanto quanto Niko e Renata nos permitirem.

Kaya riu junto com todos enquanto a conversa continuava, mas era difícil se concentrar em algo além de Aric, que parecia observá-la num quase silêncio.

— E os seus padrinhos? — Ela perguntou, procurando uma maneira de tirá-lo do mau-humor em que estava preso desde que fizeram amor na noite passada. — Você e Carys devem ter alguém cuidando de vocês também.

Ele olhou para os pais e deu um pequeno aceno de cabeça. — Minha irmã e eu temos a sorte de chamar Tess e Dante de nossos padrinhos.

O outro casal sorriu calorosamente para ele. Então Dante sorriu. — Ao crescer, você e Carys provavelmente devem ter sido um par e tanto, considerando quão selvagens e obstinados vocês eram.

— Eram? — Chase brincou. — Fui amaldiçoado com crianças que me provaram uma e outra vez que eram tão difíceis quanto eu. Ainda o fazem, mais frequentemente que não.

— E não iríamos querer qualquer um de vocês de outra forma, — Tavia acrescentou, apertando as mãos de Aric e Carys, que agora se juntou à reunião junto com seu par, Rune.

Kaya olhou para Rafe. — Suponho que seus padrinhos não são mistério, vendo o quanto você e Aric são amigos íntimos. Chase e Tavia, certo?

— Não, — ele respondeu, trocando um olhar com seus pais. Dante e Tess pareciam um pouco desconfortáveis agora também. — Meus padrinhos são Gideon e Savannah. E tenho muita sorte por eles. Eles foram minha rocha mais vezes do que posso contar.

O silêncio de Aric também se aprofundou. Um estranho incômodo caiu sobre o grupo. Kaya olhou para Chase e viu arrependimento em seu olhar azul, o que a fez desejar que o chão se abrisse e a engolissem. — Desculpe se eu disse algo errado. Não queria me intrometer.

— Não o fez. E não está, — disse Chase. — O que ninguém aqui quer dizer é que eu deveria ser padrinho de Rafe, mas perdi o privilégio. Apenas isso. Eu tive alguns... Problemas há muitos anos. Pensei que poderia esconder um grande problema de meus irmãos e isso me custou a confiança deles. Se não tivesse encontrado um motivo para dar a volta, não estaria aqui hoje.

— Provavelmente nenhum de nós estaria, — Dante disse com sobriedade, nada além de respeito e carinho por seu camarada e amigo.

— O que aconteceu? — Kaya soltou antes que pudesse conter sua pergunta. — Quero dizer, se não se importa que eu pergunte isso.

Aric foi quem respondeu. — Ele teve que se preocupar com o que estava destruindo ele e tudo que gostava.

— Isso mesmo, — confirmou seu pai. — Tive um problema que era maior do que eu poderia lidar sozinho. Para mim, foi a Sede de Sangue. Mas a solução é a mesma para qualquer coisa que pareça impossível de reparar. A única maneira de passar por um problema é através dele. — Ele virou um olhar indigno para Tavia. — Tanto melhor se tiver a pessoa certa para ajudá-lo a atravessar.

Ele ergueu o rosto de sua Companheira e a beijou na frente de todos, nenhum deles envergonhado por sua devoção – ou calor palpável do vínculo deles.

Quanto à Kaya, não podia deixar de ver o paralelo entre seus próprios problemas e a perda de Chase Sterling de seu lugar entre a Ordem e a família que fez lá. E quando pensava em família, era impossível não pensar em sua gêmea.

Quando crianças, ela e Leah nunca conheceram esse tipo de parentesco e segurança com as pessoas que as educavam e criavam.

Nem esse tipo de amor.

Tanto quanto devia a verdade a Aric e Mira, e todas as outras pessoas reunidas no santuário junto com ela, ela não podia virar as costas para a irmã.

Embora Leah afirmasse não querer sua ajuda, Kaya precisava dar-lhe outra chance de uma vida melhor.

— Falando em problemas e encontrar nosso caminho através deles, — Dante disse; suas sobrancelhas pretas cerradas sobre os olhos cor de uísque que se estreitaram em seu filho guerreiro. — Como Siobhan está se mantendo? Com tudo que aconteceu desde que você e Aric a pegaram, é fácil esquecer o trauma que ela sobreviveu.

Rafe assentiu. — Está se esforçando para esquecer o ataque, mas não é fácil. Testemunhar o assassinato brutal de sua companheira de quarto e ser espancada até a inconsciência pelos bandidos da Opus que invadiram naquela noite cobrou um preço. Siobhan é sensível. Ela é... Delicada. Também é a mulher mais cativante que já conheci.

Aric lançou um sorriso irônico ao amigo. — Nunca poderia resistir a uma linda dama em perigo.

— Está tentando dizer que eu tenho um tipo? — Rafe devolveu, sorrindo. — Difícil recordar, mesmo olhar para alguém agora que conheci Siobhan.

Seu pai grunhiu; claramente surpreendido com a notícia. — Qualquer um com olhos pode ver o quanto você se importa com ela. Mas tenho que dizer, eu nunca pensei que acharia uma mulher em conformidade com seus padrões impossíveis. Você, Tess?

Ela deu o menor aceno de sua cabeça loira, olhos da mesma cor aquamarine enquanto Rafe estudava seu filho num curioso silêncio.

Kaya também sentiu um olhar fixo sobre ela.

— Não pense que esqueci sobre a conversa privada que você pediu, — disse Nikolai. — Na hora que quiser falar, minha porta está aberta para você.

Ela teve que engolir o nó de culpa que estava sentado em sua garganta quando ofereceu ao comandante um aceno de cabeça e murmurou um agradecimento. Sentiu o peso do silêncio de Aric ao lado dela. Com medo e arrependimento esmagando-a, era tudo que podia fazer para não se afastar da sala e gritar de raiva e frustração.

Necessitava colocar seu passado na mesa e deixar sua irmã para trás permanentemente ou encontrar alguma maneira de trazê-la para a luz.

Tudo que sabia era que não podia suportar outro dia escondendo a verdade dentro dela.



CAPÍTULO 25

Aric sentou na sala de guerra com Rafe, os anciãos da Ordem e todo o resto dos machos Raça no local do centro de comando, tentando prestar atenção enquanto examinavam os acontecimentos dos últimos dias e as informações resultantes que Gideon enviou de DC.

Não era que não tivesse interesse. Estava tão determinado quanto qualquer pessoa a perseguir todas as trilhas que pudessem levar a Ordem até a Opus Nostrum – ou ao vazamento que de alguma maneira se abriu no oleoduto de aliados e informantes da Ordem.

E no fundo, apesar dos instintos que o estavam roendo implacavelmente nos últimos dias, esperava que nenhuma dessas trilhas levasse à Kaya.

Após a cerimônia e comemoração por Dmitri, Kaya subiu à mansão com as outras mulheres para desfrutar da pequena festa que prepararam. Aric estava procurando a chance de ficar sozinho com Kaya por alguns minutos depois da cerimônia, mas ela parecia mais que ansiosa para se afastar dele assim que o santuário esvaziou.

Então, em vez de afastar o muro de perguntas sem resposta e suspeitas cada vez mais preocupantes que estavam entre eles, ele estava dando um tempo na mesa de Lucan e seu pai à beira de rastejar de sua própria pele.

Finalmente, não conseguiu mais.

Oferecendo uma desculpa esfarrapada, se afastou da reunião e se encaminhou para a mansão e os sons de riso das mulheres e conversa na cozinha. Deixou Kaya Stonewall o iludir o suficiente.

Ele a amava, e se dizer a ela não fosse suficiente para afrouxar os nós na língua, então precisava saber agora.

Se ela não fosse totalmente honesta com ele – se abrir para ele em todos os sentidos – então precisava ouvi-la dizer as palavras na sua cara. Assim, talvez pudesse voltar ao negócio de viver sua vida sem ela.

E se descobrisse que realmente o amava, então, por Deus, precisava ouvir isso também.

Atravessou a entrada da cozinha como se fosse para a guerra. — Kaya.

Toda a conversa cessou. Sete belos rostos femininos giraram em sua direção, nenhum deles o dela.

Ele franziu a testa. — Onde está Kaya?

— Provavelmente nos aposentos dela, — sua mãe respondeu.

Mira assentiu. — Disse que estava cansada e queria descansar por um tempo.

Carys arqueou uma sobrancelha para ele, sorrindo. — Não deve se surpreender ao ouvir isso, considerando que passou a maior parte da noite passada no quarto dela.

Normalmente, ele aceitaria a provocação de sua irmã gêmea e devolveria um comentário inteligente. Agora não. Estava muito tenso para sua paz de espírito, e a ausência de Kaya aumentava suas suspeitas mais do que queria reconhecer. — Quanto tempo?

— O que, Aric? — Tavia perguntou.

— Quando ela saiu?

As mulheres trocaram olhares incertos. — Cerca de vinte minutos, — disse uma delas.

Ele não sabia quem e não ofereceu nenhum reconhecimento. Seus pés já estavam se movendo abaixo dele, quase correndo em direção ao corredor que o levaria à sua sala de estar privada na residência.

Ele bateu na porta. — Kaya? — Quando não houve resposta, ele bateu de novo. Em seguida, tentou a maçaneta e descobriu que estava trancada. — Droga. — Não gostou da ideia de se intrometer sem permissão, mas não gostou ainda mais

do sentimento quanto a ausência dela. Exalando uma maldição, liberou a fechadura com a mente e abriu a porta. — Kaya? Está aqui?

Apenas silêncio. O quarto dela estava vazio.

Ela se foi.

— Porra. Maldita seja, Kaya.

Sabia com frio entendimento em suas veias que não a encontraria em qualquer lugar no centro de comando. Ela deixou a base sem contar a ninguém. Esse conhecimento se instalou sobre ele como uma mortalha.

Num instante, estava no pavimento iluminado pelo sol do lado de fora do centro de comando, piscando lá com toda a velocidade Raça que possuía. Não sabia onde ela poderia ter ido. Ou, pior, não queria pensar que sabia.

Levou apenas alguns minutos para atravessar a cidade para Dorval.

Para seu alívio, a casa desabrigada no rio que era o endereço mais recente de Angus Mackie ainda estava vazia. Todos os ratos fugiram desse navio na noite do ataque da Ordem e evidentemente não retornaram.

Aric acelerou para o bar e encontrou a mesma situação. Construção vazia. Nenhum sinal do líder da gangue com a tatuagem de escaravelho preto ou qualquer um de seus fiéis seguidores. Saiu da taberna e passou a mão sobre a cabeça, sua frequência cardíaca finalmente desacelerando agora que todos os seus palpites pareciam estar errados.

E, por favor, foda-se por isso.

Uma parte da fúria e do medo que o levaram até esse pedaço de merda do bosque começou a diminuir. Pelo menos, até que olhou pela rua e um vislumbre de longos cabelos escuros e pernas sem fim derramadas em jeans escuro chamaram sua atenção.

Kaya saiu de uma garagem muito suja com um skinhead coberto de graxa que ela parecia conhecer. Não tinha como confundir o pedaço de lixo humano com qualquer coisa que não fosse um da turma de Angus. A mão de Kaya estava presa no antebraço do homem enquanto falava com ele. Ela tirou algum dinheiro do bolso e deu a ele. Então entrou num pedaço de merda de sedã estacionado na calçada e foi embora.

Aric dificilmente podia controlar sua raiva.

Queria arrancar as respostas do humano com as próprias mãos, mas Kaya era a única que podia dizer o que realmente precisava saber.

Seu corpo vibrava com ameaça enquanto agarrava as sombras e a seguia pela rua. No instante que ela parou num semáforo, abriu a porta do passageiro e se deixou cair no assento ao lado dela.

— Vou de carona.

A cabeça dela girou para ele num suspiro sufocado. — Aric! O que está...

— O que estou fazendo aqui? — Ele terminou por ela, uma fúria lhe tirando a voz para o grito. — É exatamente o que eu vim aqui te perguntar, Kaya. O que diabos você está fazendo aqui embaixo no relvado de Big Mack?

Seus olhos castanhos eram sombrios. — Não é o que você pensa.

— Sério? — Ele zombou. — Isso é bom. Esse é um enorme e maldito alívio, Kaya. Porque o que eu acho é que você simplesmente se afastou da base em plena luz do dia para se encontrar com um dos inimigos da Ordem. O que eu acho é que o calor está ficando um pouco intenso em volta e no centro de comando e talvez nosso espião tenha decidido que é hora de rastejar para um buraco qualquer.

Ela desviou o olhar e sacudiu a cabeça, miséria no som que escapou de seus lábios. — Não sou uma espiã, Aric.

— Infelizmente, vai demorar muito mais que isso para me convencer agora.

— Não sou uma espiã, — ela disse, finalmente encontrando seu olhar duro novamente.

— Mas está a caminho de ver Big Mack agora.

— Sim.

— Você é a razão pela qual ele sabia que a Ordem ia para ele na outra noite?

Ela engoliu em seco, depois abaixou a cabeça. — Sim. Tenho certeza de que devo ser.

— O que quer dizer com isso?

— Naquele dia, saí para correr e acabei indo para o bar de Mackie.

Aric deixou uma maldição sair. Era afiada e cheia de raiva, atacando com tanta força que Kaya se encolheu do outro lado do veículo. Ele percebeu apenas agora o tanto que esperava pela negação dela, apesar da força de suas suspeitas. Em vez disso, o que ela estava falando para ele era ainda pior.

— Não fui lá procurando fugir da confiança da Ordem. Fui lá porque precisava ver alguém.

— Alguém que anda com o Big Mack? — Sua voz soava dura, mas se era raiva ou choque, ele não sabia. Ele se recusava a permitir que isso fosse devido ao

súbito estrangulamento de seu coração enquanto lutava para processar o fato de que a mulher que amava estava prestes a dizer que estava em harmonia com os inimigos da Ordem. — Ninguém que se associe com os covardes assassinos vale seu tempo. Se pudesse, cortaria uma trilha sangrenta através do coração de cada um deles.

Ele viu sua ligeira hesitação quando ele disse isso. Havia vergonha na expressão que ela virou para ele. E arrependimento. — Aric, eu nasci e cresci com pessoas como ele. Minha mãe era uma delas, cheia de ódio e desagradável. Esse também era meu mundo. Foi o único mundo que conheci por muito tempo.

— Você não é assim, — ele apontou.

— Não, mas estou ligada a esse mundo. Tanto quanto eu o despreze há uma parte de mim que pode estar sempre ligada a esse mundo.

Aric lembrou tudo que ela contou na noite em que fizeram amor em Summit Hill. Ela disse que sua infância foi brutal, cheia de ódio. Mas agora estava certo de que havia uma peça faltando no enigma do passado de Kaya.

— Esta pessoa que foi ver no bar Mackie. É alguém importante para você?

— Sim. — Ela balançou a cabeça lentamente. — Eu não a via há muito tempo. Não desde os dezesseis anos.

Dezesseis anos. A idade que Kaya tinha quando sua mãe foi assassinada e ela foi forçada a matar em retaliação e autodefesa antes de fugir por sua vida para a cidade.

— Depois que vi aqueles assassinatos naquele Darkhaven, sabia que as pessoas de Big Mack eram responsáveis. O que não sabia era se minha irmã estava ciente disso também. Era uma pergunta que precisava que ela respondesse antes de decidir afastá-la do meu coração e da minha vida para sempre.

— Sua irmã — murmurou Aric. — Ambas com dezesseis anos quando sua mãe foi morta.

Kaya assentiu. — Minha gêmea idêntica. O nome dela é Leah. Ou, antes era o nome dela. Agora a chamam de Raven.

— Você tem uma gêmea idêntica que andou com Big Mack e seus colegas durante todos esses anos? — Aric sentiu como se tivesse levado um soco ao lado da cabeça. — Ah, Cristo. O guarda de segurança na propriedade de Rousseau. Aquele que acabou por ter laços com Mackie. Aquele que afirmou que conhecia você...

Ela o encarou; miserável. — Pensou que eu era ela. Ele me encurralou e então tudo aconteceu tão rápido.

— Esse seu segredo foi a razão pela qual nossa missão desandou naquele dia.

— Eu sei. Queria contar, Aric, mas estava com medo. — Ela estendeu a mão para ele, sua palma veio descansar levemente na bochecha dele. — Aric, eu te amo.

As palavras o amarraram agora. — Você mentiu para mim.

— Não.

— Mentiu por não dizer nada, — ele mordeu com dureza. — Está mentindo para todos nós.

— Aric, eu queria te contar. Planejei te contar logo que visse Leah mais uma vez...

— Pare. — Ele recuou; seus olhos brilhantes com ardentes faíscas âmbar. Ela estava dizendo tudo o que ele queria ouvir, mas ainda havia uma grande questão. De onde não haveria volta, dependendo da resposta dela. — Diga-me o que sabe sobre a emboscada que nos esperava no lugar de Lars Scrully.

— Não sei nada sobre isso.

— Como vazou nossos planos para a Opus? Ou você só necessita vazar para Angus Mackie e ele cuida do resto?

— Não fiz nada disso. Nunca trairia a Ordem para a Opus Nostrum. Nem para ninguém. Nunca trairia você também. — Ela balançou a cabeça. — Aric, tem que acreditar em mim.

— Não, Kaya. Eu não. Não mais.

Sua testa apertou como se estivesse com dor. Talvez ela estivesse. E talvez ainda estivesse mentindo, fingindo estar ferida e rindo por dentro por quanto fácil podia enganá-lo, o macho de uma espécie que foi educada para ver como algo menos que humano. Monstros a serem odiados e destruídos.

Atrás deles, um motorista de caminhonete irritado buzinou quando a luz mudou. Aric acenou impacientemente para o outro veículo desviar, mostrando as presas numa hostil carranca quando ele passou por eles. A caminhonete desviou e sacudiu antes que o motorista pisasse fundo e fugisse aterrorizado.

Quando Kaya olhou para ele, estava feliz pela selvageria de seu rosto transformado. *Deixe-a vê-lo – realmente vê-lo. Deixe-a saber o que estava professando que amava.*

— Onde ele está? — Ele exigiu. — Angus Mackie. Precisa me dizer onde encontrá-lo. Sei que você sabe, Kaya. Se aquele skinhead da garagem não lhe disse de bom grado, sua mão no braço dele foi suficiente para arrancar a verdade da mente dele.

Ela parecia pior que aterrorizada. — Aric, não pode vir comigo.

— Ir com você? — Seu riso estava frio com malícia. — Estou levando você de volta ao centro de comando, então vou atrás de Mackie sozinho. Quando tiver terminado, Big Mack e todos os seus seguidores não serão mais que más lembranças e muita carne e ossos sangrando.

Seu rosto estava pálido. — Aric, você não entende. Não pode fazer nada disso.

— Me dê uma boa razão porque eu não deveria.

— Porque minha irmã está com ele. Aric, ela está grávida.



CAPÍTULO 26

Aric pegou o volante, e Kaya o conduziu ao lugar que o amigo de Mackie na garagem entregou a ela involuntariamente através de seus pensamentos. A casa abandonada ficava num lote vazio com ervas daninhas, perto do lixão da cidade.

— Um refúgio apropriado para excrementos como Big Mack, — Aric murmurou quando estacionaram o veículo atrás de uma antiga torre de água enferrujada e se prepararam para executar o plano bruto que discutiram no caminho. — Pode não me ver, mas juro que estarei perto.

Ela assentiu, tranquilizada por sua presença, mesmo que o conflito entre eles parecesse tão grande como uma caverna.

Assim que saíram do carro, Aric dissolveu-se em sombras.

Kaya caminhou até a varanda da frente da casa velha de um andar e bateu na porta. Um homem alto e magro respondeu vários momentos depois. Os cabelos longos cobriam seu crânio manchado, e sob as franzidas sobrancelhas que se ergueram em sua testa ao vê-la, seus olhos azuis piscaram rapidamente em confusão.

— O que diabos? — Ele piscou, depois esfregou os olhos e piscou novamente. — Você não é Raven.

— Não, não sou. — Kaya sorriu agradavelmente, sua mão descansando na parte de trás de suas costas, onde a pistola que trouxe com ela do centro de

comando estava encaixada na cintura de seu jeans. — Saia. Estou aqui para conversar com minha irmã.

Não fazia sentido fingir, ela e Aric decidiram. Tirariam Leah de lá e estavam preparados para fazê-lo com armas.

O velho viciado na porta deu um forte aceno de cabeça. — Big Mack não gostará disso. Raven não está recebendo visitantes agora.

— Eu digo que ela está. — A voz profunda de Aric e as presas descobertas quando saiu das sombras perto da porta aberta fizeram o homem correr para dentro da casa.

A pobre desculpa de Mackie para guarda alcançou freneticamente a arma no coldre do quadril. Erro. Aric o matou num instante.

Olhou para Kaya, com os olhos queimando de raiva pela batalha. — Pronta, parceira?

Ela assentiu. — Vamos buscá-la.

No mesmo momento, a casa entrou em caos após o som do tiro. Dois homens invadiram por trás. Kaya derrubou um com uma bala na cabeça. Aric conseguiu o outro. Gritos indistintos se juntaram aos sons em pânico de meia dúzia de homens presos pela invasão.

— Leah! — Kaya gritou. Não sabia onde procurá-la, só que o homem na garagem sabia que Mackie tinha sua irmã com ele em seu esconderijo depois da invasão fracassada. Ela podia estar em qualquer lugar. Kaya só esperava que sua gêmea não viesse a eles como uma inimiga. — Leah, onde está?

Uma explosão de balas de uma semi-automática rasgou os painéis de madeira perto da cabeça de Kaya enquanto ela e Aric se empurravam mais para dentro da pequena casa. Afastaram-se do alcance, mas por pouco. Lascas caíram nos cabelos de Kaya.

— Leah! — Aric chamou agora, seu grito vibrando o chão sob os pés de Kaya. Então ela ouviu.

O menor grito vindo de algum lugar no fim do corredor. Fêmea. Era Leah. E parecia estar com dor.

Aric disparou contra um grande homem que saiu de um quarto à frente deles. O corpo ficou esticado pelo chão, bloqueando seu caminho. O clamor da mulher veio novamente, mais distinto agora.

Eles se apressaram em direção a uma porta de banheiro fechada no final da estreita passagem. Aric a chutou com a bota. A porta fina quebrou em suas dobradiças. E lá, amontoada na imundície da prisão de azulejos verde-abacate, a gêmea de Kaya.

— Meu Deus. Leah.

Estava algemada nos canos da pia como um animal, uma mordança amarrada na boca. Sua roupa rasgada e suja. Hematomas na bochecha esquerda. Uma crosta cobria um feio corte no lábio inchado.

O coração de Kaya balançou ao ver o abuso de sua irmã. Correu para seu lado junto com Aric, que fez um rápido trabalho com as algemas com um comando mental, o qual abriu a fechadura enquanto Kaya desamarrava os nós apertados da mordança.

O soluço de Leah enquanto as restrições punitivas caíam afastou todas as dúvidas que já teve por sua irmã distante.

— Vou procurar Mackie, — disse Aric.

— Tenha cuidado. — Era a voz de Leah que falava as palavras que também estavam na língua de Kaya. Leah olhou para ambos, remorso em seus olhos castanhos escuros. — Angus tem armas escondidas em todos os lugares.

Aric assentiu bruscamente, depois desapareceu.

* * *

Tão furioso como estava pelo fato de Kaya não confiar nele o suficiente para compartilhar a verdade sobre sua irmã e seu passado, a raiva de Aric ficou nuclear ao ver sua gêmea grávida como um cachorro dentro do mais novo esconderijo de Mackie.

Era muito fácil ver Kaya no rosto bonito e maltratado que os encarava tão impotente e quebrado. Muito fácil pensar que Kaya esteve sujeita às mãos punitivas e às ânsias disfarçadas de homens como Angus Mackie e seus seguidores.

Por isso, todos os homens neste lugar morreriam.

Aric passou pela casa como um assassino secreto, mantendo as sombras, exceto para encher cada homem de Mackie com chumbo. E agora só precisava encontrar o rei dos ratos.

Aric varreu o lugar, não deixando nenhum canto perdido.

E então viu o bastardo.

Barba por fazer, vestido com apenas um par de calças de algodão amareladas, sua barriga peluda caída e sacudindo enquanto ele corria, o supostamente temível Big Mack corria apressadamente para a porta do porão. Ela bateu atrás dele, seguida pelo golpe precipitado dos pés descalços de Mackie em velhos degraus de madeira.

Aric grunhiu e saltou a distância. Estava prestes a abrir a porta com a mente quando uma explosão de espingarda explodiu o painel na frente dele. Evitou os pedaços de madeira e estilhaços a tempo de evitar o pior, então mergulhou pela abertura e seu corpo jogou Mackie no fundo da escada.

O covarde gordo gritou quando Aric o agarrou pela garganta. Suas presas pareciam tão imensas como adagas na boca, seus olhos iluminando o rosto de Mackie como um holofote âmbar. — Não tão corajoso agora, não é?

— Que merda! — Seus olhos se arregalaram, cheios de choque e terror. — Caminhante do Dia?

— Com certeza, — gritou Aric. — Seu pior pesadelo.

Não muito longe de onde Mackie estava preso, caixotes que pareciam perturbadores, semelhantes aos que a Ordem recuperou da van na propriedade de Scrully, estavam alinhados no chão de concreto do porão. Facilmente uma dúzia deles.

Ele grunhiu uma maldição e apertou o líder da gangue. — Agora, antes de eu te eviscerar, você me dirá onde obteve este UV. Estou adivinhando por esse inseto preto que tatuou na sua teta direita, que seu amigo, Fineas Riordan, te físgou antes que a Ordem o derrubasse.

— Não direi merda nenhuma. — Mackie apertou os dentes, lutando contra a retenção inflexível de Aric. — Terá que me matar. Se eu falar, a Opus fará com que eu seja morto.

Atrás dele nas escadas, Aric ouviu os passos suaves de Kaya. — A casa está limpa.

Aric assentiu firmemente, arrastando Mackie do chão pela garganta. — Você e Leah estão bem? — Ele perguntou, olhando para ela porque precisava ver por si mesmo.

Kaya chegou ao andar de baixo. Leah estava atrás, na metade do caminho, parecendo uma versão fantasma de sua vibrante irmã. — Estamos bem.

— Bom. Assim que este saco de pus falar o que quero saber, podemos dar o fora daqui.

— Porra. Você. — Mackie explodiu.

Kaya caminhou junto a Aric. — Há outra maneira de obter a informação que precisamos.

Ela tocou o braço do humano e fez as mesmas perguntas que Aric. Mas agora a mente de Mackie estava aberta, seus pensamentos soltos apenas pela sugestão de Kaya. — Riordan forneceu as armas e balas ultravioletas. Mackie teve contato com a Opus, mas nunca pessoalmente. Não conhece nenhum dos membros.

— Em outras palavras, ele é inútil, — Aric disse quase desapontado por ter licença para acabar com o bastardo. Mas ainda havia uma questão muito importante que suspeitava que Mackie pudesse responder. — Onde a Opus está obtendo todas as informações dos movimentos da Ordem?

Kaya respirou fundo. — Eles têm alguém dentro. Mackie sabe disso.

— Quem? — Aric exigiu, apertando a garganta até o ponto de esmagá-lo.

O humano tentou uma risada. — Adoro ver vocês, sanguessugas, perseguindo suas caudas. Quase tanto quanto gosto de ver virar uma pilha de cinzas sob minhas botas.

Aric rugiu com sua fúria. — Diga-nos, seu maldito.

— Há um espião, — Kaya confirmou com a voz dura. — Eles têm alguém dentro. Alguém que está alimentando informações de alto valor numa base regular agora. Arquivos de dados também.

— O que diabos? — Aric franziu o cenho, além de enfurecido. — Quem é? Diga o nome ou diga adeus à sua laringe.

— Alguma cadela irlandesa, — Mackie finalmente cedeu. — Iona algo.

Aric retrocedeu. Pegou o olhar confuso de Kaya também. — Se está falando sobre a amante de Reginald Crowe, Iona Lynch, ela está morta. Vi o corpo dela destruído com meus próprios olhos na semana passada.

— Mesmo? — Mackie insultou-o apesar do estrangulamento nele. — Então ela deve estar enviando mensagens do inferno, porque é ela quem me avisou que a Ordem estava atrás da minha bunda algumas noites atrás.

— O quê? — Kaya girou um olhar questionando sua irmã. — Pensei que você tivesse avisado depois que eu vim te ver.

Leah balançou a cabeça. — Este filho da puta me manteve contra minha vontade por seis meses, ameaçando me matar e meu bebê se eu tentasse sair. Nunca diria nada a ele.

O sangue de Aric ficou gelado. Quando olhou para Kaya, seu rosto mostrava o mesmo medo atualmente enrolado em torno dele.

— Oh, meu Deus, — murmurou Kaya. — Rafe.



CAPÍTULO 27

Por insistência de seus companheiros, o encontro da Ordem na sala de guerra havia terminado há meia hora, enviando os anciãos Raça à mansão para se juntarem às mulheres. Os companheiros de Mira convidaram Rafe para a sala de armas para treino e a habitual baboseira e provocações na vida de guerreiros em qualquer dos centros de comando da Ordem, mas ele recusou a oferta.

Tinha outras diversões em mente.

Ou seja, Siobhan.

Ficou surpreso ao descobrir que ela não estava em seu quarto de hóspedes na residência principal. Curioso ao descobrir que ela nem sequer parou para ver Renata ou bajular o bebê, já que parecia tão animada sempre que ele falava sobre a chegada próxima do mais novo membro da família da Ordem.

Quando Rafe voltou ao centro de comando, o único lugar onde poderia ter ido, ele sentiu uma pontada mesquinha que tentava não chamar de suspeita. Poderia ser, se sua fé em Siobhan não fosse tão completa. Será que ela se perdeu no labirinto de corredores que atravessavam o centro nervoso labiríntico do domínio dos guerreiros? Ela sabia que a área estava restrita aos membros da Ordem, mas era uma mulher curiosa e talvez simplesmente tivesse acordado de sua longa soneca e tentasse encontrá-lo.

A ideia o confortou, varrendo o sentido mais frio que ele tinha de que estava faltando alguma coisa. Que estava cego para algo bem diante de seu rosto.

Que sua obsessão com Siobhan o tornava fraco de maneiras que não compreendia bem.

— Ridículo, — ele murmurou enquanto caminhava por mais uma passagem torcida e não encontrava nenhum sinal dela.

Ele girou para voltar, então percebeu que o elevador que ligava os aposentos da mansão e o centro de comando estava preso no nível mais baixo do complexo. Não havia nada nas passagens subterrâneas deste lugar, exceto o depósito do porão.

O elevador nunca ficava lá por muito tempo.

Rafe pressionou o botão de chamada, mas nada aconteceu.

Com uma careta, olhou para a escada. Com passos silenciosos e furtivos, incerto por que sentia necessidade de se aproximar do que o esperava lá embaixo com a cautela de um soldado. Congelou no lugar enquanto seu olhar prendia na porta do elevador aberto apoiado com as caixas de munições ultravioleta que lotavam o carro.

Siobhan estava dentro. Ela tinha algo em sua mão, conectando-a as caixas.

Os instintos guerreiros de Rafe o raspavam com confusão. Suspeita. Um medo tão profundo que o fez cambalear.

Viu a cena pelo que era: Siobhan com um dispositivo de detonação na mão, um controle remoto ao lado dela.

Fúria o queimou, incinerando os sentimentos mais fracos de descrença e apreensão.

— Siobhan. Que porra está fazendo?

Ela girou, levando a mão ao peito. — Rafe.

Surpresa encheu seu rosto bonito, juntamente com uma emoção que ele estava tentado a chamar de desagrado. Mas então ela sorriu e inclinou a cabeça, os olhos cor de avelã se estendendo para ele – para dentro dele – e fazendo com que se perguntasse se estava enganado ao sentir a dúvida que o arranhava.

— Você me assustou, — ela disse; sua voz doce e tímida, totalmente inocente.

Ele queria cercá-la, mas as palavras secaram na língua. — Estava procurando por você. Acabei de procurar por todo o maldito lugar tentando encontrá-la.

— Eu o preocupei? — Perguntou gentilmente. — Me desculpe se o fiz.

Ele permaneceu parado, desconcertado e enfurecido, mas sua raiva parecia evasiva quando ela o segurava em seu olhar adorável. O sorriso terno fez algo com ele. Queimou todos os seus sentimentos e suspeitas negativas, como se estivesse vendo através de uma lente distorcida, que não conseguia manter o foco na lógica, mas apenas na linda mulher que adorava.

Tentou se livrar da sensação estranha, mas ela se aferrou tenazmente. — O que está acontecendo aqui, Siobhan? O que está fazendo aqui embaixo?

Ela se dirigiu para ele, seus lábios ainda curvados num sorriso caloroso, seus olhos ainda presos. Deus, ela era tão adorável. Assim, pequena e delicada. Como podia sequer pensar que ela era qualquer coisa, exceto a inocente e sensível que tanto cativou seu coração?

Seus olhos viam um anjo, embora seu sangue ainda martelasse como se estivesse na frente de um demônio.

— Me perdi tentando encontrá-lo depois que acordei a alguns minutos, — ela disse, dizendo-lhe o que queria ouvir.

Ele relaxou enquanto ela dizia isso, seu coração desesperado para acreditar nela. Ela se aproximou, até que havia escassas polegadas entre eles. Quanto mais ela o segurava em seu olhar firme, menos ele podia manter uma única dúvida.

No entanto, quando ele olhou sobre o pequeno ombro para as caixas de UV agora ligadas para detonação, sua visão oscilou. Sentiu como se olhasse através de vidro manchado de óleo. E o guerreiro nele não podia ignorar o perigo que lambia sua consciência.

— O que fazia com essa merda? — Ele pressionou no momento que sua lógica conseguiu penetrar na névoa de seu carinho por ela. — Por que mexia com isso?

— Encontrei as caixas no elevador, — ela correu para explicar. — Alguém deve estar tentando afastá-las do centro de comando.

Ela tentou afastá-lo agora, sua mão passou por seu braço. Os pés de Rafe se recusaram a mexer. Ele balançou a cabeça, empurrando contra a lama grossa que parecia entrincheirar seu bom senso.

— Não, Siobhan. Você colocou aquilo dentro desse carro. Os fios nas caixas, a caixa de detonador. Fez tudo isso? — A acusação soou como uma pergunta, uma vez que sua mente ainda não conseguia entender completamente.

Ela estendeu a mão para tocar a bochecha dele, mas ele se afastou – por pouco. Era difícil resistir a ela. Era como se essa mulher o mantivesse sob um feitiço.

— Santo inferno.

Agora, viu isso. Somente pelo segundo mais breve, mas foi o suficiente.

Rafe a afastou com um grunhido. — O que fez comigo?

Com esforço, ele sacudiu o estranho véu que parecia cobri-lo, obscurecendo sua visão – sua visão verdadeira. O poder de sua mente lutava contra qualquer poder que ela mantinha sobre ele, dando-lhe pequenos vislumbres de sanidade.

E a incrível profundidade de sua decepção.

— Por que diabos você está fazendo isso comigo, Siobhan?

— Eu? — Ela inclinou a cabeça, seu olhar alcançando o dele, trabalhando para recuperá-lo. — Eu não fiz nada, Rafe.

— Sim. Fez. Está mentindo para mim. Você fez... Jesus, como está fazendo isso? Está me hipnotizando de alguma forma, tentando me fazer acreditar em você. Tentando me fazer amar você.

Sua expressão caiu para um bonito biquinho. — Isso me machuca, Rafe. Como pode duvidar de mim? Eu te amo...

— Não! — Ele se sacudiu, provando sua mentira como um ácido amargo. Veneno, ela o alimentou por dias. Cristo, desde aquela noite que ele e Aric a resgataram depois do ataque que ela mal sobreviveu.

Ele segurou seus delicados ombros. — Posso sentir você na minha cabeça agora, Siobhan. Está tentando tecer algum tipo de feitiço.

— Não, — ela murmurou suavemente. — Não, Rafe, isso não é verdade.

— É, droga. — Podia sentir sua tentativa novamente. A onda de ternos sentimentos que persuadiu dentro dele, seu amor falso empurrado em sua mente, em seu coração. Ele rosnou, negando seu acesso. Agora que podia ver o fascínio pelo que era – um truque – estava perdendo a maior parte do seu poder. — Diga-me o que diabos fez comigo, Siobhan!

Ele a sacudiu violentamente, perigosamente perto de querer matá-la com as próprias mãos.

Seu rosto ficou azedo, torcido. Então ela riu; um som vazio e horrível. — Finalmente, perfurou minha escravidão. Tomei o suficiente.

A raiva o chicoteou. Humilhação também. — Este é seu talento de Companheira? Sedução? Fazer um homem pensar que a ama, cegando-o ao fato de que é realmente uma górgona hedionda debaixo de seu rosto bonito e palavras inocentes. Isso foi um jogo pra você, Siobhan? Uma grande mentira.

Um sorriso sádico repuxou os lábios dela. — Você viu o que queria ver. Esse é o poder da minha capacidade. E pode parar de me chamar desse nome. Estou cansada de ouvi-lo.

Rafe franziu o cenho para esta nova revelação. — Se não é Siobhan O'Shea, então, quem é você? Diga-me tudo, sua cadela enganadora.

Então ele compreendeu. — Ah, porra. Iona Lynch não morreu naquele apartamento fora de Dublin. Siobhan O'Shea o fez.

— Sabia que a Ordem me tinha na mira quando mataram Reginald Crowe. Era apenas uma questão de tempo antes de se aproximarem de mim. Estava me preparando para sair quando você e Aric Chase apareceram no apartamento que eu compartilhava com Siobhan. Eu já a tinha matado para garantir seu silêncio, mas você chegou muito cedo. Não tinha esperança de fugir rápido o suficiente, então decidi me esconder à vista.

— Você é doente, — Rafe soltou.

— Não, — ela disse; imperturbável. — Sou um soldado, assim como você. E sou muito boa no que faço.

Ele grunhiu, desprezando-a agora. — Por que não fugiu assim que chegamos à Londres? Teve ampla oportunidade. A Ordem tratou você com nada além de confiança e bondade. Poderia fugir para a liberdade assim que quisesse.

— Pensei nisso, — ela admitiu, sem nenhuma emoção em sua voz. — Esperava ser largada em algum lugar daquela cidade e depois desaparecer. Em vez disso, a Ordem me informou que pretendiam me levar para a sede em Washington, D.C. Então, decidi usar essa vantagem inesperada para terminar o trabalho que a Opus Nostrum falhou antes. Matando o líder da Ordem, Lucan Thorne.

A maldição de Rafe saiu sem ar com seu choque. — Você nunca se aproximou o bastante para tentar.

— Talvez não. A última coisa que eu queria era esse desvio longe do meu objetivo. Mas então, imagine minha surpresa quando descobri que Lucan e quase toda a Ordem viria aqui.

— Você é a espiã. — Rafe quase cuspiu as palavras. — Tive a certeza de que seria Kaya, mas era você que soltava informação para a Opus. — Ele olhou mais uma vez para as caixas de munição ultravioleta com fio e suas veias gelaram. — Agora planeja matar todos nós.

Ela sorriu. — Vocês tornaram isso tão fácil. Como posso resistir quando me trouxe a mesma arma que preciso para acabar com a maior parte da Ordem de uma só vez?

Bonitos olhos maldosos olhavam para ele docemente. — Mas agora você deve morrer primeiro.

A dor o atingiu, uma brusca sacudida no intestino. Não percebeu que ela segurava uma arma escondida em algum lugar em seu corpo. Talvez, qualquer poder que estivesse empunhando sobre ele quando a encontrou há alguns minutos obscureceu a ameaça de seu aviso.

Ela o apunhalou novamente, conduzindo a lâmina no centro do peito. Diretamente em seu coração.

Suas presas entraram em erupção de suas gengivas no rugido que saiu da garganta. Ela se afastou, fora de seu alcance quando ele caiu de joelhos, surpreendido com a precisão de seu golpe.

O sangue percorreu seus dedos, muito, a ferida muito grave. Sua capacidade de reparar feridas com as mãos só funcionava nos outros. Quanto à sua capacidade Raça de se auto curar, não tomou um anfitrião de sangue por quase uma semana, morrendo de fome pela Companheira que negou sua veia apenas para sorrir enquanto estava diante dele e tirava sua vida.

Sua visão desaparecendo, Rafe desabou no chão, um grupo crescente de sangue se juntando ao redor dele.

Iona Lynch observou-o sofrer por um momento, então virou e voltou ao trabalho dela.



CAPÍTULO 28

Aric chegou ao centro de comando tão rápido que era como se seus pés tivessem asas. Kaya insistiu que ela e Leah estariam bem voltando de carro, deixando-o apenas com uma preocupação esmagadora. A vida de seu melhor amigo e irmão.

Siobhan O'Shea – ou, antes, Iona Lynch – era apenas uma fêmea diminuta, mas a profundidade de sua traição não conhecia limites. E Rafe estava mais que meio apaixonado por ela, o que Aric temia podia ser o único obstáculo.

Rafe precisava ser avisado do engano da mulher, mas até sua medula, Aric temia que já fosse tarde demais.

Pensou nas desculpas que Iona deu por perder a cerimônia hoje pela manhã. Desculpas que deixaram a cadela de Reginald Crowe sozinha por horas enquanto todos no centro de comando estavam preocupados com o ritual e a celebração que se seguiu. E o fato de que havia uma grande quantidade de armas ultravioleta e munições à sua disposição não aliviava exatamente o medo profundo que estrangulava Aric a cada batida rápida de seu coração.

Decidiu verificar seu palpite primeiro, acelerando diretamente para o andar mais baixo do centro de comando, onde as evidências da propriedade de Scully estavam armazenadas. O perfume de sangue derramado foi um soco no seu sistema. A visão de seu amigo imenso, praticamente imortal, imóvel no centro desse lago escuro e pegajoso foi um choque ainda maior.

Agachada dentro do elevador aberto e parado estava Iona Lynch. Ela segurava um dispositivo eletrônico na mão, trabalhando freneticamente na frente de várias caixas de UV agora com fios para explodir.

— Sua puta de merda.

Seu grunhido incessante a fez levantar a cabeça louro-morango. Ela gritou ao ver o rosto transformado e as presas crescentes.

Aric a agarrou com mãos selvagens e a jogou contra a parede. Ela bateu com um golpe forte, ossos quebrando. Atordoada, momentaneamente, ficou imóvel, caída numa pequena pilha no chão.

Enquanto ela estava desativada, Aric foi ao lado de Rafe. Ele foi esfaqueado no abdômen e no peito – um golpe direto no coração, parecendo catastrófico. E sangue. Tanto sangue, porra.

— Não queria fazer isso. — A voz de Iona soou baixa e chocada atrás dele. — Rafe não me deu escolha, Aric.

Ele olhou para trás, não porque se importasse com o que a vagabunda falsa tinha a dizer, mas porque não queria acabar com uma lâmina nas costas.

— Ele estava louco, Aric. Acho que pretendia usar este UV para se matar e a todos os outros machos Raça sob este teto.

Enquanto falava naquela voz tranquila e desesperada, os olhos de avelã de Iona pareciam enormes em seu rosto bonito. Ela era uma beleza, mesmo ele precisava admitir isso. E olhava para ele com uma espécie de desespero indefeso – uma tremenda inocência – que seria difícil para qualquer homem resistir.

Exceto ele.

— Pode parar de bancar a donzela em perigo. Não vai funcionar comigo.

Sua boca torceu. — Não. Seu amigo foi muito mais fácil de ler. Eu só precisei mostrar o que ele queria ver e ele caiu em minhas mãos. E entre minhas pernas.

Aric amaldiçoou, odiando que sua animosidade por essa bruxa sem coração precisasse esperar ele tentar ajudar seu amigo ferido. O olhar de Iona se alargou quando ele se levantou e encarou-a completamente.

— Nunca estive com um Caminhante do Dia, — ela murmurou, passando de órfã tímida para sereia sensual num instante. — É uma pena. Aposto que você e eu queimaríamos os lençóis, guerreiro.

Aric bufou. — Mesmo que meu coração já não pertencesse à Kaya, nunca colocaria as mãos nos restos de Reginald Crowe.

Ela riu disso. — Acha que ele era meu amante? Reginald Crowe era meu pai.

Aric zombou. — Nesse caso, a Ordem passará um bom tempo a torcendo para obter informações sobre a Opus Nostrum e a rainha Atlante que ele servia.

— Não, — ela disse, balançando a cabeça. — Acho que não.

Sem outra palavra ou aviso, apertou o dispositivo do temporizador em sua mão e o jogou no elevador antes de fechar as portas e enviar o carro cheio para cima, até a mansão.

Então ela levou a faca até a garganta e a cortou de um lado a outro.

— Não! — Aric amaldiçoou quando a melhor fonte de informação da Opus para a Ordem caiu no chão.

Mas ainda pior que essa perda – exponencialmente pior – era a bomba ultravioleta agora entrando no coração do centro de comando.

Ele colocou toda sua concentração em parar o carro com a mente. Então parou o temporizador do detonador de Iona Lynch. Ele resolveria o resto desse problema depois.

De repente, Aric não estava mais sozinho no quarto. Todos os machos Raça no lugar foram alertados pelo cheiro avassalador de tanto sangue derramado. Dante foi diretamente ao filho caído com um rugido que sacudiu as paredes de concreto. Seu grito foi seguido pelo grito angustiado de Tess. Ela caiu ao lado do filho, suas mãos curativas cobrindo a área embebida de sangue de seu coração perfurado.

— Ele está vivo, — ela ofegou. — Oh! Graças a Deus. Rafe ainda está vivo.

Aric se esforçou para explicar o que encontrou, e a razão pela qual sabia que a Companheira morta nas proximidades era a traidora que a Ordem estava procurando.

Os anciãos da Ordem se aglomeraram ao redor dele, com perguntas emitidas ao mesmo tempo, enquanto Tess e Dante e várias outras Companheiras se moviam para levar Rafe para tratar suas feridas.

Kaya agora correu para a sala também. Aric nunca teve uma visão mais bem-vinda. Ela foi ao seu lado numa suave exalação, envolvendo-se em torno dele na frente de todos na sala. Ele a abraçou, nunca pretendendo soltá-la.



CAPÍTULO 29

Kaya estava no círculo dos braços fortes de Aric, a água morna do chuveiro lavando todo o sangue, sujeira e estresse das provações do dia.

Eles acabaram de fazer amor sob o jato calmante, um acasalamento sem pressão que ambos pareciam precisar com igual desespero. Eles se mantinham um perto do outro, nenhum deles parecendo poder suportar mais de um centímetro de separação depois de toda a perda e angústia que os cercavam.

Mas também havia esperança.

Rafe se recuperava na enfermaria. Aric chegou a tempo, e agora Tess estava fazendo tudo em seu poder para garantir que a cura do filho fosse completa. O corpo dele não teria cicatrizes de hoje, nem seu coração perfurado. Sua carne e órgãos foram restaurados, mas ninguém parecia confiante que o homem irritado e vingativo que despertou da traição sofrida seria o mesmo de sempre por dentro.

— Ainda não posso acreditar em quão completamente Iona Lynch enganou a todos, — Kaya murmurou enquanto ela e Aric se acariciavam com mãos lisas e ensaboadas. — Nenhum de nós suspeitou de nada.

Aric grunhiu. — Somente Tess teve uma sensação de que algo não estava certo.

— Ela teve?

Ele assentiu. — Mais ou menos, de qualquer forma. Algumas semanas atrás, quando Mira e Kellan precisaram da ajuda de cura de Tess, ela olhou acidentalmente nos olhos de Mira.

Kaya recuou, olhando para ele com surpresa. — Quer dizer que Tess teve uma visão?

Sem as lentes de contato lavanda que Mira usava, seus olhos eram espelhos que refletiam o futuro para quem fixava seu olhar nu. Aric reconheceu com uma expressão sóbria.

— O que Tess viu?

— Rafe e sua Companheira de sangue. Tess o viu feliz com uma família, e a mulher com quem estava não era Siobhan O'Shea. Ou Iona Lynch, conforme o caso.

— Então quem?

Aric balançou a cabeça. — Ninguém que Tess já viu. Ela disse que ficou surpresa ao ver Rafe tão apaixonado por alguém que não cumpria a previsão, mas nunca sonhou que a pequena órfão humilde pudesse ser um perigo para o filho, ou qualquer outra pessoa.

Kaya considerou por um momento. — Não é de admirar que ela parecesse estranhamente calma na cerimônia quando Rafe falava sobre quão cativado estava por Siobhan. Ah, Iona. Vamos chamar de filha de Reginald Crowe.

Aric exalou uma respiração aguda. — Ainda não consigo acreditar nessa parte do segredo dela. Todo esse tempo, a Ordem assumiu que Crowe passava tanto tempo na Irlanda com uma amante. Acho que nada deve nos surpreender mais. — Seu abraço apertou, músculos fortes flexionando enquanto a atraía contra seu corpo duro e molhado. — Você foi a única boa surpresa saindo de tudo isso.

Ela se aqueceu em seus elogios e na sinceridade evidente de seu carinho por ela. E não pode conter seu pequeno gemido de prazer quando ele moveu seus quadris contra ela, sua excitação grossa e sedutora, avançando entre suas coxas. — Não consigo imaginar não estar com você, Aric. Quando penso em quão perto cheguei de te perder por causa das coisas que eu tinha muito medo de dizer, todas as coisas que eu tinha vergonha de admitir... Estou tão aliviada que você e o resto da Ordem me perdoaram.

— Você não fez nada de errado, Kaya. Não até ficar em silêncio em vez de confiar em mim e nas outras pessoas que a amam.

Ela olhou para ele com esperançoso silêncio. — O que acabou de dizer?

— Que eu te amo, Kaya Laurent. — Ele acariciou sua bochecha, seus olhos ardendo e cheios de algo muito mais profundo que desejo. — Eu te amo com tudo que sou. Se minha memória não falha – e nós dois sabemos que não – você também disse que me ama.

— Sim. — Um sorriso a invadiu ao ouvi-lo dizer as palavras que viviam dentro dela desde o início. — Sim, Aric, eu amo você. Tenho tentado me convencer que é impossível eu ter me apaixonado por você praticamente no momento que nos conhecemos, mas é verdade. Eu te amo.

Ele sorriu. — Você também me teve sob seu feitiço desde a nossa primeira reunião.

— Meu feitiço? — Ela franziu a testa e bateu em seu peito musculoso. — Prometa nunca mais brincar com isso.

Ele sorriu e inclinou a cabeça para beijá-la. — Tudo bem, eu prometo. Mas vou dizer isso. Não quero saber o que é viver um dia, ou uma noite, sem você ao meu lado. Este desvio deveria ser apenas temporário. Nunca sonhei que ficaria aqui para sempre.

Ela engoliu em seco, percebendo agora que ainda havia um obstáculo que necessitavam navegar. — Mas a Ordem está voltando para D.C, assim que Rafe estiver totalmente recuperado. Não vai com eles?

Ele assentiu. — Sim. Por pouco tempo. Então irei onde a Ordem mais precise. A ameaça da Opus é maior do que nunca, agora que o UV e o Dragão Vermelho estão em jogo.

Kaya sabia que ele dizia a verdade. Usando os dados coletados dos computadores de Lars Scully, Gideon encontrou um elo entre o lucrativo acordo de Stephan Mercier com o membro da Opus e a fabricação e proliferação do narcótico dirigido à Raça. E Mercier não foi o único a ser aproveitado para lavar dinheiro e bancar a mula para a Opus Nostrum. Havia outros na cadeia, e agora a Ordem precisava estar pronta para ir atrás da organização com todas as vantagens e armas que possuíam.

— Fui designado para uma nova equipe, — disse Aric. — Começo a ser efetivo imediatamente.

Kaya não ousou esperar que a equipe fosse a dela, aqui em Montreal. Ela passou as mãos sobre as costas e o traseiro apertado, querendo memorizar cada

centímetro dele caso fosse a última vez que o visse por algum tempo. — É por isso que Lucan te separou de tudo que aconteceu hoje? Para lhe dar essa nova tarefa?

— Sim. — O olhar dele manteve o dela, orgulho e propósito em seus olhos verdes. — Fui encarregado para dirigir uma nova divisão da Ordem. Uma equipe de Operações Especiais composta de Caminhantes do Dia e outros guerreiros especialmente qualificados.

— Aric, é uma notícia incrível. — Ela não podia fingir que não era. Nem mesmo se esse novo papel, sem dúvida, o afastasse de D.C. e Montreal. — Estou emocionada por você.

— Esperava que estivesse, — ele disse, levantando o queixo para o beijo dele. — Também esperava que eu pudesse convencê-la a fazer parte do grupo. Meu primeiro membro da equipe e melhor parceira. Você disse que sempre quis ver o mundo. Então, faça isso comigo.

— O quê? — Euforia a inundou, mas sua alegria também tinha uma pequena amargura. Tudo dentro dela deu um salto ao pensar em ser a parceira dele, sua camarada. Sua amante. — Mas e quanto a Leah? Acabamos de nos juntar. Ela precisa de apoio, especialmente agora que tem um bebê a caminho.

Kaya estava dividida entre alívio e tristeza quando Leah lhe contou as tristes circunstâncias de como se tornou prisioneira das ameaças de Angus Mackie. Ela se apaixonou por um homem dentro do grupo, um homem gentil. Quando engravidou, eles planejaram fugir, apenas para serem pegos por Big Mack. O amante de Leah foi assassinado na frente dela e Mackie ameaçou fazer o mesmo com ela e o bebê se tentasse deixar a gangue.

— A Ordem não deixará sua irmã sozinha, — assegurou Aric. — Renata e Niko já estão fazendo arranjos para ela na casa de Anna. O abrigo precisa de um gerente, e Leah precisa de uma casa segura para ela e o bebê.

Kaya fechou os olhos, inundada de gratidão não só pelo amor e bondade de Aric, mas também pelo resto da Ordem.

— Não sei o que dizer.

— Diga sim, Kaya. — Ele segurou seu rosto em suas palmas, seus olhos brilhando com faíscas de âmbar. Os pontos afiados de suas presas brilhavam quando ele falou, enviando uma espiral sombria de necessidade através dela. — Diga que você é minha.

— Eu sou, Aric. — Ela olhou em seus olhos brilhantes, dominada pelo poder de tudo que sentia por esse incrível homem. Este homem Raça, que amava mais que qualquer coisa que já conheceu. — Eu sou sua.

— Não vou me conformar com nada menos que para sempre, — ele murmurou intensamente, suas presas crescendo ainda mais, mais nítidas a cada palavra séria.

Ele acariciou o lado do pescoço onde seu pulso latejava. O toque dele fez suas veias doerem por algo mais. Como se soubesse o que precisava, ele baixou a cabeça e sugou a carne macia acima da carótida. O menor brilho de seus caninos alongados quase a fez gozar no lugar.

— Diga-me que isso é o que você quer, Kaya.

— É, — ela ofegou. — Aric, eu quero isso mais que meu próximo suspiro. Quero você. Para sempre.

Ele pronunciou seu nome, e então sentiu o prazer deslumbrante da mordida dele. Ele bebeu dela, fortes e possessivos goles que fizeram tudo que era feminino nela entrar em erupção com o desejo aquecido. E amor. Tanto amor que ela chorou pelo poder disso.

O rosnado possessivo de Aric encheu seus ouvidos, ecoando nas veias que ele já possuía. Veias que os conectariam pelo resto dos dias.

— Você é minha, — ele rosnou, parando para lambe as feridas e fechá-las. — Tem meu corpo e meu coração, Kaya. Tem meu amor para sempre. Agora, terá meu vínculo?

— Sim, Aric. — Ela nunca quis tanto algo. — Oh Deus. Sim.

Ele levou o pulso para a boca e mordiscou a própria carne, abrindo as veias para ela. Ela nunca provou nada tão maravilhoso, tão eroticamente poderoso quanto o primeiro sorvo do sangue dele. Um rugido encheu seus sentidos enquanto o vínculo ganhava vida dentro dela, dentro de ambos.

— Minha, — Aric grunhiu, abrindo suas pernas para recebê-lo enquanto ele a alimentava de sua veia aberta. — Você é minha para sempre agora, Kaya.

Ela gemeu; incapaz de palavras enquanto ele enchia seu corpo e alimentava seu coração e alma com o poder de seu sangue e seu vínculo. E quando levou ambos ao clímax alguns minutos depois, ele gozou gritando o nome dela como uma promessa e uma oração.

— Para sempre, — ela murmurou, segurando seu olhar ardente.

Ela não podia esperar por seu futuro começar.

Fim.